ELIZABETH HAYNES

intrínseca



VINGANÇA DA MARÉ

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Elizabeth Haynes

Vingança da maré

Tradução de Mauro Pinheiro

intrínseca

Copyright © Elizabeth Haynes, 2012

TÍTULO ORIGINAL
Revenge of the Tide

TRADUÇÃO
Mauro Pinheiro

PREPARAÇÃO
Flora Pinheiro

DESIGN DE CAPA
Anthony Grech-Cumbo

IMAGENS
Chelsey LeBlanc / Dreamstime.com

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

REVISÃO
Suelen Lopes

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias

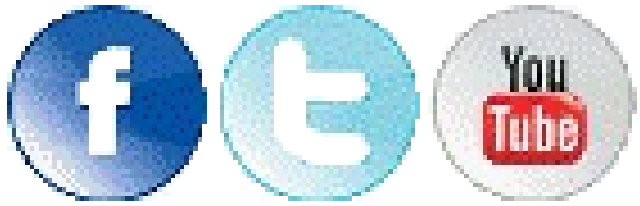
GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-405-0

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21)3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis

Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Nota da autora
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça o outro livro da autora

Para David

Um

ASSIM QUE ABRI os olhos senti aquele vago desconforto, o balanço do barco indicando a vazante da maré e o vento do sul, soprando rio acima, diretamente contra o flanco do *Vingança da maré*.

Por um bom tempo, fiquei deitada na cama, o som das ondas batendo no casco, bem perto da minha cabeça, ecoando através do aço, abafado pelo revestimento de madeira. O cobertor me aquecia e era cômodo continuar ali, o retângulo da claraboia bem acima, mostrando o negror da noite se tingindo de azul-escuro e depois de cinza, então pude ver as nuvens se movendo lá no alto, dando a estranha impressão de passarem rapidamente, como se o barco estivesse se mexendo, não as nuvens. E em seguida, o desconforto voltou.

Não era enjoo do balanço do mar, ou do rio, no caso eu já havia me acostumado a isso, pois fazia quase cinco meses que deixara Londres. Cinco meses vivendo embarcada. Ainda sentia um choque momentâneo quando meus pés tocavam o chão firme do caminho até o estacionamento, os passos vacilavam, mas não demorava muito para que eu recuperasse o equilíbrio.

O dia estava meio cinzento — não exatamente ideal para uma festa. Porém, a culpa era toda minha, por tê-la marcado em setembro. Quando me levantei e coloquei a cabeça para fora da casa do leme, o clima, com o vento soprando pelo convés, me lembrou os dias de "volta às aulas".

Não, não era a maré, ou o pensamento de que um grupo heterogêneo de pessoas entraria no meu barco no fim do dia. Era outra coisa. Como se a presença de alguém estivesse me incomodando.

A agenda do dia: terminar a parte final do revestimento de madeira do segundo quarto, aquele que algum dia se tornaria o quarto de hóspedes. Recolher todas as ferramentas de carpintaria e guardá-las na proa. Varrer o barco, limpá-lo um pouco. Depois tentaria descolar uma carona até o mercado para comprar comida e cerveja para a festa.

Só faltava terminar uma parede, a que tinha um contorno complicado, por isso eu a deixara por último. O quarto estava coberto de serragem e lascas de madeira, farpas e lixas. Eu tinha tirado as medidas na noite anterior, mas agora, intrigada com o que escrevi no pedaço de papel, resolvi refazer tudo, só para garantir. Quando revesti a cozinha, acabei desperdiçando um bocado de madeira, por ter entendido mal minhas próprias anotações.

Liguei o rádio e aumentei o volume, muito embora não escutasse nada sob o barulho da serra elétrica, e iniciei o trabalho.

Às nove horas, fiz uma pausa e fui até a cozinha tomar um café. Enchi a chaleira e a coloquei sobre o fogão. O barco estava uma bagunça. Só percebia isso de vez em quando. Olhando ao redor, reparei nas embalagens vazias de comida para viagem da noite anterior, enfiadas às pressas dentro de uma sacola de compras e prontas para serem levadas para o depósito de lixo. Louça suja na pia. Panelas e outros utensílios dentro de caixas sobre um dos

bancos, esperando para serem guardados, agora que eu havia finalmente colocado portas nos armários da cozinha. Um saco preto de plástico com tecidos e pedaços de pano que, um dia, se tornariam cortinas e serviriam para revestir almofadas. Nada disso importava, desde que eu fosse a única pessoa ali, mas em algumas horas o barco estaria cheio de gente, e eu lhes garantira que as reformas estavam praticamente concluídas.

Praticamente concluídas? Bem, isso era forçar um pouco a barra. Eu tinha finalizado o quarto, e a sala de estar não estava mal. A cozinha também estava pronta, só precisava ser limpa e arrumada. O banheiro estava… Bem, o melhor que se podia dizer dele era que estava funcional. Quanto ao restante — o amplo espaço na proa que um dia seria um banheiro maior com uma banheira no lugar daquela mangueira que funcionava como chuveiro, uma vasta área para a estufa com um teto retrátil de vidro (um plano ambicioso, mas eu vira numa revista e parecia tão brilhante que se tornara um projeto que eu fazia questão de concluir) e talvez uma salinha de estar ou um escritório ou qualquer outro tipo de quarto que seria maravilhoso, aconchegante e mágico — mas, por ora, funcionava como depósito.

A chaleira começou a assobiar baixinho, e eu lavei uma caneca sob a torneira e coloquei duas colheres de café solúvel: estava precisando de cafeína.

Um par de botas atravessou meu campo de visão pela vigia, no nível do pontão, lá fora. Um instante depois, ouvi a voz de alguém me chamando do convés.

— Genevieve?

— Estou aqui embaixo. A água está fervendo, quer beber alguma coisa?

Alguns minutos depois, Joanna desceu os degraus e entrou na cabine principal. Estava usando uma minissaia com meias grossas e botas pesadas com cadarços desamarrados sob suas pernas magras. A metade superior de seu corpo equilibrava o conjunto com um dos suéteres de Liam, azul-marinho, salpicado de serragem, folhas e pelos de gato. Seu cabelo era um emaranhado de cachos e ondulações de várias cores.

— Não, obrigada. Não vamos demorar. Só vim perguntar a que horas devemos chegar para a festa, e se você quer que a gente traga uma lasanha, além do cheesecake. Ah, o Liam disse que vai trazer todas as cervejas que sobraram do churrasco.

Ela tinha um hematoma na bochecha. Joanna não se maquiava, portanto não saberia o que fazer para escondê-lo, então lá estava ele, lívido e roxo, do tamanho de uma moeda de cinquenta centavos, sob seu olho esquerdo.

— O que houve com o seu rosto?

— Ah, não comece. Briguei com a minha irmã.

— É mesmo?

— Vamos para o convés, preciso fumar.

O vento ainda soprava, então nos sentamos no banco ao lado da casa do leme. O sol tentava em vão atravessar as nuvens que se deslocavam com rapidez pelo céu. Do outro lado da marina, eu podia ver Liam carregando caixas e sacolas de compras para a parte de trás de sua velha caminhonete.

Joanna vasculhou o bolso da saia e pegou uma embalagem de tabaco.

— Na minha opinião — disse —, ela tem mais é que cuidar da própria vida.

— Sua irmã?

— Ela se acha muito esperta só porque conseguiu, com vinte e dois anos, um financiamento

para comprar uma casa.

— Esses financiamentos não são o que parecem.

— Exatamente! — concordou Joanna, enfática. — Foi o que eu disse. Eu tenho tudo o que ela tem, sem o fardo de uma dívida. E não preciso aparar a grama da casa de ninguém.

— Então foi esse o motivo da briga?

Joanna ficou quieta por um instante, o olhar vagando na direção do estacionamento, onde Liam estava parado com as mãos na cintura, antes de encarar descaradamente o relógio de pulso e se sentar no banco do motorista. Acima do ruído da marina — o barulho de perfuração que vinha da oficina, o rádio ligado dentro da cabine, o ronco remoto do trânsito da ponte da autoestrada —, o motor a diesel da caminhonete rugiu.

— Merda. É melhor eu ir — disse ela, colocando o tabaco de volta no bolso da saia e acendendo o cigarro fininho que acabara de enrolar. — Então? Por volta das sete? Oito?

Dei de ombros.

— Não sei. Lá pelas sete. A ideia da lasanha é ótima, mas não quero que tenha trabalho.

— Trabalho nenhum. Foi o Liam que fez.

Com um aceno desajeitado, Joanna saltou sobre a prancha, alcançou o pontão e saiu correndo pelo gramado, apesar das botas pesadas, até o estacionamento. A caminhonete avançava e parava intermitentemente, como se mal pudesse esperar para ir embora.

* * *

Às quatro horas, a cabine estava finalmente terminada. Parecia uma simples concha, mas pelo menos agora era uma concha com revestimento de madeira. As paredes estavam revestidas, assim como o beliche que se estendia na outra extremidade, sob a vigia. Onde ficaria o colchão, havia dois alçapões que davam acesso ao compartimento de estocagem no porão. O resto eram painéis de madeira esbranquiçada, com ripas de pinho cobrindo as juntas e os vértices. Achava que ficaria menos parecido com uma sauna depois de uma demão de tinta. Antes do próximo fim de semana, estaria bem diferente.

A limpeza da sujeira deixada pela minha mais recente incursão na carpintaria levou mais tempo do que o esperado. Eu tinha caixotes para guardar as ferramentas, mas não me preocupara em arrumá-los desde que começara a trabalhar no quarto, meses atrás.

Arrastei todos eles até a proa, passando por uma porta, e os deixei no espaço cavernoso lá dentro. Desci três degraus, tomando cuidado com o teto baixo, e empilhei os caixotes.

Foi somente ao fazer a última viagem, ao carregar o saco preto de tecidos da pequena cozinha e jogá-lo no compartimento da proa, que me surpreendi ao olhar na direção do canto mais escuro tentando ver se a caixa ainda estava lá. Podia enxergá-la parcamente com a claridade opaca, vinda da cabine acima; na lateral estava escrito em letras pretas e grossas: ARTIGOS DE COZINHA.

Senti uma vontade repentina de dar uma olhada, para verificar se o conteúdo ainda estava lá. É claro que estava, disse a mim mesma. *Ninguém desceu aqui desde que você a deixou lá.*

Curvada, passei pelas três paletas de madeira que serviam de assoalho. Apoiando-me nas laterais do casco me aproximei e me agachei diante da caixa em que estava escrito ARTIGOS

DE COZINHA. Dois terços do que ocupava a caixa eram compostos por várias bobagens que eu trouxera do meu apartamento de Londres — espátulas, colheres de madeira, um bule de chá Denby com a tampa rachada, uma batedeira, um liquidificador que não funcionava, uma colher para sorvete e várias fôrmas de bolo, encaixadas uma dentro da outra. Embaixo disso, havia um painel de papelão que poderia, para um observador distraído, se parecer bastante com o fundo da caixa, o que não desencadearia maiores investigações.

Dobrei a tampa de papelão novamente, fechando-a.

No bolso de trás da minha calça jeans, peguei o celular. Entrei na agenda de contatos e encontrei o único número de telefone ali registrado: GARLAND. Não havia mais nada escrito. E esse nem sequer era seu nome. Teria sido tão fácil apertar o botão verde e ligar para ele. O que diria? Talvez pudesse simplesmente perguntar se queria aparecer mais tarde. *"Venha à minha festa, Dylan. Só os amigos mais íntimos virão. Adoraria ver você."*

O que ele diria? Ficaria zangado, chocado por eu ligar para o número, já que ele me proibira expressamente. Estava ali com um único propósito, ele me dissera. Somente ele podia me ligar, e só quando estivesse pronto para fazer a coleta. Não antes. Se ligassem de algum outro número, eu não deveria atender.

Fechei os olhos por um instante, me permitindo durante um breve momento a indulgência de me lembrar dele outra vez. Depois bloqueei o teclado do celular, assim não ligaria acidentalmente para outros números, muito menos para o dele, e então enfiei o aparelho de novo no bolso e voltei para a cabine.

Dois

MALCOLM E JOSIE foram os primeiros a aparecer, às seis horas. Foi uma chegada não oficial: eles pararam para bater papo e acabaram ficando. Eu estava no convés picando o gelo que tinha acabado de comprar no supermercado dentro de um grande recipiente de plástico, e Malcolm ouviu o tinir das garrafas de cerveja a bordo de seu barco. Um instante depois, ele estava conversando cordialmente no pontão sobre uma coisa e outra, com três garrafas de vinho tinto francês debaixo do braço.

— Ainda temos muito mais, caso você precise, Genevieve — ofereceu Josie, quando subiram a bordo. — Estivemos na França na semana passada e fizemos um estoque para o Natal.

— Pensei que vocês não bebessem vinho — comentei, entregando o abridor de garrafa a Malcolm para que ele abrisse sua primeira cerveja.

— Na verdade, não bebemos — respondeu Malcolm. — Nem sei por que nós compramos tantas garrafas.

Eu tinha limpado tudo da melhor forma possível. Poderia ter ficado melhor, mas a pior parte da bagunça estava fora do caminho e a cozinha não parecia tão ruim. Maureen me dera uma carona até o supermercado e eu voltara de táxi, com dois engradados de cerveja, vários sacos de gelo e pacotes gigantes de batatas chips, além de um enorme pedaço de queijo que, na hora, me pareceu uma boa ideia. Comida para festas não era o meu forte, para ser sincera — mas pelo menos havia bastante álcool.

Josie trouxera pão de alho embrulhado em papel-alumínio.

— Pensei em aquecê-lo no seu forno — disse ela.

— Eu não pretendia acendê-lo. Acho que vai ficar quente demais com tantas pessoas aqui dentro.

Malcolm, o verdadeiro expert ali presente, que, nos últimos cinco meses, me dera mais conselhos sobre a vida a bordo do que eu era capaz de lembrar, grunhiu.

— Vamos congelar à noite, se você não acender o forno.

Por alguns instantes, todos nós contemplamos o forno à lenha, instalado nos grandes azulejos no canto da cabine principal. No momento, não estava frio, mas Malcolm tinha razão — não seria uma boa ideia morrer de frio quando fosse me deitar na cama às quatro da madrugada.

— Posso acendê-lo, se quiser — propôs Malcolm, enfim. — E vocês, mocinhas, podem subir para o convés e apreciar o pôr do sol.

Ao passar pela cozinha, peguei o abridor de garrafa e duas cervejas, que não estavam tão geladas quanto deveriam, mas a temperatura bastava. Josie disse alguma coisa sobre deixar o homem acendendo o fogo dele.

— Ele adora isso. A gente pretendia instalar um aquecedor central, mas ele ficava sempre adiando. Já no verão, ele começa a empilhar a lenha, caso esfrie um pouco. Um dia desses, vai acabar transformando nossa sala de estar no paraíso de um lenhador.

Olhei para o pontão e, mais adiante, vi o *Scarisbrick Jean*, o barco que Malcolm e Josie dividiam com seu gato, Oswald. Pouco depois de me mudar, ouvi-os falando sobre "Titia Jean", e por algum tempo pensei que havia uma terceira pessoa morando com eles no barco, até me dar conta de que "Titia Jean" era o apelido carinhoso que eles colocaram no barco. Um nome simpático. Talvez eu devesse criar um apelido carinhoso para o meu.

A primeira vez em que vi o barco, soube que tinha de ser aquele. Estava acima da minha faixa de preço, mas minha vida financeira passara por uma recente melhora e, consequentemente, comecei a procurar embarcações que antes teria desconsiderado. Ele precisava de reparos, mas o casco estava ótimo e a cabine, razoável. Eu só tinha o suficiente para comprá-lo e cuidar da restauração, que levaria cerca de um ano, desde que eu controlasse cuidadosamente o orçamento e fizesse o trabalho sozinha.

"*Vingança da maré*. Um nome bem estranho para um barco", pensei comigo mesma, no dia em que resolvi torrar nele a maior parte das minhas economias. Cameron, o dono do canteiro naval e o corretor de vendas das embarcações, estava em pé ao meu lado, sobre o pontão. Ele não era um vendedor fabuloso; tinha pressa de cuidar das outras inúmeras tarefas que esperavam por ele. Passava o peso de um pé para o outro e estava se esforçando para não perguntar de uma vez: "*Você vai querer ou não?*" Foi uma venda fácil para ele, pois eu já tinha me apaixonado pelo barco.

O *Vingança da maré* era uma balsa de vinte e cinco metros de comprimento, de um modelo conhecido como Hagenaar, indicado para os canais de Den Haag, sob cujas pontes o barco era baixo o suficiente para passar. Havia sido construído em 1903, nos Países Baixos. Era uma embarcação valente, um burro de carga. Os mastros tinham sido removidos, acrescentaram um motor a diesel depois da Segunda Guerra Mundial, e fora usado para transporte de mercadorias em torno do porto de Roterdã, até ser vendido, na década de 1970, e levado para o outro lado do Canal da Mancha. Desde então, uma série contínua de proprietários o usaram para transporte de cargas, viagens de lazer ou como moradia, com variados graus de responsabilidade e sucesso.

— O dono o comprou um pouco antes de se divorciar pela segunda vez — informou Cam. — Ele conseguiu enganar a esposa, já que comprou o barco com toda a economia que juntara. Queria chamá-lo apenas de *Vingança*, eu acho, mas era óbvio demais, então o batizou como *Vingança da maré*.

— Acho que vou trocar o nome — falei, enquanto acompanhava Cam até o escritório para assinar a papelada.

— Você não pode fazer isso. Mudar o nome de um barco dá azar.

— Azar? O que pode ser pior do que ter um barco cujo nome representa um casamento fracassado?

Cam sorriu.

— De qualquer maneira, o último dono mudou o nome, não foi?

— Mudou. E ele está se divorciando pela terceira vez, e está vendendo o barco para pagar as despesas. O que você acha disso?

Assim, mantive o nome, pois minha vida já estava bastante azarada. Além disso, o *Vingança* tinha caráter, tinha alma; morar a bordo de um barco majestoso e lindo me fazia sentir um pouco mais segura, um pouco menos solitária. E ele tomava conta de mim e me escondia. Os barcos

normalmente são considerados fêmeas, mas sempre pensei no *Vingança* como sendo um macho: um cavalheiro grande e sereno, capaz de me manter em segurança.

— E aí, a que horas seus amigos de Londres vão chegar? — perguntou Josie.

— Só Deus sabe. Tarde, provavelmente.

Josie parecia uma almofada acolhedora, macia e em cores vivas. Mal havia espaço suficiente para nós duas no banco estreito. Seu cabelo grisalho lutava com a brisa para escapar do rabo de cavalo frouxo na nuca. Pelo menos, o sol aparecera e o céu de fim de tarde estava azul, salpicado de nuvens brancas.

— O que você acha que eles vão pensar da gente?

— Estou mais preocupada com o que vocês vão achar deles.

Alguns dias depois de me mudar para o barco, eu colocara a cabeça para fora da casa do leme e vi Malcolm sentado sobre a ponte de comando do *Scarisbrick Jean*, fumando um cigarro que ele mesmo enrolara e vestindo apenas uma cueca. Ainda era cedo, mal clareara, e o ar primaveril estava tão frio que a respiração dele saía em fumaça. Seu cabelo estava em pé de um lado da cabeça, como se tivesse sido engomado.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— Bom dia — respondi, e já estava voltando para dentro, quando a curiosidade acabou me vencendo. — Está tudo bem aí com você?

— Está — respondeu ele, dando uma longa tragada no cigarro. — E com você? — Como se fosse absolutamente normal estar sentado sobre a ponte de um barco às cinco da manhã, usando nada além de uma cueca.

Eu ainda não sabia seu nome. Já o tinha visto passar várias vezes, é claro, e tínhamos trocado cumprimentos e saudações, mas ainda parecia estranho partilhar a aurora com um homem cuja nudez total estava protegida apenas por um pedaço de tecido cinza.

— Você não está com frio?

— Ah — exclamou ele, começando a se dar conta da situação. — Estou congelando. Mas não posso entrar: Josie usou o banheiro e está o maior fedor lá embaixo.

Nos meus primeiros dias e semanas como proprietária de um barco, senti que viver na marina era como estar em um país estrangeiro. A vida seguia em ritmo mais lento. Se alguém saía para fazer compras, costumava perguntar se você precisava de alguma coisa. Alguns apareciam de repente, sentavam no seu barco e ficavam conversando sobre qualquer coisa durante três horas e, depois, iam embora, às vezes bruscamente, como se o fluxo da conversa tivesse secado ou um compromisso urgente tivesse surgido. De vez em quando, traziam algo para comer ou beber. Ajudavam você a consertar várias coisas, mesmo que não estivesse totalmente evidente que as coisas em questão precisavam ser consertadas. Davam conselhos sobre qual produto químico usar para manter o vaso sanitário funcionando. E estavam sempre rindo.

Alguns barcos pertenciam a pessoas que só apareciam na marina nos fins de semana, ou com menos frequência durante as estações chuvosas. Um deles, um modelo fluvial em estado bem precário, pertencia a um homem com uma cabeleira mais selvagem do que a de Malcolm. Eu só o vira duas vezes. Na primeira, eu o cumprimentara cordialmente, ao passar pelo seu barco, e recebi em troca um olhar inexpressivo. Na segunda vez, vi-o caminhando pelo estacionamento com uma sacola de compras que parecia pesada e quase rasgando por estar

cheia de garrafas de vidro.

E também havia Carol-Anne. Ela morava numa lancha com motor de popa que, a princípio, não tinha autorização para atracar na área residencial da marina, mas ela conseguiu contornar isso porque realmente morava a bordo. Era divorciada, e os três filhos viviam com o pai em Chatham. Ela costumava passar para dar um oi e ficava falando durante horas sobre como o mundo era cruel e como era difícil viver. Todos os outros moradores dos barcos tentavam evitá-la e, depois de algumas semanas, eu também.

Os demais eram maravilhosos.

Um dia, Joanna apareceu com um prato cheio de comida.

— Já comeu? Ótimo, porque nós fizemos demais.

Nós nos sentamos na cozinha, Joanna bebendo uma lata de cerveja que encontrara na minha geladeira, enquanto eu atacava o bolo de batata com ervilhas.

— Não estou acostumada a ter gente trazendo jantar para mim — comentei, ao terminar.

Joanna deu de ombros.

— Isso não é nada. Fico feliz por não ter que jogar fora.

— As pessoas aqui são muito simpáticas — continuei, percebendo ao mesmo tempo que isso não chegava aos pés da verdade. Minha impressão era a de ter repentinamente me tornado parte de uma grande família.

— São. É esta vida a bordo. A gente se acostuma, depois de um tempo. Não é como morar em Londres, não é mesmo?

Não é como morar em Londres, pensei, *não mesmo.*

Misturar meus amigos de Londres com os da marina tinha o potencial para se transformar numa receita para o desastre total: eles não tinham nada em comum, exceto pelo fato de Simone ocasionalmente ler o *The Guardian* aos sábados. Lucy chegaria em sua imensa caminhonete 4x4 de luxo que parecia um tanque de guerra e bebia um litro de combustível a cada seis quilômetros e nunca fora além da rodovia M25; Gavin viria usando seus sapatos sob medida incrivelmente caros que seriam arruinados pelas poças de lama em torno do cais, que pareciam nunca secar.

E também tinha Caddy. Será que ela viria?

Num período indeterminado do futuro, o *Vingança da maré* seria um barco fantástico para festas, com espaço suficiente para as pessoas socializarem e dormirem — mas ainda não estava pronto. Se todos viessem, alguns teriam que ficar no convés, e outros, provavelmente, sequer colocariam os pés na cabine — por pura falta de espaço. Eles se divertiriam um bocado e depois iriam para o pub da estrada. Os moradores dos barcos fariam alguns comentários sobre os habitantes da cidade, morreriam de rir, beberiam mais cerveja e acabariam retornando para as próprias embarcações de madrugada.

Logo chegariam. Josie fechou os olhos, protegendo-os do sol poente e respirou fundo, abrindo um sorriso de felicidade no rosto, como se estivesse se bronzeando num iate no Mediterrâneo, não numa velha balsa no rio Medway.

— Nós vamos adorá-los — disse ela, finalmente. — Nós gostamos de todo mundo. A menos que sejam realmente esnobes.

As coisas haviam chegado a tal ponto que eu não ligava mais para o que meus amigos da cidade iriam pensar. No início do ano, ainda me preocupava bastante com isso. Era importante o

que eu pensava, como me vestia, o que dizia, a música que ouvia, os pubs que frequentava após o trabalho e o que fazia nos fins de semana. Londres era uma vasta rede social, onde você encontrava as pessoas nos bares e boates, na academia, no trabalho, em eventos, nos parques, nos teatros, nas noitadas de salsa e no pub do bairro. Passava-se tempo suficiente com elas para descobrir se estavam na mesma sintonia e decidir, enfim, se podiam se considerar amigas. As pessoas entravam e saíam de sua vida, e isso nunca parecia importar de fato. Havia sempre outro alguém com quem sair, e sempre um convite para uma festa ou um evento social. Portanto, eu conhecia um bocado de gente e, em Londres, todos podiam ser chamados de amigos ou colegas. Mas será que eram mesmo? Eram pessoas com quem você podia contar em momentos de crise? Ficariam ao seu lado, se você estivesse doente ou em perigo? Protegeriam você, caso precisasse?

Dylan faria isso. Na verdade, ele fez.

— Não são muito esnobes. Mas, sinceramente, acho que vai ser uma espécie de choque para eles. Acredito que estejam esperando encontrar um *loft* fantástico, instalado dentro de um barco.

— Bobagem, você fez um trabalho incrível.

— Ainda falta muito. E não tem nada neste barco que não tenha sido comprado de segunda mão. Infelizmente, essas pessoas não entendem o *ethos* da reciclagem.

— É mesmo? Mas o barco está fabuloso. E você fez tudo sozinha. Não há muitos de nós aqui que tenham restaurado seus barcos sozinhos.

— Pelo menos a maré está enchendo.

No momento, o casco repousava confortavelmente em uma espécie de colchão de lama, imóvel. Quando a maré enchesse, ele subiria com a água e, dependendo do tempo, balançaria suavemente durante umas seis horas, até a maré baixar outra vez. O barco ficava muito melhor quando estava flutuando e, é claro, a lama nem sempre tinha um odor muito agradável.

Josie olhou na direção do pontão.

— Quem é aquele?

A visão de uma caminhonete 4x4 brilhante entrando no estacionamento da marina significava que parte do pessoal de Londres tinha chegado. Na verdade, a maioria deles. Lucy foi a primeira a saltar do veículo. Fizera um esforço e vestira uma calça jeans e um par de botas, mas de salto alto. Quase imediatamente, as botas afundaram na terra e, de onde estávamos, no convés, nós a escutamos gritar: "Puta que o pariu!"

Da parte de trás, saltaram Gavin, Chrissie e, do banco do carona, outra pessoa — de início, não consegui identificar quem era, mas, quando ele passou pela frente do carro, pude vê-lo, glorioso.

— Não acredito — murmurei.

— Uau, ele parece simpático — disse Josie.

— Aquele é o Ben.

— Quem? O bonitão?

— É. O que está de paletó é o Gavin. Eu trabalhava com ele. A moça loura é a Lucy, e a outra é a Chrissie, que é modelo.

Fiquei em pé no convés e acenei para eles. Ben foi o primeiro a me ver e retribuiu o aceno, em seguida, todos atravessaram o estacionamento, na direção da marina, carregando várias

coisas. Gavin estava parcialmente escondido, atrás de um imenso buquê de flores.

— Você vai precisar de um vaso gigante para aquilo — sussurrou Josie.

— É verdade. Acho que tenho um garrafão de leite em algum lugar.

Rimos conspiratoriamente e, por um momento, me perguntei por que cargas-d'água decidira dar aquela festa. Era como dois mundos colidindo, os dois planetas diferentes que eu tinha habitado — um deles era meu antigo lar, e o outro, o meu lar atual. Eu tinha um pé em cada um deles e, para ser sincera, não me sentia à vontade em nenhum dos dois.

— Oi! — Lucy alcançara o pontão e o examinava, insegura. — Dá para andar em cima disso?

— Claro que sim — disse Ben, passando a sua frente. — Podemos subir a bordo?

Ele começara a atravessar a prancha de embarque. Mesmo longe, era possível ver a intensidade de seus olhos azuis.

— Claro — respondi. — Podem subir.

Ele chegou até o convés, se apoiando na minha mão, embora não precisasse. Aquilo foi o bastante para ele me puxar para um abraço. Senti seu perfume delicioso.

— Não sabia que você viria.

— Nem eu. Passei pela casa de Lucy e ela disse que eu podia acompanhá-los. Tudo bem por você?

— Claro.

— Oi, gente. Alguém pode me dar uma mão?

Ben estendeu a mão para Lucy e ela avançou cambaleante pela prancha de embarque, seguida por Chrissie, deixando Gavin por último.

— Pessoal, esta é a Josie.

Josie se levantou, meio sem jeito.

— Olá. Eu moro naquele barco ali. — Ela apontou para o *Scarisbrick Jean*, que repousava desoladamente e um pouco inclinado sobre a lama. Oswald estava deitado na ponte de comando do barco, tomando sol, com uma das patas elegantemente erguida, enquanto limpava o traseiro.

— Nossa, que legal! — exclamou Lucy. — É um… belo barco.

Houve um momento de silêncio e, em seguida, quando o clima ficou um pouco desconfortável, Malcolm saiu da casa do leme, passando o dorso da mão cheia de fuligem sobre a testa suada, e disse:

— Finalmente consegui colocar o pão de alho no forno.

Três

AO ANOITECER, O clima melhorou, o que foi um alívio. Quando acabei de dar a primeira volta pelo ambiente, Carla e Simone tinham chegado de trem e táxi. Após a segunda volta, o barco, do convés ao pontão, estava cheio, os habitantes da marina eram maioria e animavam a festa.

Joanna e Liam chegaram com a lasanha e dois cheesecakes inteiros, Maureen e Pat trouxeram mais cervejas, Roger e Sally apareceram com um barril de cerveja artesanal e pães caseiros. Diane e Steve vieram sem os filhos, mas com uma babá eletrônica, que funcionou perfeitamente, já que o barco deles estava a apenas trinta metros do meu. Joanna também trouxe como presente algumas fieiras de lâmpadas decorativas, que foram devidamente penduradas em torno do convés, deixando o barco bonito e festivo, quando o sol enfim se pôs e a noite caiu.

Nenhum sinal de Caddy. Eu me perguntava se havia feito o convite com entusiasmo suficiente. Durante um bom tempo, ela fora o mais próximo de uma melhor amiga que eu tivera em Londres, e sentia saudade dela, queria vê-la novamente. Se não podia convidar Dylan, nada me impedia de chamar Caddy. Mas ela não apareceu.

Desde que me mudara, só falara com ela algumas vezes. Ela ainda não havia me perdoado totalmente por ter partido com tanta pressa. Quando lhe telefonei, pareceu demorar alguns minutos até quebrarmos o gelo e conseguirmos ficar à vontade e dar risada.

— Que tipo de festa? — perguntara ela.

— Ah, você sabe, uma festa simples. Talvez para exibir um pouco o barco.

— Terão alguns caras bonitos por lá?

A imagem de Malcolm surgiu em minha mente.

— Bem…

— Sei. Tudo bem, então. Acho que irei. Mande uma mensagem de texto com o endereço.

— Como vai o clube? — perguntei, como de costume.

— Vai bem. Atualmente anda sossegado. Algumas garotas novas começaram na semana passada. Um lixo, a maioria delas. Não existe mais uma verdadeira concorrência.

Houve uma pausa. Ela sabia o que eu realmente queria saber, e sempre me deixava esperando. Algumas vezes, ela me forçava a ter que perguntar; outras vezes, ficava com pena de mim.

— Dylan não tem aparecido muito — continuou ela. — Acho que Fitz arrumou alguma coisa para ele fazer.

— E como ele está?

— Rabugento, como sempre.

Isso a fez rir.

Onde *estaria* ela?

Eu me encontrava encurralada no canto da sala de jantar, entre Malcolm e Joanna, envolvidos numa longa discussão com Lucy sobre o sistema sanitário e seu funcionamento.

— Mas, e quanto ao chuveiro? — A voz de Lucy sobrepôs o alarido da cabine.

Joanna queria aquecer o pão, por isso estava abrindo e fechando as portas dos armários, na vã esperança de achar uma travessa para levar ao forno.

— O que tem o chuveiro? — perguntou Malcolm, com o tom de voz desafiador.

Ele tinha uma coisa com o próprio cabelo — nunca usava xampu para lavá-lo, o que não era um problema na opinião dele, mas ficava na defensiva, se achasse que alguém estivesse sugerindo que ele fosse, de algum modo, um cara sujo ou desleixado.

— Pois bem — prosseguiu Lucy —, sem demasiada precisão, trata-se de uma mangueira.

— Eu sei que é uma mangueira — interferi. — Mas não vai ser uma mangueira para sempre.

Ah, meu Deus, estou bêbada, pensei. *Já estou bêbada.*

Olhei para o meu relógio. Caddy já devia ter chegado. Por que não viera?

Malcolm disse:

— A maioria das pessoas tem um banheiro a bordo, mas, por precaução, há chuveiros perto do escritório da sede, e eles são limpos e agradáveis.

— Você quer dizer como num camping? — indagou Lucy, embora o mais perto que tinha feito de acampar se resumia a duas tardes em Glastonbury, e mesmo assim, ela ficou hospedada em um hotel.

— É, algo assim, porém mais limpo — respondeu Malcolm.

— Olhe, estou construindo um banheiro ali na proa. Um de verdade, com banheira e tudo — falei, temendo que ela achasse que eu pretendia passar o resto da vida naquele sufoco.

Malcolm tossiu.

— Até o Natal, ficará pronto, juro. Vai ter uma banheira adequada e, depois, vou instalar um chuveiro lá fora, na minha estufa.

— Na sua o quê?

— Vou colocar um teto retrátil de vidro por cima, depois do quarto. Vai sobrar cerca de três metros do convés que posso deixar ao ar livre, com um chuveiro. Depois, bem no final da proa, vou montar outro cômodo. Talvez um escritório, ou um cantinho aconchegante.

— Isso tudo vai dar o maior trabalho — comentou Joanna, com um sorriso de compaixão.

— Não faz mal. Posso trabalhar no meu próprio ritmo.

— E o gasto financeiro disso tudo? Cinco meses sem nenhuma renda acabariam comigo — indagou Lucy.

Isso é porque você gasta todo o seu dinheiro com roupas, me surpreendi pensando.

— A situação não está tão ruim assim. Ainda tenho algumas economias.

— Pensei que tinha gastado tudo no barco.

— Não tudo.

Houve uma pausa. Estava esperando que ela dissesse algo mais, desafiava-a com o olhar. Malcolm olhava de mim para Lucy.

— Mas então, com o que você trabalhava em Londres? — perguntou ele.

— Com vendas — respondi, antes que Lucy o fizesse. — Já ouviu falar no software ERP? Isso significa Enterprise Resource Planning. É um importante pacote de software, cujo sistema básico é vendido para organizações multinacionais e, depois, são propostos outros módulos

complementares. Sabe, módulos de contabilidade, recursos humanos, esse tipo de coisa.

Malcolm estava com o olhar vidrado.

— Trata-se basicamente de vendas — prossegui. — Não importa o que estiver vendendo, o princípio é o mesmo. Exceto que, nesse caso, era um ambiente de alta pressão, pois os compradores com os quais negociávamos ocupavam altos cargos executivos, e nós tentávamos persuadi-los a gastar centenas de milhares de libras.

— E noventa por cento das vezes — intrometeu-se Lucy — estávamos vendendo para homens. E o restante da equipe de vendas era composto só por homens. Eles tentavam alegar que a desigualdade entre os sexos era coisa do passado, mas posso garantir que se mantinha firme e forte no nosso setor de vendas.

Malcolm tinha parado de prestar atenção, mas Joanna ainda nos ouvia.

— Vocês eram as duas únicas mulheres na equipe de vendas? Em quantas pessoas?

— Vinte, no total — disse Lucy. — E nós fomos as únicas mulheres a integrarem o grupo. Era como se fôssemos as primeiras garotas a terem autorização para brincar na casa da árvore.

— Deve ter sido difícil — opinou Joanna.

— Ainda é — acrescentou Lucy. — Só que agora eu sou a única mulher na casa da árvore, depois que Genevieve foi embora.

Joanna e Malcolm olharam surpresos para mim.

— Eu estava cansada — expliquei. — Tudo o que eu queria era juntar dinheiro para comprar o barco. Depois que consegui não quis mais continuar lá.

— Mas devia ser um bom emprego, já que pagava o bastante para você comprar o barco.

Lucy se meteu, antes que eu pudesse impedi-la.

— Mas Genevieve tinha dois empregos, não é, Gen?

— A maior parte do dinheiro veio das vendas — menti.

— Genevieve trabalhava numa boate — disse Lucy. Ela olhou diretamente para mim, com a expressão indecifrável.

Senti um calor subir à minha face. Do outro lado da cabine, podia ver Ben conversando com Diane e ambos estavam rindo. Ele era tão alto que estava um pouco curvado, embora o teto tivesse mais de um metro e noventa de pé-direito. Ele estava lindo e inatingível.

Liam apareceu no alto da escada.

— Joanna? Onde está aquela espécie de concha para o cheesecake?

— Espécie de concha? Você quer dizer colher?

— É, colher, tanto faz. Onde está?

Ela se levantou e procurou na gaveta da cozinha, fazendo barulho.

— Tem uma colher grande pendurada ali, olhe — falei.

Joanna pegou a colher e, empunhando-a como se fosse uma arma, subiu os degraus e foi ajudar a servir o cheesecake.

— Você trabalhava numa boate? Como assim? Ficava no bar? — perguntou Malcolm, animado.

Olhei fixamente para Lucy, mas ela não reparou, ou fingiu não notar.

— Genevieve era dançarina — disse Lucy, com um tom de triunfo na voz. — Ela não contou para vocês? Ela era ótima. Pelo menos foi o que ouvi falar, pois nunca fui à boate em que ela trabalhava. O lugar era mais frequentado por homens, se vocês entendem o que quero dizer.

Os olhos de Malcolm se arregalaram. *Sua piranha*, pensei. Não devia tê-la convidado. E, com certeza, Caddy não viria, senão já teria chegado. Até aquele momento, não me dera conta de que ela era a pessoa que mais queria ver. Além disso, teria sido uma aliada importante contra Lucy em qualquer discussão sobre moral ou aspectos feministas relativos às dançarinas. Ninguém discutiria com Caddy.

— Alguma vez vocês já tiveram a impressão — falei, mais para mim mesma do que para eles —, não sei, de que uma desgraça estava iminente? Como se alguma coisa ruim estivesse prestes a acontecer? Senti isso o dia todo.

— Eu sinto isso, às vezes — concordou Lucy. — Geralmente, depois das duas da madrugada, quando ainda estou bebendo e tenho que ir trabalhar às sete horas da manhã, no dia seguinte.

Aquilo aliviou um pouco a tensão, mas ainda assim, eu perdera toda a vontade de ficar ali sentada conversando com Lucy. Se ela quisesse revelar mais detalhes sobre o meu passado, que o fizesse sem mim. Pedi licença, e Malcolm se afastou para me deixar sair. Depois de me espremer para passar por todas as pessoas na cozinha, subi para o convés.

Olhei na direção do estacionamento, no fundo esperando ver Caddy descer de um táxi. Mas estava tudo calmo. Josie estava sentada de costas para a casa do leme, ao lado de Roger e Sally, e, por incrível que pareça, Gavin, que retirara o paletó e os sapatos italianos feitos sob medida, estava sentado descalço e com as pernas cruzadas, contando a história de quando estava viajando e acidentalmente vendeu seu passaporte na Tailândia. Tinham colocado o barril de cerveja artesanal equilibrado em cima de um balde entre eles e não paravam de encher os copos.

— Tome isto — disse Ben, ao meu lado, me entregando outra garrafa de cerveja.

— Ah, obrigada.

A noite estava começando a parecer um tanto surreal. Andamos até o outro lado da casa do leme e olhamos na direção do rio, que refletia as luzes da ponte da rodovia. O vento amainara. Era possível ouvir a batida distante de um baixo vindo da boate localizada na margem oposta.

— Não fico bêbada há meses.

— E eu não fico bêbado faz, sei lá, alguns dias. Ou talvez, algumas horas.

Sentamos no teto da cabine.

— Estava com saudades de você — disse ele.

O comentário me fez rir.

— Você não presta. Nunca sentiu saudades de ninguém ou de coisa alguma.

Ele pareceu um pouco magoado, mas eu sabia que era fingimento. Apesar de todas as pessoas que estavam ali, apesar de tudo que acontecera entre nós no passado, ele estava apenas tentando passar a noite no barco.

— Você fez um excelente trabalho aqui — disse ele.

— Obrigada.

— Gostei do quarto.

Já começou, pensei.

— Gosto da claraboia — continuou ele. — Deve ser incrível deitar ali à noite e olhar as estrelas.

Sorri.

— Na verdade, o que se vê é uma incandescência alaranjada. A poluição não se restringe a Londres, sabia?

— Eu estava tentando ser romântico.

— Sei disso, Ben. Mas não esqueça que conheço você muito bem. Isso não funciona mais comigo.

— Genevieve! O que houve?

— Ainda pergunta? Eu vi você com aquela garota, quando devia ser fiel a mim. Já esqueceu?

Era fácil dizer aquilo depois de tanto tempo. Mas, na época, ele partiu meu coração.

Ben balançou a cabeça.

— Nossa, sua memória é boa demais. Não foi isso que eu quis dizer. Queria saber o que aconteceu com você em Londres. Você foi embora tão de repente. Ninguém sabia para onde tinha ido. Lucy achou que você tinha sido sequestrada.

— Não aconteceu nada. Não seja tão dramático.

— Genny, você largou o emprego e saiu fora. Literalmente, saiu fora.

— Quem disse isso?

— Adivinha. Lucy, é claro. Ela disse que foi a coisa mais excitante que já aconteceu no escritório. Disse que você foi até a sala do presidente enquanto ele estava em reunião e jogou sua carta de demissão na mesa. Em seguida, simplesmente pegou o casaco e foi embora. Ela contou que teve que esvaziar sua mesa para você, e quando ela levou a caixa até sua casa, você já tinha se mudado.

Por um momento, não falei nada. Aquele sentimento voltou, a impressão de desassossego. A maré começara a subir e, dali a algumas horas, atingiria o nível máximo. O barco começara a balançar, ainda que ligeiramente, dando a impressão de que o *Vingança* me segurava e me embalava no seu colo. Mesmo assim, com o barco cheio de gente, alguma coisa parecia errada.

Pela claraboia perto de nós dava para ouvir uma conversa cordial vindo da cozinha, sutilmente ganhando tons mais acalorados. Pelas vozes, pareciam ser Malcolm e Joanna e, do outro lado, Lucy e Simone.

— Tudo o que eu disse foi que…

— Eu sei o que você disse, e sei qual foi sua intenção.

Parecia a voz de Joanna.

— Vocês são todos iguais mesmo, não fazem a menor ideia… — Aquele parecia ser Malcolm, suas palavras pastosas e arrastadas por causa da cerveja barata. — Vocês acham que, só porque moramos em um barco, somos de algum modo inferiores, só porque vocês optaram por morar em uma casa…

— Eu não falei nada disso!

— Não? Então por que estava criticando o banheiro? Ouça bem, quando este barco estiver pronto, vai ficar suntuoso, e todos vocês vão babar de inveja.

Lucy riu.

— Duvido muito.

No convés, escondi o rosto com as mãos.

— Meu Deus. Eu sabia que isso não podia dar certo.

Ben aproveitou a oportunidade e pôs o braço ao redor dos meus ombros.

— Só estão bêbados, Genny. Amanhã já terão esquecido tudo.

— Ben! Porra, onde você está? — Lucy surgiu da casa do leme, seu salto alto batendo no convés de pinho envernizado. — Gavin, vamos para o pub?

— Quer que eu fique? — perguntou Ben em voz baixa. Ainda não o tinham visto ali.

— Não — respondi. — Pode ir com eles, está tudo bem.

— Eu sempre posso voltar mais tarde.

Sua voz soou tão esperançosa que, por um instante, considerei a ideia. *Seria tão fácil dizer sim*, pensei. *Seria tão fácil tê-lo aqui, dividir minha cama com ele hoje à noite e despachá-lo no trem para Londres de manhã*. Que mal faria passar uma noite com Ben? Fazia cinco meses que Dylan se fora, cinco longos meses esperando que ele voltasse a entrar em contato comigo. Obviamente, ele não sentia minha falta da mesma forma que eu sentia a dele.

— Porra, onde está o Ben? — exclamou Lucy.

— O que está havendo, princesa? — perguntou Gavin ao se levantar.

— Quero ir para outro lugar!

— Tome um pouco disso — disse Roger, tentando acalmá-la. — Você vai se sentir melhor, eu garanto.

— O que é isso? — Lucy soou desconfiada.

— Uma poção mágica — respondeu Gavin, dando uma risadinha.

— O quê?

— Sério, Lucy, experimente. Nunca tomei nada parecido, juro. É como sorver a terra, a lua e as estrelas…

— Gavin, você só fala bobagem. Andou fumando *skunk* novamente, não é? Você não disse que tinha acabado?

— Rog aqui me deu um pouco para fumar. Mas vou contar uma coisa, princesa Lucy Loo, não chega aos pés deste negócio. Tome.

— Argh! Tem gosto de merda!

Ouviram-se gargalhadas na casa do leme e no convés.

Ben estava me beijando. Ele tinha segurado meu rosto com as mãos e me beijou, antes que eu pudesse protestar, antes que pudesse dizer não, antes que pudesse me afastar. Ele beijava muito bem. Pude sentir minhas barreiras, minha resolução e minha resistência se diluindo. Seria tão fácil dizer para ele voltar mais tarde. Ninguém jamais perceberia. Podia ser até que os outros habitantes da marina retornassem para seus próprios barcos nas próximas horas. Assim que Lucy e a galera de Londres fossem para o pub, depois para Rochester ou Maidstone ou mesmo, se estivessem muito desesperados, voltassem para Londres, a marina ficaria deserta e sossegada, e ninguém repararia nele voltando; ninguém jamais precisaria saber…

— Ben! Ah, você está aí!

O beijo foi interrompido bruscamente. Lucy me fuzilou com o olhar, como se fosse minha culpa que ela tivesse sido irremediavelmente insultada pelos ribeirinhos, pelo homem descabelado e pela garota com hematoma na bochecha; com certeza, naquele momento, encontrar Ben na semiescuridão, com a boca na minha e a mão sob minha blusa, foi a gota d'água.

— Você vai ficar ou vem conosco? — perguntou Lucy, o tom de voz glacial.

Antes que ele pudesse responder, eu me levantei.

— É melhor você ir — falei delicadamente.

— Por quê?

Lucy saíra para arrebanhar os outros, inclusive Simone e Carla. Presumia-se que elas esperavam conseguir uma carona dentro do porta-malas.

Dei de ombros.

— Você está saindo com alguém?

— Minha vida é diferente, agora.

Ele tentou de novo, abrindo seu sorriso mais insolente.

— Não estou procurando nenhum compromisso, Genny. Só mais uma noite. Vamos. Você está a fim, não é?

Contra minha vontade, acabei sorrindo também.

— Por melhor que seja a sua proposta, Ben, prefiro ficar sozinha a ter você aqui, mesmo que por uma única noite. Mas, obrigada assim mesmo.

Finalmente, Ben desistiu.

— Como quiser — disse ele, virando-se e indo atrás de Lucy.

Eles se foram com promessas de telefonar, enviar mensagens de texto, abraços, declarando que fora uma noite fabulosa e era uma pena que chegara ao fim, enquanto eu abraçava cada um, e os habitantes da marina continuavam bebendo cerveja, batendo papos animados e devorando o que sobrara da lasanha de Liam.

Enquanto eu acenava para eles, me despedindo, os sensores de movimento acionaram as luzes do estacionamento e Lucy tropeçou em algo e caiu de cara no chão — felizmente, sobre o gramado. Malcolm zombou dela com uma gargalhada.

Diane e Steve se foram logo em seguida. A babá eletrônica indicava que as crianças saíram da cama e estavam brincando com o video game a bordo do barco deles — ou então, a embarcação havia sido invadida por terroristas que atiravam em tudo o que viam.

Dentro do barco, na cabine principal, a conversa abordava assuntos mais amenos.

Joanna me ofereceu uma cerveja.

— Sente-se com a gente — disse ela.

— Sinto muito se eles foram grosseiros.

— Eles não foram grosseiros.

— Eu os achei simpáticos, no geral — opinou Malcolm, que parecia já ter perdoado Lucy.

— Obrigada. Vocês são maravilhosos.

— Mas eu acho que você devia ter traçado o tal do Ben — disse Josie, dando uma risadinha.

— Como assim?

— Você acha que nós não ouvimos vocês dois? Ele estava implorando para ficar com você. Suplicando, mesmo.

— Verdade, ele estava, não é?

Ela me cutucou.

— No seu lugar, eu não o teria dispensado — disse ela.

— Ah, sua velha safada — interveio Malcolm. — Você vai acabar dormindo no convés, se continuar assim.

Eu ri.

— Ele também não é tudo isso. O Ben, quero dizer.

— Ah — exclamou Josie. — Então você já experimentou?

— Já, sim.

— E ele não é lá grandes coisas? Que pena. Quem diria? Parece perfeito para mim.

Refleti por um instante. Não era esse tipo de conversa que queria ter.

— Não é que ele não seja lá grandes coisas — expliquei. — Simplesmente, não é mais o tipo de homem que me atrai.

— Está de olho em outra pessoa? — indagou Joanna.

— Não é isso. Só acho que por enquanto estou melhor sozinha, sabe? Ando ocupada com o barco e tudo o mais.

— Ah, o barco — disse Roger. — Ela já está casada com o barco. Acontece com todos nós. Você ainda não me mostrou o novo cômodo.

— Fique à vontade — respondi. — Pode dar uma olhada.

Malcolm assumiu a função de guia, levando Roger para ver o quarto finalizado recentemente, enquanto eu fiquei na cabine e esvaziei outra garrafa de cerveja. Já bebi demais, pensei. O forno à lenha queimava lentamente e o ambiente estava aquecido, pois a porta para a casa do leme estava fechada. Nós ficamos sentados de pernas para o alto, sentindo o suave balanço do barco sobre as águas, embalando-nos e nos dando sono.

Percebi que não havia pensado em Caddy desde que Ben começara a dar em cima de mim. Onde ela estaria? Talvez tivesse ficado presa no trabalho.

— Deveríamos fazer isso com mais frequência — sugeriu Josie, bocejando.

— Sempre dizemos isso — interveio Sally.

Ela parecia uma criança encolhida no sofá grande e confortável, com a colcha de retalhos que eu comprara em um brechó cobrindo seus pés.

— Eu gosto do seu barco — disse Joanna. — Você sabia disso? Este é um dos melhores barcos da marina.

Tínhamos essa conversa regularmente — de quem era o melhor barco. Parecia impossível chegarmos a uma conclusão.

— O *Souvenir* é o meu preferido — falei.

Sally achou graça.

— Você só está dizendo isso porque é uma pessoa doce e adorável.

— Eu também gosto do *Souvenir* — afirmou Joanna. — Acho que o *Souvenir* é o melhor atualmente, mas se Genevieve conseguir construir sua estufa com teto retrátil de vidro, então o *Vingança* será o melhor.

— Tem razão — concordou Sally. — Não podemos superar uma estufa. Tudo o que possuímos são três vasos e um pequeno pomar em Rochester.

— O que você vai plantar no convés, Gen? Já pensou nisso?

Eu estava questionando se Josie não estaria insinuando que eu plantasse cannabis para ela e Malcolm, porém, antes que pudesse responder, Malcolm e Roger voltaram.

— Você sabia que Liam está dormindo na sua cama, Genevieve?

— Merda — exclamou Joanna. — Eu estava me perguntando por onde ele andava. Mas

pensei que tivesse voltado para a porra do nosso barco.

Ela se levantou e foi tentar resgatar seu parceiro da letargia alcoólica.

— Devíamos ir embora — disse Malcolm. — Amanhã vai ser um dia cheio.

— É mesmo? — perguntei. — Por quê?

— Nós vamos procurar um vestido — disse Josie. — Minha sobrinha vai se casar e Malcolm prometeu me levar para fazer compras.

— E antes que vocês perguntem — acrescentou Malcolm, embora nenhum de nós tivesse feito algum comentário. — Vou cortar o cabelo antes do casamento, está bem?

Quatro

POUCO DEPOIS, TODOS foram embora, atravessaram o pontão e seguiram cambaleantes de volta para seus barcos e respectivos aquecedores à lenha.

Continuei na cabine, depois de fechar e trancar a casa do leme, olhando distraidamente para o fulgor das chamas e terminando minha última garrafa de cerveja. Estava tentando não pensar em Ben. Eu imaginei onde ele estaria. Não tinha seu telefone, o que era bom. Provavelmente eu teria me rendido e enviado uma mensagem de texto para ele, o que me faria parecer desesperada.

A cozinha estava uma zona — garrafas, copos e pratos sujos em todos os cantos. O chão cheio de migalhas do pão de alho. A travessa de lasanha vazia de Joanna e Liam dentro da pia, com pedaços queimados grudados nas beiradas. Eu me perguntei quanto tempo teria que deixá-la de molho antes de poder devolvê-la limpa.

Uma ideia surgiu em minha mente…

Coloquei a mão no bolso de trás da minha calça jeans e lá estava: o número do telefone de Dylan. Consultei a lista de contatos. GARLAND. Por que justamente aquela palavra? Era apenas uma palavra, dissera ele. Supostamente, aleatória. De modo que ninguém suspeitasse, caso o telefone caísse em mãos erradas.

— E se eu quiser entrar em contato com você? — perguntei.

— Por que você entraria em contato comigo? — contestara ele.

Ele não fazia a menor ideia de como eu me sentia. Nem eu mesma tinha certeza de como me sentia, naquele exato momento. Só sabia que a ideia de não voltar a vê-lo era difícil de aceitar.

— E se algo der errado?

— Nada vai dar errado. — Ele começava a demonstrar certa impaciência. — Tudo vai dar certo, eu garanto. Nada sairá errado. Quando eu estiver pronto, quando tiver resolvido tudo por aqui, ligo para você e poderemos nos encontrar em algum lugar. Tudo bem?

Isso ocorrera há mais de cinco meses. Durante todo esse tempo, eu guardara o telefone comigo, sempre carregado, e nunca o utilizei. Uma única vez sequer.

Joguei de qualquer maneira o telefone sobre a prateleira de madeira atrás do sofá. Não fazia sentido ficar ali sentada, pensando em Dylan. Onde quer que estivesse, ele certamente não estava pensando em mim.

O banheiro, que eu esvaziara pela manhã, já estava cheio e entupido. Nenhum dos moradores dos barcos o teria deixado daquele jeito. Eu me sentia desolada e só. Deveria ter dito sim ao Ben. Teria sido agradável simplesmente tê-lo ali por perto. Ele não era Dylan, mas pelo menos era alguém.

Apaguei as luzes e fui para a cama.

* * *

Sonhei com o telefone, o telefone que Dylan me dera. Estava tocando e a palavra GARLAND piscava na tela como se quisesse enfatizar ainda mais que era isso mesmo, era ele quem estava ligando; mas toda vez que eu apertava o botão para atender, nada acontecia.

Passei a maior parte da noite parcialmente dormindo, parcialmente acordada, abrindo os olhos e observando o retângulo negro sobre a minha cabeça. E então, Ben também apareceu no meu sonho. Estava deitado ali, ao meu lado.

— Você mentiu sobre as estrelas — disse ele.

Olhei para a claraboia e vi o céu repleto de estrelas, tão brilhantes que se mesclavam, formando um único brilho ofuscante sobre nós.

Então abri os olhos de verdade, e pude enxergar apenas a escuridão. Havia estrelas — eu podia vê-las — mas pareciam indistintas.

O álcool sempre faz isso comigo, pensei irritada.

Acordei, pois precisava ir ao banheiro. Mas lembrei de que ele estava entupido e não queria andar até o outro banheiro no meio da noite, então fui até o depósito na proa do barco e achei um balde. Normalmente eu usava o balde para misturar cola. Mas aquele estava limpo, o que já era uma vantagem. Deixei-o no banheiro, após usá-lo, e voltei para a cama.

Fiquei deitada por um tempo, escutando a água batendo no casco. A maré devia estar baixando naquela hora. Em instantes, o barco se acomodaria na lama e ficaria imóvel, e então o dia começaria a clarear.

Além da água no casco, havia outro ruído. Começara como uma batida leve, distante, como se a proa estivesse se chocando com o pontão, ou como se os pneus de proteção estivessem sendo erguidos num balanço repentino e depois caíssem, batendo no casco. No início, foi fácil ignorá-lo. Mas depois, aconteceu novamente, e mais uma vez, mantendo o mesmo ritmo — integrando a música do barco, a percussão do rio.

Os choques brandos se transformaram em batidas mais insistentes. Um baque suave, como se algo estivesse se arrastando ao longo do casco. Acordei novamente, prestando atenção no barulho para tentar descobrir o que era. Parecia que havia algo preso entre o barco e o pontão, bem ao lado do meu quarto. E a maré estava baixando, o que significava que era improvável que aquilo fosse arrastado para longe. Ficaria ali, batendo, até que o casco do barco fosse imobilizado pela lama. E para isso acontecer ainda faltavam horas.

Com um suspiro, sentei na cama, atenta. Um baque ritmado acompanhava o movimento das águas. Havia algo aninhado no barco, suficientemente grande para fazer tamanho barulho. O que poderia ser? Uma embalagem de plástico, ou algo parecido?

Tremendo, vesti minha calça jeans no escuro e um suéter que estava na pilha de roupas para lavar. Estava frio no barco; o forno há muito se apagara. Bem ao lado da entrada do depósito estava minha lanterna, grande, potente e revestida de borracha. Antes, eu tinha uma ainda melhor, mas a deixara cair na água durante a minha primeira semana no barco e nunca consegui recuperá-la. Um dos primeiros sábios conselhos que Malcolm me dera tinha sido: "Coloque uma boia em tudo o que for importante."

Abri a porta que dava para a casa do leme, meus dentes batendo de frio. A temperatura

estava congelante ali, o céu, cinzento. Calcei os tênis que estavam ao lado do leme, frios e úmidos, mas era melhor do que andar descalça no convés molhado lá fora.

Não havia sinal de ninguém. Os barcos na marina estavam escuros e silenciosos, aqueles atracados ao pontão ainda se movendo suavemente sobre a maré vazante, e os que se encontravam mais perto do cais já acomodados sobre a lama do rio.

Para minha surpresa, ouvi um barulho vindo do estacionamento — a porta de um carro batendo, talvez. Em seguida, o ruído de um motor arrancando e o som dos pneus no cascalho. A silhueta escura de um veículo saindo do estacionamento. Totalmente apagado. Por que não ligara os faróis? E por que as luzes do estacionamento não se acenderam? Elas eram sensíveis a qualquer movimento. Eu me lembrei de alguém reclamando com Cam de que as luzes iluminavam suas cabines quando as raposas apareciam para vasculhar as latas de lixo. A solução encontrada foi remover as latas de lixo. Mas certamente as luzes se acenderiam se alguém passasse pelo estacionamento.

Silêncio absoluto, exceto pelo som das águas batendo no casco. Até a rodovia estava sossegada. E então, pude ouvir novamente. Uma leve batida, que passou a ser acompanhada por um esguicho suave, como se pequenas ondas se chocassem com o que quer que fosse. Devia ser algo grande.

Avancei lentamente pela amurada de bombordo, me apoiando na parede da cabine. Ainda estava um pouco bêbada e o balanço delicado do barco me dava náuseas.

Por algum motivo, senti medo. Lá fora, distante de Londres, parecia errado estar acordada àquela hora da noite.

Quando cheguei aproximadamente na altura do meu quarto, acendi a lanterna, que clareou tudo repentinamente, um facho poderoso e brilhante, iluminando as imensas árvores coníferas que ficavam atrás da sede da marina. Então, direcionei o feixe de luz para o espaço entre o *Vingança da maré* e o pontão.

De início, não consegui identificar o que era.

Parecia uma trouxa. Alguma coisa coberta com um pano.

Meu primeiro pensamento, meu primeiro louco e deslocado pensamento foi que se tratava do saco plástico preto cheio de tecidos que eu jogara sem nenhum cuidado no depósito da proa. Mas não podia ser isso. Era claramente algo pesado, a julgar pela sua lentidão, sua relutância em se deixar levar pelas águas. Estava flutuando, batendo na lateral do casco — bem na altura da minha cama.

Fui até a casa do leme e peguei meu croque de atracação, uma vara longa com um gancho na extremidade que viera com o barco e, até onde sabia, nunca tinha sido usada, pelo menos, não por mim — o *Vingança* não desatracara desde que eu me mudara. O croque era pesado e volumoso e, por alguns instantes, considerei a possibilidade de deixar tudo como estava e ir dormir no sofá com meu cobertor, mas não adiantaria. As batidas eram regulares, mas não o suficiente para me acostumar com elas. Eram aleatórias o bastante para lentamente me levarem à loucura.

Coloquei o croque de atracação sob meu braço direito e a lanterna sob o esquerdo, mas a vara era pesada demais — precisava das duas mãos para segurá-la. Apoiei a lanterna no teto da cabine, seu feixe de luz iluminando a parte superior dos barcos e se estendendo até a sede da

marina.

Mexi o croque de atracação até conseguir encostar no objeto. Dei-lhe uma estocada. Era sólido e pesado. Tentei fisgá-lo algumas vezes com o gancho da extremidade, mas, quando finalmente conseguia, o objeto era demasiadamente pesado para que eu pudesse erguê-lo. Podia senti-lo virar-se, quase arrancando a vara das minhas mãos, então mexi nele até que se soltasse e pela borda da amurada tentei distinguir o que era apesar da escuridão.

Alguma coisa pálida, disforme, que fazia parte do objeto, mas, de algum modo, se distinguia dele. Peguei a lanterna e iluminei o espaço escuro — e o rosto de Caddy olhou para mim. Um dos olhos fechado, o outro semiaberto, me encarando de uma maneira estranha, uma espécie de piscada de olho pervertida. Seu cabelo era um emaranhado escuro movendo-se sobre seu rosto na água enlameada.

Larguei o croque de atracação. Ele bateu na amurada e caiu sobre o pontão, rolando até parar. Minha respiração estava arfante e áspera e, finalmente, recuperei a voz e gritei, gritei mais alto e mais forte do que jamais fizera em toda a minha vida.

Cinco

QUANDO AMANHECEU, O choque começou a fazer efeito em mim.

Josie, que havia sido paramédica numa vida passada, sentou-se ao meu lado na cabine do *Souvenir* para tomar conta de mim.

A polícia estava no meu barco.

Malcolm ligara para eles. Ele e Josie haviam sido os primeiros a chegar até mim, embora toda a marina tivesse sido acordada e, pouco depois, estivesse fervilhando em volta do meu barco em diferentes estágios de nudez, aguardando a chegada da polícia. Eles se revezavam para olhar o corpo ao lado do barco com as lanternas. Por fim, Malcolm gritou para que todos saíssem dali e esperassem a polícia em outro lugar — estavam contaminando a cena — e a maioria retornou para seus barcos.

Um carro de polícia chegou com dois homens. Nós encontramos com eles no estacionamento da marina. Os sensores de movimento que acendiam as luzes pareciam ainda não estar funcionando, portanto, estava tudo escuro e, naquele momento, eu tremia da cabeça aos pés. Um dos policiais me fez perguntas sobre o que eu vira e ouvira, enquanto o outro foi averiguar.

Eu não tinha chorado. Em vez disso, me surpreendi ao produzir um ruído que começou como um lamento de pânico, algo que não conseguia controlar, um som que vinha de algum lugar dentro de mim, oriundo do medo e do terror por encontrá-la daquela maneira; encontrar logo Caddy, a minha maravilhosa Caddy. A lamúria prosseguiu, aumentando e diminuindo, me deixando ofegante, e Josie me abraçava, tentando me consolar, e eu me agarrava a ela.

Quando consegui me acalmar, os policiais pediram para que eu fosse para o *Souvenir* com Sally e Josie. Outros carros de polícia chegaram e um barco a motor surgiu pelo rio, com mais policiais a bordo. Eles colocaram uma espécie de rede sobre a extremidade do meu barco e amarraram-na ao pontão, presumivelmente para que o corpo não fosse levado pela maré, embora ele não parecesse querer sair dali. Já havia amanhecido, a maré estava baixa e eu estava sentada envolta em dois cobertores, um nos ombros e o outro nas pernas, mas ainda assim continuava tremendo. Não conseguia parar de pensar em como meus tênis estavam imundos e se alguém notaria se eu ficasse descalça.

As pessoas não paravam de me fazer perguntas e, para cada uma delas, minha resposta era a mesma: “Eu não sei, eu não sei.” Estava apenas parcialmente consciente da presença das pessoas na cabine, e elas falavam sobre mim como se eu não estivesse ali. Na verdade, minha presença parecia ser apenas física.

Caddy estava morta. Fora um acidente? Será que ela teria, de algum modo, tropeçado por causa da escuridão? Teria aparecido mais cedo para a festa sem que eu percebesse? Teria caído, depois de tropeçar em algo ou pisar em falso e, depois, batido a cabeça em alguma estaca? Por que eu não ouvira nada? Por que não tinha percebido?

— O que aconteceu? — Era Roger. Apesar de tudo, ele tinha conseguido dormir durante todo aquele tempo.

— Acharam um corpo dentro d'água. Ao lado do *Vingança da maré*.

— Ela está bem? — Era a voz de Malcolm.

— Ela vai ficar bem, estou cuidando dela. Só precisa de um pouco de paz e sossego por enquanto, só isso.

— Genevieve?

— Eu disse para deixá-la em paz, Malcolm. Francamente, você devia ser mais compreensivo.

— Só queria perguntar se ela quer que eu fale com a polícia no lugar dela, sabe, fazer uma espécie de intermediação…

— Para que ela precisaria de uma intermediação, seu tolo? Ela é perfeitamente capaz de falar com a polícia, quando eles acharem necessário. De qualquer maneira, ela não viu nada, apenas encontrou o corpo. Podia ter acontecido com qualquer um de nós.

— O barco dela é o mais próximo do rio. Deve ter sido trazido de Cuxton pela correnteza. Dessa forma, o barco de Genevieve seria o primeiro a ser atingido.

— Quem disse que o corpo veio de Cuxton?

— Eu não falei isso. Disse que deve ter vindo de Cuxton, nada mais. Foi de lá que veio o último, lembra? Aquele sujeito que ficou preso na lama. No Natal passado.

— Você está enganado. O último foi aquele imbecil que pulou da ponte Aylesford, durante o verão.

— Aquele foi parar em Gillingham, não aqui.

— Eu *sei* disso, só estava dizendo que esse foi o último corpo.

— Por que estão discutindo sobre isso?

Era a voz de Sally. Ela havia chorado, de modo intermitente e discreto, e enxugava os olhos com um lenço de papel, em luto por alguém que não conhecera.

Todos ficaram em silêncio por alguns instantes.

Perguntei, numa voz que de algum modo soou diferente da minha:

— Vocês não vão fazer compras?

Tive a impressão de que todos olhavam para mim e senti meu rosto corar.

— Ora, não se preocupe com isso — disse Josie. — Iremos mais tarde.

— Quer beber alguma coisa, Genny? Uma xícara de chá? — ofereceu Sally.

Ela havia preparado um chá para mim uma hora antes. Ainda estava intocado na mesa, frio.

— Não sei — respondi. — Não. Acho que não.

— Queria saber quem era ela — indagou Malcolm.

— Vamos parar de falar sobre isso — disse Josie, batendo afetuosamente na minha perna. — Afinal de contas, temos outros diversos assuntos sobre os quais conversar.

Mas isso, tampouco, funcionou. Um homem desceu do convés pela escada. Usava um terno. Seu esparso cabelo grisalho era bem curto, os olhos, escuros, e o rosto marcado pelas rugas.

— Bom dia — disse ele. — Sou o detetive Andy Basten. Estou procurando Genevieve

Shipley.

Mesmo sem querer, todos se viraram para ele e, depois, para mim e, quase imperceptivelmente, eles se aproximaram alguns centímetros de mim, como se quisessem me oferecer algum tipo de proteção.

Ele me mostrou sua identificação e seu distintivo. O distintivo arranhara a surrada carteira de couro e mal dava para ver sua foto, ainda menos seu nome. Ele aparentava ser alguém que gostava de sair e beber cerveja.

O *Souvenir* era um barco grande, porém, não tão espaçoso quanto o *Vingança da maré*, e a cabine parecia abarrotada com todas aquelas pessoas.

— Bem… Tudo bem se deixarmos você cuidar disso? — perguntou Malcolm.

— Eu vou ficar — disse Josie —, a menos que ela prefira que eu saia.

Eu queria que ela ficasse. Queria que dissesse para o policial ir embora, que dissesse a todos para saírem e nos deixarem sozinhas. Eu queria voltar à noite passada e àquele barulho horrível e insistente, mas em vez de verificar o que era, queria ter me virado para o outro lado na cama, tapado os ouvidos e voltado a dormir.

— Estou bem, Josie. De verdade — falei, por fim.

Todos subiram para o convés, deixando-me ali com o policial.

— Não vou demorar — avisou ele. — Deve ter sido um enorme choque para você.

Assenti rapidamente. Minha cabeça parecia oscilar, como se não fizesse parte do meu corpo.

— Eu estava meio sonolenta. Mas acordei na hora, quando percebi do que se tratava.

Ele sentou-se na poltrona à minha frente e pegou seu caderno de anotações.

— Sei que já conversou sobre tudo isso com outro policial, mais cedo. Só quero verificar se registramos tudo corretamente. Você disse que escutou um barulho, confere?

— Escutei algo batendo na lateral do barco. Acabei acordando. Então decidi ir ver o que era.

Eu já estava sendo repetitiva, tagarelando. Minha cabeça não estava funcionando direito; parecia estar mais lenta do que a minha língua. *Pense. Concentre-se. Não diga nada. Não conte nada para ele.*

— Coisas desse tipo acontecem com frequência?

— Não. Algumas vezes o lixo agarra no barco, quando a maré está baixando. Eu pensei que fosse isso.

Ele assentiu.

— É um belo barco. Você mora lá sozinha?

— Moro. Estou reformando o barco. Consegui juntar umas economias do meu emprego em Londres. Estou dedicando esse ano para restaurá-lo. Já faz cinco meses que estou aqui e fiz a maior parte da reforma sozinha. Todo o revestimento, os encanamentos.

Eu estava divagando, mas ele não me interrompeu. Apenas ficou me observando com o olhar cansado.

— Lamento que ainda esteja uma bagunça — prossegui. — Dei uma festa ontem à noite. Mas, afinal de contas, por que vocês precisaram entrar no meu barco?

— Já terminamos — respondeu ele. — Precisávamos averiguar se fazia parte da cena do

crime, só isso. Foi uma festa de aniversário?

— Não, uma espécie de inauguração do barco. Convidei alguns amigos de Londres. E algumas pessoas que moram por aqui também foram.

Indiquei a marina vagamente.

— Preciso que você faça uma lista com o nome de todas as pessoas que estiveram aqui ontem, ok?

— Claro.

— E vocês se divertiram bastante na festa?

Assenti com a cabeça.

— O corpo da mulher que vocês acharam — disse ele — não era de uma das convidadas da festa, certo?

Eu o encarei.

— Todos foram embora. O pessoal de Londres saiu cedo. Eu os vi deixando o estacionamento.

Sua pergunta me fizera lembrar de algo e, antes que ele pudesse perguntar outra coisa, falei:

— Vi um outro carro, ontem à noite. Acabei de me lembrar. No estacionamento. Quando saí para ver o que estava batendo no barco, ouvi o barulho de um carro arrancando. Achei estranho, porque os faróis não estavam acesos e já estava escuro. E a iluminação do estacionamento deveria ter sido acionada pelo sensor de movimento, mas isso não aconteceu. As luzes não acenderam.

O detetive estava anotando tudo isso e mesmo quando fiquei sem palavras, ele continuou escrevendo.

— Você reparou qual era o modelo do carro? Placa? Cor?

— Era escuro. A cor do carro, quero dizer. Foi tudo o que consegui ver.

Ele assentiu lentamente e fez outra anotação.

— Vocês sabem de quem é? — perguntei, tentando manter um tom de voz sereno, sem tremer.

— Está se referindo ao corpo? Você conseguiu reconhecê-lo, Genevieve?

— Não — respondi prontamente. — Mal consegui enxergar seu rosto, de qualquer maneira. Vi apenas que era um corpo e comecei a gritar.

Ele não disse nada. Estava me olhando com um ar curioso, como se soubesse algo que eu ignorava. Como se eu tivesse dito alguma coisa particularmente interessante.

Ele anotara tudo, laboriosamente, em três folhas pautadas A4 com cabeçalhos oficiais, e depois entregou-as para mim. Olhei distraída para elas, pensando em como sua caligrafia parecia com a de uma menina, algo que eu não esperava.

— Preciso que você assine aqui.

— O que é isso?

— Seu depoimento. Você precisa ler com atenção e verificar se concorda com tudo o que escrevi. Depois, assine embaixo de cada página. Bem aqui, está vendo? E ali também.

Li tudo. Ele escrevera em meu nome, como se eu o tivesse feito. Era estranho ver o que tinha dito resumido naquelas letras curiosamente arredondadas. Fiquei pensando em como poderia ter construído as frases de outro modo — "estava escuro e não vi o rosto da pessoa com clareza" —, mas não consegui me forçar a dizer nada. Assinei cada página com uma

aproximação grosseira da minha verdadeira assinatura e lhe devolvi as folhas.

— Posso voltar para o meu barco agora?

— Ainda não. Iremos avisar quando isso for possível, ok? Você está se sentindo bem?

— Acho que sim.

Eu me livrei dos cobertores bem devagar, como se estivesse removendo curativos. Meu corpo estava dolorido, como se eu tivesse sofrido uma queda. Senti um alívio súbito: talvez tivesse conseguido me livrar disso tudo.

— Nós voltaremos para falar com você, talvez amanhã mesmo — avisou ele. — Pode me dar o número do seu telefone?

Obedeci.

— Acredito que não tenho mais nada a dizer. O barulho me acordou, fui verificar o que era e acabei encontrando o corpo. Foi só isso.

— Sei — disse ele, entregando-me seu cartão. *Detetive Andrew Basten, Divisão Criminal*. — Mas nunca se sabe. Pode ser que se lembre de mais alguma coisa. Como o carro no estacionamento, por exemplo. Nosso cérebro reage de modo engraçado, depois de um choque; como se só nos permitisse lembrar de uma coisa de cada vez.

Ele subiu na frente pela escada até o convés do *Souvenir*. Sally e Josie estavam sentadas no banco de madeira, enfeitado com as petúnias e os gerânios de Sally nos vasos, cobertos pelo orvalho do outono.

— Tudo bem? — perguntou Josie ao me ver subindo.

— Estou bem, obrigada.

— Você está terrivelmente pálida — disse Sally.

Basten limpou a garganta.

— Por enquanto isso é tudo. Entre em contato, por favor, caso se lembre de mais alguma coisa.

Ele não se dirigiu para o estacionamento; ao desembarcar do *Souvenir*, caminhou até onde o *Vingança da maré* estava atracado. Ainda havia um bocado de gente ao redor; a fita cercando a cena do crime se agitava ao longo do pontão e ele precisou erguê-la para passar por baixo. Ao final do pontão, duas pessoas usando macacão branco se encontravam agachadas, ocupadas com alguma coisa. Toda a área estava iluminada com holofotes, como se estivessem montando um set de filmagem. Ainda era dia, mas o céu nublado tornava aquelas luzes necessárias. Pensei no que estariam iluminando e senti um calafrio. O espaço entre a parte final do pontão e a lateral do casco do meu barco estava coberto por uma imensa lona azul.

A maré estava baixa, naquele momento.

— Eles não retiraram nada de lá — disse Sally. — Acho que o corpo ainda deve estar na água.

Além de todos os demais carros no estacionamento, havia chegado uma van preta com as palavras "Ambulância Particular" escritas em cinza na lateral. No portão principal, dois policiais montavam guarda, impedindo a entrada e a saída de veículos.

— Ouvi um deles dizendo que vão removê-lo em breve. Antes da preamar.

Ficamos observando a movimentação das pessoas, enquanto elas chegavam e iam embora. A estrada estava cheia de curiosos e um veículo da polícia estacionou no local para impedir a

aglomeração de gente. Depois, a imprensa apareceu e passou o resto da amanhã por ali, tentando conseguir boas fotos. Sally preparou uns sanduíches. Josie comeu dois. Eu apenas olhei fixamente para eles, porque não queria olhar para mais nada. No fim, acabei deitando no sofá da cabine do *Souvenir* para tentar dormir. Podia ouvi-las conversando no convés, comentando a agitação na marina. Tentei ignorar o som, mas escutava suas vozes mesmo sem querer.

Parecia ter passado várias horas, quando ouvi Basten no convés do *Souvenir*, dizendo a Sally que eu podia ir para o meu barco, se quisesse.

Subi para o convés, mas quando cheguei o detetive não estava mais lá.

— Ele disse que você já pode voltar — avisou Sally. — Eles ainda estão terminando o trabalho por lá, mas pode ir se quiser.

Hesitante, olhei na direção do pontão, onde o *Vingança* ainda se encontrava cercado por pessoas vestindo macacão branco. Josie me puxou para um abraço. Ela era grande, acolhedora e macia.

— Minha pobre menina — disse ela, com a boca em meu cabelo. — Quer que eu vá com você?

— Não, obrigada. Acho que vou simplesmente voltar para cama e tentar dormir. Estou tão cansada.

Era verdade que eu estava cansada, mas de jeito algum conseguiria dormir. Só precisava ficar sozinha. Precisava que todos me deixassem em paz, para que eu pudesse pensar. E então poderia descobrir o que fazer, sem temer acabar revelando acidentalmente alguma coisa.

— Tudo bem, então. Mais tarde passo para ver como você está.

Desembarquei do *Souvenir* bem devagar, pois minhas pernas tremiam. Eu me sentia como se tivesse estado doente, ou dormido por muitas horas. As luzes brilhantes iluminavam a cena do crime de forma dramática; não me lembrava de já ter visto tanta gente na marina.

Uma jovem policial tentou me impedir de me aproximar do meu barco.

— Ele disse que eu podia voltar para casa — expliquei, apontando para Basten.

— Ah, o barco é seu? Deixe-me verificar.

O detetive estava no final do pontão, falando ao celular. A policial conseguiu atrair sua atenção, apontando para onde eu estava, ao lado das faixas azuis e brancas.

Ouvi-o dizendo: "Sim, pode deixá-la entrar."

Ela sorriu para mim e me acompanhou.

— Deve ter sido um choque para você — disse ela, antes que eu tivesse tempo de alcançar a prancha de embarque.

— É, foi sim — concordei. Eu não estava nem um pouco a fim de falar sobre isso mais uma vez.

— Fique tranquila. — Foi tudo o que ela disse. Seu sorriso era simpático.

Desci cambaleando pelos degraus até a cabine, minhas pernas pareciam gelatina.

Peguei o telefone de Dylan de onde o tinha deixado na noite anterior. Minhas mãos tremiam enquanto acessava a lista de contatos e selecionava o único nome nela: GARLAND. Apertei o botão de chamada.

Estava chamando. Meu coração batia forte ante a expectativa de falar com ele.

— Sim?

Ai, aquela voz. Fazia tanto tempo e ainda assim me fez lembrar imediatamente, tudo voltou de repente.

— Sou eu. — Minha voz estava baixa, ansiosa. Não queria correr o risco de ser ouvida por alguém.

— Ok, o que você quer?

Eu não esperava uma reação especialmente entusiástica, considerando as inequívocas instruções de nunca lhe telefonar, mas não estava preparada para um tom assim tão hostil.

— É sobre a Caddy.

— Caddy?

— Ela está morta, Dylan. Encontrei-a ontem à noite. Seu corpo estava dentro d'água, ao lado do barco. Ouvi um barulho e saí para olhar. Encontrei-a na água.

Ouvi o barulho da sua respiração e depois houve uma pausa.

— Puta que o pariu. O que ela estava fazendo aí, porra?

— Ela devia ter vindo à minha festa, mas não apareceu, e…

— Porra, por que você a convidou para a sua festa?

Em algum lugar nebuloso da minha mente, constatei que ele não parecia muito chocado com o fato de alguém que nós conhecíamos ter morrido de forma tão horrível. E por acaso isso era culpa minha? Estaria ele me acusando de alguma coisa? Só porque eu a convidara para a festa?

— O que eu faço? — indaguei, pesarosamente.

— Você revelou algo para eles?

— Não. Nada. Não disse que a conhecia. O que devo fazer, Dylan? Estou muito assustada.

Ele ficou em silêncio. Eu não conseguia ouvir barulho algum ao fundo, nem do trânsito ou de qualquer voz. Talvez ele estivesse em casa, ou dentro do carro. Eu queria estar com ele, onde quer que estivesse. Se pudesse vê-lo, se pudesse ver seu rosto, o pesadelo se tornaria mais suportável. Eu me senti bruscamente desamparada.

— Só continue calada, ok? Voltarei a entrar em contato.

Eu ia lhe dizer algo mais — o quê? Que sentia sua falta? Que queria vê-lo? —, mas não tive a oportunidade. Ele já desligara.

Eu tinha esperado tanto tempo para voltar a falar com ele. E de todas as conversas que eu imaginara, nenhuma delas se parecia com aquela. Apesar da minha exaustão, do pânico, uma coisa se sobrepunha a todas as outras: ele já sabia. Ele já sabia que Caddy estava morta.

Seis

A CABINE AINDA estava uma bagunça. Já fazia meia hora que eu olhava para ela sem realmente vê-la, pois meu cérebro tentava processar a imagem de Caddy dentro d'água, em meio a uma bruma de cansaço e álcool.

Comecei a faxina varrendo as migalhas no chão, colocando a louça de molho na pia, depois lavando-a metodicamente, de costas para o caos. As nuvens desapareceram e, pela vigia que ficava logo acima da pia, era possível ver o rio, sereno, cintilando sob a luz do sol. Parecia um dia ensolarado como qualquer outro e, por um momento, consegui me concentrar nas tarefas domésticas e me esquecer da noite passada.

Após lavar e secar toda a louça, quase me senti tentada a fazer tudo outra vez, só para preservar a tepidez e a segurança daquele momento. Guardei tudo, deixando a travessa da lasanha sobre a mesa da sala de jantar. Mais tarde, eu a devolveria para Joanna. O banheiro exalava um cheiro horrível, mas eu não tinha a intenção de desentupir o vaso sanitário enquanto uma horda de policiais estivesse fervilhando no pontão. Usei o balde novamente e fechei a porta atrás de mim.

O quarto novo estava exatamente como eu o deixara, a madeira polida pela lixa, as partículas de serragem iluminadas por um raio de sol. O cômodo cheirava a madeira fresca. Era uma pena ter que pintar aquelas paredes.

O odor da madeira sempre me fazia lembrar do meu pai. Certos aromas como óleo de linhaça, aguarrás, cebolas em conserva, cevada e óleo lubrificante me levavam de volta à sua oficina, que nada mais era do que um galpão atrás de nossa casa, construído com placas de amianto corrugado e blocos de cimento vazados. Meu pai era um homem prático. Podia ajustar qualquer coisa, construir qualquer coisa, consertar qualquer coisa. Quando as pessoas vendiam algo de segunda mão, ele vasculhava as mercadorias em busca de itens aleatórios e rejeitados que pudessem ser reciclados, retrabalhados ou, então, ressuscitados com um pouco de cuidado e atenção. Sua oficina tinha uma infinidade de jarros de conservas cheios de pregos, parafusos, porcas, cavilhas, condensadores, resistências e fusíveis, presos pelas tampas às traves repletas de teias de aranha no teto. Além de partes soltas de máquinas, ele colecionava carros que agora poderiam ser considerados clássicos: um Ford Escort Mark II, um Citroën 2CV e um Lotus que, mesmo com todo seu esforço e astúcia, nunca mais andaria sequer um quilômetro se não fosse empurrado. Minha mãe tolerava tudo isso, uma vez que o mantinha fora de casa e fora do caminho dela.

Os carros nunca me fascinaram. Eu o observava soldando-os e consertando-os, mas nunca senti a mesma vontade que ele de ver toda aquela velharia funcionando novamente. Mas quando ele arrumava sua bancada de trabalho com as ferramentas de carpintaria, eu estava sempre lá, pronta para ajudá-lo. Aos nove anos, construí uma cadeira. Havia alguma coisa em relação à transformação da madeira bruta em um produto final com linhas e curvas elegantes e práticas

que eu achava estimulante.

Ele morreu no dia em que fiz minha última prova na faculdade. Eu liguei para casa quando terminei, mas ninguém atendeu. Ele sofrera um ataque cardíaco fulminante no shopping, na hora do almoço. Minha mãe disse que soube que ele estava morto no momento em que o viu caindo.

Voltei para o quarto, procurando algo para fazer. Aquele estava se tornando o dia mais longo da minha vida, a impressão que eu tinha era a de estar acordada há uma semana. Era cedo demais para ir dormir, mas a ideia me pareceu tentadora ao ver o cobertor na mesma posição em que o deixara na noite anterior, quando levantei para desvendar a origem daquele barulho.

Tirei a calça jeans e deitei na cama, me cobrindo com o cobertor. Sentia-me destruída, a cabeça latejando com os resquícios do que provavelmente era uma ressaca, causada por todas as garrafas de cerveja que eu bebera na noite anterior.

Fiquei ali deitada por um tempo, os olhos ressecados, me perguntando por que não estava chorando. O corpo de Caddy estava lá fora, provavelmente a menos de dois metros de mim, na lama do rio Medway. Dylan atendera meu telefonema como se eu fosse a última pessoa no mundo com quem ele quisesse falar. Havia tanta coisa errada em relação a isso que me sentia incapaz de compreender o que poderia ter acontecido.

Pensar nisso fazia minha cabeça doer. E meu coração também.

Era impossível dormir, descansar, e até mesmo pensar. Podia ouvir as pessoas conversando no pontão — de início, era apenas o ruído indistinto de vozes ao fundo, mas quando me sentei na cama, consegui identificar algumas frases.

"…poderia ser pior, pelo menos não está chovendo…"

"…sair daqui antes que comece…"

Eu queria saber como Caddy tinha morrido. Eu me perguntei se me contariam, caso perguntasse.

Ela não podia já estar ali, quando a festa começou. Deve ter acontecido depois, depois de todos terem ido embora. Eu ficara sentada na cabine, olhando para aquela bagunça, e Caddy estava — onde? Lá fora, no pontão? No estacionamento?

Ela tinha vindo para a festa afinal? E acabou escorregando e caindo no rio? Não, impossível. Eu me lembrava do que vira, sob o foco da lanterna, do choque ao me deparar com Caddy — e seu rosto deformado, sua cabeça —, um ferimento profundo demais para ter sido apenas um golpe acidental. Ela fora atingida.

Por que eu não ouvira nada? Por que ela não emitira som algum? Um grito?

Ela não havia apenas caído dentro d'água. Ela não tinha vindo boiando de Cuxton ou de qualquer lugar, rio abaixo. Alguém a matara e jogara o corpo na água, próximo ao meu barco.

Lá fora, no pontão, pude ouvir o som de um celular tocando.

Não adiantava. Eu não conseguiria dormir de jeito algum. Saí da cama e voltei para a cabine, peguei um copo limpo no armário e abri a torneira. A água não foi capaz de me livrar daquele gosto. Da cerveja da noite anterior, do pânico da noite anterior.

Pude ouvir o som de passos no convés, e depois, uma batida seca na porta da casa do leme.

— Sim?

A porta se abriu e um homem de terno apareceu no alto da escada. Mas não era Basten: aquele era mais jovem, de cabelo preto, olhos escuros, e — inesperadamente — exibia um sorriso simpático.

Justamente quando estava pensando em como era fácil identificar os policiais, dei-me conta de que ele me examinava da cabeça aos pés. Calcinha, camiseta curta, revelando um pouco da minha barriga.

— Sinto muito. Não percebi que você…

— Só estava tentando dormir um pouco — falei, embora estivesse claramente na sala de jantar e não no meu quarto.

— Srta. Shipley?

— Sim.

— Sou o detetive Jim Carling. — Ele me mostrou sua identificação. Como a de Basten, era tão velha que a foto estava irreconhecível.

— Eu já dei o meu depoimento.

— Eu sei. Só queria informar que estão retirando o corpo da água. Não queria que você sofresse outro choque desagradável.

— Ah — exclamei, elevando o tom de voz. Olhei pela vigia sem pensar. Notei, pela quantidade de pernas que era capaz de ver, que havia várias pessoas reunidas no pontão.

Ele desceu os degraus até a cabine, para ficar quase na minha altura.

— Posso ficar um pouco com você, se quiser — disse ele gentilmente. — Aqui.

Ele pegou o cobertor de crochê e me cobriu, conduzindo-me até o sofá, de modo que ficasse sentada de costas para a vigia. Pela primeira vez, senti as lágrimas encherem meus olhos.

— Está tudo bem, Genevieve — disse Carling. — Vai ficar tudo bem.

Ele era muito simpático, pensei. Tinha um rosto bondoso.

Como Dylan. Dylan tinha um rosto bondoso. Ele dissera uma vez que tinha um rosto do qual só uma mãe poderia gostar. Ele realmente tinha a aparência de uma pessoa briguenta, o nariz quebrado em uma luta de boxe quando criança, orelhas disformes, cabeça raspada — mas ainda assim, uma boca excepcionalmente sensual e olhos lindos, gentis. Ele não era o que uma garota descreveria como bonito. Talvez aquilo fosse uma bênção, caso contrário eu teria me apaixonado por ele antes, e então tudo teria sido diferente.

Acontece que somente me dei conta de como ele era especial quando saí de Londres, e já era tarde demais para voltar atrás. E agora, cinco meses depois, ele não parecia querer voltar a me ver.

Carling estava na poltrona, olhando ao redor da cabine. Eu me perguntei se ele já havia entrado em um barco residencial antes.

— Você quer conhecer a cabine? — perguntei.

— É… Hum. — Ele parecia estranhamente envergonhado, como se eu o tivesse surpreendido olhando para algum lugar que não devia. — Não, tudo bem. Eu só achei… bonito aqui dentro. Você fez um bom trabalho.

— Obrigada.

— O que a levou a querer morar em um barco?

Sorri para ele.

— Não sei. Simplesmente, sempre quis fazer isso: comprar um barco e passar um ano reformando-o.

— Custa muito dinheiro?

— Eu tive um bom emprego em Londres, durante alguns anos. Consegui fazer uma

economia.

— O que você vai fazer quando terminar o ano?

— Não sei. Talvez continue morando no barco, posso tentar conseguir um emprego por aqui. Ou talvez volte para Londres.

Ouvimos alguns ruídos e gritos vindos do pontão. Estavam suspendendo o corpo. Mais tarde, Josie me contou que tinham quatro homens na lama usando galochas. Outros quatro estavam no pontão. Ela assistiu a tudo da segurança do *Titia Jean*. Haviam armado uma tenda, amarrada ao final do pontão, que balançava com o vento, pois não conseguiram prendê-la direito, e porque o estacionamento estava começando a ficar cheio de jornalistas. Cameron conversava com eles, enquanto ao lado do meu barco erguiam o corpo da lama e o colocavam sobre o pontão. Ela era pequenina, a Caddy, provavelmente não pesava mais do que cinquenta quilos, mas foram necessários oito homens para erguê-la.

— Vai ser estranho ter novamente um emprego normal depois disso, não é? — perguntou ele. Sua voz era jovial, um pouco forçada. Acho que estava tentando me distrair.

— Vai, sim. Não sei se serei capaz de aguentar. Mas o dinheiro não vai durar muito mais.

— Este barco funciona? Quero dizer, ele pode ir para algum lugar?

— Acho que sim. Nunca testei o motor. Essa parte está além da minha capacidade técnica, por enquanto.

— Você deveria fazer uma viagem, antes que o dinheiro acabe.

— É, talvez eu faça.

Houve um silêncio desconfortável. Eu queria fazer perguntas sobre sua vida, sobre como era o seu trabalho. Queria perguntar se era casado, o que fazia quando não estava trabalhando. Mas não consegui. Parecia errado fazer tais perguntas, considerando o que estava acontecendo do lado de fora.

— Quer beber alguma coisa, Sr. Carling? — perguntei, finalmente. — Um café?

Ele deu um sorriso reconfortante.

— Seria ótimo. Obrigado. E pode me chamar de Jim.

— Jim? Ok.

Coloquei o cobertor de lado e fui até a cozinha, enchi a chaleira na pia e deixei-a sobre o fogão. Pelo menos, eu conseguira limpar a cozinha pela manhã. Já que ele iria passar algum tempo no meu barco, poderia vê-lo em seu melhor estado.

— É um nome estranho para um barco — disse ele. — Ainda mais nas atuais circunstâncias.

— Acho que sim. Ele já tinha esse nome quando o comprei. Ao que parece, mudar o nome traz má sorte.

Voltei da cozinha e notei que ele estava olhando para as minhas pernas. Percebi que seu rosto corou. Coitado. Eu devia vestir uma calça.

— Mas pelo visto minha sorte não poderia ser pior, não é mesmo? — comentei.

— Acho que não se trata realmente de sorte. Seu barco é o mais próximo do rio; é normal que qualquer coisa acabe encalhando aqui.

Eu me perguntei a partir de que momento Caddy deixara de ser "ela" para virar "qualquer coisa". Pensar nisso me deu vontade de chorar.

Carling se levantou.

— Na verdade, gostaria muito de conhecer o resto do barco. Você não se importa?

— Vá em frente.

De onde estava, conseguia ver até o final do corredor, até a porta que dava no depósito da proa. Ele não entraria ali. Se o fizesse, pensei, veria apenas caixas, ferramentas de carpintaria, latas de tinta e pincéis. Mas ele não entraria ali. Pelo menos, não vestindo aquele terno.

Ele parou ao lado do meu quarto e olhou para seu interior.

— Gostei da claraboia — disse ele.

— Eu também. Gosto de acordar e olhar para ela. Principalmente quando está chovendo.

Ele disse alguma coisa, mas a chaleira começou a apitar e não ouvi. Despejei a água dentro das canecas, deixei-as na cozinha e voltei para onde ele estava.

Encontrei-o dentro do meu quarto, olhando para a claraboia.

— Desculpe, não ouvi o que você disse.

Ele teve um leve sobressalto e se virou para mim.

— Ah, disse apenas que era bem aconchegante aqui.

Nós nos encaramos por alguns segundos. Minha calça jeans estava no chão, ao lado de seus pés, o cobertor jogado sobre a cama.

— Eu deveria… me vestir.

— Ah, é claro. Sinto muito.

— Você pode terminar de fazer o café?

Sua face estava corada. Ele se espremeu para passar por mim e foi até a cozinha, enquanto eu vestia a calça jeans e escolhia um suéter bem fino, que não me fazia parecer um velho marinheiro.

— É melhor não ir até o banheiro — adverti-o, ao chegar à cozinha. — Preciso esvaziá-lo.

— Você tem que esvaziar o banheiro? — perguntou ele, me entregando uma caneca.

— Pois é. A gente se acostuma. Quando reformar o banheiro, vou instalar um reservatório maior, assim não precisarei esvaziá-lo com tanta frequência. Ou talvez uma fossa orgânica.

— Isso está começando a parecer menos idílico — disse ele.

— Para ser sincera, não estou muito animada para o inverno. Venta muito aqui.

Um celular tocou e eu me assustei. Carling enfiou a mão no bolso para pegar o telefone, enquanto meu coração disparava.

— Detetive Carling. Ok… Obrigado. Sem problemas. Tchau. — Ele bebeu um gole de café. — Eles concluíram a operação lá fora — disse ele. — Você vai ficar bem?

Assenti com a cabeça.

— Vou. Obrigada. Foi gentil de sua parte me fazer companhia.

— Obrigado pelo café. Terei que adiar a visita ao restante do barco para uma outra vez. — Ele anotou seu número de celular num pedaço de papel. — Ligue para mim, caso se lembre de outra coisa.

Eu me perguntei se os policiais sempre diziam isso.

Quando ele saiu, fechei a porta da casa do leme, tranquei-a e o barco me pareceu muito vazio e muito grande. Olhei para a porta fechada, indagando que circunstâncias poderiam trazê-lo de volta e me perguntando se deixá-lo conhecer bem o barco seria uma boa ideia.

Fiquei em silêncio por um momento. Eu deveria comer algo, pensei, mas estava sem

apetite. Meu café esfriava e não me sentia disposta a bebê-lo. Deveria tentar dormir, mas sabia que ficaria apenas deitada, remoendo tudo aquilo.

Por fim, comecei a varrer a serragem do quarto novo, espanando toda a poeira para começar a pintar. Voltei a funcionar no automático, o que foi um grande alívio. Liguei o rádio, assim poderia abafar o som de passos andando de um lado para o outro do pontão — o que estariam fazendo lá? Certamente, já tinham examinado tudo, colhido amostras e fotografado cada detalhe.

O barco tinha sido ideia do meu pai. Era um dos nossos principais tópicos de discussão, quando estávamos na sua oficina. Havia algum tipo de entendimento tácito de que aquele assunto só poderia ser abordado dentro daquele espaço sagrado, entre nós dois: se minha mãe soubesse, surtaria. Meu pai compartilhava seus sonhos comigo. Ele dizia que um dia compraria um barco para reformá-lo, e em seguida navegaria pelos canais e rios da Grã-Bretanha. Passávamos horas discutindo os méritos de uma embarcação fluvial em relação às casas flutuantes, se nós mesmos deveríamos fazer a instalação ou se era melhor comprar um casco e efetuar as soldagens também. Ele surrupiava revistas náuticas especializadas e as escondia sob a bancada, e nós procurávamos nos anúncios o barco dos sonhos, mas depois mudávamos de ideia e começávamos tudo outra vez. Fixávamos orçamentos imaginários e planejávamos a decoração interior. Eu pensava em um nome diferente para o meu barco a cada semana, mas papai tinha só um nome na cabeça. Seu barco se chamaria *Livin the Dream*. Eu tentava lhe dizer como aquele nome era ridículo, mas ele não se importava. Era seu sonho e sua escolha.

Um dia, minha mãe acabou encontrando as revistas, ao entrar pela primeira vez na oficina, dois meses depois do funeral dele. Ela as queimou no fundo do jardim, junto com a pilha de tábuas que ele planejava usar para montar uma cômoda com gavetas.

Após limpar toda a serragem, deixando o quarto com um perfume de pinho úmido, e depois de varrer e lavar o chão, me dei conta de que tudo estava calmo no pontão. Coloquei a cabeça para fora da casa do leme. Havia carros de polícia no estacionamento, e os portões estavam fechados — todos os outros carros e pessoas estavam do lado de fora. Cameron devia ter expulsado os jornalistas. O pontão estava como sempre estivera — vazio e se movendo conforme a maré. Se havia algo mais a ser encontrado na lama, tinham perdido a chance.

Aproveitei a oportunidade para cuidar do reservatório e esvaziei e limpei o vaso sanitário e o balde que eu usara durante a noite. Depois, esfreguei todo o banheiro e levei um saco cheio de roupas para lavar e joguei-as dentro da máquina, deixando-a funcionar enquanto tomava uma ducha quente. A mangueira funcionara bem no verão, mas agora o tempo esfriara e eu precisava começar a reformar logo o banheiro; não daria para ficar saindo por muito tempo, com as noites cada vez mais escuras.

Depois da ducha, me senti melhor e, voltando para o interior do barco, preparei um café fresco. Depois disso, fui para a lavanderia e coloquei a roupa lavada na secadora. Cameron estava no estacionamento, em cima de uma escada.

— Como estão as coisas? — perguntou ele.

— Tudo bem, eu acho — respondi. — Você está consertando os sensores de movimento?

— Estou. Alguma coisa danificou os fios.

— É mesmo?

Ele desceu da escada e me mostrou a ponta do fio que acabara de cortar. Parecia ter ficado preso em alguma coisa e se enroscado.

— Então isso quer dizer que o circuito interno de televisão também não funcionou — falei.

Cam concordou com a cabeça.

— A câmera número um funcionou, já que é alimentada pela sede. Somente as luzes se apagaram. E é claro que, sem luz, a câmera não consegue captar muito, mas talvez consigam ver alguma coisa, quem sabe.

Os carros de polícia ainda estavam no estacionamento, mas não havia sinal de alguém dentro deles. As luzes estavam acesas no *Souvenir*, e em mais alguns barcos. O sol se escondera e o vento ficara um pouco mais forte, enquanto as nuvens faziam parecer mais tarde do que realmente era.

De volta ao meu barco, o revestimento de madeira do novo quarto estava seco e resolvi que aquela seria a melhor hora para pintá-lo. Fui até o final do corredor e abri a porta que dava para o depósito. Estava escuro lá dentro, e frio. A lanterna que eu deixava na entrada havia desaparecido. Por alguns instantes, fiquei procurando por ela e então me dei conta de que provavelmente ainda estava no teto da cabine, onde a deixara na noite passada.

Acendi a lâmpada do corredor, uma que eu raramente usava, e a luz iluminou o suficiente do espaço cavernoso, mostrando onde se encontrava a lata de tinta e os pincéis que estavam dentro de um saco.

A luz brilhava diretamente dentro da proa, iluminando a caixa no fundo, onde estava escrito ARTIGOS DE COZINHA. Tentei desviar o olhar. Se a ignorasse por bastante tempo, até esqueceria que estava ali. Mas assim que preparei a tinta e comecei a pintar o revestimento liso de pinho, o pensamento não saía da minha cabeça.

Eu precisava me livrar daquilo. Precisava me livrar daquele pacote.

Dylan deveria ter vindo buscá-lo. Demoraria algumas semanas, dissera ele, talvez alguns meses. Mas cinco meses já era abusar da sorte. E ele não podia ficar onde estava. Se os policiais se dessem o trabalho de efetuar uma busca completa no barco, acabariam encontrando-o e aí eu estaria bem encrencada.

Trabalhei rapidamente, cobrindo a madeira de tinta. Alguns pedaços ficaram sem tinta, outros foram pintados duas vezes.

Passei a minha primeira noite no barco deitada no sofá da cabine — o único espaço realmente habitável na popa da embarcação, na época — e pensei em todos os esconderijos possíveis, em todas as opções. Era preciso guardá-lo em um lugar seguro. Tinha que ficar por perto, onde pudesse me certificar de que ainda estava lá, de que não haviam mexido nele. Tinha que ser um lugar seco e suficientemente oculto, de modo que ninguém o encontrasse por acidente.

A ponta da proa foi o local escolhido. Se imaginasse na época que precisaria escondê-lo por tanto tempo assim, teria incorporado um esconderijo melhor nos meus projetos de reforma do barco — uma parede falsa, talvez, um compartimento secreto atrás do revestimento. Agora, era tarde demais para isso.

A vigia era um círculo escuro e não havia nada além dela, senão o breu. O barco balançava suavemente, de modo quase imperceptível, sobre o rio. O vento soprava as ondas a partir do

estuário e, depois, pude escutar a chuva batendo na claraboia no corredor.

Terminei de pintar. O trabalho não estava muito bem-acabado. Pela manhã, passaria uma nova demão de tinta e tentaria me concentrar melhor.

Desliguei o rádio e o sossego pareceu cair sobre o barco como uma manta. Somente a chuva tilintando sobre o teto da cabine, sobre a claraboia. Era uma noite solitária para estar a bordo de um barco tão grande. Lavei o pincel na pia, pensando em preparar algo para comer. Ainda estava sem apetite.

Eu não queria mais pensar naquilo, mas ainda assim, a lembrança estava ali, em todo canto. O despertar, ainda meio ébria. O ruído. O corpo de Caddy batendo no casco do barco. Os fios do sensor automático do estacionamento lacerados e rompidos. Aquele carro, se afastando com os faróis apagados.

Sete

EU NÃO ESPERAVA que fosse conseguir dormir, mas de algum modo adormeci.

Deixei os dois telefones, o meu e o de Dylan, ao lado da cama, mas nenhum deles tocou. Fora a chuva, que ficou mais forte, e o suave balanço do rio, nada mais se movia na noite.

Quando olhei pela casa do leme na manhã seguinte, um dos carros da polícia ainda estava no estacionamento. Mas aparentemente não havia ninguém dentro.

Ainda chovia, então vesti meu casaco impermeável e levei um saco plástico até a lavanderia. Minhas roupas estavam dentro de um cesto, ao lado da secadora, perfeitamente dobradas. A máquina de lavar e a secadora ainda giravam. O cômodo estava quente e úmido, cheirando a amaciante de roupa. Enquanto colocava minhas roupas no saco plástico, Josie chegou para verificar as dela.

— Foi você quem dobrou minhas roupas? — perguntei. — Gentileza sua. Sinto muito, me esqueci de tirá-las da secadora ontem à noite.

— Sem problemas. Dormiu bem? — Seu olhar revelava preocupação.

— Nada mal, apesar de tudo. E você?

Ela riu.

— Eu sempre durmo profundamente. Nada é capaz de me acordar. O que é ótimo, pois Malcolm fica roncando ao meu lado.

— Josie — falei depressa, para que não tivesse tempo de mudar de ideia. — Eu estava pensando… será que o Malcolm poderia me dar uma mão lá no barco?

— Ora, querida, nem precisa perguntar. Você sabe que ele adoraria. Do que se trata?

Hesitei um instante, perdendo o entusiasmo.

— Eu queria… queria ver se o motor está funcionando.

Ela me encarou.

— E por que isso?

Encolhi os ombros.

— Por nada. Seria bom poder levar o *Vingança* para passear um dia desses.

— É muito mais complicado do que simplesmente botar o motor para funcionar, você sabe, não é?

— Sei. Só estava pensando que era uma pena ter um barco que não vai sair do lugar. Preciso de um novo projeto, só isso.

— Bem — disse ela, vagamente. — Vou falar com ele. Talvez, ele possa até ir junto se você quiser dar um passeio. Aonde gostaria de ir?

Estávamos começando a entrar em muitos detalhes. Eu deveria ter pedido ao Malcolm, não a Josie — ele não teria hesitado.

— Nenhum lugar em especial. Mas deixe para lá. Não é algo importante.

— Genevieve — disse ela com firmeza —, você não está preocupada com o que aconteceu

ontem à noite, está? Porque tenho certeza de que foi algo excepcional. Nós não vemos corpos sendo arrastados até aqui o tempo todo, sabe? Sei que o seu barco é o que está mais próximo do rio, mas não precisa se preocupar, não vai acontecer de novo.

Peguei o saco com as roupas lavadas.

— Tudo bem, Josie. Sério. Foi só uma ideia.

* * *

Eu estava guardando as roupas, quando escutei baterem na porta da casa do leme. Era Malcolm.

— Bom dia — disse ele animado.

— E então, como foram as compras ontem? Eu me esqueci de perguntar a Josie.

— Ah. Acabamos não indo. Muita coisa acontecendo por aqui.

Ele encheu a chaleira e a pôs no fogão, como se aquele fosse o seu barco e não o meu. Não me importei, embora ainda não me sentisse confortável para ir até o *Titia Jean* e fazer o que quisesse lá.

— Você está se referindo à polícia?

— É, os canas.

— Eles falaram com você?

— Ah, sim. Queriam entrar no *Jean*, mas eu disse que era muito apertado lá dentro. Acabou que fomos até a sede para conversar. Mas foi tudo bem. — Ele me olhou de soslaio. — Não sou fã dos canas, mas esses não eram tão ruins assim, para falar a verdade.

— Eu os achei simpáticos.

— Pois é, mas veja bem, há algo muito errado em relação àquele cadáver. Não acredito que tenha sido trazido pelo rio, para começar.

— Tenho tentado não pensar nisso, para ser sincera.

— E ele não apareceu ali assim, de repente.

— É, acho que não — respondi, suspirando.

Ele pegou duas canecas no armário e colocou uma colher de café em cada uma delas.

— A polícia está trabalhando com a hipótese de assassinato.

— Sério? Você tem certeza?

— Quando se trata de um suicídio, não vemos tantos policiais assim, e nem mesmo em caso de morte acidental. E eles não sabem quem é. Geralmente, quando encontram um corpo no rio, eles reconhecem como sendo alguém desaparecido. Isso significa que, ou ninguém comunicou o desaparecimento, ou então o corpo não é daqui. Talvez de Londres ou de algum outro lugar, não sei.

— Por que de Londres?

Ele fez uma careta.

— É bem possível, não acha? Só seguir pela rodovia A2. É o primeiro rio no caminho. Primeiro trecho com cara de campo.

— Imagino que sim.

— O que eu não entendo — disse ele, apontando uma colherzinha na minha direção — é por que justo no seu barco. Isso está me intrigando.

Eu o encarei.

— Talvez pensaram que o corpo seria arrastado pelo rio, se o deixassem no final do pontão.

— Talvez — disse ele. A chaleira começou a apitar. — Tenho a impressão de que foi colocado ali de propósito.

— O quê? — Minha voz soou estúpida, distante.

— Você veio de Londres para cá, não é?

— E daí?

Comecei a me sentir enjoada de repente. Como iria sair dessa? Como poderia voltar atrás no tempo, até o momento em que estava na lavanderia e pedi a Josie que Malcolm me ajudasse? Parecia que havia denunciado a mim mesma.

— Você nunca mencionou antes a vontade de sair com o barco.

— Foi só porque um dos policiais perguntou — respondi, desajeitadamente. — Ele quis saber se eu saía para passear com o barco. Isso de fato nunca passou pela minha cabeça. Só isso. Não tem nada a ver com o cadáver, não mesmo.

Ele sorriu, como se não acreditasse em mim. E de fato, por que acreditaria?

— Você não devia ficar apavorada, Gen.

— Não estou.

— Tampouco devia mentir para mim. — A chaleira apitou bem alto e ele apagou o fogo.

Malcolm me entregou uma caneca e foi sentar no sofá. Eu me sentia como se estivesse em uma entrevista de emprego que estava dando terrivelmente errado.

— Bem, na verdade, estou apavorada — falei, descontraída. — Fiquei cara a cara com um cadáver ontem à noite. Esse tipo de coisa não acontece em Clapham. Ou acontece muito raramente.

— Quando estava no exército, eu vi todo tipo de coisa. Vi um bocado de cadáveres, na Bósnia e em outros lugares. Isso fode com a cabeça da gente. Você acha que já conseguiu lidar com isso, mas não é verdade. Leva anos.

— Não sabia que você esteve no exército.

Ele fungou.

— Na verdade, não gosto muito de falar sobre isso.

Bebi um gole de café. Fazia frio na cabine. Eu me perguntei se devia pedir a Malcolm para acender de novo o fogo, dando-lhe assim algo no que pensar para evitar que voltasse a falar sobre o motor do barco.

— Eu nunca me senti com medo aqui antes, nunca me preocupei por estar sozinha. Este lugar sempre me pareceu tão seguro.

— Você não está sozinha. Pode contar com todos nós, agora.

— É, acho que posso. Ainda assim, gostaria de tentar fazer o motor funcionar. Você me ajuda?

O rosto de Malcolm se iluminou com um sorriso.

— Claro que ajudo, sua medrosa.

* * *

Uma hora mais tarde, Malcolm estava todo sujo, mexendo no motor.

Eu tinha dado uma olhada no motor, quando comprei o barco; Cameron havia apontado para várias partes da embarcação e eu assentia e sorria, como se entendesse o que ele estava falando. Como se estivesse prestando atenção. Graças aos anos de treinamento com meu pai na oficina, estava completamente preparada para fazer tudo o que fosse necessário em termos de restauração, e já fizera um bocado. À medida que ia trabalhando, tornava o *Vingança* um barco confortável e habitável. Mas o motor estava além da minha capacidade.

Evidentemente, Malcolm não parou de falar. Começou assobiando ao erguer a tampa do compartimento do motor.

— Ótimo.

— É mesmo?

— Parece bom, daqui — disse ele. — Talvez só precise de uma boa limpeza. Você já tentou ligá-lo?

Minha expressão vaga dizia tudo. Ele foi até a casa do leme e mexeu em vários controles. Nada aconteceu.

— Você carregou a bateria?

Claro que não havia carregado.

— O gerador é bem razoável, sabia?

— É?

— Isso é ótimo. Um novo custaria uma pequena fortuna, e você precisa de um gerador decente, se quiser navegar no rio. Senão, onde é que você vai conectá-lo?

Ele apontou para o pontão e para a tomada de eletricidade e a torneira de água.

— Não tinha pensado nisso.

— Há um bocado de coisas em que você provavelmente não pensou. Tem um pedaço de pano?

Achei alguns trapos velhos no depósito e os coloquei no convés, ao lado de Malcolm, e fiquei observando-o limpar a graxa das juntas, dos mostradores e das alavancas.

— Então — disse ele alegremente, se agachando —, enquanto faço isso, você pode me contar o que aconteceu em Londres.

Hesitei.

— Não tenho nada para contar.

Ele parou o que estava fazendo e me lançou um olhar penetrante.

— Você não precisa me contar — disse ele. — Só estou tentando manter uma conversa, nada mais.

E voltou a mexer no motor.

Não era que não quisesse lhe contar. Com certeza, seria bom poder contar para alguém — o problema era como começar.

E então visualizei a mim mesma, dançando. E como eu me sentia dançando. Tão livre.

— Bem, você já sabe que eu era dançarina — disse, calmamente.

Ele continuou mexendo no motor.

— Comecei dançando balé, quando era bem pequena. Continuei até os doze anos. Eu dançava bem, mas não o suficiente para integrar uma companhia de dança. Quando fui

rejeitada, passei a me dedicar à ginástica. Eu era boa nisso também.

— O que aconteceu? — perguntou ele, sem se virar.

— Bem, para começar, meu corpo começou a mudar e, de repente, já não tinha a forma física adequada. Depois, fiquei ocupada demais com a escola, e em seguida com a universidade. Basicamente, foi assim. Então comecei a trabalhar em Londres e a procurar aulas de dança, a fim de manter a forma. Pensei que seria uma boa ideia, uma boa maneira de cuidar da saúde. E aí, bem, o que aconteceu foi que descobri as aulas de *pole dance*.

— O que é isso?

— Dançar agarrada a um mastro.

— Ah.

— É, eu sei, pode rir.

— Não estou rindo. Parece uma boa ideia. Passa essa chave inglesa. Não, a outra.

Eu o observei por um momento, me perguntando se deveria seguir em frente com aquilo.

— Então? Você continuou com as aulas?

— Continuei, era divertido. Não é tão fácil quanto parece, sabe. É preciso estar em forma e ter bastante força física. Não é como as outras aulas de dança, nas quais você pode se sair bem se tiver alguma noção de ritmo. Era de fato um treinamento físico, mas adorei desde o começo.

— Aposto que você era boa nisso. Com todas as aulas de balé e a ginástica…

— Era mesmo. Você já foi numa boate onde tem isso?

Ele tossiu brevemente.

— Quer dizer, já. Mas as dançarinas não eram muito boas. Aposto que você era melhor.

Não consegui segurar a risada.

— Provavelmente, sim.

— Bem, isso é tudo o que posso fazer, até que a bateria seja recarregada. Tentaremos novamente amanhã — disse Malcolm.

Eu me senti um pouco desapontada, de repente, até perceber que sua intenção não era encerrar nossa conversa ali. Ele limpou as mãos num trapo imundo e me entregou sua caneca de café.

— Acho que, agora, eu tomaria uma caneca de chá, se não der muito trabalho para você. Vou só até o *Titia Jean* limpar as mãos direito. Volto em um minuto.

Dez minutos depois, estávamos sentados no sofá, as canecas fumegantes à nossa frente. A bebida quente me fez sentir bem. Eu acendera o fogão à lenha, mas demoraria um pouco até ele começar a nos aquecer realmente.

— Eu era ótima — continuei. — A instrutora era uma moça chamada Karina. Tinha trabalhado em algumas das principais boates e ganhado bastante dinheiro. Ela me disse que eu era melhor do que ela mesma. Falou que eu devia tentar. Dançar numa boate, quero dizer.

— E foi o que você fez.

— Eu precisava de dinheiro. Já estava planejando comprar um barco. Sabe, havia momentos em que adorava meu emprego de vendedora, e momentos em que o odiava também, mas sabia que não podia fazer aquilo a vida toda. É um trabalho terrivelmente difícil, sob muita pressão. Quando tudo está indo bem, é ótimo, mas se as coisas começam a desandar, então é medonho, é como lutar contra a correnteza o tempo todo. E eu tive uma espécie de

relacionamento com Ben, aquele da festa, que acabou não dando certo também. Então, senti necessidade de sair dali. Queria ter algum plano para o futuro e acabar com tudo aquilo. Resolvi que passaria o próximo ano me dedicando só ao barco.

— Só um pouco diferente do trabalho em Londres — disse ele.

— Exatamente. Consegui juntar uma grana, graças aos bônus e essas coisas. Mas ainda estava longe de poder comprar um barco, e já estava enjoada daquilo tudo, enjoada daquele emprego estúpido e das pessoas malucas com quem trabalhava.

— Então você começou a dançar numa boate? Era uma boate de striptease?

Foi aí que a situação começou a complicar.

— Era um clube fechado para "clientes especiais" chamado Barclay, perto da London Bridge. Karina me apresentou ao proprietário. Seu nome era Fitz. Eu não fazia a menor ideia de como eram esses lugares; nunca pisara em um antes. Mas me pareceu bom. A mensalidade para os membros era de centenas de libras esterlinas. As bebidas no bar, porra, sei lá, custavam uma grana preta. O lugar inteiro cheirava a dinheiro, havia quartos e bares separados, além de uma área VIP. O dinheiro era bom e fácil, em muitos aspectos.

Eu estava esperando a reação dele. Já tinha testemunhado algumas bem variadas da parte das pessoas às quais havia contado isso, ou daquelas que tinham descoberto tudo sozinhas. Normalmente, ficavam chocadas. Algumas vezes, hostis. Ocasionalmente, tinha a sorte de ouvir um "Que bom para você, menina" e ganhava um tapinha no ombro.

— Bem, não deixa de ser uma forma de arte, não é mesmo? — disse Malcolm. — De qualquer maneira, foi o que sempre pensei. Você pode contar com minha total admiração.

— Obrigada.

Ele ergueu sua caneca num brinde.

— Então, foi isso o que aconteceu em Londres — falei com determinação, achando que ele ficaria satisfeito. — Não é o tipo de coisa que se pode sair contando às pessoas, afinal de contas.

— Isso foi tudo?

— Eu era boa naquilo. Ganhei uma fortuna, mais do que ganhava como vendedora, e trabalhava apenas algumas horas nos fins de semana. E economizei até juntar o bastante para sair do meu emprego e conseguir comprar este barco.

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

— Faz sentido.

— É claro.

— Aposto que rolava também uns lances suspeitos.

— O que você quer dizer com isso?

— Esses lugares, você sabe, são cheios de drogas e coisas assim.

— Imagino que sim. Algumas meninas tomavam uns negócios para ficarem acordadas. Mas me mantive afastada desse lado da coisa, realmente. Tinha planos melhores para o dinheiro que estava ganhando.

Ele deu uma fungada e terminou o chá.

— É melhor não se meter com essas paradas, sabe. Tem sempre umas pessoas sórdidas presentes nessas boates.

— Tem mesmo — concordei.

Ele olhou para o seu relógio de pulso.

— É melhor eu me mandar. Disse para Josie que só ficaria fora por dez minutos.

Senti um enorme alívio.

— Ah, tudo bem. Obrigada pelo, você sabe, motor.

— Sem problemas. Amanhã vou dar outra olhada, quando a bateria já estiver carregada. Josie ainda quer que eu a leve para fazer compras para aquela merda de casamento; não sei por que não podemos ir do jeito que estamos; já tem roupas demais enchendo nosso barco.

— Você tem razão.

Ele parou nos degraus e olhou novamente para mim. Seu rosto estava enrugado e sério.

— Você não está sozinha, Gen. E sabe disso, não é? Estamos aqui para você. Não precisa se preocupar.

Eu sorri.

— Obrigada.

Observei-o pela porta da casa do leme até ele alcançar o convés do *Scarisbrick Jean*. O barco estava silencioso. Até mesmo a chuva cessara.

Oito

SE NÃO FOSSE a Karina, eu nunca teria conhecido Dylan, ou Caddy — pois foi ela quem marcou o encontro no Barclay. Um teste, acho que era isso — com Fitz, o dono da boate.

— Ele é um cara legal — dissera ela. — Você vai se dar bem com ele. E ele vai *adorar* você.

Ele não aparecia por lá com muita frequência; não precisava. Na verdade, depois acabei descobrindo que não era ele quem fazia testes com todas as garotas; costumava deixar isso para o gerente da boate, David Norland. Por algum motivo, Fitz quis me ver pessoalmente.

Eu e a Karina tínhamos elaborado um número juntas. Tinha sido divertido dançar em torno de cinco mastros numa sala no andar de cima, em Clapham; eu, Karina e várias outras meninas de tamanhos e habilidades variados. Era engraçado, mesmo quando machucava as pernas e esfolava a palma das mãos e a parte interna das coxas por causa da fricção, mas depois de um tempo me acostumei. Eu tinha aprendido todos os movimentos básicos, os intermediários e avançados, e então comecei a treinar sozinha novos movimentos e combinações, ou tentar alguns que vira na internet. Não era só para manter a forma, àquela altura. Era um desafio. E então eu tive uma conversa com Karina.

— Você deveria treinar para ser instrutora — sugeriu ela. — Você podia me ajudar dando aulas.

— Não — respondi, vestindo minha calça jeans, certa noite, após o ensaio. As outras garotas já haviam ido embora; eu ficara para ajudá-la a desmontar os mastros e guardá-los no depósito.

— Você seria ótima nisso — insistiu ela. — Poderia ganhar uma grana extra.

— Obrigada pela oferta, mas preciso de um bocado de dinheiro. Muito mais do que poderia ganhar com isso.

— Como assim?

Então lhe contei meus planos. Acabamos indo embora juntas e, mesmo sem tocar mais no assunto, entramos no pub ao lado. Estava cheio de homens, bebendo depois do trabalho, com as gravatas frouxas. A imensa televisão de tela plana transmitia um jogo esportivo.

— Você deveria então pensar em dançar.

— O quê?

— Numa boate. Lá você ganharia muita grana.

— Você quer dizer, dançar numa boate de striptease?

— Um clube de cavalheiros, é assim que chamam.

— Jura? Você acha que eu seria capaz?

— Claro que sim. — Ela estava olhando para mim, seus enormes olhos azuis arregalados.

— E por que você não faz mais isso?

Ela riu.

— Minha validade já expirou — respondeu ela. — Na verdade, acho que ainda poderia

continuar. Mas os shows são tarde da noite, sabe? Fica difícil, com as crianças.

Naquele momento, eu ri um pouco da ideia, enquanto terminava minha bebida e ouvia Karina me contar sobre os clubes, como era divertido às vezes, e difícil em outras ocasiões, mas, sobretudo, a quantidade de dinheiro que se podia ganhar se você fosse razoavelmente boa nisso.

Na semana seguinte, perguntei-lhe novamente, depois da aula. Ela se ofereceu para me apresentar a um cara para quem já trabalhara, o dono de um clube no South Bank. Ela ligou do seu celular e, antes que pudesse mudar de ideia, marcara um encontro com ele. Fitz.

Para falar a verdade, eu não tinha levado a ideia muito a sério, quando Karina sugeriu-a pela primeira vez. Seria ótimo ter outra fonte de renda, além do meu emprego durante o dia. Pensei que poderia ser divertido passar a noite numa boate legal e, ao mesmo tempo, ganhar dinheiro. Mas se ele tivesse dito não, eu teria dado as costas e nunca mais pensado no assunto. Foi por isso que apareci no clube com lingerie preta e simples sob a blusa e a saia que usava para trabalhar — nada especial. Nem lembro se estava maquiada.

O clube não estava aberto; eram sete horas da noite de uma sexta-feira. Toquei a campainha da entrada principal de um prédio georgiano majestoso, perto do rio. Um homem de terno abriu a porta.

— O que você quer?

— Estou aqui para falar com o Sr. Fitz — respondi, com a mesma voz que usava quando tinha que entrar em contato com um diretor de compras. Eu me pergunto o que ele pensou de mim. Era alto, forte, com uma tatuagem no pescoço, algumas letras góticas ilegíveis envolvidas por linhas trançadas. Estava faltando um pedaço da sua orelha.

— Você quer dizer com o Fitz — disse ele, conduzindo-me por um lance de escada e entrando num corredor calmo e suntuoso. Havia algumas obras de arte nas paredes, além de candelabros. — Ninguém o chama de Sr. Fitz.

Fitz se encontrava num dos escritórios do clube, falando ao celular, sentado na extremidade de uma mesa vazia, exceto pelo telefone e um monitor que aparentava ser novo, com teclado sem fio e mouse.

Ele acenou para mim e apontou para uma cadeira no canto. Enquanto conversava usando gírias do sul de Londres com a pessoa do outro lado da linha, observei seu terno caro e seus sapatos feitos sob medida. Seu cabelo preto estava cortado bem curto, os olhos escondidos atrás de óculos escuros. Num ambiente fechado. Achei que parecia um babaca.

— …falou, cara. Não. Não o tenho visto… É, se quiser. Pode ser. Certo. Até mais então, camarada. — E desligou.

Dei-lhe meu melhor sorriso.

— Você deve ser a divina Genevieve — disse ele. Seu sotaque de Peckham sumiu sem muita dificuldade.

— Prazer em conhecê-lo — falei, estendendo minha mão.

— Karina me disse que você é uma moça especial.

— Você é quem deve decidir isso.

Ele concordou, satisfeito.

— Você nunca fez isso antes?

— Não, nunca.

— Já esteve num clube como este antes?

Balancei a cabeça.

— Muito bem — prosseguiu ele, estendendo a mão para me ajudar a levantar. — Vamos ver o que você é capaz de fazer, Genevieve. Depois, vou pedir ao David para mostrar o clube. Tem alguma preferência musical, ou serve qualquer coisa que estiver tocando?

Voltamos para o andar debaixo e atravessamos a porta ao final do corredor, que se abriu para a parte principal da boate. Havia cabines privativas, mesas e cadeiras em torno da pista de dança, cortinas pesadas, almofadas, iluminação discreta. O local tinha três palcos, com um mastro em cada um. Eu imaginei se ele esperava que eu fosse me despir completamente. Esperava que não.

Ele apontou para o maior palco.

— Pode começar.

Vindo da cabine escondida do DJ, escutei as batidas de abertura de "Grounds for Divorce" de Elbow num volume ensurdecedor. Tirei os sapatos e comecei a circular o mastro descalça, segurando-o com a mão, antes de me erguer, fazendo uma curva e girando… e lá estava eu. Despi minha saia rapidamente e continuei dançando só de calcinha, desabotoando minha blusa e deixando-a solta enquanto me movia. Comecei com o número que tinha praticado com Karina, adaptando os movimentos aos trechos mais lentos da música e, após os primeiros trinta segundos, entrei no ritmo e comecei a me divertir de verdade. Cheguei até a acrescentar algumas piruetas. A música acabou de repente e, apesar de estar com as bochechas um pouco coradas, não tinha feito muito esforço.

Da plateia abaixo do palco, veio um leve aplauso.

— Muito bem, querida. Ótimo. Diferente, mas no bom sentido. O que você achou, David?

Havia outro homem com ele. Eu não o tinha visto chegar, mas ele estava sentado ao lado de Fitz. Vestia um elegante terno cinza, tinha o rosto fino e cabelo louro e curto.

— É. Ela serve.

— Venha sentar-se comigo, minha bela Genevieve.

Vesti minha saia e desci do palco. Caminhei pelo chão atapetado, abotoando minha blusa e fui me sentar à mesa com os dois homens. Minha conduta, ao me sentar, voltou a ser a de uma profissional.

Norland recitou o regulamento.

— Muito bem, é assim que funciona. Você pode começar esta noite, como experiência. Se os clientes gostarem de você, voltaremos a chamá-la e dessa vez para uma noite inteira. Isso significa no mínimo cinco apresentações no palco, ou mais, se solicitarem. Você pode fazer danças particulares no mastro dentro da Sala Azul. Entre uma e outra dança no palco, você senta com os clientes e bebe algo com eles — receberá uma comissão nesse consumo e trinta libras por cada *lap dance*. Nada de trabalho por fora. Não aceite números de telefone e não encontre os clientes fora do clube. Se levar clientes para a área VIP, será paga conforme o tempo que passar lá, cerca de duzentos por hora, mais gorjetas. A casa cobra uma taxa de cinquenta por noite. Está de acordo?

— E se eu não gostar?

Os dois riram.

— Você não está a fim de ganhar até mais de mil libras por noite? — perguntou Norland.

— Posso ganhar isso facilmente com meu emprego — respondi. Não era totalmente verdade, mas eles não precisavam saber. — Estou fazendo isso porque gosto de dançar.

Fitz sorriu, um sorriso surpreendentemente caloroso.

— Você vai gostar, eu garanto. Caso contrário, não precisa voltar. Combinado?

Assenti.

— Obrigada.

— Nome artístico — disse Fitz. — O que você acha, David?

— Acho que Genevieve já é ótimo — respondeu ele.

— Não seja idiota — replicou Fitz, olhando firme para mim. — Ela não pode usar o nome verdadeiro. Que tal Viva?

— Viva — repeti.

Norland concordou.

— Vou colocar esse nome na lista de hoje à noite.

Quando ele me levou para visitar o local, duas coisas me surpreenderam: primeiramente, o lugar cheirava a dinheiro, dinheiro de verdade; e em segundo lugar, Norland era um verdadeiro babaca. Condescendente, astucioso e cheio de si. Ele usava sua loção pós-barba como se fosse uma arma.

— Aqui é o camarim — disse, conduzindo-me por uma discreta porta que tinha a placa "Área reservada para funcionários", atrás do palco. — Você poderá disputar com as outras meninas uma penteadeira, quando estiver trabalhando.

— Não há uma para cada dançarina? — perguntei. Mas devia ter ficado calada.

— Temos várias meninas trabalhando aqui nos fins de semana — respondeu ele. — Não há espaço para os egos.

Voltamos para a parte principal do clube e depois seguimos por um corredor lateral. Fora da pista de dança, os tapetes eram espessos e nossos passos, silenciosos. As portas ao longo do corredor eram nomeadas: Harem, Justice, Boudoir. Norland parou ao lado da última porta que tinha a placa de metal: "Sala Azul". Era chamada assim por conta da decoração, eu supunha: papel de parede de um azul-vivo com detalhes dourados, pesadas cortinas de veludo atadas com espessas cordas bordadas de ouro. No centro do cômodo havia uma área circular em parquete e um mastro dourado erguido no meio. O teto daquela sala era mais alto e o mastro se estendia até uma cornija de reboco ornamentado.

— Uau — exclamei, passando a mão no mastro.

Norland deu uma risadinha nervosa.

— O tamanho é tudo, hein?

Não respondi.

— Você consegue subir até lá em cima? — perguntou ele olhando para o alto.

— Claro que sim — respondi friamente.

— Não são todas as meninas que conseguem. Na verdade, a última a conseguir foi Karina, há cinco anos.

Fiquei entusiasmada com a altura daquela sala. Os mastros nunca me pareceram um grande desafio. Gostava da ideia de ir subindo até o alto da sala e depois descer em espiral até o chão. Seria preciso elaborar novas combinações de movimento para aproveitar toda a extensão do mastro.

Ele me mostrou o restante do Barclay Gentlemen's Club. Os dois bares, sendo que um deles ficava no subsolo com uma entrada separada numa rua perpendicular; a área da recepção, o vestiário dos clientes; as várias cabines privativas e as salas VIP em torno da pista de dança.

— Arrume algo bonito para vestir mais tarde — disse ele, enquanto voltávamos para a entrada. O lugar parecia mais um hotel do que um clube. — Você vai precisar de um vestido elegante para usar até a meia-noite. Depois pode se trocar e colocar algo que deixe seu corpo mais à mostra durante as danças. Venha também com uma lingerie decente.

— Tudo bem — respondi. O cara era um saco.

— Pode chegar depois de dez e meia. Quando vier mais tarde, procure por Helena. Você vai dançar provavelmente lá pelas duas ou três horas. Desde que esteja aqui na hora da sua dança, tudo bem. Se chegar atrasada, receberá uma multa e poderá não se apresentar. Está bem assim?

— Ótimo — respondi, e saí para as calçadas de Londres.

Nove

COMI UMA TORRADA no jantar. Era o primeiro alimento sólido que eu ingeria em mais de vinte e quatro horas, e ainda assim foi difícil. Parecia seca, áspera e não tinha gosto algum.

Eu estava sentada na sala de jantar, olhando para o pedaço de papel que Carling me dera, com seu número de telefone. Ao lado, sobre a mesa, encontrava-se o cartão de Andy Basten.

Detetive Andrew Basten
DIVISÃO CRIMINAL

Por que Carling não tinha um cartão como aquele? E para qual dos dois eu deveria telefonar se precisasse? Para o número do cartão oficial e elegante de Basten, com a insígnia da polícia de Kent? Ou para o número de Carling anotado à mão num pedaço de papel, um garrancho, apesar de legível? Ele deixou apenas um celular. Eu imaginei o que ele fazia quando estava de folga. Ficava em casa com a esposa? Esposa… filhos, talvez? E um cachorro. Devia ter um cachorro. E uma esposa com profissão nobre, talvez professora. Ou enfermeira. Ou quem sabe também fosse policial. E encontrava os dois filhos sentados na mesa de jantar, ocupados com os deveres de casa, quando retornava para casa após um dia árduo de perseguição a criminosos. Daria um beijo na testa de cada um deles — um menino e uma menina — e perguntaria à esposa o que iriam jantar, enquanto o cachorro o rodeava, abanando alegremente o rabo. Ele abriria uma garrafa de vinho e a beberiam toda, juntos, Jim Carling e sua esposa, quando as crianças fossem dormir.

Ou talvez fosse divorciado. Ele tinha um ar irritadiço, concluí. Talvez sua esposa tivesse fugido com outro homem — outro policial; sempre faziam isso — e o deixado sozinho para cuidar de uma casa imensa.

Ou era casado, e tinha casos com outras pessoas, pessoas como eu, mulheres vulneráveis que encontrava no exercício de sua profissão. Vítimas. Ele escolhia uma que lhe agradasse e fazia com que dormisse com ele.

Mas eu não era uma vítima, era? Ainda não, pelo menos.

Por alguma razão, logo em seguida pensei em Ben. Ele poderia ter me ligado, pelo menos para agradecer pela festa. Nenhum deles fizera isso. Nenhum deles fazia a menor ideia do pesadelo que se sucedeu à sua partida. Tinham ido para a porra de um pub e, depois, Deus sabe para onde, retornando a Londres no final da noite, sem nem mesmo dizerem um obrigado ou até logo. Eram uns merdas, todos eles. Especialmente Lucy. Eu me lembrei do que ela falara para Malcolm, o tom da sua voz quando Malcolm lhe disse que ela teria inveja do meu barco um dia.

"Duvido muito."

Não me importava com o que ela pensava, de qualquer maneira. Sua opinião deixara de ter

importância para mim há muito tempo.

Lucy fora uma das pessoas que tivera dificuldade em aceitar meu trabalho de dançarina.

Foi Ben quem contou para ela, é claro; de outro modo, ela nunca ficaria sabendo. Acho que foi uma vingança de sua parte por eu ter terminado nosso estúpido e insensato relacionamento desastroso. Lucy e eu estávamos no pub numa sexta-feira, após o trabalho, bebendo taças enormes de vinho branco gelado, detalhando o pesadelo de nossas apresentações de venda de soluções de softwares para uma diretoria repleta de homens. Nós sofríamos um bocado com isso. Os caras que integravam nossa equipe eram extremamente competitivos, dedicados e ocasionalmente bem sórdidos. Lucy se saía bem porque era filha do diretor executivo, mas ela se irritava com toda a testosterona com que precisava lidar. A questão de gênero não me incomodava tanto porque conseguia superar isso trabalhando com afinco, e assim atingia frequentemente minhas metas de venda. Tínhamos uma aliança, ou algo parecido, porque Lucy precisava de alguém com quem se queixar. Mas, fora isso, tínhamos pouco em comum.

— Ben me falou onde você estava ontem à noite.

Bebi um gole de vinho e olhei para ela. Havíamos saído com alguns clientes na noite anterior e eu fora embora mais cedo, em vez de ficar, como costumávamos fazer, nos embriagando de forma patética. Eu lhe dissera que estava com dor de cabeça, mas na verdade tinha que ir para o Barclay.

— Você é stripper. — disse ela.

— Sou uma dançarina.

— Você tira a roupa por dinheiro.

— Muito dinheiro.

Ela hesitou, pude perceber. E nesse momento quase consegui uma justificativa para o que fazia. Ela sabia como era difícil conseguir dinheiro. Estava a ponto de me perguntar: *Quanto dinheiro?* Mas então, o momento passou.

— Isso é uma exploração — disse ela. — Você sabe como trabalhamos duro, nos esforçamos o dobro que vários deles, e ainda assim não obtemos o mesmo reconhecimento.

— Isso não tem nada a ver com o trabalho na boate. Faço isso porque quero — respondi. — E se alguém está sendo explorado, certamente não sou eu. Os homens aparecem e gastam muito dinheiro, me vendo fazer algo que gosto. E eu me sinto ótima, para falar a verdade.

Naquele exato instante, três homens da nossa equipe de vendas se aproximaram e se juntaram a nós, o que fez com que a conversa retomasse seus tópicos habituais: quem tinha o melhor carro, o melhor contrato de vendas, mais colhões. Lucy nunca mais tocara no assunto, até a festa da noite anterior. Apesar de suas convicções supostamente feministas, eu não conseguia desconsiderar a ideia de que, na verdade, ela sentia um pouco de inveja.

Fora Lucy e Ben, a maior parte dos meus amigos não sabia o que eu fazia todas as noites de sexta e sábado e, algumas vezes, na de quinta e domingo também. Eu só precisava chegar no clube depois das onze horas, e assim conseguia levar minha vida social normalmente e, quando eles resolviam ir para uma boate, ou voltar para casa, eu ia para o Barclay e ganhava uma fortuna.

Mais de uma vez, tinha passado pela minha cabeça contar para eles. Se algum deles tivesse

me perguntado diretamente, eu não teria mentido. Mas ninguém parecia se incomodar; quando dizia que estava indo para outro lugar, eles falavam apenas "Ok, tudo bem" e acenavam para mim, ao entrar em alguma boate, ou na casa de alguém, ou em outra festa.

* * *

Eu estava deitada na cama, sem conseguir dormir. A claraboia era um retângulo negro, em um tom de alguma forma mais claro do que o restante do quarto. Quando fechava os olhos, ainda podia ver aquilo. Era como a abertura, a entrada de um túmulo.

Estava fisicamente cansada, mas minha mente fervilhava. Malcolm tinha razão: eu estava apavorada. Durante o dia, era fácil fingir que tudo aquilo não estava realmente acontecendo, era fácil acreditar que, talvez, o corpo que vi não era o de Caddy, afinal. Eu vira seu rosto apenas de relance, a água suja do rio Medway cobria-o, deixando-o como uma reverberação branca sob o foco da minha lanterna. Poderia muito bem ser outra pessoa qualquer: um corpo trazido pelo rio, um suicida, alguém desaparecido.

À noite, as coisas eram bem diferentes.

Desde o primeiro dia que passei na marina, nunca me sentira de fato sozinha. Mesmo após anoitecer, dava para ouvir a agitação dos outros barcos, o barulho distante de alguma televisão, os gritos dos filhos de Diane e Steve, o trânsito na rodovia, o som dos trens Eurostar ou Javelin em alta velocidade sobre os trilhos a pouco mais de um quilômetro dali. Os demais moradores estavam sempre próximos; isso foi confirmado na noite passada, tentei tranquilizar a mim mesma. Eu havia berrado e, em menos de um minuto, pelo menos cinco pessoas tinham vindo de seus barcos para ver o que estava acontecendo. Ainda assim, não conseguia relaxar.

Um celular começou a tocar.

Sentei na cama, meu corpo estava tenso e alerta. O toque parecia vir de muito longe, como se viesse de outro barco.

Afastei o cobertor e abri a porta do quarto. O som do telefone ficou mais alto.

Parecia ainda mais alto na sala de jantar. Mas não era o meu telefone, que estava carregando sobre a mesa. Era o de Dylan.

Finalmente o encontrei, enfiado atrás do sofá, onde eu o tinha jogado, quando Carling apareceu na cabine. Ainda estava tocando. Na tela aparecia o nome GARLAND.

Senti um surto de alegria e um alívio extraordinário.

— Alô?

O outro lado da linha estava em silêncio.

— É você? — perguntei, com a voz trêmula.

Nenhuma resposta. Talvez alguém respirando? Eu tinha certeza que havia alguém.

— Fale comigo — pedi. — Por favor, diga alguma coisa. Por favor.

Nada.

Desliguei, joguei o aparelho de novo no sofá e comecei a chorar. Esperei um instante para ver se tocava novamente, mas não tocou. Não havia barulho algum, somente o silêncio do barco e o som de meus soluços.

Muito embora ele não tivesse dito sequer uma palavra, aquilo me pareceu um adeus. Ele

sabia sobre Caddy; ele devia imaginar o caos alucinante que a minha vida se tornara… Por que ele não estava aqui? Por que não me telefonara para me dizer o que fazer ou marcar um encontro, pelo menos? Ele não se importava nem um pouco comigo, na verdade. O que quer que tenha havido entre nós, naquela única noite juntos, que eu interpretara como sendo mágica, para ele não significara nada.

Voltei para a cama e enterrei a cabeça no travesseiro até parar de chorar.

* * *

Horas depois, ainda acordada na cama, observando a claraboia, os olhos secos e cansada demais para me mexer, eu tinha afastado a ideia de que ele não se importava com o que acontecera comigo e me senti completamente diferente.

Afinal, ele tinha telefonado. E não havia, apesar da minha dúvida horrível, dito adeus. Não dissera coisa alguma. Por que faria isso? Num acesso de pânico, imaginei se ele estaria em apuros. Ele tentara me ligar, mas de algum modo fora impedido? Será que estava precisando de ajuda? E o que eu poderia fazer se fosse o caso?

Dez

EU SEMPRE ME orgulhara da minha capacidade de adaptação a quaisquer mudanças em meu ambiente de trabalho, mas dançar no Barclay foi uma curva abrupta na minha linha de aprendizado.

Depois do teste, vasculhei meu armário em busca de alguma roupa que fosse apropriadamente dramática e sexy. Finalmente, decidi pelo vestido de veludo azul-escuro que havia usado no último jantar de negócios. Achei também algumas blusas e saias, que vestia para ir a alguma boate com meus amigos. E lingerie. De renda preta com lacinho cor-de-rosa.

Não sabia se serviria.

Eu não estava nem um pouco nervosa, quando voltei lá. O clube já estava se enchendo de gente, a música alta o bastante fazendo com que as garotas precisassem se curvar para conversar com os clientes, mas não tão alta a ponto de impedi-las de ouvir alguém as chamando.

Encontrei Helena atrás do balcão. Ela era uma mulher baixa e em torno dos quarenta anos, com uma expressão que dizia "não encha meu saco". Ela nunca pareceu feliz, durante o tempo em que trabalhei lá; mesmo quando ria, parecia irritada. Prendia o seu cabelo preto no alto da cabeça, o que lhe dava alguns centímetros a mais, e usava sapatos de salto agulha.

— Já trabalhou antes? — perguntou ela, anotando meu nome numa lista atrás do balcão.

— Não — respondi. Achei que não estava se referindo a trabalho em geral.

— Já lhe disseram o regulamento?

— Acho que sim. Nada de confraternização, essas coisas, não é?

Ela sorriu para mim, ou talvez estivesse fazendo uma careta.

— Nada de confraternização. Gostei dessa. Se você for boa e quiserem que volte, precisará estar pronta aqui no clube, até às onze horas. Se chegar atrasada, será multada.

O camarim ainda estava lotado, embora muitas das meninas já estivessem no palco. Achei um banco alto e andrajoso e coloquei minha bolsa perto dele, tirando a calça jeans e colocando o vestido, enquanto as garotas ao meu redor me ignoravam completamente. Falavam todas juntas, rindo, gritando, e o lugar era uma bagunça com tantos tecidos, maquiagens e névoas de perfumes concorrentes.

— Posso sentar aqui? — perguntei, empurrando o banco andrajoso para mais perto do espelho. Uma moça loura estava terminando de retocar o brilho nos lábios.

— Tanto faz — disse ela. — Eu já acabei.

Fiquei com o espelho só para mim. Em poucos minutos, o camarim se esvaziou, restando somente eu e a outra garota. Ela era mais baixa do que eu, mesmo usando sapatos de saltos extremamente altos; seu cabelo era castanho e longo, seus olhos, azul-claros.

— Você é nova aqui? — indagou ela.

Assenti com a cabeça.

— É assim tão óbvio?

— Não, é só porque você ainda não foi lá para fora. Está desperdiçando dinheiro, sabia?

— Eu só me apresento mais tarde.

Ela riu.

— Nossa, você é mesmo nova por aqui, não é? Só porque não está no palco não significa que não esteja trabalhando. Você devia estar lá fora, assediando os caras.

Olhei para ela, confusa.

— Você vai lá e conversa com eles, faz com que paguem uma bebida, dança um pouquinho, tenta levá-los para a área VIP — disse ela, com pena de mim. Eu devia estar parecendo apavorada, ou perdida, ou então, simplesmente uma idiota. — Quer que eu mostre para você?

— Sim, por favor.

— Ok— disse ela —, mas se algum dos meus clientes chegar, você se vira sozinha, certo?

— Obrigada. Como você se chama?

— Meu nome no clube é Kitten. Mas aqui pode me chamar de Caddy.

— Caddy, como em *O som e a fúria*?

Ela olhou para mim, os lábios com brilho formando um "O" perfeito. Pensei que ela ia perguntar que merda era aquela que eu estava falando, mas acabou que estávamos nos entendendo.

— Você o leu?

— Claro.

— Nunca conheci ninguém que já tivesse lido esse livro. Qual é o seu nome?

— Genevieve. Mas acho que vão me chamar de Viva.

— Viva? Não é um modelo de carro antigo? Meu pai tinha um desses.

Nós duas rimos e aquilo foi o começo de uma amizade — Viva e Kitten. As outras garotas do clube entravam e saíam; as russas e as polonesas ficavam juntas, assediando os caras dentro e fora do clube, quebrando as regras sempre que podiam. Outras formavam uma panelinha e saíam juntas em suas noites de folga; mas nunca me aproximei delas, não como me aproximei de Caddy.

Naquela primeira noite, ela me levou para o salão e ficamos andando e cumprimentando as pessoas, parando para algumas conversas rápidas. Eu a observava e aprendia, me sentindo um pouco como uma menina numa escola nova.

"Vocês se importam se sentarmos aqui um pouco?... É uma ocasião especial, não é, rapazes?... Ah! Parabéns! Você não quer dançar comigo?... Isso, essa é Viva. Ela é nova aqui. Não se preocupem, sei que vão cuidar da gente, não é mesmo?... Ah! Vou ter que deixar você sozinho, então. Vão me mandar sair daqui, se ficar muito tempo sentada... Então, vamos para a área VIP, lá você poderá ter toda a minha atenção por quanto tempo quiser... Vocês deviam beber doses mais fortes, rapazes, especialmente se é o aniversário dele..."

Eu me sentia um tanto enjoada, pensando que em poucas horas estaria tirando toda a minha roupa num lugar cheio de desconhecidos. Parecia surreal, e observar as outras garotas se revezarem no mastro só me fazia sentir pior. Ficava de olho no palco, enquanto eu e Caddy sentávamos com vários grupos de clientes, e eu tentava entender como tudo aquilo funcionava. Alguém anunciava a garota no palco com palavras quase inteligíveis, o que me lembrou uma

feira. Ouvia-se então breves aplausos, talvez, apenas audíveis acima da música. Ela dançou duas faixas, a primeira vestida e, a outra, se despindo. A primeira menina que se apresentou era boa, fazia diversos movimentos e dava piruetas, que variavam na segunda dança. Quando desceu do palco, ela foi bastante aclamada pela pequena multidão em torno do mastro. A segunda dançarina, ao contrário, era um lixo — ficava apenas andando ao redor do mastro, rebolando e dando alguns giros, formando um espiral insípido e pronto, e isso era tudo.

Aquilo me confortou um pouco. Até eu poderia fazer melhor.

Acabou que fiz minha primeira *lap dance*, antes mesmo de me apresentar no palco. Felizmente, pude assistir a Caddy antes e, embora a minha performance tenha sido bem desajeitada, o rapaz para o qual eu dançava já estava tão bêbado que mal tinha consciência do que estava acontecendo.

— Depois, fica mais fácil — disse Caddy para mim, enquanto andávamos pelo clube, em busca de novos alvos. — O segredo é procurar os que estão de porre, mas não tanto a ponto de terem esquecido o que estão fazendo aqui. Há uma tênue diferença.

Depois disso, foi minha vez de subir ao palco. Meu coração batia acelerado, enquanto esperava que anunciassem meu nome. *É só um trabalho*, pensei. *Você é capaz. Você vai conseguir*.

— Uma salva de palmas para Viva, é sua primeira noite!

Nos primeiros minutos, ninguém estava prestando atenção. Comecei com saltos e rotações fáceis, o que pareceu não agradar muito. Um giro carrossel com um *back hook* conseguiu atrair alguns olhares. Depois fiz uma inversão rápida e uma inversão *split* no alto. Tirar a roupa enquanto dançava em torno do mastro não foi tão fácil quanto eu pensava — mas isso não parecia importar. A essa altura, havia vários clientes em volta do palco e alguns aplaudiam, começando a se entusiasmar. Isso me deu mais coragem. Desci em espiral até o chão, fiz alguns movimentos como *seat* básico, *knee hold*, crucifixo invertido. E a música chegou ao fim. Peguei minha roupa e meu sapato e saí discretamente do palco.

Logo em seguida, esbarrei com Caddy no momento em que saía do camarim.

— Venha conhecer Nigel e Tom — convidou ela. — Eles adoraram sua apresentação, estão procurando por você.

Eu estava ofegante e transpirava um pouco, a adrenalina tomava conta de mim. Não conseguia parar de sorrir. Eu tinha conseguido, e não havia sido realmente muito difícil — na verdade, havia sido divertido. Percebi os rostos se virando na minha direção — tinham gostado de mim, e eu mal começara. Horas depois, eu estava ao lado de Caddy no camarim, tão cansada que nem conseguia raciocinar direito, enquanto ela removia os cílios postiços.

— Você se saiu muito bem — disse ela — para uma primeira noite.

— Obrigada. Mas não teria conseguido me virar, se não fosse por você.

— Imagina. Quer mais alguns conselhos?

— Claro.

— Você precisa de um bronzeado — disse ela, entregando-me um estojo de maquiagem. — Assim você está ofuscando os caras sob os refletores.

Eu tinha muito a agradecer a Caddy. Nem todas as garotas eram assim tão prestativas — visto que todas nós, de fato, competíamos todas as noites pela mesma fonte de

dinheiro nas carteiras dos homens no clube, algo terrivelmente semelhante ao meu emprego durante o dia. Dançar no palco era como apresentar o produto. Você começava exibindo suas aptidões de dançarina, antes de passar a agregar valor ao seu número, mostrando a eles que seu corpo era bonito e segurava a onda. Ao mesmo tempo, devia ficar espreitando o local, atrás de potenciais clientes para abordar mais tarde. Assim que descia do palco, o lance era estabelecer uma boa relação com o cliente, com uma boa lábia conseguia fechar o negócio e levá-lo para a área VIP, que era a parte, financeiramente, mais gratificante do trabalho, mas caso não conseguisse isso, devia convencê-lo a algo parecido, fazendo-o pagar por uma dança particular.

Finalmente entendi como as vendas funcionavam. Assim que apliquei isso ao Barclay, comecei a ganhar uma boa grana. Quanto a ter que tirar a roupa, depois de algumas vezes, isso já não me incomodava mais. Era uma representação, assim como as vendas. Você identificava os homens que estavam prestando mais atenção em você, aqueles que faziam contato visual e dava prioridade aos que estivessem bebendo champanhe ou doses de uísque e, consequentemente, tinham muito dinheiro e já estavam meio bêbados. O resto era moleza.

— A metade dos caras aqui está esperando que você os faça gozar — disse Caddy. — E a outra metade está esperando que você caia do mastro. É para isso que estamos aqui. Entretenimento, sob todos os aspectos.

De vez em quando, ela proferia uma dessas pérolas: as citações clássicas de Caddy resumiam uma experiência profissional em boates que eu jamais seria capaz de alcançar.

Na primeira noite no Barclay, ganhei duzentas libras, subtraindo a comissão da casa. Tinha me divertido, feito um bom exercício físico e gostado de conversar com os clientes. Além do mais, fizera uma nova amiga. Isso vai ser fácil, lembro de ter pensado. Vai ser a maior moleza.

Eu não fazia absolutamente a menor ideia.

* * *

Quando acordei, estava chovendo. Nem mesmo o amanhecer, com a claridade no céu, me despertou, como de costume. Já eram quase dez horas.

Eu me arrumei, vesti um casaco impermeável e peguei minha bolsa, seguindo para a sede. Minha bicicleta estava no depósito, atrás do prédio principal. Destranquei-a e fui em direção ao centro da cidade, a chuva estava ficando mais forte e caía bem em meus olhos.

A cidade de Rochester era linda, mesmo sob chuva. Deixei a bicicleta acorrentada no lugar apropriado e caminhei, passando pelos pubs e restaurantes indianos. Naquele dia, havia um festival gastronômico e uma feira de produtos italianos dominava a rua de pedras. Alguns dos estandes já estavam fechados, com lonas cobrindo jarras de azeitonas e cestos de pão fresco. Vi os queijos e potes de iguarias e molhos picantes. Na esquina, um estande com uma panela enorme vendia salsichas feitas na fazenda com pão francês. O aroma era sedutor e eu não resisti e comprei um, mas depois de algumas mordidas, me dei conta de que estava sem apetite.

Passeei pelos brechós e sebos, procurando algo para o barco. Eu era bastante cuidadosa com o que comprava. Não havia espaço para empilhar coisas inúteis.

A intensidade da chuva não diminuíra e eu subi a colina até o castelo, passando pelo terreno da propriedade e descendo pelo lado da catedral. Queria andar até ficar cansada… até que

estivesse exausta.

Estava me sentindo só, hoje. Não queria a companhia de Malcolm ou de Josie, por mais adoráveis que eles fossem. Queria alguém que soubesse quem eu era, que soubesse o que tinha acontecido em Londres. Precisava do Dylan. Uma parte de mim queria ligar para ele de novo e exigir que me contasse exatamente o que havia acontecido no clube, como estava Caddy, o que ela dissera — tudo o que eu ignorava desde o último dia que estive lá até o momento em que ela apareceu dentro d'água.

Mas não conseguia tirar a sua voz da minha cabeça, o tom que usara quando nos falamos pelo telefone. Eu desobedecera sua instrução. Eu o tinha deixado puto. Onde estava ele? Se algo tivesse acontecido com ele, será que um dia eu descobriria?

Quando voltei para o barco, preparei uma bebida quente e sentei na sala de jantar, encarando o telefone de Dylan e o pedaço de papel com o número de Carling.

Foda-se, pensei, pegando o telefone.

E, desta vez, nem chamou. Não havia sequer a opção de deixar um recado.

O número desejado encontra-se desligado ou fora da área de cobertura. Por favor, tente mais tarde.

Onze

QUANDO CONHECI DYLAN, senti medo dele, embora tenha tomado cuidado para não demonstrá-lo.

Já era o segundo fim de semana que eu dançava na boate, e tinha combinado de sair para beber com Caddy no sábado à noite. Acordei com tanta energia que resolvi passar primeiro no Barclay, para praticar um pouco. Não me ocorreu que isso era algo fora do comum — simplesmente me pareceu um jeito perfeito de passar o tempo, muito embora só tivesse ido para a cama às quatro da manhã.

A porta do Barclay estava trancada. Toquei a campainha e aguardei. Depois, toquei novamente, bati na porta e sentei no degrau, me perguntando o que deveria fazer. Eu estava com fones de ouvido e escutava uma sequência de músicas que me animavam a dançar e por isso acabei não ouvindo quando a porta se abriu atrás de mim, e só tomei consciência da sua presença quando ele me deu um leve chute na bunda.

Dei um pulo, olhei para trás e lá estava ele. Um homem enorme. Retirei meus fones de ouvido.

— O que você quer? — perguntou ele.

Eu subi o último degrau para ficar na mesma altura que ele, antes de responder. Na verdade, ele ainda estava pelo menos trinta centímetros mais alto do que eu, mas não deixei que aquilo me inibisse.

— Obrigada pela recepção calorosa. Estou aqui para praticar.

— Praticar? — repetiu ele, e depois riu, como se eu tivesse dito algo hilário.

Ignorei-o e passei pela porta entreaberta, entrando no clube. O lugar estava vazio, apesar das luzes acesas. Não fazia sentido ir até o camarim, já que não havia ninguém ali. Tirei minhas botas e a calça jeans. Sempre fazíamos descalças as aulas de *pole dance* com Karina, e eu achava muito difícil dançar de salto alto. Nas primeiras noites no Barclay, eu começava dançando de salto alto, mas acabava chutando a sandália para longe, assim que começava a subir e a girar no mastro, porém, ninguém mais dançava descalça. Então, dentro da minha bolsa, tinha um par de sandálias plataformas com o qual eu mal conseguia andar, que prendia no calcanhar e tinha um salto agulha impressionante e mais resistente do que parecia.

O ar-condicionado estava ligado e fazia frio, então comecei me alongando e dei alguns saltos para me aquecer.

Em seguida calcei a sandália. Andei pelo salão com ela, para começar, tentando não olhar para os meus pés, tentando me sentir determinada, me esforçando para "dominar o salão". Eu me sentia uma boba, mas era melhor fazer aquilo sozinha ali do que tropeçar quando o clube estivesse repleto de potenciais clientes.

— Parece que você está entrando na sala da diretoria — disse alguém.

Ele estava sentado em uma das cabines perto da porta, na escuridão. Eu estava começando

a me acostumar com os homens me observando, mas ao descobrir que ele estava ali sem que eu tivesse notado me causou calafrios.

— Foi o que eu disse. Preciso praticar — respondi. — Seria melhor se você não assistisse. Obrigada, mesmo assim.

— Só estava tentando ajudar.

Ele não se movia.

Por mais que fosse assustador, ele tinha razão. Comecei soltando o quadril, colocando um pé na frente do outro, erguendo a cabeça, esticando as costas…

— Melhorou, mas agora parece que você vai bater em alguém. Tente sorrir.

Desta vez, eu o ignorei. Já estava bem aquecida, de qualquer modo, e me sentia mais confiante com a sandália. Subi os degraus até o palco e fiquei sobre o foco dos projetores. Era melhor assim. Desse modo não podia vê-lo.

Dei algumas voltas no mastro a fim de me acostumar com a altura adicional dos saltos e para não ficar tonta. O chão parecia estar muito abaixo e os saltos batiam deselegantemente no palco laminado.

Quando eu menos esperava uma batida forte começou a tocar. Ele estava na cabine do DJ e logo reduziu o volume a um som razoável.

Ele queria um show, pensei. Quem quer que fosse. E percebi que me saía melhor se tivesse uma plateia. Não fazia sentido treinar sozinha. E a música ajudava.

Comecei subindo no mastro e fazendo uns giros bem simples, mesclando com outros tipos de movimento. Agarrei o mastro e fiz uma inversão contrária, minha cabeça apoiada no mastro, meus calcanhares cruzados e minhas pernas apertadas para me manter imóvel. Normalmente, ao fazer isso, eu tinha força suficiente nas pernas para soltar as mãos, mas não sabia se conseguiria me segurar por causa do salto alto, pois com ele minhas pernas pareciam bem mais pesadas. Era uma sensação estranha. Transferi o apoio para as mãos e abri bem as pernas, rodopiando lentamente na direção do chão e depois fiquei em pé e me contorci no mastro. Um *back hook* e um giro me permitiram recuperar o fôlego, depois fiz uma inversão *split* e voltei para a posição que me permitia efetuar os giros. O segredo era deixar alguns centímetros extras para aterrissar com os dois pés ao mesmo tempo, apesar do salto alto. Se eu descesse girando e me aproximasse demais do chão, seria difícil me reerguer, além de não ser nada elegante.

Eu estava tão absorta com o salto alto e em como isso provocava uma outra sensação ao me mover em torno do mastro, que quase esqueci que ele estava ali.

— Você é uma boa dançarina — disse ele.

Vi que tinha se aproximado do palco, e estava sentado ao lado do bar.

— Quem é *você*? — perguntei, me segurando no mastro e deslizando até sentar sobre meus calcanhares, antes de esticar minha perna para cima. Depois, girei colocando a força nas mãos e, segurando o mastro acima da cabeça, arrebitei a bunda, me empertiguei, jogando a cabeça para trás.

A música chegou ao fim e, antes que outra começasse, desci do palco e fui na direção dele. Sentado desconfortavelmente no banco, ele não tinha o ar tão intimidador quanto demonstrara antes, na porta do clube.

— Dylan — disse ele, estendendo-me sua mão tão grande como uma pá.

Apertei-a.

— Você trabalha aqui? — perguntei.

— Mais ou menos.

— Nunca vi você antes.

— Porque você é nova aqui.

Peguei a garrafa de água que trouxera na bolsa e dei um gole, olhando para ele.

— Você não precisa ficar aqui, sabia? — falei.

Ele não se mexeu e compreendi que ele não confiava em mim, achava que eu podia roubar algum dinheiro do caixa, ou coisa parecida. Sua presença me intimidava e eu estava ali sozinha com ele.

Seu celular tocou e ele atendeu, caminhando em direção à entrada do clube. Fiquei em pé, olhando-o, até a porta bater atrás dele.

Voltei para o palco e testei outros giros. A música que tocava era bem mais lenta. Eu me concentrei em me agarrar e me soltar do mastro com aquele salto alto estúpido, tentando fingir que era fácil, quando não era. Apesar da porta entre nós, dava para escutar o que Dylan falava ao telefone, e isso também me desconcentrava.

— …não é assim que eu vejo as coisas, cara. Ele disse que nos entregaria hoje à noite… Isso não basta, não é mesmo?… Diga a ele que, se não der as caras, vai se dar mal…

Em posição invertida, olhando para meus pés naquele salto alto ridículo, eu pensei: *preciso pintar as unhas de uma cor rosa neon bem legal, algo assim cheio de classe*. O mastro era mais espesso do que aqueles em que eu aprendera a dançar. Isso facilitava as subidas e as pausas, mas dificultava o apoio com as mãos.

— …mas ele não está entendendo, não é? A gente fala com ele e, porra, é como se estivesse surdo…

Não fazia sentido criar uma coreografia. Não tínhamos como escolher a música que íamos dançar, a não ser que fosse uma dança particular na Sala Azul. Era melhor simplesmente me deixar levar, aumentando o ritmo dos giros se a música fosse mais rápida, e me concentrando nas contorções e no movimento do quadril, quando fosse mais lenta.

— …não, fale para ele. Sério, cara, isso é uma advertência, ok? Meu contato não vai querer saber de porra de desculpa nenhuma. Precisamos disso esta noite, caso contrário alguém vai se arrepender muito, está me entendendo?

Eu estava novamente em pé, olhando para a porta. Estar ali, sozinha, com aquele homem enorme, não me pareceu uma boa ideia no momento. Ele encerrou a ligação. Eu o vi através do vidro da porta, balançando a cabeça. Ainda estava de costas para mim.

Eu me livrei da sandália de salto alto e a coloquei de volta na minha bolsa. Vesti a calça jeans, as meias e as botas. Estava amarrando as botas, quando a porta se abriu num estrondo. Ele parecia tê-la chutado.

Quando chegou ao meu lado, estava ofegante, como se tivesse acabado de correr.

Abri um sorriso hesitante.

— Vou embora — falei, animada. — Caddy está me esperando no pub.

— Já vai? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas. — Espero que vocês duas se comportem direitinho. Venha, acompanho você até a porta.

Os raios de sol me ofuscaram, pois tinha me acostumado com a escuridão do clube. Virei-me para lhe dizer "Até mais tarde", mas a porta já estava fechada. Acima do ruído do trânsito, pude escutar a porta sendo trancada.

* * *

Deixei os dois telefones na mesa e calcei minhas botas. Estava cansada de ficar sozinha.

Joanna estava a bordo do *Painted Lady*. Ela assistia à televisão, enquanto limpava seus esquilos, e pareceu contente ao me ver.

— Liam foi procurar emprego na cidade — disse ela. — Tomara que consiga.

Até onde eu sabia, Liam trabalhava de modo esporádico e sazonal em canteiros de obras, às vezes pintando e decorando, pegando trabalhos pagos ao dia quando era possível.

O *Painted Lady* era uma embarcação fluvial assim como o *Scarisbrick Jean*, limpo e arrumado, mas atulhado. Além dos esquilos, havia dois gatos a bordo. Sentei na sala de jantar e dobrei a pilha de roupas lavadas, enquanto Joanna despejava a serragem úmida sobre um jornal, ao meu lado. Atrás dela, sua televisão portátil, instalada à altura dos olhos, passava o noticiário.

— Apareceu nos jornais? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Que nada. Como você está se sentindo hoje?

— Estou bem. Mas o barco parece sossegado demais. Não consigo fazer porra nenhuma.

— A festa foi ótima — disse ela. — Seus amigos são interessantes.

Eu ri e ela acabou rindo também.

— Não são meus amigos. Não mais. Acho que estou em outra fase.

— Isso é ótimo. Você está melhor conosco.

Os esquilos cavavam a base de uma grande bacia de plástico, a mesma bacia que Joanna usava para levar sua roupa para a lavanderia. Eu podia ouvir a chuva caindo incessantemente sobre o teto da cabine.

— Já faz algum tempo que não vejo os policiais — disse ela. — Você acha que já terminaram o que tinham que fazer?

— Acho que sim. Eles interrogaram você?

Joanna assentiu.

— Interrogaram todos nós. A Rowena me telefonou; já faz pelo menos um mês que ela não visita o próprio barco, e mesmo assim, os policiais foram até a casa dela pegar seu depoimento.

Rowena era uma das pessoas que só visitavam seu barco na marina esporadicamente, nos fins de semanas. Quando a temperatura baixava, suas visitas se tornavam ainda menos frequentes.

— O que eles perguntaram para você?

— Ah, você sabe, o que aconteceu na festa, que horas nós voltamos para o barco, o que vimos, ouvimos. Mas não tínhamos muito a dizer, para falar a verdade. Só o que sabíamos era que acordamos com seu grito.

— Lamento por isso.

— Está brincando? Foi a coisa mais emocionante do século que aconteceu aqui.

Um dos gatos estava espiando dentro da bacia.

— Jasper, não! — disse Joanna, segurando-o pela barriga e lançando-o no convés, antes de fechar a porta. — Ele está sempre tentando pegar os meus pobres bichinhos.

— Eu não entendo por que eles queriam saber sobre a festa — comentei.

— Talvez achem que haja uma relação. Mas não imagino qual.

— Quando voltaram para o barco, vocês notaram se havia algum carro estranho no estacionamento?

Ela parou de colocar serragem dentro da gaiola dos esquilos e olhou para mim.

— A polícia também nos perguntou isso. Não, não me lembro. Na verdade, para ser sincera, não me lembro de muita coisa. Bebi muita cerveja artesanal. É até um milagre que tenha conseguido ouvir seu grito.

A gaiola estava pronta. Ela se agachou sobre a bacia de plástico e sussurrou algo, encorajando os esquilos, que guincharam e correram freneticamente em círculos, até ela conseguir agarrar o primeiro e, depois, o outro.

* * *

Cheguei vinte minutos atrasada ao encontro com Caddy, mas ela sequer se dera conta. O lugar já estava cheio, embora ainda fosse cedo, e ela estava sentada numa mesa com um copo enorme à sua frente, mexendo no celular.

— Você perdeu alguns momentos emocionantes — disse ela, quando me sentei ao seu lado.

— Por quê? O que houve?

— Chanelle estava aqui com um de seus clientes. Mas ela não me viu. Saíram agora há pouco. Provavelmente foram para o hotel da esquina.

Devo ter parecido confusa.

— A Chanelle. Sabe quem é? A Summer? Aquela com a tatuagem na parte de trás da perna? Nossa, você custa a entender.

— Eu sei quem é. Mas o que há de tão emocionante em vê-la aqui?

— Ah — exclamou Caddy, bebendo seu drinque pelo canudo —, o problema não é ela ter vindo aqui, mas com quem ela estava. Não temos permissão para encontrar os clientes fora do clube. Regulamento da casa.

— Talvez esteja saindo com ele, ou algo assim.

— Ela tem um namorado. Professor do ensino fundamental, o coitado.

— Eles são rígidos com o regulamento?

— Muito. Mas é para o nosso próprio bem. Isso impede que os caras tirem proveito o tempo todo.

Naquele momento, dois homens chegaram e se sentaram perto de nós. Estavam vestidos casualmente e pareciam já estar bêbados.

— Senhoritas — disse o mais alto —, vocês precisam nos deixar pagar uma rodada. O que estão bebendo?

O mais baixo, com o cabelo louro espetado com gel, colocou o braço por trás da minha cadeira.

— Com licença — falei com a voz gelada —, estamos tendo uma conversa particular.

— Ah, não diga isso — reagiu ele, lançando um bafo de cerveja em mim. — Nós só pensamos que vocês duas pareciam estar precisando de um drinque e um bom papo…

Caddy achou graça.

— Podemos pedir nossos drinques, mas obrigada assim mesmo — respondi.

— E podemos bater um bom papo sozinhas — acrescentou Caddy.

— Sério, meninas — disse o que se inclinava sobre a Caddy. — Vocês podem estar desperdiçando a melhor oportunidade de suas vidas.

— Vou correr esse risco — disse Caddy, para meu alívio. — Façam o favor de dar o fora.

Eles desistiram e, sem qualquer protesto, seguiram na direção do balcão, atrás de outros alvos. Nós nos olhamos e rimos.

— Fui até o clube treinar um pouco, hoje à tarde — contei. — Encontrei aquele gigante chamado Dylan. Não é o tipo de homem que convém contrariar.

— Ah, o Dylan é legal. Uma cara bem decente, quando a gente o conhece bem.

— Verdade? — Eu me lembrei da conversa que ele teve ao telefone, falando que alguém ia se dar mal.

— É — prosseguiu ela. — Pelo menos ele obedece ao regulamento. Os outros, e a maioria dos seguranças, recebem propina das garotas estrangeiras. Eles fazem vista grossa para o que acontece na área VIP, e ainda por cima, ficam de olho nos clientes e fazem sinal para elas, quando identificam uma boa oportunidade.

— Mas eles já não fazem isso, de qualquer maneira?

— Não, a menos que você pague vinte libras a eles toda noite.

— E vale a pena? É claro que nós mesmas podemos ficar de olho nos clientes.

— Isso pode ser um grande adianto, se estiver precisando de mais dinheiro no fim do mês — disse ela. — E não se trata somente de seus clientes, eles sabem quais esbanjam dinheiro. Quando o clube está lotado, e você está conversando com alguém e não percebeu quem acabou de chegar, eles se aproximam e lhe avisam, dizem quem está no vestiário dos clientes, antes que as outras meninas notem. Isso pode lhe dar uma boa vantagem.

Cada vez mais aquilo se parecia mais com o ambiente de vendas do que com uma saída à noite com uma amiga.

— Mas o Dylan não faz isso?

— Nunca o vi fazendo. É por isso que as estrangeiras ficam longe dele. Além do mais, ele não fornece drogas para elas; para isso elas precisam do Gray.

— Gray é um traficante?

Ela riu.

— Você é tão engraçada! Não, ele não é um traficante de verdade. Simplesmente consegue alguns lances para você, se estiver a fim. Eles não aceitam garotas viciadas, mas se você precisar de uma tragada para recuperar o brilho dos olhos, Gray é o cara certo para isso.

— Acho que estou começando a gostar mais do Dylan.

Caddy foi até o bar e nos trouxe outra rodada, embora tenha parecido que ela não pagou pelas bebidas, a julgar pelo papo sedutor com o barman e por ter voltado para a mesa rebolando.

— Ele é uma gracinha, o cara do outro lado do balcão — falou ela.

— Acho que não tem problema, já que ele não é um cliente.

— Você acha que eu devia lhe dar o número do meu telefone? — perguntou ela, dando um gole no seu drinque.

— Por que não?

Ela não respondeu, apenas se virou na direção do barman, que ainda estava olhando para ela. Por um instante, pareceu triste, pensativa.

— Você já tem alguém — falei.

— Não — disse ela, rapidamente. — Mas não é fácil manter um relacionamento tendo um trabalho como o nosso. Pergunte a Chanelle.

— Como você se envolveu com a dança? — perguntei então, curiosa.

— Comecei fazendo isso para ganhar uma grana extra. Eu trabalhava como garçonete nos fins de semanas; uma das meninas de lá começou a fazer isso e, algumas semanas depois, saiu do restaurante. Esbarrei com ela num bar, semanas depois. Estava muito entusiasmada, falando de todo o dinheiro que estava ganhando. Do jeito que ela contou parecia tudo tão fácil.

— Então, você começou a dançar no Barclay?

— Não — respondeu ela. — Comecei a trabalhar em uma boate de strippers. Um lugar bem diferente do Barclay. Era divertido, mas não tão refinado. E era fácil juntar uma boa grana, pois lá não tinha comissão para a casa. Só para o bar.

O barman ainda estava olhando para Caddy. Mas ela o ignorava no momento.

— Enfim, você foi mesmo até o Barclay só para treinar? O que o Dylan disse?

— Ele ficou me dando umas dicas.

Caddy começou a rir, tirando o cabelo de cima do olho.

— Aposto que ele pensou que era um presente de Natal antecipado. Você fez um striptease para ele?

— Não! — respondi, chocada. — Só dancei um pouco no mastro. Queria ensaiar com meus sapatos novos.

— E?

— Ainda chego lá. A sensação é estranha, principalmente quando faço as inversões. O salto alto faz minhas pernas parecerem pesadas.

Voltei a pensar no que acontecera algumas horas antes: Dylan sentado próximo ao palco, me observando. Seu rosto inexpressivo, esperando que eu me apressasse e terminasse logo, assim ele poderia voltar a fazer o que quer que fosse que estivesse fazendo, antes de eu ter aparecido e tocado a campainha.

— Mas o que ele faz de verdade? — perguntei.

— Quem?

— Dylan. Ele é segurança?

— Não. Às vezes ele lhes dá uma ajuda, quando o clube está lotado. É o que todos fazem, quando é preciso. Dylan trabalha para o Fitz, não para o clube. Ele está com o Fitz há anos.

— Fazendo o quê, exatamente?

Caddy deu de ombros, sorrindo para o barman, se preparando para ir até lá e nos trazer outra rodada.

— Acho que ele é uma espécie de capanga do Fitz.

Doze

DEPOIS QUE SAÍ do barco de Joanna, fui até a sede da marina conferir minha caixa de correio. A chuva cessara e o sol brilhava. Quase podia dizer que fazia calor.

Cam estava no escritório, com os pés sobre a mesa, conversando com Maureen. Ela estava em pé ao lado da porta, de braços cruzados. Eles tinham essas conversas regularmente. Maureen reclamava de alguma coisa, Cameron a apaziguava e não fazia nada, e assim tudo continuava igual.

— …só estou dizendo que você devia fazer alguma coisa a respeito disso, e não ficar só sentado aí.

— E, como já disse, preciso pedir orçamentos. Não dá para fazer isso de um dia para o outro.

Só quando girei a chave na caixa de correio que Maureen notou minha presença.

— Ah, Genevieve! Você acha que precisamos colocar trancas nos portões, não é?

— Hum… Eu…

— Depois de tudo o que aconteceu, todos nós podemos acabar sendo assassinados em nossas camas, como aquela coitada.

— Ela não foi assassinada na cama — disse Cameron, obsequiosamente.

Minha caixa de correio estava cheia de bobagens, como sempre — jornais gratuitos, anúncios de pizzarias —, muito embora eu tivesse pregado um aviso, pedindo expressamente que ali só fossem colocadas correspondências. Olhei todas as cartas com cuidado, no caso de algo ter me passado despercebido.

— Não entendo qual é o problema — disse Maureen, aumentando o tom de voz. — Com certeza isso é algo que pode ser feito imediatamente. Deus sabe como pagamos caro para morar aqui; o mínimo que você pode fazer é garantir algum nível de segurança. E aquele homem, ontem à noite! Sinceramente, foi a gota d'água…

— Que homem? — perguntei.

Maureen virou-se para mim novamente.

— A Pat viu um homem andando por aqui, ontem à noite, no estacionamento. Ela chamou a polícia, mas quando eles chegaram já estava escuro e não havia mais nenhum sinal dele.

— Como era esse homem?

— Ela não viu direito. Ele estava em pé próximo à sede, bem ali fora, meio escondido. Com certeza, com más intenções.

— Provavelmente era um jornalista — sugeriu Cameron.

— Não importa quem era! — exclamou Maureen. — Mas ele estava ali quando não devia. Se tivéssemos portões adequados, isso não teria acontecido!

— O que a polícia disse? — perguntei. — Eles vasculharam o local?

— Não, acho que não. Eles ficaram aqui só uns vinte minutos. Depois, disseram que

montariam vigia durante a noite. Isso não é o bastante, mas, além disso, o que mais podem fazer?

— Consertei as luzes com sensor automático — disse Cameron. — E vou pedir alguns orçamentos para as trancas dos portões. Essas coisas custam caro, sabe.

— A segurança não tem preço — concluiu Maureen.

O celular de Cameron começou a tocar e achei que com isso a discussão chegaria ao fim, mas Maureen não tinha intenção de sair dali. Enquanto ele conversava com alguém ao telefone sobre agendar um guindaste para uma inspeção de casco, Maureen direcionou sua atenção para mim.

— Devíamos fazer um abaixo-assinado — disse ela.

— Um abaixo-assinado? Para Cameron?

— Para forçá-lo a conseguir portões apropriados!

Deixei-os resolver o problema sozinhos, apesar do olhar suplicante de Cameron. Enquanto eu trancava minha caixa de correio, ele se virou na cadeira, ficando de frente para a parede.

No pontão, Oswald, o gato, curtia o sol, deitado e balançando o rabo. Seus olhos estavam parcialmente fechados, mas eu sabia que ele estava espreitando uma jovem gaivota, pousada no teto do *Scarisbrick Jean*. Quando me aproximei, a gaivota voou e Oswald se levantou, e veio enroscar-se nas minhas pernas, como sempre fazia quando alguém se aproximava dele. Acariciei sua cabeça.

— Como vai, companheiro? Já está na hora do jantar?

Ele me seguiu até o *Vingança* e sentou-se na prancha de embarque, se contorcendo e lambendo o próprio dorso.

A cabine estava fria, apesar do dia de sol. Coloquei a chaleira no fogão e liguei o rádio para me fazer companhia.

Pat virara um homem lá fora na noite anterior, perto da sede. Será que era Dylan? Talvez tenha sido por isso que ele não conseguira falar, quando me ligou na véspera. Talvez estivesse lá fora, esperando o momento certo para vir até o barco e, quando Pat chamou a polícia, ele teve que ir embora.

* * *

Não voltei mais ao Barclay para treinar. Acabei me acostumando a trabalhar lá, da mesma forma que me acostumei a andar e dançar de salto alto. Aprendi também as formas mais rápidas de ganhar dinheiro. E descobri que o fato de ser uma boa profissional de *pole dance* me abria oportunidades de aumentar meus rendimentos.

Para começar, percebi rapidamente que eu era uma das melhores dançarinas no mastro. Caddy era boa também, mas seu forte era a *lap dance*. Várias garotas sequer se deram o trabalho de aprender a *pole dance* decentemente, e a maioria ficava apenas andando em torno do mastro, enroscando-se nele, dando um giro básico ocasionalmente.

Devíamos ganhar a maior parte do dinheiro com a *lap dance* e na área VIP, e assim, para a maioria das garotas, dançar em volta de um mastro era uma perda de tempo, tolerada somente porque assim podiam identificar do palco seus clientes e ir diretamente até eles, ao final da apresentação.

Mas, para mim, a *pole dance* era a melhor parte e, embora algumas meninas achassem que eu era louca, à medida que ganhava confiança, fui me arriscando ainda mais. Minhas apresentações em torno do mastro atraíam cada vez mais atenção e, consequentemente, era mais fácil para mim me aproximar dos clientes no final. Eu estava me aperfeiçoando na *lap dance*, mas ainda não era melhor do que a média. Então, procurei aumentar minhas chances de realizar danças particulares impressionando-os em torno do mastro.

Duas semanas depois de ter ido treinar no clube, voltei a ver o Dylan por lá. Eu estava fazendo minha primeira *pole dance* da noite, rebolando e me contorcendo para me aquecer, esperando a batida da música acelerar para subir e começar a girar no mastro, e ao mesmo tempo, à espreita de clientes potencialmente lucrativos. E lá estava ele — sentado numa das cabines VIP. Eu o vi porque ele estava me observando, e notei que estava sentado com Fitz, que parecia ocupado, conversando com outro cara à sua direita — o que tinha uma tatuagem no pescoço e que abrira a porta para mim, no dia em que fiz o teste. Havia vários outros homens com eles, e na mesa tinha uma garrafa de vodca e vários baldes de gelo com garrafas de champanhe pela metade.

Eu não vira Fitz desde a primeira vez que estive no clube.

Consegui uma salva de palmas e alguns assovios quando subi no mastro e fiz uma inversão básica — acho que todos eles esperavam que eu caísse, para ser sincera — e, em seguida, fiz algumas inversões *splits*. Eles adoraram. Eu estava de olho em um homem em particular, alguém que conhecera ali na última sexta-feira. Karim acabou passando o resto da noite comigo na área VIP, me falando de seus negócios e comprando garrafas de champanhe, sem perceber que estava bebendo a maior parte sozinho. Ao final da noite, ele prometeu voltar.

Quando passaram a tocar uma música mais lenta, eu comecei minha segunda dança, aquela em que eu me despia. Fitz e os outros homens também prestavam atenção. Vi Dylan dizer algo para Fitz, que assentiu com a cabeça.

Numa das cabines VIP, vários caras de terno me aplaudiam com entusiasmo, o que desagradou bastante as duas garotas sentadas com eles. Lancei-lhes um beijo e, quando a música terminou, peguei minhas roupas e fui correndo para o camarim.

Quando saí, minutos depois, vi que uma das garotas havia desistido e tinha ido tentar a sorte no bar. Passei rebolando por Fitz e Dylan, sentindo seus olhares sobre mim, e pus a mão no ombro do cara mais próximo, e mais bêbado, do grupo.

— Oi, rapazes — cumprimentei-os. — Estão se divertindo?

— Você dança muito bem — comentou um deles.

Ele vestia um terno decente. Minha habilidade para identificá-los tinha melhorado.

— Obrigada. Posso me juntar a vocês?

Eu me sentei entre dois deles. Do outro lado da mesa, outra menina, a Crystal, estava ocupada conversando com dois dos rapazes mais jovens, rindo para eles e se fartando de champanhe.

Um deles me serviu o restante da garrafa e logo pediram outra. Eu bebericava da minha taça, enquanto enchia as deles, fingindo beber mais do que de fato fazia. Crystal não era tão cuidadosa. Algumas garotas ficavam bêbadas e depois cheiravam algumas carreiras de cocaína para ficarem sóbrias novamente. Eu procurava não beber demais, para começar.

— Vamos dançar — eu a ouvi dizer a um dos homens.

— Não tenho mais dinheiro — argumentou ele.

— Você é um mentiroso, Jason, acabei de ver sua carteira. Você ainda tem seus cartões.

Ele esboçou um vago protesto, mas ela estava vencendo a resistência dele.

— Pode pegar os passes no balcão. Venha, você sabe que eu sou a melhor — disse ela, piscando para mim como se eu fosse cúmplice.

— Nós devíamos fazer uma competição — falei, me dirigindo a todos na mesa. — Crystal e Viva: vocês escolhem a vencedora!

Nós os levamos para a área VIP, um a um, e eu e Crystal dançamos lado a lado para cada um deles. Ganhamos um dinheiro fácil e, cerca de uma hora depois, havíamos estourado os cartões de crédito deles e o placar — felizmente — terminara empatado.

Peguei um copo de água gelada no balcão do bar e bebi depressa, espreitando o meu próximo alvo. Até então, nenhum sinal de Karim.

Dylan apareceu ao meu lado, lançando uma sombra sobre mim.

— Fitz quer falar com você.

Segui-o até a cabine. Dois outros homens tinham se juntado ao grupo, e Caddy também estava lá, sentada à direita de Fitz e bebendo champanhe. Ela sorriu e piscou para mim.

— Viva, fique aqui conosco — exclamou Fitz quando me viu, batendo com a palma da mão no assento ao seu lado. — Rapazes, esta é a adorável Viva. Está conosco há apenas algumas semanas.

Fitz me serviu uma taça de champanhe enquanto eu cumprimentava todos os outros. Perguntei-me se algum deles era cliente de Caddy. Eu não queria passar a perna nela.

— E então, está se divertindo, Viva? — perguntou-me Fitz.

— Com certeza — respondi. — É como curtir uma noitada incrível com os amigos toda semana.

Eu não estava exagerando. Todas as noites em que trabalhara haviam sido divertidas, especialmente quando estava com Caddy. O lado ruim era que estava ficando difícil acordar segunda-feira de manhã para ir trabalhar, mas fora isso, estava me divertindo como nunca. E ganhando dinheiro ao mesmo tempo.

— Isso é ótimo — disse Fitz. — Gosto de saber que minhas garotas estão felizes.

— Viva — disse Caddy —, seu amiguinho acabou de chegar.

Acompanhei seu olhar e vi Karim no bar. Ele estava me observando e eu senti um arrepio de excitação. Acenei brevemente para ele.

— Vocês me dão licença?

— Evidente que sim — respondeu Fitz. — Não queremos tomar seu tempo.

Levantei e fui em direção ao bar, dando o meu melhor sorriso Viva.

Karim foi meu primeiro "cliente". Nas semanas que se seguiram, adquiri mais alguns, mas era com ele que eu ganhava mais. Alguns deles, inclusive Karim, se tornaram bons amigos: pessoas das quais eu gostava e respeitava e nas quais confiava. E, como dizia Caddy, quanto mais clientes eu tivesse, mais fácil seria juntar uma boa grana.

Treze

EM MEADOS DE janeiro, o clube andava calmo e, pela primeira vez, me senti entediada.

Havia tão poucos clientes que o número de garotas quase superava o deles. Eu estava sentada no bar conversando com um dos clientes de Caddy, tentando convencê-lo a aceitar uma *lap dance*. Ele estava tão bêbado que mal conseguia ficar em pé, e só conversar já era difícil.

— Mas onde está a Kitten hoje? — perguntou ele pela terceira vez, seu hálito no meu rosto.

— Saiu de férias — expliquei mais uma vez. — Mas volta na próxima semana, Pete. E, enquanto isso, eu prometi a ela que tomaria conta direitinho de você, se aparecesse por aqui…

De soslaio, vi Dylan entrando no salão e atravessando a pista, indo bem na minha direção. Ele ficou ao lado de Pete no balcão e Tracey lhe serviu uma bebida.

Instantes depois, Pete saiu cambaleando até o banheiro e eu esvaziei meu copo d'água.

— Está tão calmo aqui esta noite — falei para Dylan.

— Janeiro é sempre assim — respondeu ele. — Vocês não vão arrumar homem nenhum, antes de eles receberem os salários. De qualquer maneira, eu vim atrás de você. Fitz pediu para chamá-la.

Eu me perguntei se aquilo significava que eu estava encrencada. Segui Dylan pela escada, equilibrando-me sobre os saltos. Pude escutar vozes e risadas ao fim do corredor, distantes, abafadas pelo revestimento de tecido espesso e pelos tapetes.

— …como disseram, ele precisa saber quem é que manda…

— …desta vez, não, não depois do que aconteceu…

— …veja bem, chefe, podemos fazer essa porra em uma hora, é só dar o sinal verde, ok?

— …rapazes, rapazes. Só estou dizendo que ele está em dívida comigo, certo? Não é pelo dinheiro. É uma questão de respeito.

Dylan abriu a porta.

— Fitz.

— Genevieve! Entre, entre.

Abri um sorriso largo e inocente que não enganava ninguém, muito menos ele. Envolvendo meu ombro nu com o braço, ele me acolheu em seu escritório. Um cheiro de uísque e testosterona pairava no ar.

Estavam todos ali, confortavelmente refestelados nas poltronas e nos sofás. Sobre a mesa havia uma garrafa de malte envelhecido, três quartos vazios, e pilhas de maços de dinheiro.

— Nicks, Gray, esta é nossa nova estrela, Genevieve. Você já conhece o Dylan, é claro.

Gray era o homem com a tatuagem no pescoço, que abrira a porta para mim no primeiro dia. O homem ao seu lado devia, portanto, ser o Nicks — terno elegante, mais magro do que Dylan e Gray, mas seu olhar dizia que era melhor não mexer com ele.

Fitz já havia bebido bastante; dava para perceber pela instabilidade de seus pés.

— Você prefere que eu espere lá fora um pouco? — perguntei.

— Não, nada disso, minha querida, já estamos acabando aqui. Sente-se. Aceita uma bebida?

— Um copo d'água, por favor.

Mandaram Dylan ir até o bar buscar meu copo d'água. Eu o vi fazer uma careta ao sair do escritório. Ele parecia um tanque de guerra.

— Eu queria fazer uma proposta para você, Genevieve — disse Fitz. Ele estava atrás da mesa, as mãos unidas como se estivesse rezando. Os outros homens conversavam entre si.

— É?

— Eu gostaria de saber se você tem interesse em ganhar um dinheiro extra.

— Nisso, estou sempre interessada, Fitz. O que você tem em mente?

Ele olhava fixo para mim, como se ainda não tivesse certeza de que eu era digna de confiança. Dylan voltou com uma bandeja, uma garrafa de água mineral gelada e um copo com uma fatia de limão sobre um pires prata, combinando com o balde de gelo. Ele colocou tudo sobre a mesinha ao meu lado. Olhei para ele, mas não trocamos olhares. Seu rosto parecia esculpido em pedra.

— Vou receber alguns clientes na minha casa, no próximo fim de semana. Será uma festa particular, apenas para convidados selecionados. Gostaria de saber se você quer dançar para nós.

— Como é o espaço? — perguntei. Eu não estava nem aí para o espaço, para ser sincera; estava ganhando tempo para pensar se aquela era uma boa ideia ou não. E decidir se precisava mesmo daquele dinheiro. Servi um pouco d'água no copo, espremi o limão e lambi delicadamente os dedos.

Ele assentiu, como se eu tivesse feito uma pergunta legítima: estava demonstrando meu profissionalismo e ele apreciava isso.

— É ótimo — respondeu ele. — Você pode verificar antes, se preferir. Os clientes ficarão próximos, e o local é mais iluminado do que aqui no clube, mas o regulamento é o mesmo: nenhum contato físico, nada muito provocante. Meus convidados são todos ricos. Posso garantir que você receberá ótimas gorjetas, se concordar em dançar.

— Quanto?

— Dois mil pela noite. Quantas danças você quiser, se bem que, como também estaremos tratando de negócios, não acho que haverá tempo para mais de quatro ou cinco. Somando a isso as gorjetas, você poderá ganhar até o dobro.

Olhei nos seus olhos e fiquei calada. Era uma das minhas técnicas de venda favoritas. Ele sustentou com firmeza meu olhar por alguns instantes e, depois, começou a rir.

— Você é ótima — disse ele. — Bonita e atrevida.

Respondi dando meu sorriso mais atrevido.

— Tudo bem — cedeu ele. — Eu desisto. Dois mil e quinhentos mais as gorjetas. E é minha última oferta.

Eu conseguira o melhor preço.

— E quanto a Caddy?

— O que tem ela?

— Ela não vai também?

Fitz ponderou por um instante, sustentando o olhar em mim.

— Não.

— Por que não?

— Caddy provavelmente não vai topar. Acho que ela pensa que isso está abaixo do seu nível atualmente. Pode lhe perguntar, se quiser. Não me incomodo de pagar pelas duas, desde que ela esteja preparada para fazer por merecer.

Pensei no que ele disse, bebericando minha água. Havia algo desconfortável naquilo. Conforme havia descoberto durante a semana, por mais que estivesse me habituando àquele trabalho, dançar no Barclay não era tão divertido sem minha amiga. Mas também havia o dinheiro…

— Eu adoraria — respondi, por fim. — Como você quer que eu me vista?

Quando desci para ver se Pete ainda estava por lá, Dylan me acompanhou em silêncio. Eu não lhe pedira para me acompanhar e, até onde sabia, tampouco Fitz; talvez tivesse feito um gesto discreto por trás das minhas costas, algum sinal. Ele andava a um passo atrás de mim, como uma sombra. Eu me perguntei se estaria acontecendo alguma coisa no escritório, uma outra parte da reunião que eu não estava autorizada a escutar.

— Obrigada — agradeci, quando chegamos à porta do camarim.

Ele sorriu, olhando nos meus olhos pela primeira vez.

— Não há de quê — respondeu.

Quando sorria, ele era uma pessoa diferente. Concluí, finalmente, que ele era bacana, da mesma forma que concluí que Normand era um babaca.

Na porta, ele hesitou.

— O que foi?

— Só queria dizer que estarei lá no fim de semana. Para garantir que não haverá problemas.

— Obrigada — agradeci.

Ele seguiu pelo corredor e eu me peguei pensando se deveria esperar algum tipo de problema. Eu não havia calculado isso na minha equação, mas, sendo realista, eu não podia esperar ganhar duas mil e quinhentas libras para trabalhar uma noite sem esperar que houvesse algum drama adicional com o qual lidar.

* * *

Quando Caddy voltou de St. Lucia, uma semana depois, contei sobre minha reunião com Fitz. Estávamos no camarim e eu a esperava acabar de se arrumar para irmos até o salão.

— Ele quer que a gente dance numa festa na casa dele. E quer nós duas, eu e você.

Ela me encarou por um segundo, depois deu uma breve risada.

— É mesmo? E por que ele não me chamou pessoalmente?

— Você não estava aqui — respondi, esperando que isso soasse plausível. — O que você acha? Vamos lá, se você for será mais divertido.

Seus lábios formaram uma linha fina.

— Não sei, Gen. Muita chateação. Já fiz isso no passado. E realmente não estou a fim de repetir.

— Chateação? Como assim?

Ela não respondeu, apenas calçou um par de sandálias e prendeu as tiras.

— Achei que seria bom pelo dinheiro — argumentei.

— Isso é. O problema é o que você tem que fazer para ganhá-lo.

— Fitz disse…

— Eu sei, eu sei. O mesmo regulamento. Toda essa baboseira. Mas esteja preparada, é só o que posso dizer. Pense no que está disposta a fazer por isso. Se não quiser fazer nada, ele vai dizer que está tudo bem, mas você não será mais a queridinha dele depois disso.

— O quê? Você acha que ele vai me pedir para transar com os amigos dele?

Ela riu.

— Não, você não. Ele só vai afrouxar o regulamento um pouquinho, só isso.

Nós duas estávamos prontas para sair, mas nenhuma de nós se mexia. Tive a impressão de que havia alguma coisa que ela não queria me contar.

— Ele não vem aqui com frequência — falei, mudando de assunto. — Como ele é?

— Ele é legal, desde que você não o irrite.

— O que acontece quando fica irritado?

Caddy levantou bruscamente. Nicks estava ao lado da porta. Eu me perguntei há quanto tempo ele estava ali, nos ouvindo.

Quatorze

EU NÃO CONSEGUIA parar de pensar no homem que Pat vira próximo à sede. Quanto mais pensava nisso, mais convencida ficava de que se tratava do Dylan. Quem mais poderia ter sido? Tentei ligar para ele pela terceira vez em poucos minutos, mas a resposta era sempre a mesma:

O número desejado encontra-se desligado ou fora da área de cobertura. Por favor, tente mais tarde.

Finalmente, resolvi passar mais uma demão de tinta no quarto de hóspede. Com mais uma camada, a pintura sobre o revestimento ficaria menos irregular e o resultado, mais razoável. Faria em seguida as cortinas, colocando uma barra cromada na bainha, de modo a impedir que ela oscilasse, quando a maré subisse e o barco começasse a balançar. Instalaria uma estante na parede para colocar os livros. Talvez até construísse um pequeno armário para roupas de cama e toalhas.

Liguei o rádio, aumentei o volume e pensei nos meus planos de criar uma estufa, imaginando quanto custaria encomendar um teto de vidro sob medida, se era algo que talvez eu mesma pudesse fazer, ou se estaria além da minha capacidade. Eu precisava de algo à prova d'água por causa do mau tempo, com um bom isolamento, de maneira que, mesmo no auge do inverno, minhas plantas conseguissem sobreviver. Pensei em como seria possível instalar um chuveiro do lado de fora, que escorresse a água diretamente para o rio — nada de usar detergentes lá fora — e se poderia instalar um aquecedor a fim de conseguir usar o chuveiro no inverno, quando estaria frio. Uma ducha sob a neve — imagine só! Mas seria mesmo viável?

Por mais que tentasse me distrair, Dylan não saía da minha cabeça. Porra, onde ele estava? Por que não atendia minhas ligações?

Quando estava na pia, lavando novamente os pincéis, já havia escurecido e a marina estava sossegada. No dia seguinte, começaria a planejar o banheiro. Já adiara o bastante, concluindo primeiro as tarefas mais fáceis. Seria um novo projeto, algo a que me dedicaria a fundo, que tomaria todo meu tempo e me deixaria esgotada no fim de cada dia.

O barulho do rádio ainda vinha do quarto de hóspedes. Eu deveria desligá-lo; estava ficando tarde para ouvir música assim tão alta. No instante em que o rádio foi desligado, o silêncio imperou outra vez.

Havia algo errado.

Um ruído, vindo lá de cima — do convés? Não, vinha do teto da cabine, bem acima da minha cabeça.

Fiquei imóvel, todas as partes do meu corpo atentas. Mais nenhum som, nada — somente as ondas batendo no casco do barco.

Algo raspando ou arranhando. Provavelmente era um pássaro, pensei, soltando o ar. Uma gaivota… Às vezes elas pousavam nos pontões e nos barcos, principalmente quando ventava muito.

Voltei à pia e enxaguei-a com água sanitária, tentando remover o cheiro de tinta. Depois disso, resolvi que iria tomar uma cerveja, ou talvez duas. Meus nervos ainda estavam à flor da pele; o álcool poderia relaxá-los um pouco. Será que todas as noites seriam assim, daqui para a frente? Esperar até que me sentisse cansada o bastante para conseguir ir para a cama dormir?

Escutei outro ruído lá fora, no instante em que abri a terceira cerveja. Não era no convés, e não era um pássaro, eu tinha certeza disso. Era o som de um animal, um uivo, um ganido. Talvez Oswald estivesse se engalfinhando com uma raposa.

O álcool me deu coragem.

Destranquei a porta da casa do leme, fazendo barulho, e dei bastante tempo para expulsar quem quer que estivesse por ali.

Saí para o convés.

— Olá?

Não havia ninguém no pontão. A marina estava submersa na escuridão até a altura do estacionamento. Um vento cortante vinha do rio, trazendo junto o cheiro de chuva.

Dei um passo à frente no convés e fiquei imóvel por um instante, olhando os reflexos de luz da margem oposta sobre as águas. Eu me virei para o pontão e pude ver uma sombra escura estendida no final da parte de madeira. O que quer que fosse, não estivera ali à tarde. Caminhei até a prancha de embarque, tentando ver melhor, meus braços cruzados no peito, me protegendo do vento gelado.

O pontão estava totalmente às escuras, e mesmo ao lado daquele objeto, olhando-o de cima, não conseguia identificar o que era. Empurrei-o com o pé e ele se moveu — era algo macio. Eu me agachei e toquei-o com a mão.

Pelo, pelo macio. Frio. Úmido. Fiquei em pé e estendi a mão sob a parca luminosidade que vinha da ponte da autoestrada. Havia algo escuro nos meus dedos.

— Ai meu Deus… Ai meu Deus — me surpreendi murmurando entre os dentes. Ao olhar novamente para o outro lado do pontão, na direção da sede e do estacionamento, não vi sinal de ninguém.

Voltei até a prancha de embarque e acendi a luz da casa do leme, a única que eu nunca me dava o trabalho de acender, porque atraía mariposas no verão — e quando retornei ao pontão, vi o que era. Um vulto peludo, preto. E sangue em minha mão.

Era Oswald. O gato de Josie e Malcolm. Alguém o matara e o jogara no pontão.

Abafei um grito. Minha respiração estava curta e rápida. Ocorreu-me que, quem quer que fosse que largara o gato no pontão, não teria tido tempo de sair da marina e provavelmente estava escondido em algum lugar escuro, apenas fora de vista.

Corri de volta pela prancha, apaguei a luz da casa do leme e saltei os degraus da cabine, batendo a porta e trancando-a o mais rápido que pude.

Ouvi o ruído de passos lá fora, alguém andando ligeiramente, parando e depois avançando com passadas mais fortes. Quem quer que fosse, acabara de sair do outro lado do *Scarisbrick Jean*.

Fiquei parada na cozinha, em pânico. Para onde quer que olhasse, via os círculos negros das vigias. Qualquer um do lado de fora no pontão poderia ver o lado de dentro, poderia me ver ali. Lavei as mãos na pia, enxaguando o sangue e esfregando-as com sabão, enquanto as lágrimas

escorriam pelo meu rosto.

Para quem poderia ligar? Com quem poderia falar? Tentei o número de Dylan outra vez. E ouvi a mesma mensagem.

O mesmo pensamento relutante continuava a insistir. Ele provavelmente estava no clube.

Eu nem mesmo parei para pensar no que diria a ele. Larguei o telefone de Dylan em um canto e peguei o meu. Liguei para o número do escritório do Barclay e esperei uma eternidade até que alguém atendesse.

— Alô?

Dava para ouvir a música ao longe, um baixo tocando ao fundo. A voz parecia ser de Helena, mas não tinha certeza.

— Poderia falar com o Dylan, por favor?

— Ele não está.

— Você sabe me dizer onde ele está?

— Quem está falando?

— Genevieve.

— Quem?

— Genevieve. Viva. Eu já trabalhei aí.

— Espere um pouco.

A música parou de tocar e foi substituída por um aviso sonoro de "chamada em espera". Aguardei. *Isso é ridículo*, pensei. *O que vou dizer se ele atender?* O que poderia dizer sobre Caddy? Será que ele estava sofrendo com a morte dela, ou não teria se importado nem um pouco?

— Genevieve. — O tom de voz de Fitz estava alto e me pegou de surpresa.

Engoli em seco. Deveria ter desligado no momento em que a mulher disse que Dylan não estava. Mas não havia acreditado totalmente nela.

— Olá — disse do modo mais alegre que consegui. — Como vai?

— Bem, não esperava uma ligação sua. O que posso fazer por você?

— Eu só… Só queria saber como vocês estão. E queria dizer que sinto muito… pelo que aconteceu com Caddy.

Houve uma pausa longa e desagradável. Era possível ouvir a respiração dele, mais abafada dessa vez, e ao fundo a melodia baixa da música.

— Você não quer saber realmente como vai todo mundo, não é? Queria falar com o Dylan. Mas ele não está aqui. Quer deixar algum recado?

— Não, não — respondi, rápido demais. — Ele estará aí amanhã? Posso ligar de novo, não é nada urgente.

— Tudo bem, então. Devo dizer a ele que você ligou?

— Pode ser — falei, torcendo para não soar tão apavorada quanto estava. — Se você quiser.

— Então, o que tem feito ultimamente?

— Ah. Nada de mais. Eu me mudei da cidade.

— Como ficou sabendo sobre a Caddy? — perguntou em tom casual.

Eu não fazia ideia do que dizer. Minhas mãos tremiam e pude sentir as lágrimas começarem a escorrer diante do horror de tudo aquilo, o choque ao descobrir o gato, coberto de

sangue, e a loucura que me fez ligar para o Barclay, para acabar falando com Fitz, de todas as pessoas — e saber que Dylan obviamente estava bem, ainda feliz e trabalhando lá, ignorando as minhas ligações de propósito.

Não pude pensar em mais nada para falar e o longo silêncio se tornou insuportável. Encerrei a ligação. Desliguei na cara dele. *Bem*, pensei. *Isso foi incrivelmente idiota*.

Só havia mais uma coisa que eu podia fazer. Peguei o pedaço de papel com o número de Carling que estava na mesa e apaguei todas as luzes da cozinha e da sala de jantar. Fui para o quarto e me arrastei até o outro lado da cama, que ficava encostado no casco. Acima de mim, havia a claraboia — se alguém tentasse enxergar o interior do barco, não conseguiria me ver ali, nas sombras —, mas eu poderia vê-los apesar do céu escuro.

Agachei-me e disquei o número de telefone.

Tocou sem parar e pensei que ele nunca iria atender.

Até que finalmente:

— Alô.

Precisei de um bom tempo para recuperar minha voz; tanto tempo que ouvi pela segunda vez do outro lado da linha:

— Alô?

— É o Jim Carling quem está falando?

— Pois não, sou eu. Quem fala?

— É Genevieve.

Houve uma pausa. Eu me perguntei se ele estaria tentando se lembrar de mim.

— Oi. Como vai você?

— Sinto muito por ligar tão tarde — falei. Minha voz soava áspera. — Receio… receio que tenha acontecido algo.

— O que foi?

— Eu estava aqui sozinha e escutei um barulho lá fora. Ouvi um baque no convés. Saí para olhar e… e…

— Está tudo bem — disse ele calmamente. — Não tenha pressa.

— Alguém matou Oswald. Encontrei-o lá fora. Não sei o que fazer.

— Oswald?

— O gato. O gato de Josie e Malcolm. Ele está estirado lá fora e estou com medo. Estou apavorada. Por favor, me ajude.

Houve outra pausa. Eu me dei conta de que talvez devesse ter ligado diretamente para a polícia, ou coisa parecida. Falar com o policial de plantão.

— Sinto muito — continuei. — Nem perguntei se estava em serviço. Você disse que eu podia ligar.

— Para falar a verdade, eu disse que podia me ligar caso se lembrasse de mais alguma coisa, não se encontrasse um gato morto.

Eu me senti diminuída e adequadamente castigada.

— Estou indo — disse ele.

— Jura?

— Sim. Não saia daí, ok? Vou ligar para o seu celular quando chegar na marina, assim você

não tomará um susto quando eu bater à sua porta, está bem?

— Obrigada. Muito obrigada.

Eu me encolhi novamente em um canto escuro e esperei. No convés, lá em cima, pude ouvir outros ruídos. Batidas e arranhões. Como se alguém estivesse se arrastando sobre o teto da cabine. Fiquei olhando fixamente pela claraboia, mas tudo que via era o céu negro e tempestuoso.

Q uinze

NÃO PRECISEI NEM providenciar o transporte até a festa particular de Fitz: ele fez com que Dylan viesse me buscar na BMW X5. Isso significava que seria necessário ficar pronta cedo, é claro, mas por outro lado, ir de carona até onde quer que fosse o tal lugar era preferível a usar o transporte público.

Dylan tocou a campainha do apartamento e, quando desci, ele segurava a porta de trás do carro aberta para mim.

Achei graça.

— Você é meu chofer, Dylan?

— Quase isso — resmungou ele, indo para o assento do motorista.

— Você acha que Fitz não confia em mim para chegar na hora? — perguntei, enquanto nos dirigíamos para a rua principal.

— Não me pergunte. Acho que ele pensa que isso é uma espécie de privilégio.

— Um privilégio para mim ou para você? — perguntei de brincadeira, mas logo em seguida me arrependi. Ele me olhou pelo retrovisor e seu olhar dizia: *Não tira onda com a minha cara.*

Aos poucos, as ruas agitadas de Londres deram lugar a um subúrbio arborizado e escuro. Não fazia a menor ideia de onde estávamos; não tinha prestado atenção. E era este, pensei, entendendo tudo repentinamente, o verdadeiro motivo pelo qual estava sendo levada até lá, assim não saberia para onde estava indo.

— E então, há quanto tempo você trabalha para o Fitz?

— Anos.

— Você gosta de trabalhar para ele?

Ele respondeu com um breve dar de ombros. Alguns instantes depois, ligou o rádio, alto o bastante para evitar o prolongamento da conversa. Fiquei olhando o mundo passar pela janela do carro.

Cerca de meia hora depois, paramos diante de um imenso portão de madeira, que se abriu automaticamente. Uma alameda se estendia à frente e seguimos alguns minutos por ela, até o carro estacionar diante de uma casa enorme, imitando o estilo Tudor. *Se não tivesse notado que estávamos indo sentido oeste*, pensei, *poderia jurar que estávamos em Essex*.

Fitz estava em casa. Ele me avisou que os convidados ainda não tinham chegado. Depois, mostrou-me o primeiro andar, com sua ampla sala de estar cheia de imponentes sofás de couro e obras de arte abstrata nas paredes, os tapetes brancos, vidros e cristais em todos os cantos. Atrás de uma porta pesada, à esquerda, estava a sala onde eu dançaria. Havia várias cadeiras e sofás confortáveis reunidos em torno do centro e do mastro. Fui até lá para experimentá-lo, dando alguns giros para sentir se estava firme. Estava. Chutei meus sapatos para longe e subi, colocando uma mão após a outra, e me virei bruscamente no alto, descendo em espiral até o chão. Não era muito fácil fazer isso vestindo calça jeans. Mas seria moleza com as pernas nuas.

Fitz me observava com uma expressão difícil de decifrar. Ele balançou lentamente a cabeça.

— Você acaba comigo, quando faz isso — disse ele.

Dylan estava em pé, ao lado da porta, os braços cruzados sobre o peito imenso.

— Você já comeu? — perguntou Fitz. — Quer beber alguma coisa?

Eu não queria beber nem comer; nada disso era particularmente bom pouco antes de começar a girar em torno de um mastro, então me sentei em um banco ao lado de uma mesa de mármore branco e fiquei conversando com Dylan até os convidados começarem a chegar.

— Então, eu sou a única garota aqui? — perguntei-lhe, sussurrando.

— Você é a única que vai dançar, vamos dizer assim — respondeu ele.

— O que isso quer dizer?

— Há outras garotas aqui, mas só você vai dançar.

Dylan estava enfiando a mão em um pote de azeitonas, pegando-as delicadamente com o indicador e o polegar e colocando os caroços num pratinho sobre a superfície de mármore.

— Por que as outras garotas do clube não gostam dele?

— Não faço ideia.

— Você gosta dele?

Ele parou de mastigar e olhou para mim.

— Você está fazendo perguntas demais, hoje — disse ele. — O que posso dizer?

— A verdade — sugeri.

Pelo menos, ele achou aquilo engraçado.

— Ele é legal — respondeu. — Se não mexer com ele, é um cara legal.

Quase a mesma coisa que Caddy dissera. Eu me perguntei o que acontecia com as pessoas que não seguiam aquele conselho.

Fiquei observando Dylan mastigar. À sua frente, havia um copo igual ao meu, exceto que o meu continha água e o dele, vodca.

— E aí? — perguntei, tentando levantar seu astral. — Quem vem a esta festa? Alguém que eu conheça?

Eu já estava no clube há tempo suficiente para reconhecer alguns dos clientes, muitos deles amigos de Fitz.

— Duvido.

— Quem são essas pessoas?

— É sério, Genevieve, você faz perguntas demais.

Eu ri. O tom de sua voz não soou tão hostil quanto as palavras poderiam sugerir.

— Bem, você não é muito falante, Dylan. Mas prefiro não ficar aqui sentada esperando em silêncio.

— Eu também.

— Então, me faça algumas perguntas. Só para equilibrar um pouco.

Ele sorriu e, mais uma vez, surpreendeu-me como ele parecia menos ameaçador quando sorria.

— Muito bem. Tenho uma pergunta para você. O que vai fazer com todo esse dinheiro?

— O quê? — Ele me pegou totalmente desprevenida.

— Você está ganhando uma nota preta — disse ele. — Suas gorjetas são duas vezes maiores

do que as de Lara, e ela sempre foi a melhor dançarina. Ela tem um enorme fã-clube de homens que foram assisti-la todos os fins de semanas nos últimos quatro anos, e desde que você começou no Barclay, os lucros dela se tornaram uma ninharia. Então, o que você está fazendo com esse dinheiro?

Corei. Na verdade, não tinha uma resposta para ele. Contar-lhe sobre meu sonho de reformar um barco, naquele contexto, pareceu-me ridículo.

— Você não é uma viciada.

— Como sabe disso?

— Ah, fala sério. Eu sei tudo o que há para saber a respeito de drogados, pode acreditar.

— Bem, você tem razão. Não uso drogas.

— Então, no que você está gastando?

— Não estou gastando. Estou poupando.

— Está *poupando*? — Parecia ser a primeira vez que escutava aquela palavra.

No corredor, já se ouvia os convidados chegando. O serviço de bufê começou a servir travessas de comida na sala de jantar e, de repente, a cozinha estava agitada como uma colmeia.

Assenti com a cabeça.

— Não vou conseguir aguentar o meu emprego por muito tempo. Eu o odeio, na verdade. Estou só esperando juntar o bastante, aí peço demissão e vou tirar um ano sabático.

Sua expressão se animou.

— Vai viajar?

Eu me levantei.

— Talvez. Não tenho certeza. Só quero nunca mais ter que voltar para aquele emprego, só isso. Preciso de algum objetivo.

Depois, é claro, tive uma percepção diferente daquela conversa simpática com Dylan na cozinha da imensa casa de Fitz. Ele ficou ao meu lado porque lhe disseram para ficar de olho em mim. Não estava comendo azeitonas comigo por escolha própria. Ele foi escolhido para ser meu vigia, caso eu pensasse em sair bisbilhotando a casa.

E ele fizera a pergunta que precisava fazer. Não era para Fitz, mas para si próprio. Até então, eu não sabia, mas Dylan tinha seus próprios planos.

Dezesseis

QUANDO O CELULAR tocou, levei o maior susto. Não reconheci o número e, por um instante, hesitei em atender.

— Alô?

— Genevieve? É Jim Carling. Estou no estacionamento. Em dois minutos chego aí, ok?

Fui destrancar a porta da casa do leme. Ainda estava um breu lá fora, então acendi a luz. Mas dava para ver aquele emaranhado de pelo preto estendido no pontão. Seria preciso fazer alguma coisa com o corpo: embrulhá-lo num pedaço de pano ou numa toalha, ou colocá-lo dentro de um saco.

Vi um vulto caminhando pelo pontão, vindo na direção do barco. Só tive certeza de que era realmente ele quando chegou à prancha de embarque.

— Boa noite — disse ele com um sorriso.

— Está ali — apontei. — Olhe.

Ele se virou para onde eu indicava.

— Muito bem. Pode entrar, volto em um minuto. E ponha a água para ferver, ok?

Fiz o que ele disse. Imaginei que estivesse dando uma olhada no corpo, tentando descobrir como Oswald acabara daquele jeito, ou fazendo seja lá o que for que detetives fazem nessas horas. Era um gato tão bonitinho, afetuoso, não conseguia entender por que alguém o machucaria. Mas alguém decidiu fazê-lo. Pensei no homem que Pat vira na noite anterior, o homem que, eu estivera estupidamente convencida, era Dylan. Mas não poderia ter sido ele, afinal.

A água ferveu na chaleira no momento em que Carling, enfim, abriu a porta e entrou. Estava usando calça jeans e tênis, com um casaco impermeável preto por cima. Ele ficava bem diferente sem terno, mais jovem. Foi até a pia e lavou as mãos.

— Desculpe ter ligado para você. Não sabia mais o que fazer — falei, colocando duas canecas de café sobre a mesa da sala de jantar.

— Tudo bem. Eu não estava fazendo nada especialmente empolgante.

— O seu trabalho deve afetar um bocado a vida doméstica, não? — perguntei, nada sutil. Senti minhas bochechas ficarem vermelhas.

— Pode afetar, sim — respondeu ele sucintamente.

Bebemos o café.

— O que você acha que aconteceu? Com o Oswald, quero dizer?

— Difícil saber. Não dá para ver direito os ferimentos no escuro. Você já contou para os donos dele?

Neguei com a cabeça.

— Eu tive a impressão de que havia alguém no pontão. Não queria sair do barco, no caso de eles ainda estarem ali fora.

— "Eles" quem?

Olhei diretamente para ele.

— Sei lá, as pessoas que mataram Oswald.

Ele suspirou e passou a mão no cabelo.

— Sabe, eu tenho a leve impressão de que há alguma coisa acontecendo que você não me contou, Genevieve. Assim fica difícil ajudar você, sem conhecer toda a história. Entende?

Assenti.

— Juro que não está acontecendo nada. Só estou apavorada. Estou em choque desde que encontrei… você sabe, o cadáver.

— Candace Smith — disse ele.

— O quê?

— Era o nome dela, Candace Smith. O corpo foi identificado.

— Ela era… daqui?

Carling balançou a cabeça.

— Não, era de Londres. Ainda não sabemos o que veio fazer aqui.

— Então ela se afogou?

— Afogamento foi a causa da morte, mas a necropsia revelou um ferimento na cabeça. Mesmo fora d'água, teria morrido em pouco tempo por causa da fratura craniana.

Eu desviei o olhar, pensando em Caddy e no seu rosto, seu rosto adorável, despedaçado e inchado, coberto pela água enlameada do rio. Fiquei enjoada ao pensar no que acontecera com ela e meus olhos se encheram de lágrimas. Enxuguei-os com o dorso da mão e respirei fundo.

— Você acha que ela bateu com a cabeça no pontão, quando caiu?

Seu olhar respondeu à pergunta.

Ficamos em silêncio. Eu tentei conter as lágrimas. Ela era tão adorável, tão gentil comigo. E eu nunca mais voltaria a vê-la.

— Estou apavorada. Tenho medo de ficar sozinha.

— Você sabe que não posso ficar — disse ele.

— Sei, é claro. Espero que você não tenha pensado…

— Pensado o quê?

— Pensado que eu estava… sei lá…

Ele sorriu compreensivamente.

— É uma pena. Eu queria que estivesse. Deixe para lá. De qualquer modo, não posso ficar. Isso não seria correto.

— Você está saindo com alguém? — perguntei, após seu flerte me dar coragem.

— Não. E você?

— Não. Sou só eu e o barco.

— Certo. — Ele terminou de beber o café. — Embrulhei o gato numa toalha velha que tinha no meu carro — disse ele. — Já pensou no que vai fazer?

— Terei que falar com Malcolm e Josie de manhã. Eles vão surtar.

— Acho que seria mais delicado lhes dizer que ele foi atropelado, para ser sincero.

— Você acha que eles acreditariam nisso? Quero dizer, ele não parece ter sido atropelado.

— Talvez prefiram não olhar de perto.

Eu me senti nauseada.

— Quem terá feito isso? Sério, que tipo de babaca doente?

— O mesmo tipo de babaca doente que fraturou o crânio de Candace Smith, eu acho.

Corei e olhei para as minhas mãos. Elas tremiam.

— Olhe — prosseguiu ele —, não posso forçá-la a me contar. Mas quem quer que tenha matado aquela garota parece ter colocado deliberadamente o corpo perto do seu barco. E agora, ao que parece, alguém deixou um recado bem desagradável para você. E você não faz realmente a menor ideia de quem está por trás disso?

Ele me olhava fixamente, estudando meu rosto. Perguntei-me como era possível que eu estivesse revelando segredos sem lhe dizer coisa alguma. Minhas bochechas ardiam e me levantei, desajeitadamente, levando minha caneca até a pia e jogando fora o resto do café. Atrás de mim, ele fez um ruído, como se fosse um suspiro que se tornou um grunhido de frustração.

Carling se levantou e trouxe sua caneca para mim. Sem dizer nada, eu a peguei e lavei na pia.

— Candace Smith era uma stripper. Trabalhava em uma boate em Londres, um lugar chamado Barclay. Já ouviu falar?

Tentei ao máximo relaxar. Aquele não era um assunto sobre o qual eu quisesse conversar, não com Carling.

— Estou com medo, Jim.

— Eu sei que está.

Ele pôs uma das mãos no meu ombro.

Eu me virei na pia para encará-lo. Ele estava a ponto de dizer algo, mas desistiu. Seu rosto estava bem próximo do meu. Eu poderia ter me afastado, mas havia alguma coisa nele, naquela proximidade. Dava para sentir o calor do seu corpo.

— Você não precisa ter medo — disse ele, tão baixinho que mal o ouvi.

Dando um passo a frente, ele me beijou. Apesar de sua proximidade, aquilo me pegou de surpresa. Começou sendo delicado, mas, depois, ele me empurrou contra a pia e o beijo se tornou vigoroso, ávido. Eu devia ter resistido, pensei vagamente, ao mesmo tempo que percebia como era gostoso e que por nada no mundo eu deixaria de retribuir aquele beijo, com a mesma impetuosidade e, talvez, até mais.

Quando nos afastamos, ofegantes, sussurrei:

— Sinto muito. — Como se eu o tivesse atacado. Como se a ideia tivesse sido minha.

— Eu não posso ajudar — disse ele, suavemente —, a menos que você me conte.

— Não posso. Simplesmente, não posso.

— Está bem. — Ele recuou, se afastando de mim. — Já está tarde.

— Eu sei, sinto muito.

E então, como se houvesse um campo magnético atraindo-o de volta, ele me beijou novamente, seus braços me envolvendo, sua mão no meu cabelo. Eu podia sentir a sua excitação. Por alguns instantes, pensei: *Ele vai querer ficar? Vamos fazer sexo? É isso que estou esperando?* E então, ele se afastou de mim outra vez, se virou e se debruçou sobre a mesa de jantar.

— Merda — exclamou ele. — Desculpe por isso.

— Não se desculpe, Jim — falei. A expressão em seu rosto me fez rir. O que acontecera para que acabássemos nos agarrando como um casal de adolescentes?

— É melhor eu ir — disse ele.

— Claro.

— Você quer que eu fique?

Pensei um instante. Pensei em Dylan e meu coração apertou: o último homem que eu beijara. O último homem com quem dormira. Eu o esperara por cinco meses, até que ficou claro que ele não estava interessado. Ele não se preocupava mais comigo; talvez, jamais tivesse sequer gostado de mim.

— Escute, não quero tornar as coisas mais difíceis para você. Quer que eu fique, até você conseguir pegar no sono?

Aquilo me pareceu uma ótima ideia — e enquanto ele estivesse ali eu me sentiria segura, pelo menos.

— Quero — respondi. — Seria muito gentil de sua parte.

Ele me levou até o quarto. Tirei a calça jeans e me deitei. Ele me cobriu e sentou-se na beira da cama. Depois de um instante, falei:

— Pode se deitar, se quiser.

— Não quero dormir — disse ele, mas deitou-se assim mesmo. Ficamos deitados na cama, lado a lado, olhando para a claraboia. Ele segurou minha mão. Eu pude sentir que estava tenso ao tocar sua pele.

— Assim que você dormir, eu irei embora. Você vai ficar bem. Ligo para você amanhã, pode ser?

— Pode — sussurrei.

As nuvens tinham sumido e, sobre nós, o céu negro e noturno parecia uma manta, algumas estrelas pequeninas surgiram, como pontinhos luminosos. Fechei os olhos, temendo ver um rosto ou um vulto no retângulo escuro. Comecei a ficar com sono. Eu estava ciente daquele volume ao meu lado, aquele calor. Queria me aninhar a seu corpo, colocar meu braço sobre sua cintura, de modo que não pudesse escapar sem que eu percebesse.

— Estou feliz que você tenha me ligado — disse ele.

— Pensei que fosse ficar bravo. Não, na verdade não pensei em nada. Eu só sabia que queria ver você. Sabia que você me faria sentir melhor.

— Não consigo acreditar que eu a beijei.

— Eu tampouco.

— Faz dias que tenho pensado em beijá-la.

— É mesmo?

— Você sabe…

— O quê?

— Você sabe que isso não pode acontecer, não é? Não agora. Não em meio a uma investigação e tudo o mais.

— Os policiais nunca são atraídos para situações imorais pelas testemunhas, então? Isso nunca acontece?

Ele riu.

— Não. Comigo, não — respondeu. Seus dedos afagavam a pele no dorso da minha mão. Era apaziguador, tão delicado.

— Gosto de você — murmurei.

— Também gosto de você.

Ficamos calados por alguns instantes e eu me perguntei se, caso ficasse quieta por um bom tempo, talvez ele também caísse no sono; talvez eu acordasse e ele ainda estivesse ali e o dia estaria raiando através da claraboia, no lugar da escuridão.

Mas o que aconteceu foi bem diferente: adormeci e, quando acordei, ele não estava mais lá.

Dezessete

NO TOTAL, CONTEI não mais do que cinco convidados na festa de Fitz. Eram bem menos numerosos do que os garçons e os capangas que trouxeram com eles, que não estavam participando oficialmente da festa, e o séquito de Fitz, que incluía vários outros homens, como Gray, Nicks, Dylan e eu.

Antes da minha primeira dança, troquei de roupa em um banheiro do andar debaixo. Dylan trouxera um CD com minhas músicas favoritas e mais algumas extras, e o colocou no aparelho de som de Fitz.

Eu gastara uma fortuna com a roupa, embora consistisse apenas de pouco mais do que uma calcinha e algo apertado por cima, que eu podia retirar durante a dança.

Na verdade, gastara a maior parte nos sapatos — duzentas libras em um par de sandálias com tiras, as quais eu amarrava até abaixo do joelho. O salto alto media treze centímetros. Precisei ensaiar para conseguir dançar com ele. Embora meu ponto de aderência fosse da pele das panturrilhas até os calcanhares, quando o experimentei, funcionou. O único risco seria se uma das tiras se enrolasse na outra quando cruzasse as pernas na altura dos calcanhares.

Dylan veio me buscar. Apesar da minha roupa, ele não olhou mais de duas vezes para mim.

— Está na hora — disse ele.

A primeira dança correu bem. Comecei com minha música favorita, a mesma que usara no teste com Fitz — "Grounds for Divorce", de Elbow.

Girei em torno do mastro vigorosamente para começar e era minha primeira oportunidade de dar uma olhada nos homens reunidos nas cadeiras e sofás. Estavam elegantemente vestidos, e todos já tinham bebido alguns drinques — incluindo Fitz —, mas ainda não estavam bêbados e seria preciso um início espetacular para atrair a atenção deles. Eles continuavam conversando e rindo entre si, quando comecei, mas pararam nos primeiros dez segundos da minha apresentação e, a partir daí, atraí toda a atenção deles — com meu corpo na vertical, de cabeça para baixo, com inversões *split* e giros, meu cabelo voando formando um arco, tão rapidamente que devem ter sentido a brisa no rosto.

Fitz me observava e olhava para seus convidados, voltando a se virar para mim, com uma expressão difícil de decifrar. Aprovação, com certeza. Excitação? Eu nunca conseguia saber, não com ele.

* * *

Na manhã seguinte, fui até o *Titia Jean* falar com Malcolm e Josie, mas o barco estava vazio e o postigo, fechado. Liam estava no convés do *Painted Lady*, ocupado com alguma coisa. Ele acenou para mim e eu atravessei o pontão, andando na sua direção.

— Bom dia — disse ele.

— Como vai?

Ele apontou com a chave de fenda que tinha na mão para a sede. Havia uma escada apoiada à parede.

— A luz caiu outra vez. Maureen estava infernizando Cam.

— Caiu outra vez? O que isso quer dizer?

— Alguém cortou o fio. Maureen disse que Cam deveria instalar portões eletrônicos no estacionamento e manter tudo trancado à noite. Ela vai tentar marcar uma reunião com os moradores, hoje à noite. Ela ainda não passou no seu barco?

Balancei a cabeça.

— Não. Eu a vi ontem. Ela estava falando disso. Liam, você viu Malcolm e Josie?

— Faz meia hora que saíram para ir ao supermercado.

— Ah, é? Obrigada.

Ainda não fazia ideia de como contar para eles o que acontecera com Oswald. Eu colocara o gato dentro de uma bolsa de algodão, ainda embrulhado na toalha de Carling, e o deixara na casa do leme para que não ficasse molhado, caso chovesse. Seria preciso enterrá-lo, talvez na área de recreação? No terreno de Roger e Sally? Todas as opções pareciam terríveis.

Não conseguia tirar Carling da cabeça. Ele me perguntara sobre o Barclay e eu me esquivara para não ter que responder. Ele sabia onde Caddy trabalhava. O que significava que era apenas questão de tempo até descobrir que eu também havia dançado lá e que éramos amigas. Precisava de Dylan, precisava dele desesperadamente. Por que não atendia o telefone? E Carling ainda ficou deitado comigo na cama. Isso pareceu tão estranho pela manhã. Se um dia voltasse a vê-lo, me sentiria envergonhada por causa disso.

— O que Cam disse sobre os portões? — perguntei.

Liam riu.

— Você conhece a Maureen. Talvez ela não tenha falado com ele da maneira certa.

Voltei para o meu barco e abri minhas plantas e anotações sobre a mesa da sala de jantar. Se começasse pelo banheiro, acabaria perdendo o espaço do depósito na proa. Precisaria começar pela estufa e pelo teto retrátil — teoricamente, um projeto mais simples, mas na prática era bem complicado.

Liguei para uma vidraçaria local e tentei descrever o que eu queria. Já fizera isso antes, com outras empresas, e recebera as mais variadas respostas. Uma pessoa, inclusive, disse na minha cara que eu não sabia o que estava fazendo e que o melhor seria deixar o barco do jeito que estava e comprar uma bela casa.

A vidraçaria local me pareceu bem melhor. Falei com um rapaz chamado Kev, que prometeu passar na marina para dar uma olhada no barco.

Em algum momento, seria preciso pegar o maçarico e os serrotes para cortar uma abertura no teto da cabine. Já o fizera antes, com as claraboias e, todas as vezes, aquilo me deixara nervosa. Mas quando Kev apareceu, uma hora mais tarde, ele se mostrou mais prestativo do que eu esperava, oferecendo-se para me ajudar a instalar o teto retrátil, além de fornecê-lo. O pai dele tinha um barco e, frequentemente, ele o ajudava. Nenhuma reforma tão grande quanto a minha, mas ele olhou meus projetos e o artigo da revista *Waterways World* que eu anexara, o

qual trazia a imagem de um barco com um teto retrátil semelhante, e concordou que aquilo podia ser feito. Disse até que ainda tinha uns trilhos que poderiam ser usados para montar o mecanismo retrátil.

Comecei a me sentir animada outra vez.

— Em quanto tempo conseguiremos terminar isso, se eu encomendar todo o material agora?

— Em seis semanas — respondeu Kev. — Quando os materiais estiverem prontos, aproveitaremos os dias de tempo bom para que eu possa ajudá-la com o teto.

Eu me senti muito melhor tendo um projeto. Fiz um cheque como garantia e, quando acenei para o Kev na van, o sol apareceu.

Malcolm e Josie tinham voltado.

Fui até o *Scarisbrick Jean* e bati no postigo. Ouvi um grito vindo lá de baixo; podia ter sido "pode entrar" ou "vai se ferrar". De qualquer maneira, abri a porta e desci os três degraus até a cabine.

Josie estava guardando as compras na cozinha.

— Tenho uma má notícia.

Seu rosto ficou abatido e ela se virou para mim.

— Oswald?

Eu assenti e andei até ela para abraçá-la assim que começou a soluçar.

— Eu sabia, eu sabia que alguma coisa tinha acontecido com ele — disse ela. — Eu falei para o Malcolm, eu disse…

Naquele momento, Malcolm saiu do quarto.

— O que está havendo?

Olhei para ele, sobre o ombro de Josie.

— Encontrei Oswald.

— Ah, merda! Ele está morto? Eu sabia; ele sempre volta para casa. Foi atropelado, não é? Foram aqueles babacas a toda velocidade na estrada.

Eu não disse mais nada. Devia ter-lhes contado o que acontecera, mas estava com medo de que me culpassem. Eu tinha provocado aquilo: transformara a marina naquele pesadelo.

— Onde está ele? — sussurrou Josie. Malcolm a estava abraçando, batendo levemente nas suas costas com as mãos ossudas.

— Eu o deixei na minha casa do leme — respondi. — Embrulhei seu corpo.

Malcolm assentiu.

— Vou buscá-lo.

— Quer que eu fique com você? — perguntei à Josie.

Ela balançou a cabeça.

— Preciso de um minuto — disse ela, com os ombros trêmulos. — Só preciso ficar um pouco sozinha. Você… você pode ir com Malc.

Chegamos na casa do leme e eu indiquei a bolsa de algodão, onde ele estava perfeitamente embrulhado.

Malcolm virou-se para mim.

— Tem alguma coisa que você quer me dizer?

O sol forte aquecia minha nuca. Por um instante, pude sentir todo seu calor.

— Ele não foi atropelado — respondi. — Sinto muito.

— Tudo bem. Não contaremos isso para Josie.

— Não.

— O que aconteceu?

— Ontem à noite escutei um barulho. Como um baque. Quando saí para olhar, Oswald estava estendido no pontão.

— Você viu alguém?

Balancei a cabeça e lhe perguntei:

— Você está sabendo que alguém cortou os fios outra vez? Liam me disse que Cam estava tentando consertá-los, hoje de manhã.

— Sei. Maureen ficou me enchendo com a história dos portões eletrônicos, quando saí para fazer compras, mais cedo. Como se isso fosse resolver alguma coisa.

Ele pegou o embrulho, abraçando-o delicadamente, como se Oswald ainda estivesse vivo.

— É melhor eu levá-lo de volta — disse ele.

— Posso ajudar? Com… Você sabe, cavando um buraco.

Ele sorriu.

— Não. Farei isso mais tarde. Obrigado.

Ele me deixou sozinha no convés, levando Oswald nos braços. Eu me senti muito triste por eles, e Malcolm tinha sido tão gentil. Apesar de ser tudo culpa minha.

* * *

No total, ganhei quase cinco mil libras por uma noite de trabalho na casa de Fitz. Na verdade, dei duro para isso — perdi a conta das músicas que dancei no mastro, e depois ainda teve as *lap dances* com cada um deles. Valeu a pena pelas gorjetas.

Por volta das três horas, a maioria dos convidados de Fitz já havia ido embora. Um homem ficara — vestindo um terno feito à mão, camisa de seda aberta no colarinho. Joias no pulso. Gorjeta alta garantida. Já estava conversando com ele há algum tempo, enchendo seu copo e rindo de seu péssimo senso de humor. Seu nome era Kenny. Minha memória era horrível, mas eu treinara no meu outro emprego, repetindo os nomes das pessoas constantemente, até memorizá-los. Parecia estranho, mas nunca conheci um homem que tivesse reparado nisso. Todos eles pareciam adorar o som dos próprios nomes.

O flerte estava evoluindo. As mesmas frases, cujas variações eu ouvia na maioria dos fins de semana no clube.

— Sério, você é a melhor dançarina que já vi. E já vi algumas. Qual é o seu nome?

— Você sabe. Viva.

— Não, seu nome verdadeiro, qual é?

— Se eu lhe dissesse, quebraria o encanto, Kenny. Você precisa confiar em mim.

— Você tem um corpo incrível, Viva.

— Obrigada, Kenny.

— Não, é sério. Você merece mais do que isso. Por que você não sai comigo? Vamos, diga

que sim. Você vai se divertir como nunca.

— Tenho certeza que sim — respondi, sorrindo.

— Então, você vai sair comigo? Deixe-me levá-la a algum lugar. Tenho uma casa na Espanha. Venha passar um fim de semana comigo…

As palavras saíam pastosas de sua boca. Ele seria incapaz de se levantar sozinho. Enchi seu copo.

Atrás dele, na penumbra da sala, Dylan olhou para mim e, depois, para seu relógio.

— Ah, não posso. Eu adoraria, mas preciso trabalhar…

— Eu pago — disse ele. — Diga-me de quanto precisa que eu pago.

— Não se trata de dinheiro — menti. — Eu adoro meu trabalho. Com ele posso conhecer caras fabulosos, como você, Kenny.

Ele suspirou profundamente, como se admitisse a derrota. Dylan deu um passo à frente. Estava pronto para botá-lo para fora.

— Que tal uma última dança? — sugeriu Kenny, inclinando-se instavelmente para a frente. — Uma última dança. Só nós dois, sabe?

Dylan surgiu ao seu lado.

— Está ficando tarde. — Foi tudo o que disse.

— Onde está o Fitz? — perguntou o homem.

Aproveitei o momento de distração e pedi licença, indo me trocar no banheiro. Alguns minutos depois, Fitz abriu a porta, sem bater. Eu estava dobrando as roupas e colocando-as dentro da bolsa.

— Viva — disse ele. — Preciso pedir um favor.

Parei com o que estava fazendo e olhei para ele. A noite havia sido longa.

Ele se aproximou e afagou com o dorso da mão o meu braço nu.

— Está vendo? Não é tão ruim assim, é?

— Não é bem essa parte do meu corpo que ele quer tocar, não é mesmo?

— Viva. Este cara vai ser muito útil para mim. Tenho que mantê-lo satisfeito. Ele realmente gosta de você; nunca agiu assim com nenhuma garota antes…

— Eu danço quantas vezes você quiser, Fitz. Foi isso o que combinamos. Você me prometeu que não haveria coisas desse tipo. Se quiser modificar o trato, terá que pagar por isso.

— Quanto?

Eu lhe disse que faria por mil libras, eu mesma escolheria a música e tinha mais uma condição: Dylan ficaria esperando na porta. Fitz pareceu desolado, como se eu estivesse tirando vantagem dele e, ao mesmo tempo, como se acabasse de receber a chave de uma loja de doces.

— Sério? Mil? Quem você pensa que é?

Ele estava bêbado, trôpego. Esperei pacientemente.

Ele me olhou por um bom tempo e depois disse:

— Tudo bem. Mil libras. Você está se arriscando, sabia?

Mil libras. Era melhor fazer o dinheiro dele valer a pena.

A música já tinha começado quando entrei na sala. “Love to Love You Baby” de Donna Summer — a versão estendida de dezesseis minutos, completa, com os gemidos e gritos orgásticos de Donna Summer. Não era a versão de três minutos que havia escolhido. Valeria a pena reclamar?, eu me perguntei. Mas me pareceu mais rápido simplesmente acabar com aquilo

de uma vez.

Ele aguardava, sentado na cadeira. Parecia parcialmente consciente; logo ficaria bem atento. Cheguei por trás dele, toquei com as mãos os seus ombros, descendo pelos braços. Dei uma última olhada para trás. Dylan estava ao lado da porta, seu rosto na penumbra.

Não deixei-o esperando muito até que me despisse. A música me aquecia, de qualquer forma. Ele pagara, ou melhor, Fitz provavelmente o fizera, para ter tudo o que quisesse. Embora soubesse que ele me queria mais perto dele, eu iria começar no mastro, já que era isso que tornava minhas danças especiais. Então girei e rodopiei no mastro, vagamente ciente da presença de Dylan no fundo da sala. Se estivesse assistindo a uma partida de futebol, ele provavelmente teria demonstrado mais emoção.

Como ainda não tinha tirado toda a roupa, fui audaciosa na dança e experimentei alguns movimentos novos. Tentei alguns saltos e algumas contorções que não praticava desde meus tempos de ginástica, embora fazer isso de salto alto fosse uma história completamente diferente, mas felizmente, não caí nem distendi um músculo. Quando a música desacelerou e começou a pulsar, desci do mastro, me aproximei de Kenny e dancei para ele. Ofereci-lhe meus melhores movimentos, bem de pertinho. De início, ele não tocou em mim, depois, pôs uma mão nos meus quadris. Cheguei mais perto, encorajando-o. Então, não havia como fazê-lo parar. Quando seus dedos ficavam muito insistentes, eu recuava, sorrindo como se estivesse me divertindo, como se ele estivesse me deixando excitada. E quando montei em seu colo, esfregando o joelho no volume em sua calça caríssima feita sob medida, olhei para a parte da sala na penumbra. Dylan continuava lá. Imóvel.

Ele me apalpou um bocado. Às vezes de modo desajeitado, desagradável. Houve um instante em que pensei: *Por que estou fazendo isso? Isso não é certo. Não ligo a mínima para esse cara, sequer gosto dele, e ele enfiou dois dedos dentro de mim enquanto mantinha a outra mão na braguilha aberta e eu aqui fingindo que estou gostando. Será que o dinheiro vale isso? Será que realmente vale mil libras?*

A música chegou ao fim, como todas as coisas, boas e ruins.

Dylan aproximou-se com uma toalha grande e macia e a estendeu para mim, como se eu tivesse acabado de atravessar o canal da Mancha.

— Boa noite — falei para Kenny. — Obrigada, foi ótimo.

Ele me deu mais duzentas libras de gorjeta e pediu novamente o número do meu telefone. Sorri e disse que ele deveria ir me ver no próximo fim de semana, no clube. Era uma solução potencialmente lucrativa — ainda que, se nunca mais o visse, seria secretamente um alívio. Dei-lhe um beijo na bochecha e ele agarrou canhestramente meu seio. Peguei sua mão e a beijei. Eu imaginei de onde vinha o seu dinheiro.

Dylan esperou eu me vestir e depois me levou até em casa em silêncio. Tive a impressão de que, por algum motivo, ele estava zangado comigo. Seus olhos estavam fixos na pista à sua frente.

— Você deve estar exausto — comentei, por fim, cansada de observar pela janela o amanhecer ermo e cinzento.

— Não muito — respondeu ele.

— Você mora longe daqui?

Ele deu de ombros.

— Fiz alguma coisa que aborreceu você, Dylan?

Nem neste momento ele olhou pelo retrovisor. Parecia feito de pedra.

— Não.

— Obrigada pela toalha, foi gentil de sua parte.

Silêncio.

Quando chegamos à minha casa, parte de mim esperava que ele fosse sair do carro e abrir a porta para mim, mas em vez disso, ele permaneceu onde estava, o motor ligado, olhando para a frente.

— Obrigada.

Ele esperou até eu alcançar a porta e, em seguida, o X5 sumiu na madrugada.

Dezoito

EU QUASE TINHA me esquecido de que Carling dissera que me ligaria, até o telefone começar a tocar na mesa da cabine.

Eu havia tentado ligar novamente para Dylan, mas seu telefone continuava desligado. Não havia a opção de deixar um recado. Era fácil ficar obsessiva em relação a isso, telefonar a cada cinco minutos, na esperança de que tivesse ligado o celular, por pura sorte, desde a minha última tentativa.

O meu telefone tocou logo depois das nove horas. Estava lavando a louça na pia da cozinha, me perguntando se não era demasiadamente cedo para ir para a cama e se conseguiria dormir se o fizesse.

— Alô?

— Genevieve? Sou eu, Jim Carling.

Eu deveria ter gravado o número dele no meu telefone, assim saberia quem era, em vez de atender de forma tão trepidante.

— Oi, Jim — respondi, minhas bochechas corando, embora não houvesse ninguém por perto. Na noite passada, ele me beijara e pressionara seu corpo contra o meu. Depois se deitara ao meu lado na cama e segurara minha mão até eu dormir, e ainda assim, pela manhã, a única pessoa na qual conseguia pensar era Dylan.

— Desculpe, já está muito tarde — disse ele. — Queria ter ligado mais cedo, mas estava ocupado. Só agora consegui um tempo.

— Tudo bem — respondi. — Obrigada mais uma vez por ter vindo ontem à noite. — Como se ele tivesse vindo para consertar o vazamento de uma torneira ou pendurar um quadro. — Foi realmente muito gentil.

— Como você se virou com Malcolm e Josie? — perguntou ele.

— Eles ficaram muito transtornados. Acho que Malcolm já enterrou o gato em algum lugar.

— Você contou para eles o que aconteceu?

— Não falei para Josie, ela ficou arrasada. Mas Malcolm não é bobo.

— Não — concordou ele. — Foi a impressão que tive, quando conversei com ele no outro dia.

Houve uma breve pausa.

— Você ainda está no trabalho? — perguntei.

— Estou. Acho que a noite vai ser longa.

— Coitado, você deve estar acabado.

Ele riu.

— Estou um pouco, sim. Engraçado isso. Enfim, só liguei para saber como você estava. Sabe onde me achar, caso precise de mim, não é? Ou então, pode ligar para o número central da polícia. Eles mandarão alguém até aí imediatamente.

— Obrigada. — Era só isso?

— Até mais — disse ele. — Durma bem.

Deixei o telefone sobre a mesa, me sentindo decepcionada. Ele poderia pelo menos ter se oferecido para passar aqui a caminho de casa e ver como eu estava.

Acabei de lavar as panelas e me preparei para deitar, escovando os dentes. Deixei todas as luzes acesas na cabine e o rádio também tinha ficado ligado a tarde toda, o ruído ocultando o silêncio. Os momentos sossegados eram os piores, concluí, quando a marina adormecia, a escuridão encobria o Medway e o único som era o do vento e da água, batendo nas laterais do casco, à medida que a maré enchia e o *Vingança da maré* se soltava da lama no leito do rio. Não queria ouvir aquele baque outra vez. Se para isso fosse preciso deixar o rádio ligado durante a noite toda, eu o faria.

Apaguei todas as luzes e fui para a cama. Deixei o rádio programado para desligar à uma hora da manhã. Não seria possível que ainda estivesse acordada, pensei. Eu alternaria entre o sono e o som sereno da Classic FM e só acordaria com a luz do dia. Nada com o que me preocupar. Nenhuma gaivota estúpida andando de um lado para outro sobre o teto da cabine, bem acima da minha cabeça. Nenhum passo no pontão. Nada batendo no casco do barco.

Adormeci, e acho que estava sonhando com Dylan. Ele estava lá, de qualquer maneira, no meu barco, o que nunca fizera na vida real. Estava dizendo: "Você fez um bom trabalho com todo aquele dinheiro, Genevieve." Então pensei que, talvez, Fitz não lhe pagasse tão bem quanto a mim. Percebi de repente que, quando me levou de volta para casa depois da festa particular de Fitz, talvez estivesse puto por causa de toda a grana que eu ganhara por tão pouco trabalho. Embora ele tivesse feito muito naquela noite, tomando conta de mim, me levando, impedindo que eu subisse para o segundo andar e observando todas as outras coisas que estavam acontecendo na festa, sem que eu sequer notasse — provavelmente ele recebera menos de um décimo do que eu levara para casa em dinheiro vivo.

Era dinheiro sujo, eu tinha me dado conta depois. Mas para mim, era apenas dinheiro. Uma bela soma que poderia investir no meu barco. E eu me enganara em relação a Dylan, é claro. Eu me enganara praticamente em relação a tudo, na época.

* * *

Na manhã de domingo após a festa particular de Fitz, dormi até tarde.

Quando acordei, estavam batendo na porta. Meio sonolenta, fui atender — era uma entrega de um buquê de rosas e lírios, tão grande que mal consegui enxergar o entregador atrás dele.

Dei um jeito de passar com elas pela porta e levá-las até a cozinha. Depois, li o cartão que dizia somente:

Obrigado
Você foi fantástica

Sorri, enquanto procurava vasos suficientes para acomodar todas as flores e espalhá-los pela

casa. Eu tinha me divertido, independente do dinheiro, até mesmo na última dança para Kenny. A nudez era apenas um estado de espírito, afinal. E os dedos desajeitados, as mãos ávidas? Nada que uma ducha quente não resolvesse. Ele não era tão ruim assim; na verdade, se não estivesse tão bêbado, eu poderia até achá-lo atraente.

Eu me perguntei se Fitz gostava de mim. Seria por essa razão que me chamou para sua festa? Não, evidente que não — ele estava entretendo seus convidados e eu era sua melhor dançarina — ele repetira isso com bastante frequência, e Dylan tinha dito algo semelhante mais cedo naquela noite, não dissera?

Uma coisa era certa: Dylan certamente não gostava de mim. Na verdade, ele mal olhara para mim a caminho de casa naquela manhã. A tensão em seus ombros, o modo como olhava fixamente para a frente, como se eu não estivesse ali, me deixaram triste. Queria que olhasse para mim. Queria que sorrisse, me vendo dançar, e não fazia ideia do motivo. Ele nem fazia o meu tipo. Era taciturno, monossilábico… um mal-humorado de merda, em outras palavras.

Fitz era bem melhor. Talvez, se fizesse minha parte direito, pensei, poderia conseguir o dinheiro e ir embora antes do esperado.

* * *

Quando me levantei, fazia um dia lindo. Parecia que estávamos no verão, um céu imenso e azul lá em cima, tão brilhante que os olhos doíam ao olhar para ele, sulcado de vestígios de neblina e pequenas nuvens ocasionais. Um dia calmo, o rio cintilando. A cabine estava aquecida, muito embora o fogão à lenha estivesse apagado e as cinzas, frias.

A porta para a casa do leme estava emperrando. O clima úmido empenava a madeira. Esta seria minha tarefa naquele dia, algo para me distrair. Fazia frio lá fora, mas o ar estava tão fresco e límpido que fiquei respirando fundo por um bom tempo.

A marina estava sossegada, todos os barcos calmos. O estacionamento estava tranquilo; o Ford Transit de Joanna e Liam estava lá, e o Fiat de Maureen e Pat também. Havia outro carro que não reconheci. A porta do escritório da sede estava aberta. Tudo parecia normal. Eu estava esperando que algo acontecesse à noite, algum novo terror a enfrentar, mas a manhã estava tão comum e saudável que me senti meio boba por causa de toda aquela apreensão.

Voltei para a cabine para pegar um suéter, e enquanto estava ali, pus a chaleira no fogo para preparar um café. O ar fresco invadiu a sala, entrando pela porta aberta, e a chaleira começou a soltar seu vapor formando nuvens de fumaça.

Fiquei ao lado da porta da casa do leme, observando a poeira dançar e rodopiar sob a luz do sol, à medida que a marina despertava ao meu redor. Maureen foi a primeira a aparecer, com sacolas de compra vazias nas mãos. Ela gritou por sobre os conveses dos barcos:

— Precisa de alguma coisa?

— Aonde você vai?

— Ao mercado.

— Não, obrigada! Divirta-se.

Ela acenou para mim e seguiu na direção do estacionamento.

A porta melhorou, mas ainda ficava emperrando. Indaguei se valia a pena passar para o

lado de fora e aplainar a superfície, mas não estava tão ruim assim, ainda não. Voltei a lixar e perdi a noção do tempo. Meu ombro começou a doer.

A porta da cabine de Joanna se abriu com uma pancada. Pude ouvir a música que estava tocando. Reconheci imediatamente, ainda que estivesse longe — "Venus in Furs", de Velvet Underground. Eu costumava dançar aquela música, séculos atrás.

Podia sentir o cheiro de bacon frito, também. Perguntei-me se era de Joanna. Parei de lixar por um momento a fim de esticar os braços sobre a cabeça e, depois, bebi meu café. Estava frio e flocos de serragem flutuavam na superfície.

Eu tinha acabado o trabalho na casa do leme e a cabine estava cheia de poeira. Não queria me preocupar com aquilo no momento. Deixei as coisas como estavam e fui até o *Painted Lady*, no exato instante em que Joanna apareceu no convés com uma caneca fumegante e um prato nas mãos.

Ela me viu e acenou.

— Quer um pouco? Liam está preparando mais.

Neguei com a cabeça.

— Não, obrigada.

— Venha tomar um café, então.

Desci os degraus até a cabine. Liam estava em pé na cozinha, vestindo uma calça jeans. Ele estava balançando uma frigideira que chiava furiosamente, uma fumaça tênue ao seu redor. Fiquei contente ao ver que a cabine deles estava num estado de desordem maior do que a minha.

— Bom dia — disse ele, jovialmente. Ele estava com a aparência de quem não havia dormido.

— Oi — respondi. — Como vai você?

— Nada mal. Acho que bebi demais. Foi aniversário de Manda.

— Ah, sei.

Eu peguei a última caneca limpa e me servi um pouco de café. Não coloquei leite. Subi de volta para o convés. Joanna estava sentada de frente para o sol, com a boca cheia de sanduíche de bacon, o que fazia suas bochechas parecerem as de um hamster.

— Parece que vocês tiveram uma noite e tanto. Quem é Manda?

— Minha irmã — respondeu ela, sem parar de mastigar.

— Ah, vocês fizeram as pazes, então?

— Essa é outra irmã.

Seu machucado já estava desaparecendo, restando somente uma mancha sob o olho, que poderia ser confundida com um sinal de cansaço. O ruído de um motor passou pelo rio, perto de nós, e depois se afastou. O sol aquecia nossos rostos.

— Aquele policial parece bem simpático — disse ela, por fim.

Olhei para ela. Seu sorriso era malicioso.

— Você está falando de Jim Carling? Ele é legal. Gosto dele. Mas para onde vocês foram ontem à noite?

— Só até a cidade. Fomos ao bar George Vaults e demos um passeio.

— A que horas vocês voltaram?

— Não tenho certeza. Tarde. Por quê?

— Estava só pensando se vocês viram algo diferente na noite passada. Alguém. No estacionamento, quero dizer.

Seu rosto ficou inexpressivo.

Quando voltei para o *Vingança*, Malcolm estava sentado no pontão, ao lado da popa do *Scarisbrick Jean*, mexendo na conexão do cano de água do barco com a torneira de abastecimento. Ele batia na conexão com uma chave inglesa, provocando um terrível ruído metálico, que soava dramático e ecoava na parede do escritório. Seu rosto estava vermelho e gotas de suor brotavam de sua testa.

Ao me ver, ele parou o que estava fazendo.

— Isso parece ser sério — comentei.

— Acho que está entupido. A pressão da água está fraca.

Tive vontade de dizer que desfazer a conexão provavelmente não adiantaria nada, mas ele parecia tão deprimido que me contive.

— Aceita um cafezinho? — perguntei, em vez disso.

Sua expressão se animou.

— Sobrou alguma cerveja?

— Claro. Mas não deve estar gelada.

Nós estávamos no lado ensolarado do convés, onde eu me sentara ao lado de Ben uma semana antes, bebendo nossas cervejas.

— Como vai Josie?

— Vai bem, apesar de tudo. Ela não dormiu muito, por isso foi se deitar um pouco.

— Eu sinto muito por tudo.

— O que eu não entendo — disse ele — é por que Oswald? E o que estavam fazendo aqui no meio da noite? Matando gatos? Não faz sentido.

— Eu sei.

— Desgraçados.

— Eu escutei alguém fugindo.

— Você viu alguém?

— Não.

Ele balançou a cabeça, bebeu um bom gole de cerveja e soltou um longo arroto abafado.

— Mas por que ele foi deixado próximo ao seu barco?

Dei de ombros. Se pudesse mudar de assunto, eu o teria feito.

— Imagino que você deve ter irritado alguém, quando estava em Londres.

— Eu não — respondi, tentando rir.

— Você por acaso fugiu com o dinheiro do caixa ou algo parecido?

— Nada disso.

— Sei. Acho que tem muito mais por trás disso. Essa bandidagem de Londres não dá moleza, você sabe, não é? Obviamente, você aprontou alguma coisa para deixá-los irritados. Ou então, você tem alguma coisa que os interessa.

Seu tom de voz baixou e eu olhei na direção do rio, tomando grandes goles de cerveja e tentando engolir sem me engasgar. Eu nem tinha pensado nisso — o maldito pacote de Dylan. Claro, era isso. Com certeza essa era a razão de tudo.

— Você está bem? — Ele me olhava, preocupado.

Não respondi de imediato. Malcolm estava olhando para a garrafa de cerveja que eu segurava apoiando no joelho. Olhei para ela, indagando por que estava se mexendo, e então percebi que minha mão tremia.

Deixei a garrafa ao lado dos meus pés e coloquei a mão sobre as pernas, esfregando-as na calça jeans, tentando conter a tremedeira.

— Eu tenho uma coisa — falei, com a voz instável.

— O quê?

Levantei-me e respirei fundo, tentando conter o pânico que começava a me sufocar. Coloquei a mão sobre a boca.

— Gen? O que é?

— É… É apenas um pacote. Alguém me deu em Londres, pedindo para guardá-lo.

— E o que tem nele? Drogas? Uma arma?

Porra! Um revólver? Não tinha passado pela minha cabeça que podia ser uma arma. Com certeza, não era isso. Tratava-se de drogas, certamente, apesar de eu ter feito o possível para não pensar nisso, apesar de tê-lo apenas escondido e o esquecido parcialmente, apesar de ter fingido que não existia, não de verdade. Não era o que estava dentro que importava — era o fato de pertencer a ele. Poderia ser qualquer coisa.

— Eu não sei; não quis fazer muitas perguntas. Só prometi que tomaria conta daquilo, mais nada.

— Meu Deus, isso explica um bocado de coisa, não é?

— Pode não ser isso — falei, ao mesmo tempo percebendo que de fato fora por isso.

— Você precisa se livrar desse pacote.

— É, claro. Obrigada por me avisar! Tenho tentado entrar em contato com a pessoa que me deu. Até agora, não tive sorte.

— Você quer que eu… cuide disso?

— O quê?

— Não sei, poderíamos esconder em outro lugar. Poderíamos enterrá-lo.

— Não, está bem guardado. Obrigada, mesmo assim.

Aquilo ainda era o pacote de Dylan, e eu devia tomar conta dele. E se ele aparecesse para buscá-lo, apesar de tudo, e eu o tivesse jogado fora? Ele ficaria furioso.

Ficamos sentados em silêncio por algum tempo, observando um pequeno barco trepidar rio acima. A mulher sentada na popa usava um biquíni. Não fazia tanto calor para isso, fazia? Eu começara a me acalmar um pouco. A brisa fresca soprava em rajadas sob a ponte do rio Medway. A mulher no barquinho acenou para nós. Malcolm ergueu sua garrafa de cerveja, cumprimentando-a.

— Você trabalhou por muito tempo naquela boate?

— Uns seis ou sete meses, no total.

— Sente saudades?

— Às vezes. Era bem divertido.

— Por que saiu de lá?

— Consegui dinheiro suficiente para comprar o barco.

Ele olhou para mim e começou a rir.

— Essa não pode ser a única razão. Por que não trabalhar lá e reformar o barco ao mesmo tempo?

Ele estava certo, é claro. Houve um momento em que tudo começou a dar terrivelmente errado, quando as coisas começaram a se revelar. E elas se revelaram no Barclay exatamente no mesmo momento em que meu emprego noturno entrou em colisão com meu emprego diurno, e tudo teve início na noite em que reconheci meu chefe, no meio dos vários clientes do Barclay.

Dezenove

MEU CHEFE SE chamava Ian Dunkerley, um homem de grande porte com síndrome de homem pequeno. Seu método de trabalho consistia em fazer com que você parecesse um idiota na frente dos colegas, de modo a deixá-lo desconfiado dos amigos e o desprezando.

Ele assumira o cargo de gerente da equipe de vendas poucos meses antes. Na época eu tinha um dos melhores desempenhos de vendas, mas não era *a* melhor, o que fazia de mim um alvo. Todos aqueles que não eram o melhor viravam um alvo. A ideia, imagino, era aumentar a nossa fome de lucro, ou pelo menos fazer com que quiséssemos ser o favorito, o único que não era visado e não sofria abusos, mas na prática, aquilo apenas irritava todo mundo.

De todas as pessoas que eu poderia encontrar no Barclay, logo ele.

Inicialmente, não notei a presença de Dunkerley, já que estava concentrada nos movimentos. Mas durante os momentos habituais em que parava numa posição particularmente provocadora, recuperando o fôlego, preparando-me para o próximo salto ginástico, enquanto vasculhava o salão, procurando meus clientes de sempre, ou possíveis novos clientes, homens que parecessem razoavelmente embriagados, eu o vi.

Lá estava ele.

Fiquei tão assustada que quase caí do mastro. Precisei dar mais um giro, o que me deixou arfando.

Ele estava sentado em uma das cabines VIP com vários outros homens — vestidos casualmente, percebi; fiquei surpresa que os tivessem deixado entrar —, rindo e brincando com algumas garotas e, felizmente, prestando pouca atenção ao que acontecia no palco.

Quando terminei meu número, corri de volta para o camarim, ruborizada, sem fôlego, pronta para cancelar o restante da noite alegando estar doente. Eu não faltara a sequer uma apresentação, desde que Fitz me contratara, mas a simples ideia de voltar para lá e dançar na frente daquele homem hediondo me deixava enjoada.

— Você está bem? — perguntou Kay.

Kay era nova no Barclay, uma especialista em *pole dance*, assim como eu. Ela tinha vindo de um dos outros clubes de Fitz porque tinha apresentado um show "desafiador", principalmente devido a seus trajes, que continham várias insinuações sadomasoquistas. Seu nome artístico era Mistress Bliss, mas, por ser extenso demais, podíamos chamá-la de Kay, desde que fosse longe dos ouvidos dos clientes.

— Estou. Obrigada. É só que… acho que vi alguém que conheço.

— O quê? Entre os clientes?

— Sim.

Ela riu.

— Isso acontece comigo o tempo todo. Eu vi meu antigo professor de matemática, quando estava trabalhando no Diamond.

— É mesmo?

— É. Lá estava ele, o Sr. O'Brien, babando na primeira fila. Foi hilário. Mas quem foi que você viu lá fora?

— Meu chefe — respondi com uma careta.

— Do seu trabalho diurno?

Nem todas nós tínhamos outro emprego durante o dia. De qualquer maneira, nunca mencionávamos isso no clube. Eu não tinha a menor ideia do que as outras garotas faziam.

— Sim.

— Ah, merda! Ele não sabe que você trabalha aqui?

— Está brincando? E o pior de tudo é que ele não é nada simpático. É um grande babaca. O que vou fazer, Kay?

Ela acariciou meu braço.

— Você se veste assim no trabalho? Quais são as chances de ser reconhecida? Deus sabe que o Sr. O'Brien não me reconheceu. Espero que não, pelo menos.

— Estou me sentindo enjoada.

— Vá para casa. Não peça a Norland. Fale com Helena. Vai ficar tudo bem.

— Não sou covarde.

— Então, você vai ter que ir lá e encará-lo.

Tive a ideia de pedir a uma das garotas para distrair Dunkerley para mim. Mas, fora a Kay, as outras meninas que estavam ali não eram muito simpáticas comigo. Caddy não estava lá. Havia um monte de garotas do leste europeu, que ficavam sempre juntas; elas trabalhavam com afinco e se dedicavam a fazer *lap dances* com os clientes, já que a apresentação delas no mastro era meio insossa e, depois, assediavam o maior número de clientes no salão. Se lhes pedisse ajuda para distraí-lo, era pouco provável que concordassem; certamente, aproveitariam a oportunidade para se vingar de mim, me denunciando para ele.

Sentei-me, me sentindo infeliz, exagerando na maquiagem na esperança de conseguir me disfarçar e pedindo um *babyliss* a alguém, a fim de fazer alguns cachos no meu cabelo liso. Provavelmente, Kay tinha razão. As chances de ele me reconhecer, com o cabelo solto e vestindo aquelas roupas, no escuro e naquelas circunstâncias, eram de fato pequenas.

Ainda assim, o cara era um safado bem esperto, eu não conseguiria enganá-lo.

Minha próxima dança era mais lenta — "All Mine", de Portishead. As luzes do clube estavam baixas e eu quase podia ouvir as conversas ao meu redor, enquanto dançava. Eu adorava aquela música, então foi fácil ignorar sua presença e me transportar para um universo particular, onde eu dançava para mim mesma.

Quando olhei para a mesa onde o vira sentado, perto do final da pista, ele não estava mais lá.

* * *

Depois de duas cervejas, Malcolm voltou para o *Scarisbrick Jean*. Josie erguera a cabeça e nos vira sentados, juntos, os pés sobre a amurada, rindo de alguma coisa. Acenei, mas ela já tinha entrado.

— Melhor eu ir embora — disse ele, terminando sua cerveja.

Enfiando a garrafa vazia no engradado do lado de fora da casa do leme, ele saltou sobre a prancha de embarque. Quando chegou ao convés do *Jean*, acenou para mim.

— Valeu, Gen — gritou ele.

Quando me levantei, cambaleando um pouco, pensando que talvez tivesse sido uma má ideia beber cerveja no meio do dia, percebi algo na lama. Apoiei ambas as mãos na amurada e espiei lá embaixo.

A lama estava revirada, encrespada em volta do barco. Quando olhei direito, me dei conta de que se tratava de pegadas, buracos profundos e espaçados, como se alguém tivesse caminhado por ali, tropeçando, formando um sulco na lama com os pés. À minha esquerda, as pegadas terminavam num monte de lodo, detritos e vegetação fluvial.

As pegadas se afastavam do barco, em direção a um terreno baldio entre a marina e as grandes sapatas de concreto da ponte sobre o Medway. Eu as segui com o olhar até o antigo pontão, meio submerso na lama, que havia sido construído com restos de paletas de madeira atadas com pedaços de corda. Lá, mais lama encrespada e pegadas sobre as paletas, seguindo na direção das moitas que formavam o solo pantanoso sob a ponte.

Alguém caminhara de lá até o meu barco. Deve ter sido difícil transpor a lama profunda e, a julgar pelo que via, a pessoa caíra mais de uma vez. Não havia sinal de ninguém — nada se mexia na marina, não havia carro no estacionamento. No matagal sob a ponte, o único movimento era o das folhas e galhos, agitados pela brisa.

De manhã, eu me sentira aliviada pela noite ter transcorrido sem incidentes. Eu me culpava por ser tão tola, por esperar mais acontecimentos horríveis, sem que houvesse razão para isso. Mas no fim, eu estava certa — alguém estivera ali. Alguém que não queria ser visto por ninguém na marina e, assim, conseguiu se aproximar do meu barco pelo rio, atravessando a lama.

Eu me inclinei um pouco mais, me sentindo tonta com a cerveja e com o odor de lodo fedorento, até conseguir ver que as pegadas estavam sob a vigia. A vigia que dava para a sala do meu barco.

Vinte

NÃO VI DUNKERLEY na manhã de segunda-feira. Ele passou o dia fora, em reunião e, como de costume, tive um dia agitado. Na hora de ir para casa, o terror e o pânico deram lugar ao alívio. Deus era testemunha de que ele já fazia da minha vida um inferno. Não carecia de nenhuma arma adicional para usar contra mim.

Terça-feira era o dia da nossa reunião semanal. Geralmente, era nesses momentos que escolhia um de nós, aquele cujo desempenho ele considerava pior e que precisava de um empurrão. Esperávamos por isso com receio, toda semana.

Mas aquela terça-feira foi diferente. Ele examinou atentamente a sala para ver se estava faltando alguém. Senti seu olhar roçar meu rosto como se estivesse sendo indesejadamente bolinada numa estação de metrô lotada.

Mas não houve humilhação pública, para mim ou qualquer outra pessoa. Ele estava calmo, fazendo anotações, sua pele e sua careca rosadas brilhavam com a transpiração. Ele pediu atualizações das cargas horárias e dos lucros. Assim que isso foi concluído, encerrou a reunião e saiu apressado.

— Que porra é essa? O que aconteceu com ele? — perguntou Alan.

Todos nós comemoramos nossa primeira reunião agradável, desde a chegada de Dunkerley, com café e uma longa conversa sobre o que poderia ter acontecido com ele. Eu tinha uma terrível impressão de que aquilo tinha relação com nosso encontro no clube, mas fiquei quieta.

Depois disso, Dunkerley passou a me evitar no trabalho, e eu comecei a relaxar. Talvez tivesse ficado constrangido com a situação; talvez estivesse preocupado, achando que eu contaria para todo mundo que ele estivera numa boate com strippers. Quase consegui voltar a sentir prazer no trabalho, pela primeira vez em séculos, livre de uma pressão constante.

É claro que tudo mudou no fim de semana seguinte, no Barclay.

Ele chegou cedo, desacompanhado dessa vez. Conseguira se sentar numa mesa bem em frente ao palco principal, e ficou lá, olhando para cima com uma espécie de expectativa prazerosa, como uma criança prestes a assistir a sua primeira peça teatral.

Olhei bem para a sua cara feia, pela porta do camarim ligeiramente entreaberta.

Pois é, eu não tinha a menor dúvida do que ele esperava ver ali, mas não havia como escapar.

Ele assistiu a todas as minhas apresentações. Só se mexeu quando eu saí do palco. Como sempre, dei o melhor de mim, mas a força do seu olhar era desestabilizadora. Na minha segunda dança, escorreguei, mas recuperei o equilíbrio a tempo. Ainda assim, ele riu. O babaca riu de mim.

Depois disso, um fogo acendeu dentro de mim e o restante da minha apresentação foi poderosa, impecável. Ele ia ver do que eu era capaz.

Eu já estava esperando que ele fosse me pedir uma dança particular e não me surpreendi quando Helena veio me procurar no camarim. Eu ainda devia me apresentar mais umas duas vezes.

— Tem um cliente para você — disse ela.

— Achei mesmo que teria.

— O problema é o seguinte: ele disse que quer uma *pole dance* particular com você, e gratuita. Falei para ele que isso estava fora de cogitação. Ele me pediu para perguntar a você. É alguém que você conhece, não é?

— É. O cara é um tremendo idiota.

— Então acho que você não quer dançar para ele, certo?

Meu olhar lhe disse tudo.

— Ele está causando algum problema para você?

— Está. Um pouco. Sentado ali na frente, ele me desconcentra, para ser sincera.

— Certo — disse ela, saindo do camarim.

Quando voltei para o salão, ele não estava mais lá.

Perguntei para Helena na primeira oportunidade que tive. Tinham-no colocado para fora. Não era bem-vindo ao clube, disse ela.

Eu poderia até ter dado um beijo nela.

* * *

Mantive-me ocupada por toda a tarde, fazendo qualquer coisa para tirar dos meus pensamentos aquela lama remexida sob a vigia, mas, ainda assim, a imagem sempre voltava. Quem quer que fosse, havia estado ali com a maré baixa, ou seja, logo de manhã cedo. Enquanto eu estava na cama, dormindo.

A cabine ainda estava cheia de poeira, depois de ter lixado as paredes, mais cedo, então passei um bom tempo limpando tudo com um pano úmido. Eu ficava olhando para a vigia, enquanto fazia isso, como se esperasse ver surgir ali o rosto de alguém. Depois, acabou escurecendo e tudo o que eu conseguia ver naquela direção era um círculo negro e vazio.

Quando terminei a faxina na cabine, enxaguei o pano e o coloquei para secar. Ainda estava cedo, mas me sentia exausta. Eu me preparei para deitar e, enquanto mergulhava num sono difícil, a maré começou a vazar mais uma vez, deixando para trás uma superfície de lama limpa e lisa, do outro lado da vigia, como se aquelas pegadas nunca tivessem existido.

* * *

Na semana depois de ter sido expulso do Barclay, Ian Dunkerley evitou qualquer contato comigo. Achei que, de algum modo, eu conseguira escapar; talvez, ao expulsá-lo do clube, os seguranças tivessem colocado um fim naquilo.

Evidentemente, eu estava enganada.

Era uma noite habitual de sexta-feira que, após o expediente, saíamos para beber, o que eu vinha fazendo com cada vez menos frequência, desde que começara a dançar no clube; a maior

parte da minha equipe de vendas ia e enchia a cara com o que restava da diária da empresa e então voltava cambaleando para casa, com a cabeça doendo, ou ia para a cidade ficar ainda mais bêbado, com o próprio dinheiro.

Dunkerley não comparecia com frequência; ele dissera a um dos supervisores que considerava importante deixar a equipe relaxar sem ele. O que ajudava a criar uma atmosfera de independência. Pura bobagem. Era porque ele sabia que todos o odiavam e, se algum de nós o visse fora do recinto de trabalho, as chances de alguém quebrar a sua cara aumentariam, especialmente se estivesse anestesiado depois de várias garrafas de vinho.

Dessa vez, ele estava no pub Highwayman com uma taça grande de vinho tinto, quando cheguei lá, pouco antes das oito horas. Eu tinha trabalhado duro marcando na agenda compromissos para a próxima semana, algo que gostava de fazer nas sextas-feiras, assim encerrava a semana no meu emprego diurno e podia me concentrar e me preparar para o Barclay.

Ele já estava bem bêbado, notei, sua cabeça grande e careca reluzindo sob as luzes do bar. É claro que eu deveria ter dado meia-volta e saído imediatamente, mas estava cansada e esperara ansiosamente pelas minhas duas taças de vinho desde o início da tarde.

— Genevieve — disse ele, formando um arco ao estender o braço, como se esperasse que eu fosse me aninhar sob sua axila suada e o deixasse me abraçar.

— Ian — respondi. — Alguma ocasião especial?

Ele tentou rir, mas em vez disso soltou um ronco, que o deixou com uma cara imbecil de bêbado.

— Eu estava pensando em beber um pouco com a minha equipe — disse ele vagamente, e então, sussurrou comicamente na minha direção: — Estava pensando em ir para outro lugar, mais tarde. Você teria algum para me recomendar?

— Recomendo que você vá para casa — respondi.

Dunkerley reagiu com um olhar sórdido; claramente, eu cometera um erro.

— Desculpe — falei, com um sorriso tenso. — Tive um dia muito agitado.

Pedi uma taça de Borgonha e tomei um gole. Só uma taça, pensei. Uma taça e depois vou embora. Tentei conversar com alguns dos outros caras da equipe, mas eles ficavam olhando sobre meus ombros na direção de Dunkerley, como se ele pudesse entrar em erupção a qualquer instante.

— Ele tem se comportado de modo realmente muito estranho — disse Gavin. — Parece que está perturbado ou algo assim.

Eu ri do comentário, admitindo que provavelmente era isso que devia ter acontecido com ele. Ainda não tinha contado para ninguém sobre o Barclay. Não tinha certeza de que acreditariam em mim, se eu lhes contasse.

Minutos depois, terminei minha taça de vinho.

— Vou nessa — falei para o Gavin.

— Como assim? Ainda está cedo.

Pisquei para ele.

— Lamento, mas tenho um encontro *caliente*.

Só algo dessa magnitude seria capaz de satisfazê-lo.

— É mesmo? Com quem?

— Conto para você na segunda-feira — respondi, achando que, quando segunda-feira finalmente chegasse, Gavin já teria consumido álcool suficiente para exterminar todas as suas células cerebrais envolvidas em nossa conversa, naquele momento.

Dei-lhe um beijo no rosto e segui para a porta.

Dunkerley veio atrás de mim. Só percebi quando cheguei no metrô, e lá estava ele, seu corpo pressionando o meu por trás no meio da massa de passageiros que embarcava na District Line. A hora do rush estava quase chegando ao fim, eu tinha saído do bar cedo demais.

— Para onde você está indo? — perguntou ele no meu ouvido, lançando seu hálito de vinho e de petiscos à base de milho e de queijo sobre mim.

— Para casa — respondi. — Por que você não volta para o bar, Ian? Devem estar se perguntando para onde você foi.

Reconheci que se tratava de uma situação perigosa, apesar da multidão à minha volta. Era preciso ser agradável com ele, quando na verdade tudo o que desejava era empurrá-lo nos trilhos.

— Você vai dançar hoje à noite? — perguntou ele, como se quisesse descartar qualquer resquício de dúvida que eu pudesse ter sobre ele ter me reconhecido.

— Hoje, não — menti.

— Que pena. Eu ia tentar mais uma vez conseguir uma dança particular.

A mulher ao nosso lado, sobre a plataforma, olhou para mim, depois para ele, e em seguida se concentrou no anúncio de café colado no muro.

— Não acho que vão deixar você entrar, Ian.

O tom de sua voz aumentou um pouquinho.

— E a quem eu devo agradecer por isso, sua piranha sarcástica?

Aquilo foi o bastante.

— O que você disse?

— Disse que você é uma piranha sarcástica! — Sua voz foi ficando mais alta, e ele berrou as duas últimas palavras.

As pessoas na plataforma oposta se dividiam entre nos encarar ou olhar em outra direção. Ninguém interveio, é claro. Ele poderia ter enfiado a mão sob minha saia que ninguém teria dito ou feito nada.

Senti uma rajada de vento vindo da direção do túnel. Eu me virei e comecei a andar. Como já imaginava, ele me seguiu. Foi preciso empurrar algumas pessoas para conseguir passar pela multidão que se apinhava a fim de embarcar no vagão.

— Porra, aonde você pensa que vai? — gritou ele, sobre as cabeças na multidão.

Não respondi. Decidi pegar um táxi para casa. Afinal de contas, ele não me seguiria até lá. De repente, imaginei-o me comprimindo dentro do vagão, sentindo sua raquítica ereção na minha bunda. *Prefiro morrer*, pensei, *de verdade*.

Fora da estação, porém, não havia táxi algum. Começara a chover e para onde eu olhava as pessoas pareciam ignorar visivelmente aquele tarado que invadia meu espaço, berrando algo sobre eu ser uma puta convencida, que precisava de uma lição.

— Deixe-me em paz. Sério, Ian, volte para a porra do pub. Isso está ficando embaraçoso.

Tampouco funcionou, na verdade, pareceu deixá-lo ainda mais furioso.

— Olhe — disse ele —, você tem um segundo emprego. Pode ser despedida por isso. Eu posso mandar você embora.

— É, claro que pode. E como vai explicar de que modo descobriu o que eu faço no meu tempo livre, hein?

Aquilo o desestabilizou um pouco, mas ele se recuperou.

— Eu não preciso dar explicação alguma. Se alguém perguntar, posso dizer que me contaram.

— Você não pode despedir alguém por conta de uma fofoca. E, de qualquer forma, sabe de uma coisa? Eu não estou nem aí. Se contar para alguém sobre o meu trabalho, vou infernizar sua vida, está entendendo? Sua esposa sabe por onde você anda? Você acha que ela gostaria de descobrir?

Eu estava ficando com raiva e aumentando o tom de voz e, evidentemente, as pessoas passaram a olhar para nós interessadas. Felizmente para mim, naquele momento, apareceu um táxi livre e eu fiz sinal para ele, indo para a rua a fim de obrigá-lo a parar. Entrei e disse ao motorista para acelerar, sair logo dali. No instante em que Dunkerley tentava alcançar a porta, o táxi se foi.

Chorei dentro do carro. Aquele tarado tinha me assustado; se tivesse acontecido em outro lugar, com menos gente por perto, o que ele teria feito? Tentaria algo físico comigo? Teria me machucado?

Será que eu teria sido capaz de rechaçá-lo, mesmo se estivesse com ódio dele?

— Você está bem, mocinha? — perguntou-me o taxista.

— Estou bem — funguei. — Obrigada.

Ele me levou até a minha casa e o custo do trajeto, trinta libras, saiu da minha poupança. Muito embora eu estivesse cheia da grana nessa época, era uma questão de princípio, já que aquele homem tinha me feito perder dinheiro das minhas economias para o barco, e isso me deixava louca.

Pressenti que aquele não tinha sido o confronto final entre nós dois. As coisas não iriam melhorar, só piorariam a partir de então. Ele faria de cada dia de trabalho um inferno para mim, até eu sair. Eu precisava de mais dinheiro. Precisava de uma quantia suficiente para ir embora, e rápido.

* * *

Acordei assustada — meu coração disparado —, sem entender realmente a razão.

Sentei na cama e me encolhi no canto, afastada da claraboia, embora estivesse escuro lá fora, as nuvens cinzentas. Ainda era muito cedo para acordar.

Alguma coisa devia ter me despertado — o quê? Eu me esforcei para escutar, mas não havia nada, exceto o doce balançar do barco, o ruído da água. Bem distante, pude ouvir algo mais — um carro, talvez.

E então, um barulho bem acima de mim. No teto da cabine. Congelei, prestando atenção e o coração desgovernado, em pânico. Pensei no meu celular — nos dois, o meu e o de

Dylan — sobre a mesa da sala de jantar. De que adiantava tê-los deixado lá — e se precisasse deles? Amanhã, eu os levaria para a cama comigo…

No retângulo perfeito da claraboia, emoldurado pelo céu cinzento, vi o vulto de um homem.

Respirei fundo bruscamente e me encolhi ainda mais no canto. De onde estava, só podia ver uma forma sombria delineada no céu. Podia vê-lo se mover, enquanto tentava espiar o interior do barco. E então, escutei outra coisa, uma voz — mas não era clara o suficiente para poder distingui-la, e depois, passos no convés.

Segundos depois, uma silhueta surgiu na porta do meu quarto.

Tentei gritar, mas era tarde demais. Ele me viu no canto da cama e avançou na minha direção, agarrando o travesseiro e pressionando-o contra o meu rosto. Bati com a cabeça na parede e vi estrelas por um tempo. Em seguida, comecei a me debater, chutando e esperneando com toda a força.

— Pare — ordenou ele entre os dentes. — Pare, sua piranha imbecil.

Tentei chutá-lo mais forte e ele pôs a mão no meu pescoço até impedir a passagem de ar. Nesse instante, realmente entrei em pânico.

— Você vai parar de se debater?

Tentei falar, mas não consegui emitir som algum, com sua mão no meu pescoço, então assenti com a cabeça, esperando que ele conseguisse ver meu gesto no escuro. Outra pessoa entrou no quarto.

— Mas que merda você está fazendo?

— Ela estava tentando escapar, porra — sussurrou o primeiro homem. Ele retirou a mão do meu pescoço e eu arfei, sem fôlego, tentando reabastecer meus pulmões de ar.

Depois de me puxarem para a frente, cada um deles agarrou um dos meus pulsos e o amarrou com alguma coisa, bem apertado, o plástico ferindo minha pele.

— Genevieve — disse uma voz; era a do segundo homem. — Você vai nos contar o que está acontecendo, porra?

— O quê? O que você quer dizer? — perguntei aos prantos. Eles estavam sussurrando entre si, mas eu não pretendia fazer isso no meu próprio barco.

Ele ergueu minha cabeça, agarrando meu cabelo, e a arremessou no travesseiro, fazendo com que mordesse meu lábio. Senti o sangue na boca e cuspi.

— Não piore as coisas. O que você está querendo? Acabe logo com isso, ou a gente apaga você e teremos tempo de sobra para inspecionar o barco. O que você prefere?

— Vai se foder — xinguei. — Meu namorado está chegando do trabalho. Não vai demorar.

Ele riu.

— Não está porra nenhuma. Você está falando do seu namorado Sr. Carling? Ele está em casa com a Sra. Carling. Com certeza, ele não vai passar por aqui. Genevieve, você é hilária.

Senti uma brisa soprar por uma fração de segundos, antes de seu soco atingir a lateral da minha cabeça, bem atrás da orelha, uma, duas vezes — forte; fiquei tonta e enjoada.

— Não seja idiota, ok?

Eu escutei um zumbido, uma campainha, e por um segundo me perguntei o que era, até me dar conta de que vinha de dentro da minha própria cabeça.

— Não sei — choraminguei, minha voz abafada pelos soluços, pelo lençol e pelo travesseiro — do que vocês estão falando.

Havia mais alguém no barco. Estavam jogando coisas no chão da cozinha.

Reconheci a voz do segundo homem, o que impedira o primeiro de me sufocar. Era Nicks, Robbie Nicks, um dos capangas de Fitz.

— Nicks? — perguntei.

Houve um silêncio no quarto, interrompido apenas pela barulheira na sala e na cozinha.

— Cale essa boca, sua piranha safada — sibilou ele.

E houve um estrondo, como um fogo de artifício, detonado dentro da minha cabeça, fazendo o quarto desaparecer e tudo o mais que estava dentro dele.

Vinte e um

DEPOIS DO EPISÓDIO com Dunkerley, passei um tempo calculando o dinheiro que já havia economizado. Sendo realista, seriam necessárias entre oitenta e cem mil libras para comprar uma embarcação em condições razoáveis. Poderia conseguir um barco fluvial por muito menos, mas eu os considerava pequenos. Queria o mesmo espaço que teria em uma casa, dentro de um barco. Afinal de contas, iria morar a bordo, e não passar somente o verão ou alguns fins de semanas ali. Além disso, precisaria de grana para reformá-lo — digamos mais vinte ou trinta mil, no pior dos casos, um barco com algum problema estrutural ou um que precisasse ser retirado da água para efetuar soldagens. Também precisaria do suficiente para viver num barco por pelo menos doze meses, embora no fundo soubesse que poderia arrumar um emprego de meio período, caso fosse necessário, assim que o projeto começasse.

Eu tinha cerca de dois terços dessa quantia. E a maior parte provinha da venda do meu apartamento, um ano antes. Estava bem distante de poder largar o meu emprego naquele momento. Parte do problema era que, por mais que ganhasse dinheiro dançando, havia gastos também: roupas, sapatos, cosméticos — mesmo levando uma vida frugal, eu gastava uma pequena fortuna com maquiagem todo mês. Portanto: mais seis meses no emprego, supondo que não conseguisse uma nova oportunidade de participar de uma das festas particulares de Fitz, e eu teria dinheiro suficiente para pedir as contas.

Eu não tinha certeza de que conseguiria aguentar tanto tempo assim.

Dunkerley voltou a me ignorar, mas também voltara a ser a mesma criatura hedionda de sempre. As metas de desempenho haviam sido divulgadas — com um aumento para todos nós. Já estávamos trabalhando no máximo de nossa capacidade. De onde viria mais, nós não fazíamos a menor ideia. A única razão que me fazia trabalhar era o dinheiro. E as outras empresas de nosso ramo estavam constantemente dispensando mão de obra. Não havia muita esperança de conseguir outro emprego, se decidisse pedir demissão, especialmente considerando que seria Dunkerley que redigiria minhas referências profissionais.

Não, decidi: precisava ficar e, simplesmente, tentar controlar o Dunkerley da melhor maneira possível.

Foi uma semana após o incidente no metrô, na outra sexta-feira, que tive o primeiro indício de que Dunkerley não iria deixar aquilo de lado. Abri a gaveta da minha mesa e, lá dentro, sobre umas folhas, havia um prospecto de uma boate de *lap dance*.

Peguei-o e fui até o escritório de Dunkerley. Ele estava sozinho, fingindo estar ocupado. Atirei o prospecto sobre sua mesa.

— O que isso quer dizer? — perguntei, furiosa.

Ele sorriu.

— Não faço a menor ideia do que você está falando — disse ele. — O que é isso? Está se candidatando a outro emprego?

— Por que você está fazendo isso? — perguntei, mais calma.

Sua expressão mudou.

— Você sabe por quê. Você fez com que me expulsassem daquela boate. Foi humilhante.

— Eu não fiz nada disso — falei, amenizando a situação. — A gerente me disse que você pediu uma dança particular de graça. Eles não fazem esse tipo de coisa, como tenho certeza de que você entendeu. Não há nada gratuito naquele lugar e, se quer saber, eles consideram isso um insulto. E foi por isso que você foi posto para fora.

— Então, se você não estivesse na boate, você faria uma dança particular de graça para mim?

— Evidente que não — respondi.

— Por que não?

— Porque você não passa de um babaca nojento. Sem falar no fato de ser meu gerente e que isso seria inadequado em todos os aspectos.

— Você é mesmo uma piranha — xingou ele. — Saia do meu escritório!

Decidi falar com a gerente de Recursos Humanos. Se ele queria agir daquele modo vil comigo, eu ia jogar com as mesmas cartas. Sentei no escritório dela, ofegante, atordoada e lacrimejante, e lhe disse que o comportamento dele representava um assédio sexual e eu estava cansada daquilo. Ela escutou, compreensiva, enquanto eu explicava que o tinha visto numa boate e ele tinha dado em cima de mim, e desde então vinha fazendo sugestões indecentes. Mostrei-lhe o prospecto.

— Ele pôs isso na minha gaveta.

— Como você sabe que foi ele? — perguntou ela.

— Fui falar com ele. No início, negou, mas depois disse… disse que eu deveria dançar para ele.

— Entendo.

Ela me pediu para escrever um relatório detalhado de todos os incidentes dos quais conseguisse me lembrar, todas as vezes que ele me dissera ou fizera coisas que eu considerava inapropriadas. Eu ainda estava angustiada, estressada com tudo aquilo, e ela disse que eu deveria sair mais cedo. Falou que resolveria o problema.

Eu tinha trabalho pendente e, na realidade, deveria ter voltado à minha mesa e continuado as tarefas, especialmente tendo em vista as novas metas de desempenho. Mas a ideia de encarar Dunkerley novamente me dava náuseas, então fiz o que ela me disse e fui para casa.

Eu estava ansiosa para aquela noite, e todo o fim de semana. Supondo que não permitissem que o babaca do meu chefe entrasse pela porta do Barclay, eu ia curtir bastante, dançando, vendo meus clientes, fazendo ótimos exercícios e, além disso, ganhando dinheiro.

* * *

Abri os olhos e, quase imediatamente, fechei-os de novo, por causa da luz, que era forte demais, e das dores que sentia em todo o corpo, da cabeça aos pés.

Levei um segundo para perceber onde estava, e então vi que estava no chão e alguém falava comigo, eu apenas não conseguia ouvir direito. Era como se eu estivesse dentro

d'água — podia ouvir minha própria respiração, meu coração, o sangue correndo nas minhas veias.

— Gen? Até enfim, graças a Deus…

— Malc?

Ele se foi para algum lugar, dizendo algo como "Onde está a merda da tesoura…?".

Na gaveta da cozinha, eu quis responder. Por que não conseguia mexer minhas mãos? Então comecei a voltar a mim — aqueles homens no meu quarto, no meu barco…

Comecei a entrar em pânico e a me debater e então Malcolm voltou.

— Espere, espere. Você está com as mãos atadas. Não consigo achar a porra da tesoura, está uma zona aqui dentro…

— Tem um alicate na proa, dentro da… caixa de ferramentas.

O depósito, aparentemente, também estava revirado. Provavelmente isso significava que tinham encontrado o pacote. Eu só estava viva por milagre.

Ele achou o alicate sob uma das paletas no depósito. Doeu demais quando ele enfiou o alicate sob o fio que amarrava minhas mãos, pressionando minha pele inchada; depois, quando meus braços se soltaram, o fio arrebentou com um estalo e eu gritei de dor, o sangue voltando a correr pelas minhas mãos e meus dedos.

Por um instante, fui incapaz de me mexer, apenas fiquei deitada no chão do quarto, soluçando, chorando sem parar. Como fui parar nessa merda toda? O que fizera para merecer tudo aquilo?

Malcolm estava sentado no chão, as costas apoiadas na minha cama, observando-me atentamente.

— Vá devagar — disse ele. — Quando quiser se sentar, eu ajudo.

Eu me engasguei e solucei no tapete. Minhas mãos doíam intensamente.

— Ah, meu Deus, Malc… Tive tanto medo…

— Você viu quem foi? — perguntou ele.

Balancei a cabeça e tentei me levantar do chão. Pondo-se de pé, ele colocou as mãos sob minhas axilas, erguendo-me, e depois me ajudou a sentar na cama.

— Estava escuro… — prossegui. — Meu Deus! Eles o destruíram, Malcolm? Eles danificaram o barco?

— Nada grave — respondeu ele. — Acho que só reviraram tudo. Se fosse o meu barco, você nem notaria a diferença. Talvez eu devesse pedir para eles passarem no *Titia Jean* na próxima vez; quem sabe eles consigam fazê-lo ficar com uma aparência melhor.

Não consegui evitar um sorriso.

— Você quer que eu chame a polícia? — perguntou ele, num tom que demonstrava sua total falta de vontade de fazer algo parecido.

— Não posso — respondi, balançando a cabeça.

— Isso é uma merda, Gen, você sabe.

— O quê? Não chamar a polícia?

— Não. O que eles estão fazendo. Deve ser por causa da porra daquele pacote que você falou. — Ele balançava a cabeça, passando a mão pelo cabelo. — Eles podem voltar a qualquer momento, não é? Podem nos atacar também; podem nos ameaçar da próxima vez, se não

conseguirem o que querem de você, e Josie…

— Calma, Malcolm. Eu não tenho nem certeza de que eles estão atrás daquilo.

— Mas claro que estão, porra! Por que então vários bandidos apareceriam de repente para vasculhar seu barco e bater em você?

Desejei não ter lhe contado sobre a merda do pacote. Ele erguera a voz e andava de um lado para o outro.

— Olhe. Eles foram embora, certo?

— Como você sabe que não levaram o tal pacote? — perguntou ele.

— Eu não sei. Podem tê-lo levado. Mas tenho a impressão de que não o encontraram.

— Quer que eu verifique para você?

— Não, não quero! — Eu estava perdendo a paciência com ele, sempre com aquela maldita mania de ajudar e de se intrometer. — Obrigada, mas vou ficar bem. Daqui a pouco, vou dar uma olhada, ok? Preciso… cuidar de mim, primeiro. E arrumar as coisas. Você pode voltar mais tarde?

— Posso, se quiser — disse ele.

Ele parecia irritado. Arrastava os pés e claramente não estava pensando em ir embora.

— Queria dizer que enterramos Oswald — disse ele, bruscamente. — Encontramos um cantinho sossegado na área de recreação. Ele costumava nos trazer presentes de lá, sabe, trouxe até um filhote de coelho, uma vez. Ele ia gostar do lugar onde o enterramos.

— E a Josie está bem?

— Vai ficar bem daqui a uma semana, eu acho. Com toda certeza. Ela já está falando em ir até a Sociedade Protetora dos Animais no fim de semana e pegar outro gato abandonado.

— Isso é um bom sinal.

Ele concordou.

— Tem certeza de que não quer minha ajuda?

— Não, estou bem — respondi.

— A gente se vê mais tarde, então — disse ele.

— Malcolm, obrigada.

Ele deu de ombros.

— Eu teria vindo antes, se soubesse que você estava caída, amarrada e inconsciente — disse ele, com um sorriso.

O que queria dizer com isso? Quando ele saiu, olhei para o relógio. Eu tinha ficado apagada por algumas horas. Não era de espantar que todo o meu corpo estivesse dolorido.

Levantei, devagar, me firmando sobre meus pés, sentindo o quarto oscilar, muito embora a maré estivesse baixa e o barco repousasse na lama macia.

A cabine estava tão bagunçada que me fez gritar. Papéis para todos os lados, meus desenhos e projetos para o teto da estufa, tudo espalhado pelo chão. As gavetas da cozinha tinham sido removidas e esvaziadas. As portas dos armários, arrancadas. As cadeiras da sala de jantar, derrubadas e o depósito sob o chão, onde eu guardava um bocado de bugigangas, roupas de cama, cordas, cabos, peças sobressalentes do motor, estava vazio.

Olhei para a proa. Malcolm deixara a porta aberta e eu podia ver o buraco escuro. Será que valia a pena verificar? Eu sabia que estaria tudo revirado.

Tinham até aberto uma lata de tinta e a derramado cuidadosamente na lateral do casco,

presumivelmente para não respingar nas roupas e nos sapatos deles. Todas as caixas estavam de cabeça para baixo. E, na outra extremidade, felizmente, uma em que estava escrito ARTIGOS DE COZINHA.

Eu me arrastei penosamente sobre as paletas até o canto, passando sobre ferramentas e pedaços de ferragem, sobre a furadeira sem fio e tábuas que eu guardava, caso precisasse. Algumas delas foram partidas.

A caixa estava revirada, mas, assim que eu a peguei, percebi que não havia sido totalmente esvaziada. O fundo falso não fora tocado. Eles tinham apenas chutado a caixa para o lado, viram os artigos de cozinha se espalharem pelo chão e a deixaram de lado.

Eles não o tinham encontrado. Pelo menos, descobri quem estava interessado no meu barco: Fitz. E Caddy devia ter vindo para me avisar. Ela devia saber que Fitz descobrira sobre o pacote de Dylan e eles a interceptaram antes que ela chegasse a mim. Ela morreu por minha causa.

Vinte e dois

NAQUELA NOITE, NO Barclay, Fitz apareceu a tempo de ver minha última dança. O clube andava mais calmo do que de costume, e embora todas as outras garotas estivessem ocupadas, eu fizera somente meu número no palco, intercalado de algumas *lap dances* ocasionais. Nenhum dos meus clientes aparecera. Estava frio lá fora, era uma noite gelada de fevereiro, mas dentro do clube a atmosfera era sensual, apesar do frescor do ar-condicionado.

Eu estava satisfeita com minha dança, curtindo os exercícios e me excitando ao ver os caras em frente ao palco me observarem. Algumas vezes, havia festas de despedida de solteiro, mas com os preços que cobravam ali, isso não era muito comum. Ainda assim, naquela noite havia um grupo de rapazes. A faixa etária os denunciava, pois eles eram bem mais jovens do que a clientela habitual do Barclay. O rapaz que estava prestes a se casar era provavelmente filho de um dos membros do clube. Ele e seus amigos estavam adequadamente vestidos em seus ternos e smokings, e se aglomeravam em volta do palco, curtindo o espetáculo. Um ou dois deles desfrutaram de uma *lap dance* com as outras garotas, mas eu suspeitava que já estavam ficando sem dinheiro.

Eu me empenhei para agradá-los, chegando até a soprar um beijo para o noivo, no final. Seus amigos adoraram.

Quando estava saindo do palco, vi Fitz numa das cabines VIP, cercado pelos seus habituais associados, cheios de anabolizantes: Nicks, Gray e os outros. Dylan não estava com eles. Não naquele dia.

No camarim, enxuguei o suor e retoquei a maquiagem, depois, voltei para o salão em busca de clientes para seduzir. E talvez estivesse procurando por Fitz também.

Ele ainda estava na cabine VIP e, para minha satisfação, quando me viu, sorriu e acenou para que eu me aproximasse.

— Viva! Venha até aqui, coisa linda.

Ele fez sinal para que as duas meninas que estavam ao seu lado se afastassem e deu um tapinha no banco, me encorajando a sentar. As moças saíram à procura de outras presas, deixando-me com Fitz. Não era sobre negócios que estavam falando até aquele momento, a julgar pelo ar relaxado do grupo.

Sentei-me delicadamente sobre a almofada de veludo vermelho, ao lado de Fitz. Eu já estava esperando que ele fosse me tocar, talvez só colocar uma das mãos na minha coxa, um braço sobre os meus ombros, mas ele não fez nada disso.

— Eu queria agradecer pelas flores — falei, quando uma outra menina começou a dançar e a atenção dos homens se voltou para o palco. — Não nos vemos desde aquele dia, senão já teria agradecido.

— Ah — exclamou ele. — Você gostou delas?

— São lindas. Adorei.

— Pois é, você sabe — disse ele com um sorriso. — Você fez um ótimo trabalho. Especialmente a última dança.

Eu o tinha na palma da mão. Podia sentir.

— Você acha que ele ficou satisfeito?

— Você sabe que sim.

— Eu não faria isso para mais ninguém, Fitz. Só por você.

Ele riu.

— E por mil libras.

Fiquei quieta e encarei-o para deixar clara minha intenção.

— Eu teria feito de graça, se tivesse sido só para você.

Era o bastante. Sorri para ele e me levantei, voltando para o salão do clube. Na porta do camarim, olhei para trás. Ele continuava com o olhar fixo em mim.

Dylan me esperava dentro do camarim.

— Você tem autorização para entrar aqui? — perguntei, olhando para as outras garotas, que estavam ocupadas, se despindo ou colocando a roupa de volta, dependendo de onde vinham.

— Ei, deixe-o em paz! — gritou Kay, na penteadeira ao lado da minha. — Ele é um cara legal, não é, Dyl?

— Tenho autorização para entrar em qualquer lugar.

Ele estava sentado na cadeira ao lado das minhas bolsas. Esperava que fosse se mexer, mas ele não o fez. Eu me perguntei se ele ainda estava puto comigo por alguma razão. Não o vira desde a noite em que me levara da festa para casa.

— Vamos beber alguma coisa — propôs ele.

— O quê? — exclamei. Eu não sabia se ele queria dizer naquele instante, no clube, ou… num encontro. Isso teria sido no mínimo bizarro.

Ele se levantou e me ofereceu o braço.

— Eu tenho que… que voltar para o palco em vinte minutos — falei.

— Mentirosa. Você já fez sua parte, certo? E o clube já vai fechar. Portanto, venha.

Corando, segurei seu braço e me deixei guiar para fora do camarim, com uivos e assovios me acompanhando até a porta. Ele me levou até o andar inferior, justamente até o bar. Não havia danças ali, mas às vezes, as garotas desciam, se estivesse calmo, para tentar atrair os clientes para uma área mais exclusiva e mais cara dentro do clube. Não era qualquer um que podia entrar ali, mas sempre havia fila do lado de fora, e em geral o bar ficava lotado.

— Você está me custando uma grana, sabia? — falei, brincando.

— Supere isso. Você pode me conceder cinco minutos de seu tempo.

Pelo que vi, não havia mesas e cadeiras desocupadas, mas Dylan fez um gesto com a cabeça para um dos funcionários da portaria e, segundos depois, alguns rapazes de aparência agressiva foram postos para fora da sala, e Dylan me levou até suas poltronas ainda quentes.

— O que você gostaria de beber?

— Só água, por favor — respondi.

— Para mim, uma vodca — disse ele, dirigindo-se à garçonete, que apareceu assim que nos sentamos. Dylan não era Fitz, mas mesmo assim, sua presença tinha um grande peso naquele lugar. Eu me perguntava como seria passar toda a noite ao lado de Fitz.

Eu estava mais ou menos esperando que Dylan se sentasse ao meu lado no banco, mas ele

preferiu ficar de frente para mim. Já estava acostumada a ser olhada. Eu não me iludia em relação àquilo, já que nunca obtinha aquele tipo de atenção em meu outro emprego, exceto vindo daquele imbecil do Dunkerley e, afinal de contas, tudo só porque ele me vira no clube. Ele vira Viva. Mas Dylan era imune aos encantos de Viva.

— Que surpresa agradável — falei, sorridente.

O local estava barulhento e eu precisava falar alto para que ele conseguisse me ouvir.

Nossas bebidas chegaram. Espremi a fatia de limão dentro do meu copo d'água e lambi os dedos, observando seu rosto.

Ele parecia totalmente inexpressivo. De repente, começou a rir.

— Isso não funciona comigo — disse ele.

— O quê? — perguntei, fingindo inocência.

Dylan ficou sério novamente, num segundo.

— Você precisa tomar cuidado, sabia?

— O que você quer dizer?

Ele se inclinou sobre a mesa, para não precisar falar alto.

— Fitz.

— O que tem ele?

— Você sabe perfeitamente do que estou falando. Não se envolva demais.

— Ele gosta de mim. Você sabe disso.

— Sei que ele gosta de você. Não sou cego ou estúpido. Apenas tome cuidado.

— Por que você está me dizendo isso?

Ele suspirou, tomou um longo gole de vodca, depois fez uma careta.

— Porque você é mais esperta do que as outras. Você tem futuro, e não me refiro a este lugar. Não se aproxime demais de Fitz. Não o deixe irritado.

Eu me encostei no assento. Ele estava me dando um aviso. Quaisquer que fossem seus motivos, ele não o fazia por ciúmes — mais uma boa razão para ouvir o que tinha a dizer.

— Não estou entendendo, Dylan.

— Você não precisa me entender. Apenas pense a respeito. Não é uma boa ideia.

Bebi minha água. Estava muito gelada e, se bebesse rápido demais, ia sentir dor de dente.

— Dylan, você se lembra de quando me perguntou para que eu juntava o dinheiro?

Ele aquiesceu.

— Você ainda quer saber?

— Se quiser me contar — disse ele.

— Fica só entre nós dois, ok? Ninguém mais… entenderia.

Dylan deu de ombros, como se aquilo fosse indiferente para ele, mas eu sabia que podia confiar nele. Não sei a razão, mas sabia que podia. Afinal de contas, ninguém mais me alertara em relação ao Fitz. E aparentemente ele não tinha nenhum motivo para fazê-lo.

— Vou comprar um barco — falei, finalmente.

É verdade que ele não achou graça nem fez piada, dizendo que o barco deveria ser chamado de *Dignity* ou qualquer outra merda dessas.

— Um barco? Que espécie de barco?

— Um barco fluvial, de preferência. Sabe, tipo residência flutuante. Quero comprar um

barco e passar um ano reformando-o.

— Por quê?

— É algo que sempre quis fazer. E agora está tudo dando errado para mim, então quero juntar o dinheiro o mais rápido possível.

Sua expressão então se transformou.

— Espere aí. O que está dando errado para você? Você é quem ganha mais neste lugar, e sabe disso. Pensei que gostasse.

Balancei a cabeça.

— Não é aqui, Dylan. É no meu outro emprego. Três ou quatro semanas atrás, o imbecil do meu chefe apareceu aqui e me reconheceu. Desde então, ele tem infernizado a minha vida.

— É mesmo?

— Pois é. Numa sexta-feira à noite, ele me seguiu, quando saí de um pub e fez um escândalo na plataforma do metrô. Tive que sair e pegar um táxi. Agora, ele começou a fazer todo tipo de insinuação no trabalho. Preciso me certificar de que há sempre alguém por perto, quando o vejo; não posso mais ficar sozinha.

— O que ele quer?

— O que você acha que ele quer, Dylan? Ele quer a mesma coisa que todos querem. Exceto você.

— Você quer que eu resolva esse problema? — propôs ele. Estava sorrindo, mas isso não significava que estivesse brincando.

— Não, claro que não.

Ele terminou sua vodca, virando o copo de uma só vez, como se fosse água e ele estivesse morrendo de sede.

— Basta me avisar. Já tive que lidar com esses babacas antes. Pensam que são seus donos, só porque você tirou a calcinha na frente deles. Uns escrotos.

Dylan acenou para a garçonete, que veio logo em seguida, apesar da quantidade de gente que esperava para ser atendida.

— Outra vodca. Viva?

— Não, meu copo ainda está cheio, obrigada.

— Então — disse ele, quando a garçonete se foi —, um barco, hein? E quanto ainda falta?

— Um bocado — respondi, pensando que aquilo não lhe dizia respeito.

— E é por isso que você dança aqui? Para juntar esse dinheiro?

Suspirei e bebi um gole d'água. Aquilo estava virando uma tortura e eu quase me arrependi de ter lhe contado.

— Eu tenho um bom emprego, durante o dia, quero dizer. É bem pago. Eu pensava que conseguiria economizar o bastante para comprar o barco um dia, e, talvez tirar um ano sabático. Mas o trabalho é difícil, muita pressão, então comecei a fazer isto, dançar aqui, para me divertir e me exercitar… e, quem diria, sou boa nisso. Posso ganhar dinheiro fazendo algo que para mim é quase como uma ginástica. Portanto, agora tenho dois empregos, o dinheiro está entrando cada vez mais rápido, e quanto mais dinheiro eu ganho, mais próxima fico do meu sonho. Agora, em vez de esperar dois anos, já poderei estar no meu barco antes do Natal. E estou ansiosa por isso, especialmente agora, com esse chefe de merda dando em cima de mim. Por isso, a reposta é sim, estou ganhando bastante dinheiro, e quero ganhar ainda mais. E Fitz tem muito, não é?

— Fitz poderia comprar o Parlamento — disse ele, calmamente.

— Exatamente. E ele gosta de mim. O que são cinquenta mil para ele? Nada. Ele poderia me dar essa quantia sem sequer perceber.

A garçonete apareceu com mais uma vodca para Dylan, uma dose bem servida, aliás. Quando ela se foi, ele bebeu a metade de uma só vez, respirou fundo e me olhou diretamente nos olhos.

— Você já se perguntou de onde vem todo esse dinheiro?

— Claro que sim. Não nasci ontem.

— E?

— Sei que essa grana é suspeita, se é isso que você está perguntando. E, pessoalmente, não me importo.

Ele abriu um breve sorriso, um daqueles que o deixavam lindo. Eu tinha a impressão de ter ultrapassado algum tipo de limite, como se, de algum modo, eu tivesse lhe dado a resposta certa.

— E — acrescentei —, se ele me pedir para participar de outra festa particular, aceitarei. Sei que você me considera uma vadia pelo que fiz na semana passada. Mas não me importo. Eu quero meu barco. Quero sair de Londres. Já não aguento mais essa cidade.

— Eu não acho nem um pouco que você seja uma vadia.

— Por que estava tão irritado comigo no carro, quando me levou de volta para casa, então?

Ele não respondeu de imediato; quando o fez, desviou o olhar.

— Tenho minhas razões.

— De qualquer maneira, que diferença faz para você com o que eu gasto meu dinheiro? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Eu considero que nós dois somos amigos — respondeu ele.

— O quê?

— Eu não tenho muitos amigos, para falar a verdade. Gosto de você. Acho que você é inteligente, espirituosa, e não se vende, como certas garotas daqui. Quando dança, você o faz profissionalmente, e, mesmo assim, parece que o faz porque é a coisa que mais gosta de fazer no mundo. O que eu estou dizendo é que respeito você como uma pessoa que faz um bom trabalho em quaisquer circunstâncias. Você cumpre com sua palavra. E não se mete onde não é chamada.

— Não me meto?

— Aquela festa — disse ele, inclinando-se de novo sobre a mesa — foi um teste. Você sabia disso?

— Pensei que eu estava ali só para dançar diante de convidados especiais.

— Foi um teste para saber se você era confiável.

— Como assim?

— Em relação aos negócios de Fitz.

Eu estava confusa.

— Eu não estava lá, quando eles discutiram sobre negócios. O que você quer dizer?

— Exatamente. Você fez o seu trabalho, e o fez direito, colocou o coração e a alma nele, e não irritou ninguém sendo enxerida sobre o que estava acontecendo no andar de cima, ou sobre o que Fitz estava conversando com seus "convidados especiais", como você os chama.

Meus pensamentos começavam a ficar mais claros, assim como o dia lá fora, na rua.

— Não estou nem aí para o que ele faz.

— Ótimo — disse Dylan tranquilamente. O bar começava a esvaziar. Estava quase na hora de fechar. — Porque assim que passar a se importar, estará pondo sua vida em risco. E é por isso que quero que tome cuidado com Fitz.

— Tudo bem — concordei.

— Ele vai pedir para você comparecer a outra festa particular — disse ele.

Senti um sopro de entusiasmo. Não tinha certeza se era por causa do dinheiro, ou da lembrança de dançar na frente de Fitz e observar seu rosto enquanto isso, o que me fazia sentir tão satisfeita comigo mesma.

— Você vai aceitar?

— É claro. O que você acha?

— Se aceitar, peça mais dinheiro. E agora que abriu um precedente, provavelmente terá que fazer coisas mais íntimas. Mas você sabe disso, não é?

— Sei.

— Então, se o fizer, ele cuidará para que seja bem recompensada. Mas, lembre-se do que eu disse sobre tomar cuidado.

— Você estará lá?

Ele sorriu novamente. Eu gostaria que ele sorrisse assim o tempo todo.

— Se for preciso.

A garçonete reapareceu.

— Posso lhe trazer mais alguma coisa, Dylan? Já vamos fechar…

— Tudo bem, Tina. Nós vamos lá para cima.

Segui-o pela escada atapetada até o salão do clube, e quando chegamos lá em cima, ele me deixou ir sozinha até o camarim. Já havíamos passado tempo demais na companhia um do outro. Não havia dúvida de que isso fora percebido e seria transmitido a Fitz. Minha cabeça estava agitada com tudo aquilo. Como Dylan podia ser tão fiel a Fitz e me contar tanta coisa sobre ele?

Ainda assim, aquele sorriso.

* * *

Dei início à faxina, começando pela proa do barco e depois subindo de volta. Coloquei uma série de espátulas, colheres e vários outros utensílios de volta na caixa ARTIGOS DE COZINHA e guardei-a bem na extremidade da proa.

Enchi algumas das outras caixas de ferramentas e as coloquei em volta dela, numa tentativa pouco convincente de disfarçar sua importância. Onde melhor esconder uma caixa, senão em meio a outras, afinal de contas?

Aquele não era o lugar ideal, eu sabia. Em poucas semanas, ela teria de ser removida de qualquer forma, já que eu e Kev removeríamos o teto daquela parte do barco, e meu amplo espaço de depósito se transformaria numa estufa, e em mais um cômodo no fundo, que poderia ser usado para guardar minhas tralhas, até que eu iniciasse a parte final do projeto. Mesmo assim, ela ficaria mais exposta.

O que eu deveria fazer, é claro, era tirar aquela coisa do meu barco.

O que eu não entendia em tudo aquilo era por que Fitz queria o pacote de Dylan — a não ser que Dylan o tivesse roubado de Fitz, para começar. Isso parecia improvável. Dylan não era um ladrão. Era um sicário, um brutamontes, mas não um ladrão.

Então, se Dylan tinha decidido abrir um negócio próprio, como Fitz descobrira? E por que ele se achava no direito de vir até aqui e pegar algo que Dylan deixara aos meus cuidados?

A não ser que não fosse o pacote o que procuravam, afinal de contas.

E se eles achassem que eu e Dylan tínhamos algum esquema próprio? E se outra pessoa tivesse roubado alguma coisa de Fitz, e ele concluíra, já que no final viramos amigos e ele me protegera, que eu estava envolvida?

Durante todo aquele tempo, cinco meses, eu não tivera contato algum com Dylan, e queria tão desesperadamente conversar com ele, vê-lo outra vez… Ele devia ter resolvido as coisas com Fitz — este era o plano, afinal.

Talvez Fitz tivesse presumido que estávamos juntos. Se não era o pacote, que diabo estava procurando?

Meu cérebro não estava funcionando corretamente — eu tinha apenas um calombo atrás da orelha e uma dor de cabeça como jamais sentira antes. Saí do depósito, na proa. A tinta que havia sido jogada sobre a parede podia ficar lá. De qualquer maneira, eu iria fazer um revestimento, um dia desses.

O estado da cozinha e da sala fez com que lágrimas brotassem em meus olhos outra vez. E a cabeça continuava doendo. Peguei todos os papéis e os arrumei mais ou menos em ordem. Recoloquei tudo na área de depósito sob o chão da sala de jantar e botei as almofadas no lugar. A aparência já ficara bem melhor, mais semelhante à minha bagunça habitual do que a um assalto.

As únicas coisas quebradas na cozinha eram uma caneca do Castelo de Dover e as portas dos armários. Eu não comprara muitas coisas frágeis para que não se entrechocassem com a maré cheia. Tudo que era quebrável estava atrás de uma grade ou, no caso da televisão e do aparelho de som, preso à parede. A maior parte de meus pratos era de plástico. Não eram bonitos, mas em geral, eu era a única a usá-los.

Numa pilha sobre o chão, encontrei uma embalagem de analgésicos que antes ficava dentro de uma gaveta na cozinha. Tomei três comprimidos com a água da torneira.

* * *

Quando Jim Carling me ligou, às oito e meia, eu já estava bêbada.

Acabara com as cervejas e quase toda a garrafa de vinho, sentada sozinha na sala, esperando a noite cair. Achava que seria mais fácil lidar com tudo aquilo se estivesse embriagada.

Atendi o telefone quando tocou pela terceira vez, tendo ignorado os dois primeiros toques. Não conseguia pensar em ninguém com quem realmente quisesse falar, senão Dylan, mas seu telefone continuava desligado.

— Alô — falei, finalmente.

— Genevieve. Por que você não atendeu o telefone?

Ele não disse "é o Carling", eu notei. Parecia irritado.

— Eu estava lá fora, no convés — menti.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Já bebi um pouco — falei, à guisa de explicação.

— Ah. Parece uma boa ideia. Acho que vou fazer o mesmo.

Não respondi, meus pensamentos se distanciando da conversa telefônica.

— Então — prosseguiu ele —, eu estava me perguntando se poderia dar uma passada aí.

— Pode sim — respondi.

— Você já comeu?

Eu ia responder que não conseguia me lembrar, o que teria sido verdade. Mas isso soaria como se não estivesse cuidando de mim mesma, e eu não suportaria uma reprimenda.

— Hum… Ainda não. Por quê?

— Posso levar alguma coisa. O que você prefere? Comida chinesa, indiana ou peixe com fritas?

— Ah, fritas. Só batatas fritas. Seria ótimo. Obrigada.

— Chego daqui a mais ou menos meia hora, então — disse ele. — Não saia daí, ok?

Assim que ele desligou, tentei mais uma vez telefonar para Dylan.

O número desejado encontra-se desligado ou fora da área de cobertura. Por favor, tente mais tarde.

Tentei recomeçar a faxina, sem entusiasmo, meus sentidos embaçados por causa do álcool e do cansaço. Meu corpo ainda doía; tudo doía. Se tivesse uma banheira, disse a mim mesma, irritada, poderia estar tomando um belo banho quente naquele momento. Em vez disso, só podia escolher entre uma ducha no chuveiro da marina ou a mangueira.

Fui para o chuveiro, levando roupas limpas. O céu escurecia, as luzes da margem oposta refletiam nas águas do rio.

O estacionamento estava mais cheio desde que o olhara pela última vez, à tarde. O carro de Joanna e Liam estava lá, o Fiesta de Maureen e Pat também. Não vi nenhum carro que não reconhecesse.

Tomei um banho quente e isso me fez sentir melhor, mais desperta, embora continuasse deixando as coisas caírem no chão. Havia marcas em torno dos meus pulsos, depois de passar a maior parte da noite amarrada e, quando lavei o cabelo, senti um caroço na cabeça, ao lado da orelha. Tentei hesitantemente pressioná-lo, mas só uma vez, pois senti no mesmo instante uma dor brusca e aguda. Felizmente não estava sangrando nem tive algum osso quebrado. Com um pouco de sorte, Carling nem notaria.

Eu não fazia ideia de quanto tempo havia ficado debaixo do chuveiro, mas quando saí estava tudo escuro. Esperei a luz do estacionamento acender, mas ela permaneceu apagada. *Com certeza, já deveria ter sido acionada*, pensei, embaixo do sensor, vestindo roupa de ginástica e tênis. Talvez tivessem cortado os fios outra vez, na noite passada. Talvez o cortassem todas as noites, e Cam os consertasse todas as manhãs. Talvez ele não se desse mais o trabalho de restaurá-los.

Comecei a caminhar de volta para o barco, meus passos oscilando no pontão.

As luzes do meu barco estavam acesas. Tentei lembrar se havia ou não deixado-as acesas,

mas não cheguei a uma conclusão. Meu cérebro parecia entupido de novelos de lã.

Desci os degraus até a cabine e quase morri de susto — Carling estava em pé ao lado da pia da cozinha, enchendo uma chaleira.

— Porra — exclamei. — Assim eu acabo enfartando.

— Você devia trancar a porta, quando sai do barco.

— Fui só tomar uma ducha.

Ele se aproximou e me tomou em seus braços. Doeu, mas me senti bem ao mesmo tempo. Depois disso, ele me beijou. Foi um pouco desajeitado, diferente do beijo que tínhamos dado antes.

Por um instante, pensei em Dylan.

— Você está bem? — perguntou ele, a expressão preocupada.

— Ainda estou um pouco bêbada — respondi, como se aquilo explicasse tudo. — Sinto muito. Estava me sentindo tão infeliz e achei que, enchendo a cara, o mundo desapareceria.

Sobre a mesa da sala, havia um grande saco de papel com dois pacotes de batata frita. Fui buscar molho, sal e vinagre no armário da cozinha.

— Eu trouxe algo para beber — disse ele. — Achei que talvez seu estoque estivesse acabando.

Duas garrafas de vinho, branco e tinto. Pareciam tentadoras. Sorri para ele, dando meu melhor sorriso de bêbada.

— Você abre. — Entreguei o saca-rolhas. — Não me lembro como se faz.

Comemos nossas batatas fritas sentados na sala de jantar. Somente quando comecei a comer que me dei conta de como estava faminta. Comi todas as batatas, até a última, raspando o que restava do molho. Ele comeu as suas num ritmo mais sossegado, bebericando elegantemente o vinho, como se estivesse em um restaurante, e não sentado na almofada de veludo surrado a bordo de um barco fluvial em obras no rio Medway.

— Então — disse ele finalmente —, por que você estava tão infeliz?

Dei de ombros. Eu me sentia menos embriagada, mas ainda vulnerável, como se as lágrimas estivessem a ponto de escorrer.

— Acho que estava me sentindo sozinha, só isso. E não quero que você tenha pena de mim. Não me sinto assim solitária com muita frequência, mas hoje, sim.

— Bem, agora não está mais. Podemos ficar sozinhos juntos.

— Parece uma boa ideia. E por que você está com esse ar triste? — perguntei.

Ele riu, mas sem alegria, e encheu minha taça de vinho.

— Não estou triste. Só estou ficando velho.

— Você não é velho.

— Sou mais velho que você.

— E daí?

— Tudo bem, então, hoje estou me sentindo velho. O que também é uma excelente desculpa para encher a cara.

Eu sorri, começando a curtir sua companhia de verdade pela primeira vez.

— Precisamos beber algo mais forte — sugeri.

— Engraçado você dizer isso — disse ele. De dentro de uma mochila que estava ao lado da escada que levava à casa do leme, ele retirou uma garrafa de vodca. — Espero que você goste

desse negócio.

— Porra, é melhor do que álcool metílico.

A partir daí, tudo pareceu divertido, para ele e para mim, e nós bebemos doses de vodca enquanto um jazz tocava no rádio, algo de que nenhum dos dois gostava muito. A cada vez que um de nós fazia uma careta, ao ouvir uma nota discordante, bebíamos mais um gole. E assim nós dois fomos ficando cada vez mais bêbados.

A mochila e a garrafa de vodca me diziam que ele estava planejando passar a noite lá. Ele ficaria toda a noite, e pela quantidade de vodca que estava ingerindo, tampouco parecia precisar acordar cedo no dia seguinte para ir trabalhar. E, assim que isso foi digerido pelo meu pobre cérebro, embriagado e maltratado, me dei conta de que, pelo menos por enquanto, eu poderia relaxar.

Eles não iam invadir meu barco novamente, não naquela noite. O pacote de Dylan estava seguro.

Vinte e três

MAIS UMA VEZ foi numa sexta-feira que Dunkerley ultrapassou os limites.

Eu estava a fim de dançar e, embora a semana tivesse sido incrivelmente movimentada no trabalho, ela estava quase acabando e eu mal podia esperar para chegar no Barclay e me esbaldar.

Houve uma reunião à tarde, uma das iniciativas de Dunkerley que era universalmente impopular na minha equipe. E precisamente naquela sexta-feira, para minha infelicidade, ninguém mais apareceu. Só eu. Tínhamos estado tão ocupados durante o dia que eu nem sequer notara que a maior parte da equipe estava fora da empresa. Dois estavam de licença médica. Gavin estava em Tenerife. Lucy tinha tirado a tarde de folga para fazer as unhas. Então, só sobramos eu e Dunkerley.

Acho que o departamento de Recursos Humanos o tinha advertido para se afastar de mim, enquanto eles investigavam minhas queixas. De qualquer forma, eu mal o vira desde a discussão que tivemos em seu escritório. Mas então, lá estava ele, sentado do outro lado da mesa de reunião, olhando descaradamente para mim, de um jeito que foi me deixando cada vez mais incomodada.

Esperamos em silêncio, durante dez minutos, até Dunkerley limpar a garganta e dizer:

— Muito bem, Genevieve. Ao que parece, hoje, somos só nós dois.

— É o que parece — respondi.

— Então, o que você tem a relatar?

Olhei para o relatório de desempenho que imprimira antecipadamente e passei para ele sobre a mesa. Eu ficara no topo, naquela semana. Para tanto, quase me matara, mas a necessidade de me afastar dali funcionara como estímulo.

Ele o leu rapidamente, assentindo com a cabeça.

— Está vendo — disse ele — o que você é capaz de fazer, quando se esforça?

Eu não respondi. Era melhor não falar.

— Olhe — continuou ele —, acho que você pode ter interpretado mal minhas intenções em relação a você.

Ergui uma sobrancelha.

— É mesmo? E quais eram, exatamente, suas intenções?

— Minhas intenções eram ir para a cama com você.

Eu esperava que ele pudesse dizer qualquer coisa, menos aquilo. Devo ter parecido chocada, as bochechas vermelhas.

Meu desconforto o fez rir.

— Não é possível que isso a surpreenda — disse ele. — Não nesse ramo de trabalho em que está. Eu estou me referindo ao seu outro emprego, é claro.

— Podemos dar a reunião como encerrada? — perguntei. — Eu realmente preciso sair e

terminar o trabalho que estava fazendo.

— Você é uma funcionária exemplar, Genevieve.

— Você sabe que não devia dizer essas coisas. Como sabe que eu não estou gravando esta conversa?

— Porque você não é tão esperta quanto pensa.

Eu estava ficando irritada. Perguntei-me se ele percebera que tinha encontrado o botão certo que devia apertar para me fazer reagir.

— Você é um babaca, sabia?

— Provavelmente sou. Então vai fazer isso por mim?

— Fazer o quê? Trepar com você? Só nos seus sonhos.

— Não é isso. Você vai retirar as queixas contra mim?

— Não — respondi. — Por que deveria? Se o que você está fazendo é me dar mais razões para denunciá-lo.

— Acho que você deveria retirar suas queixas antes que alguém descubra o que você faz paralelamente.

— Sabe de uma coisa? Conte para eles. Eu não estou nem aí. Na verdade, eu mesma vou contar para todo mundo. Talvez convide todos eles para o clube e verei o que eles pensam. Que tal fazer isso? Posso convidar todo mundo, exceto você.

Levantei-me bruscamente, a cadeira balançou atrás de mim, e saí da sala batendo a porta com força.

* * *

Tínhamos terminado a primeira garrafa de vinho, e a de vodca só continha um quarto do seu conteúdo, quando ele me beijou novamente. Estávamos sentados no sofá juntos, rindo de algo que não era sequer engraçado e, de algum modo, acabei caindo sobre ele. Murmurei "desculpa" e ele segurou meu rosto com ambas as mãos, como se pudesse errar o alvo se não fizesse isso, me fazendo rir outra vez. Depois, não pude dizer mais nada, porque sua boca estava na minha.

Enquanto me beijava, ele me colocou no seu colo e fiquei sentada sobre ele, para poder manter o controle, muito embora estivesse tão bêbada que mal conseguia me equilibrar. Ele me segurou firme, suas mãos na minha cintura.

De repente, parei para deixá-lo respirar.

— Eu me lembro de ter dito que isso não podia acontecer — disse ele.

— É? Eu não sou muito boa em seguir instruções.

— Ainda mais agora, que nós dois estamos bêbados.

— Você nunca fez sexo bêbado antes?

— Claro que fiz. Então é isso que está acontecendo?

— O quê?

— Sexo bêbado.

— Bem, talvez a gente acabe ficando sóbrio no fim. E então poderemos fazer sexo sóbrio também.

Estava escuro no meu quarto, e frio: o calor do fogão à lenha havia aquecido a sala e o

álcool tinha nos esquentado por dentro, mas ao entrar no quarto gelado, fiquei arrepiada. Eu me despi o mais rápido possível e entrei debaixo do edredom limpo. Carling levou mais tempo para tirar a roupa, dobrando e colocando cada peça cuidadosamente em cima da cadeira, sobre a qual eu já jogara as minhas, com muito menos cuidado. Ele estava pensando demais e, talvez, eu não estivesse pensando o bastante.

Seu corpo era bonito. Mesmo no meu estado de embriaguez, podia ver: vigoroso, sólido e estava em boa forma, era mais atlético do que musculoso e tinha membros compridos, rígidos. Ele veio para a cama comigo e imediatamente me abraçou. A claraboia acima de nós me incomodava. Ainda me lembrava do susto ao ver aquele rosto emoldurado pelo céu escuro. Teria acontecido só naquela noite? Parecia que havia sido há muito tempo.

Fizemos sexo bêbado, mas foi bom mesmo assim. Enlaçados na escuridão, corpos estranhos reagindo de maneiras estranhas; respirando forte, membros suados se tocando numa espécie de dança desesperada cujos passos nenhum de nós conhecia direito. O fim foi um alívio para nós dois. Ele adormeceu logo em seguida, não roncava, mas ressonava, seu corpo firme e imóvel entre mim e a porta do quarto. Se eles viessem atrás de mim naquela noite, teriam que passar por cima dele primeiro. Mesmo que levasse bastante tempo para despertá-lo do seu sono ébrio.

Eu gostava dele, isso era verdade. Mas era suficiente? Seria errado, da minha parte, transar com ele quando meus sentimentos a seu respeito não chegavam a ser mais do que aqueles que eu nutria pela maior parte das pessoas que viviam ali na marina? Meu Deus, eu gostava mais até do Malcolm do que de Carling — mas não teria transado com Malcolm nem que ele fosse o último homem do planeta.

Pensei em Dylan, onde quer que estivesse. O que ele diria se soubesse o que eu acabara de fazer? Eu podia quase me imaginar contando para ele. Ele em pé, à minha frente, os braços cruzados sobre o peito maciço.

Eu transei com um policial.

Ele ergueria uma sobrancelha para mim, como se dissesse *E daí?* E então, sua expressão diria que, de algum modo, ele esperava mais de mim.

* * *

Eu ainda estava irritada, horas depois, quando cheguei ao Barclay.

O clube estava agitado, lotado: pelo visto havia mais de uma festa de despedida de solteiro, pelo que vi ao atravessar a multidão indo na direção do camarim. Não vi sinal de Fitz, mas isso não significava nada; ainda era cedo. Talvez ele aparecesse mais tarde.

Dylan estava conversando com Nicks, ao lado do palco principal. Pareciam estar falando sobre algo sério, mas Dylan me olhou quando passei e me cumprimentou com a cabeça.

Troquei-me para a primeira dança e fiz alguns alongamentos para me aquecer. Não era a primeira vez que eu desejava poder escolher minha própria música. Precisava de algo rápido, brutal. Algo para colocar para fora um pouco da agressividade, de modo a me acalmar para os meus próximos números da noite. Quando pisei no palco para a minha primeira dança, felizmente estava tocando "Sexy Bitch", de David Guetta e Akon. Serviria. Não era exatamente sobre o poder feminino, mas enfiaria o meu salto alto no saco do primeiro que mexesse comigo

naquela noite.

Quinze minutos depois, já tinha encerrado minha primeira apresentação. Eu tinha me empenhado, feito alguns saltos, giros e inversões *splits* em todas as direções, agarrada ao mastro, coisas que só havia tentado poucas vezes antes. Ficaria parecendo deselegante, se não fosse feito de modo adequado. A última vez que tentara, fora na festa de Fitz.

Ao terminar, fiquei observando as expressões dos homens reunidos em torno do palco e soube que tinha feito um bom trabalho.

No camarim, bebi água e enxuguei o suor com uma toalha. Um bom exercício para recomeçar. Mal percebi a presença de Dylan até ter acabado, e só o vi porque Chanelle gritou:

— Dylan! Você está secando a Viva. Pare com isso!

Ele não estava me secando, é claro; estava ao lado da porta como se fosse um muro, o rosto impassível. Quando finalmente atraiu minha atenção, disse:

— Fitz quer ver você.

Olhei para o relógio sobre a penteadeira. Não queria perder tempo; eu podia estar lá fora no salão, ganhando dinheiro.

Dylan subiu a escada até o escritório e eu corri atrás dele, cambaleando sobre aquele salto alto ridículo.

— Do que se trata? Você sabe?

— Não me pergunte — respondeu ele.

Eu já estava esperando ver vários homens reunidos no escritório, como de costume, mas Fitz estava sozinho. Apesar do calor que meu corpo gerara dançando, senti um arrepio. Perguntei-me o que aquilo significava, o fato de ele estar sozinho, e se havia algum motivo para eu sentir medo.

— Viva. Aceita algo para beber?

Eu não estava realmente com sede, mas precisava de um motivo para fazer Dylan voltar.

— Água, por favor.

Dylan foi dispensado com um aceno de Fitz. Ele atravessou a sala e fechou a porta ao sair.

Eu sorri para Fitz.

— Sente-se, querida — disse ele, apontando para o sofá.

Fiz o que ele pediu. Não era à toa que eu estava tremendo: a janela atrás de mim estava aberta, a cortina pesada se movendo lentamente, por causa da brisa. Eu podia escutar o barulho do trânsito na rua, lá embaixo.

— Então — disse ele, por fim —, você curtiu a festa lá em casa na semana passada?

— Curti — respondi. — Foi uma ótima noite.

— Gostaria de participar de outra?

— Claro.

— No próximo fim de semana?

Então era isso? Ele podia ter falado comigo no fim do expediente, ou enviado um recado através de Dylan.

Ele estava em pé à minha frente, as pernas ligeiramente afastadas, as mãos enfiadas nos bolsos de seu terno elegante de seda. Alguém bateu à porta e, segundos depois, Dylan entrou. Ele carregava uma bandeja com água, exatamente como fizera na última vez. Gelo e uma fatia de

limão sobre um pires de prata. Depois de colocá-la sobre a mesa ao lado do sofá, ele saiu novamente da sala sem dizer uma palavra sequer, sem nem olhar para Fitz ou para mim, fechando a porta ao sair.

Fitz olhou para trás, na direção da porta e virou-se na minha direção, a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse ponderando sobre algo.

— Ele gosta de você — comentou ele.

— Nunca percebi. Ele nem olha para mim.

— Você teve uma longa conversa com ele no último fim de semana. Sobre o que falaram?

— Ele me pediu conselhos sobre uma garota que ele gosta — respondi, sem hesitar. Qualquer coisa que respondesse teria sido mentira e, com certeza, ele perceberia imediatamente, mas eu não estava a fim de deixar Dylan em apuros.

Para meu profundo alívio, Fitz achou graça.

— Ele é uma raposa velha — disse. — Mas ainda acho que é de você que ele gosta. Talvez estivesse apenas blefando.

Eu também ri e Fitz se dirigiu até a bandeja de bebidas. Ele se serviu de algo que poderia ser uísque, enchendo o copo.

Depois, sentou-se ao meu lado no sofá, perto de mim, mas a uma distância respeitosa.

— Sabe — continuou ele —, isso é um problema para mim.

— Isso o quê? — exclamei, me sentido constrangida outra vez.

— O fato de ele gostar de você.

— E por quê?

Fitz virou o copo, engolindo gole a gole todo o conteúdo, enquanto eu o observava. Em seguida, suspirou ruidosamente e pôs o copo sobre a mesa, passando o braço ao meu redor ao fazer isso.

— Porque, minha querida Viva, eu também gosto de você. E aquele grande safado é mais bonito do que eu.

Eu sorri para ele.

— Você gosta de mim, Fitz?

Ele estava me olhando com uma expressão tímida, do outro canto do sofá.

— Ora, vamos. Você sabe disso.

Bebi um gole d'água a fim de ganhar mais alguns segundos para considerar como deveria lidar com aquilo.

— Não achava que você tinha tempo livre para as garotas — falei, finalmente. — Você é um homem tão ocupado.

Ele olhou firme para mim, como se avaliasse minha resposta.

— Você é diferente das outras garotas. É por isso que gosto de você. Você não vai me contrariar, não é, Genevieve?

— Depende do que você entende por isso — respondi. — Eu trabalho para você e me orgulho muito do que faço. Se for algo que se adapte às minhas danças aqui, está ótimo para mim. Mas não quero parar de dançar, Fitz. E se alguma coisa acontecer entre nós, eu não vou querer que isso interfira em meu trabalho. Você entende o que quero dizer?

— Você quer dizer que não se importa em trepar de vez em quando, mas não está a fim de um relacionamento?

— É um modo grosseiro de colocar as coisas, mas acho que provavelmente é isso mesmo.

Ele aquiesceu lentamente, como se eu tivesse dado a resposta correta.

— Muito bem — disse ele, finalmente. — Você é diferente das outras garotas. Realmente diferente.

— Preciso ir. Está movimentado lá embaixo.

— Claro. Não quero ficar entre você e sua dança.

Ele se levantou e estendeu a mão para me ajudar a ficar de pé.

À porta, ele beijou gentilmente minha mão.

— Eu não sou de sexo ocasional, Genevieve — disse ele. — Se não puder conquistar seu coração, terei de me contentar em ter você como uma valiosa funcionária.

— Obrigada.

Eu saí meio desnorteada pelo corredor, na direção do camarim, me sentindo como se tivesse estado na toca do leão e escapado de lá sem um arranhão sequer. Poderia ter me saído melhor? Somente se tivesse conseguido renegociar meu pagamento pela próxima apresentação particular — a questão da minha remuneração havia de algum modo deixado de vir à tona, considerando as outras revelações.

Dylan estava me aguardando do lado de fora do camarim e me acompanhou até o salão.

— E então? — indagou ele.

Sorri para ele.

— Fitz acha que você gosta de mim — respondi.

Dylan começou a rir e eu saí à procura de um cavalheiro simpático para bater um papo.

* * *

Acordei e minha cabeça estava explodindo de dor, antes mesmo de eu abrir os olhos.

Estava sozinha — Carling tinha ido embora. Minha cabeça voltou a encostar no travesseiro e doeu, o calombo atrás da orelha pulsando com o choque.

Eu precisava de água.

Com esforço, me levantei e peguei uma camiseta no chão, vestindo-a enquanto ia para o banheiro ao lado. Bebi água da torneira, abri a mão sob ela e molhei o cabelo. Depois, com a mão em forma de concha, joguei água sobre o calombo na minha cabeça.

Por fim, lavei o rosto e me olhei no espelho. Eu já estivera pior, pensei. O jeito era seguir em frente.

Estava frio, então voltei para o meu quarto e vesti uma calça jeans e um par de meias. Em seguida, fui até a cozinha.

Na verdade, ele não tinha ido embora. Estava à mesa da sala, folheando um exemplar da revista *Waterways World* que deve ter achado na estante de livros. Uma caneca de café fumegava à sua frente. Ele estava sentado sob o raio de sol que vinha da claraboia e parecia a ponto de ser transfigurado. Sua aparência era dez mil vezes melhor do que a minha.

— Bom dia — disse ele jovialmente.

Limpei a garganta.

— Oi — respondi.

Ele colocou a chaleira de volta no fogo, enquanto eu me sentava do outro lado da mesa. Lembrei-me dos analgésicos na gaveta e me perguntei se seria capaz de me levantar novamente para pegá-los.

— Você parece querer voltar para a cama — disse ele, rindo.

— Obrigada. Já vou melhorar.

— Ah — exclamou ele, despejando água dentro da caneca. — Acabei de encontrar seu vizinho. Outra vez. Acho que ele ficou bem surpreso ao me ver.

— Qual deles?

— Lembro de tê-lo visto no fim de semana passado. Cinquentão. Cabelo grisalho e desgrenhado.

— Malcolm? O que ele disse?

— Ele disse apenas "Oi" e eu falei que logo você estaria de pé, caso ele precisasse de você. E ele respondeu "Obrigado" e depois foi embora.

Ficamos sentados, bebendo nosso café por alguns minutos. Eu me perguntava por que ele ainda estava ali e me sentia dividida, gostando da sensação de acordar e não estar sozinha num barco vazio e, ao mesmo tempo, me aborrecendo por ter que conversar com alguém. Apesar disso, fiquei feliz por ele ter interrompido a leitura, desde que eu me sentei ali.

— Que bom que você não foi embora.

Ele pareceu surpreso e satisfeito.

— Ah, que bom! Eu não queria abusar da sua hospitalidade.

— Você não tem que trabalhar hoje?

— Estou de folga hoje e amanhã. Eu estava pensando em sair e fazer tudo que não posso fazer durante a semana, sabe, compras, lavar roupa, todas essas atividades excitantes. E você? Quais são seus planos?

— Preciso sair para procurar uma banheira — respondi.

— Na verdade, você quer dizer sair para comprar material para construir uma banheira?

— Não, a menos que seja necessário. Estou pensando em ir num depósito de coisas usadas, esse tipo de lugar. Se não conseguir encontrar uma banheira antiga que me agrade, terei que comprar uma nova. Mas a maioria delas não é projetada para barcos.

Houve uma pausa. Eu me perguntei se ele estaria com fome, e se ainda havia alguma comida em casa que não tivesse estragado.

— Eu queria perguntar uma coisa para você — disse ele.

— Quanto suspense.

— Vou perguntar só uma vez, e se você não quiser me responder, não tem problema, ok?

— Claro.

— O que aconteceu com seus pulsos?

Olhei para minhas mãos sobre a mesa da sala de jantar. Eu tinha me esquecido completamente, que estúpida! Nem sequer pensara em vestir um suéter para cobrir as marcas. Havia algumas crostas em forma de arco sobre os meus pulsos, não em toda a extensão, mas nos pontos onde os fios tinham cortado a pele. Parecia até que eu estava usando um bracelete cor-de-rosa.

— Se eu lhe contasse, você não acreditaria.

— Experimente.

Dei de ombros, me sentindo ainda um pouco bêbada, e cansada demais para argumentar ou discutir.

— Uns caras entraram no barco enquanto eu dormia. Eles me amarraram. Foi só isso.

— Quando isso aconteceu?

— Duas noites atrás.

— Você chamou a polícia?

Neguei com a cabeça.

— Malcolm me encontrou de manhã e cortou os fios. Àquela altura, não parecia mais fazer sentido chamar a polícia.

Ele estava me encarando.

— O que foi? — perguntei.

— Não acredito que você possa reagir tão casualmente ao fato de ser atacada.

— O que deveria fazer? Deitar e chorar? Tenho que seguir em frente.

— Você não tem medo de que eles voltem?

— Claro que tenho. Mas o que eu posso fazer?

— Genevieve. Você não pode deixar de denunciar essas coisas. Se algo acontecer novamente, prometa que vai chamar a polícia.

— Claro — prometi, me sentindo estranha com seu tom repentinamente oficial.

Ele passou a mão no cabelo.

— Eu não deveria estar aqui — disse ele. — Não deveria estar fazendo isso.

— Não estou prendendo você aqui — falei, dando as costas para ele e indo em direção ao quarto. — Feche a porta quando sair.

Eu me estirei novamente na minha cama e escutei seus passos subindo para a casa do leme. Esperava escutar a porta batendo, mas, em vez disso, ouvi apenas o silêncio. Pelo menos, o quarto parara de girar. Eu sentia somente um pouco de náusea e aquela dor de cabeça, martelando atrás dos meus olhos. Se conseguisse dormir um pouco, tudo ficaria bem. Uma hora de sono mais ou menos e, depois, tomaria um pouco de ar fresco, pegaria minha bicicleta e iria em busca de uma banheira.

Ele apareceu na porta pouco tempo depois. Virei a cabeça para olhá-lo, pensando que deveria me desculpar, talvez; achando que deveria me levantar, ou pelo menos dizer alguma coisa. Em vez disso, observei-o entrar no quarto e retirar a camisa pela cabeça ao se aproximar da cama. Desta vez, ele não se deu o trabalho de dobrar suas roupas e empilhá-las num canto. Arrancou-as o mais rápido que pôde e as deixou onde caíram.

* * *

Esbarrei com Caddy ao voltar, descendo a escada.

— O que ele queria? — perguntou ela num sussurro urgente, que abafava o som do baixo no salão principal.

— Outra festinha — contei.

Ela pareceu infeliz.

— Pensei que você não quisesse mais fazer isso.

— Não se trata disso. É só que…

— O quê?

Dylan passou por nós, voltando para o escritório. Ele me olhou de modo contundente e, depois, ergueu o olhar rapidamente para as câmeras do circuito interno.

— Olhe, a gente se fala mais tarde.

Caddy me olhou, como se fosse recusar o meu convite, mas em seguida disse:

— Tanto faz.

Eu tinha três danças particulares agendadas na Sala Azul, antes que a noite de sexta-feira chegasse ao fim. A última delas, quando eu já estava cansada, foi no mínimo uma surpresa. Quando cheguei na sala descobri que a única pessoa lá dentro era Dunkerley.

Ele parecia satisfeito consigo mesmo, refestelado em um dos sofás, com uma expressão de dono do pedaço.

Eu quis me virar e sair, mas se ele estava ali, devia ter pago por isso. E se o tinha feito, eu seria muito criticada se pedisse para que o pusessem para fora.

— Boa noite — cumprimentei-o. — O que o traz aqui?

— Queria ver você — disse ele, com um sorriso convencido no rosto. Precisei conter a vontade de lhe dar um tapa.

— Isso é ótimo. Você prefere uma dança rápida ou uma lenta?

— Hum… Por que você não me surpreende?

Verifiquei minha lista de músicas rapidamente, tentando encontrar algo que fosse pelo menos adequado para dançar diante de um homem que eu não suportava. Todas as músicas que eu tinha selecionado estavam ali porque eu gostava delas e tinha apresentações preparadas para todas. Qualquer uma que escolhesse, provavelmente, nunca mais repetiria, pois ela sempre me lembraria a dança para aquele homem nefasto.

Escolhi uma. "Don't Cha", das Pussycat Dolls. No clube, em geral, eles não a apreciavam muito, pois estava um pouco manjada.

Executei minha dança; cheguei até a fazer um dos meus melhores movimentos, e concluí descendo em espiral na frente dele, rebolando e me contorcendo toda. Vi seu rosto presunçoso e arrogante se transformar. No fim, ele aplaudiu.

Fui direto da Sala Azul para o escritório, no andar de cima. Nicks estava de guarda no alto da escada. Normalmente, as dançarinas não subiam até ali, a menos que fossem convidadas, e mesmo assim, iam sempre acompanhadas.

— Eu queria ver o Fitz.

— Vou falar com ele. Espere aqui.

Fiz o que ele disse. Eu sentia calor e estava pouco à vontade, sem sequer saber direito que merda eu estava fazendo. Mas sabendo que precisava fazer aquilo, de qualquer maneira.

Um instante depois, Fitz saiu do escritório, no fundo do corredor, à direita. Ele bateu a porta e veio na minha direção.

— Sinto muito — falei, oferecendo-lhe o meu melhor sorriso de Viva. — Preciso perguntar uma coisa.

— Venha comigo — disse ele, conduzindo-me até a extremidade do corredor atapetado. Era a primeira vez que passava por ali. Era uma sala de estar menor, quase uma salinha de espera, com cadeiras e sofás dispostos ao longo das paredes, um vaso de planta num canto, e

uma mesa perto da porta. Fitz sentou-se numa das cadeiras e eu afundei aliviada na cadeira ao lado da sua.

— Eu ando tendo problemas com um cara do meu trabalho — comecei. — Ele me reconheceu aqui, algumas semanas atrás, e anda dificultando muito a minha vida aqui.

O rosto de Fitz se manteve impassível. Aguardava que eu chegasse à parte em que o problema passaria a ser dele.

— Ele queria que eu fizesse uma dança particular para ele — prossegui —, mas não estava disposto a pagar por isso, então Helena fez com que o retirassem do clube. Eu achava que ele não voltaria, mas está aqui agora.

Ainda nenhuma resposta. Comecei a ter a impressão de estar cometendo um grande erro.

— Ele acabou de agendar uma dança comigo, e eu a fiz, portanto, deve ter mudado de ideia quanto a pagar. Mas ele continua no clube, circulando pelo salão, e eu não estou gostando nada disso. Acho que ele vai tentar me seguir quando eu for embora.

Eu não tinha nada que sustentasse aquela teoria, mas mesmo assim, tinha tocado no ponto que dizia respeito a Fitz. Enquanto trabalhasse para ele, eu seria quase como uma propriedade sua, e qualquer um que tentasse atrapalhar tal relacionamento seria obrigado a parar de interferir.

— Como ele é? — Fitz me perguntou.

— Alto, careca, bem gordo, está com um terno cinza claro e usa óculos.

— Parece fascinante.

Eu sorri e olhei para os meus joelhos nus.

— Eu não me assusto com qualquer coisa, Fitz. Normalmente, sou capaz de cuidar de mim mesma. Não gosto de pedir ajuda.

— Eu sei disso — concordou ele, gentilmente. — Mas isso não é bom para os negócios, independente se ele está pagando ou não. Não posso deixar que ele a distraia, quando está trabalhando aqui. Vou me certificar de que ele não seguirá você até em casa, ok?

Assenti, agradecida, e me levantei.

— Obrigada. Sinto muito por ter interrompido sua reunião.

— Não tem problema.

Voltei até o final do corredor e me virei antes de descer a escada. Ele ainda estava me observando. Dando uma boa olhada, ou verificando se eu não tinha a intenção de bisbilhotar por ali? Eu ainda não tinha certeza de que ele confiava em mim.

Cheguei bem na hora da minha última dança. Eu estava cansada, então fiz uma dança lenta, erótica, indo tão longe quanto possível sem outra pessoa. Na frente da plateia, com o rosto vermelho e suado, estava Dunkerley. Nos fundos, numa das cabines VIP, Fitz, Nicks e Dylan. Eles conversavam, servindo-se de meia garrafa de vodca russa importada e me observando.

Quando a música acabou, soprei um beijo para os poucos homens que estavam sentados à frente, apesar do fato de que estava quase amanhecendo e eles deviam estar em suas casas há muito tempo, aconchegados em suas camas ao lado das esposas. Voltei para o camarim e me troquei, vestindo minha calça jeans e um agasalho e depois calçando meu tênis. Removi a maquiagem e prendi meu cabelo num rabo de cavalo. Disse boa-noite para as outras garotas que ainda estavam por lá, e saí pela porta dos fundos.

A rua de trás estava sossegada e cinzenta, com a chegada da manhã. Não havia sinal algum

de Dunkerley, aliás, sinal de mais ninguém. Eu tinha esperado que, talvez, alguém me acompanhasse até em casa, talvez Dylan, ou até o próprio Fitz — forçando um pouco a barra, até mesmo Nicks quebraria um galho —, mas não havia ninguém.

Dei a volta até a frente do clube para pegar um táxi.

Segunda-feira, no trabalho, vieram nos dizer que Dunkerley estava de licença médica, e que ficaria ausente por algum tempo. Isso gerou muita fofoca, é claro. Eu ouvira alguém comentando que o departamento de Recursos Humanos o havia afastado de suas funções por conta de algum tipo de assédio sexual, e que haviam lhe pedido que se demitisse. Havia inclusive um rumor se espalhando de que ele estava doente, seriamente doente, e que talvez não fosse capaz de voltar a trabalhar.

Tudo o que eu pensava era que não precisaria mais ver sua expressão arrogante e, por isso, eu me sentia profundamente grata.

Vinte e quatro

JIM CARLING ME acompanhou em minha procura por uma banheira. Fiquei grata por isso; apesar das palavras ásperas trocadas logo pela manhã, eu estava começando a gostar dele. Enquanto me levava alegremente para onde quer que eu quisesse, ele continuou falando sobre barcos e se seria ou não possível sair viajando pelo mundo numa embarcação daquele tamanho, e se fosse o caso, para onde eu iria? Isso nos distraiu. Jim queria ir para o Extremo Oriente. Eu falei que não me aproximaria do Oceano Índico por causa da ameaça de piratas somalis. Era uma conversa bastante arbitrária, de qualquer forma, porque eu nunca pilotara um barco antes, muito menos em mar aberto.

Não voltamos com uma banheira, embora tivesse visto algumas razoáveis no depósito de objetos usados em Sittingbourne. Eu estava procurando uma banheira com estilo, talvez até um modelo vitoriano autêntico, ou algo que pudesse ser acoplado ao encanamento do barco sem muito problema.

Paramos para almoçar no café de um centro de jardinagem — batatas assadas para mim e uma salada com pão e queijo para ele, e muito chá. Aquilo parecia até um passeio em família, sair para comprar artigos domésticos num fim de semana.

— Há algum outro lugar onde você queira ir? — perguntou ele.

Eu achei graça.

— Você não precisa ser meu táxi — respondi. — É super gentil de sua parte, mas não quero abusar.

Retornamos para a marina e, visto que parecia a coisa mais apropriada a fazer ao final da tarde, voltamos para a cama. Estava frio no barco. Levei-o pela mão até o quarto. Ele foi hábil e paciente, suas mãos enormes eram determinadas e firmes.

Quando nos exaurimos, já havia escurecido. Fui até a cozinha e acendi o fogão à lenha para aquecer o barco, depois voltei para a cama. Por um momento, pensei que ele estivesse dormindo, mas ele se mexeu, abriu espaço para mim sob as cobertas e me abraçou.

— Daqui a pouco vai esquentar — falei. — O fogão à lenha é muito eficiente, quando começa a funcionar.

— Sei. Eu devia começar a pensar em ir embora.

— É mesmo?

— Não trouxe roupas limpas. E tenho o que fazer em casa, lavar roupa, essas coisas.

— É?

Ele estava beijando meu braço, deixando os pelos arrepiados na expectativa do prazer.

— Você poderia ir lá para casa e ficar comigo.

— Não.

— Por quê?

Eu ri.

— Eu não durmo bem em terra firme.

— Você não precisa realmente dormir.

Foi naquele instante que percebi. Eu queria compartilhar aquilo com ele. Talvez não tudo, mas o bastante para que ele entendesse.

— Tenho que ficar no barco — falei.

— Por quê?

— Os homens que vieram aqui e me amarraram, acho que estavam procurando alguma coisa. Se eu sair do barco, eles voltarão.

— O que estavam procurando?

— Não tenho certeza. Só sei que reviraram todo o barco e isso me leva a crer que estavam atrás de algo.

Ele sentou-se na cama, juntando os travesseiros nas costas, e acendeu a luz.

— Se você não sabe o que estavam procurando, como pode saber que não encontraram? — perguntou, com sua lógica impecável.

Eu apenas pisquei.

— Você precisa me contar, Genevieve.

— Não, não preciso.

Ele balançou lentamente a cabeça.

— Meu Deus — disse ele, mais para si mesmo do que para mim. — O que estou fazendo aqui? Isso é uma loucura, porra.

— Olhe — comecei a dizer, tentando confortá-lo —, eu não tenho medo deles. Não tenho mesmo. São pessoas más, mas já lidei com elas antes. Só preciso descobrir um jeito de fazer com que isso, o que for que eles estejam procurando, desapareça do meu barco, assim não me incomodarão mais.

— Caddy Smith — perguntou ele. — Você a conhecia, não é?

Assenti com a cabeça.

— Por que não me falou antes?

— Você disse que ela se chamava Candace.

— Não se faça de boba, Genevieve. Você sabia que era ela, quando a viu dentro d'água. Você mentiu em seu depoimento.

— Não, eu não sabia. Estava escuro. Eu vi um corpo. Parecia ser ela, mas eu não tinha certeza.

— Você precisa me contar, Genevieve. O que quer dizer com "já lidei com essas pessoas antes"? Quem são elas? O que querem de você?

Não respondi.

Ele saiu da cama e começou a vestir suas roupas, que, mais uma vez, estavam espalhadas pelo chão do quarto. Observei-o em silêncio, me perguntando que parte de toda aquela confusão teria provocado essa mudança brusca de humor. Só porque eu não queria piorar tudo? Só porque não queria contar sobre aquela merda do Barclay? O que ele estaria planejando fazer, de qualquer maneira? Ir pedir gentilmente ao Fitz que me deixasse em paz?

Ele estava quase todo vestido, enfiando o suéter pela cabeça.

— O que você vai fazer? — perguntei.

— Vou para casa. Por mais absurdo que pareça, a oferta ainda está de pé, se quiser vir

comigo. Mas imagino que não queira.

Ele estava muito irritado. Dava para ver que era mais do que irritação, era fúria e, pior ainda, decepção. Quando terminou de se vestir, ele veio até a cama e me beijou com vontade, ardentemente, como se fosse a última vez. Coloquei meus braços em volta do seu pescoço e tentei puxá-lo de volta para a cama, mas ele não ia cair nessa.

Era um beijo de despedida.

* * *

Foi na minha segunda visita à casa de Fitz que tudo começou a mudar para todos nós: para Fitz, para Dylan, para Caddy e para mim.

Eu passei a semana toda ansiosa, não só porque esses fins de semana incrementariam bastante as minhas economias, ainda que não tivesse conseguido negociar um cachê melhor, mas porque, desta vez, Caddy concordara em se apresentar na festa comigo.

Além disso, não ter mais que encarar o Dunkerley havia sido um bônus. Gavin fora promovido, tornando-se nosso gerente provisório, e tinha a impressão de estar trabalhando para o meu melhor amigo; nós tocávamos as coisas como sempre fizéramos, porém, parecia mais que estávamos nos divertindo com elas, em vez de ficarmos pisando uns nos outros numa batalha desesperada para fechar um negócio.

Não foi Dylan que veio me buscar naquela noite, mas Nicks. Ele ficou do lado de fora sentado no carro até que eu terminasse de me arrumar. Entrei sem ajuda no banco traseiro e seguimos em frente.

— Onde está Caddy? — perguntei.

Ele deu de ombros preguiçosamente e depois não me dirigiu mais a palavra durante todo o percurso. Eu coloquei meu fone de ouvido e fiquei escutando música, imaginando os movimentos de dança na minha cabeça, pensando em que partes poderia fazer alguns ajustes e no que faria se Fitz decidisse descumprir os regulamentos outra vez. De certo modo, eu abrira um precedente, ao concordar uma vez; era mais ou menos esperado que me pedisse para fazer isso novamente. Pouco importava. O dinheiro era o que mais importava. Se isso me deixasse mais próxima do meu barco, eu estava preparada para encarar. E se ele quisesse que eu fosse ainda mais longe? Não fazia sentido me preocupar com isso naquele momento. Decidiria quando chegasse a hora.

Desta vez, estacionamos na parte de trás da casa e entrei direto pelos fundos, passando pela cozinha. Como da outra vez, o pessoal do bufê estava atarefado, preparando a comida, e pelo que parecia, a refeição seria servida à mesa.

Achei uma poltrona aconchegante num canto e me mantive ocupada com o caderno de anotações que trouxera comigo, cheio de planos e ideias, repleto de recortes de várias revistas náuticas. Estava tão absorvida que sequer notei a presença de Dylan, até ele se aproximar e ficar bem ao meu lado, eclipsando a luz que vinha da cozinha.

— Oi! — cumprimentei-o, tirando o fone do ouvido. — Não sabia que você estava aqui.

Ele olhou para mim de forma inexpressiva.

— Você só vai se apresentar mais tarde. Daqui a meia hora, eles irão jantar na sala. Fitz quer saber se você deseja se juntar a eles.

— Está brincando?

— Não.

— Só eu?

— Você e algumas outras pessoas. Os assentos estão marcados.

— Ah, Dylan, você sabe onde Caddy está? Ela devia vir também.

— Está no andar de cima, eu acho.

Aceitei o convite sem fazer comentários, chateada porque a noitada com minha melhor amiga não estava saindo como o esperado. Que diabo ela estaria fazendo lá em cima? Teria encontrado um quarto mais confortável para usar como camarim?

— Vão me colocar sentada ao lado de alguém sobre quem eu deva saber alguma coisa? — perguntei.

— Você vai se sentar entre Fitz e Leon Arnold.

Baixei a voz a um quase sussurro.

— Quem é Leon Arnold?

Ele me olhou como se eu tivesse feito a pergunta errada.

— Ele tem um iate. Você vai se dar bem com ele. E, caso contrário, deve fingir que sim.

Eu percebi que se tratava de mais um teste. Ainda bem que trouxera outras roupas, assim poderia escolher algo adequado para um jantar. Fui para o banheiro do andar de baixo e me troquei, me maquiei e prendi o cabelo no alto, numa espécie de coque francês que, eu esperava, ficaria elegantemente clássico.

A sala de jantar estava vazia, mas a mesa fora preparada para dez pessoas. Pelas portas abertas do outro lado da sala, escutei o som de conversas educadas, o riso de uma mulher, então fui até a porta cautelosamente e olhei.

Estavam todos lá — Fitz e alguns outros homens, um dos quais reconheci da outra festa. Havia também algumas mulheres; identifiquei uma garota do Barclay — Stella? Ela havia dançado lá algumas vezes, mas em geral trabalhava em outros clubes do Fitz. E em pé, ao lado de Fitz, resplandecente em um vestido preto formal e brilhoso, sobre saltos altíssimos, estava Caddy. Ela acenou brevemente para mim.

Três outras garotas estavam sozinhas num canto, rindo de alguma piada interna. Vi Fitz lançar um olhar insatisfeito na direção delas, antes de continuar conversando com um homem à sua direita. Fui até elas com uma taça de champanhe que pegara na bandeja de uma garçonete que passou por ali e lhes disse em voz baixa:

— Meninas, vocês não deviam estar socializando?

Duas delas pareceram preocupadas, mas uma — a loura azeda de olhos azul-claros —, disse:

— Você não tem nada com isso, porra.

Dei um sorriso simpático.

— Não vale a pena irritar Fitz — falei gentilmente — e ele já está fuzilando vocês com o olhar. É só um conselho de amiga.

Quando me afastei delas e caminhei na direção de Fitz, as garotas pareceram cair na realidade e se dispersaram do seu grupinho confortável, indo na direção dos outros convidados.

— Viva! — exclamou Fitz, quando me aproximei. — Venha, quero apresentá-la ao Leon.

Fitz colocou um braço em volta da minha cintura e me deu um beijo no rosto, enquanto eu

apertava a mão de Leon Arnold. Ele devia ter uns cinquenta anos, tinha a minha altura, a cabeça raspada e coroas nos dentes. Seu terno era elegante e um brinco de diamante cintilava em sua orelha.

— Encantada — cumprimentei-o. — Pelo que entendi, eu sou a garota de sorte que vai se sentar ao seu lado na mesa de jantar.

Acho que seria preciso algum esforço da minha parte para conquistá-lo, mas e daí? Eu já estava pensando no bônus que merecia por controlar as garotas de Fitz e amaciar o Sr. Arnold para qualquer que fosse o esquema que Fitz planejava. O que não consegui entender, contudo, foi o olhar que Caddy me deu. Ela não estava sorrindo. Olhava para mim como se eu fosse uma sujeira que ela achara na sola de seu sapato.

— Ei — falei para ela, quando entramos na sala para jantar —, eu estava me perguntando por onde você andava.

Ela não pareceu me ouvir. Não importava. Não era o lugar nem a hora para isso.

Durante o jantar, o tópico negócios parecia estritamente proibido. Stella contou para todos sobre um teste que fizera para um videoclipe; um dos outros homens, uma versão mais jovem de Fitz, disse-lhe que estava procurando garotas para aparecerem como figurantes em um filme que estava produzindo. Depois disso, todas caíram em cima dele.

Eu conversei com Leon durante a refeição, perguntei-lhe sobre seu iate, sobre um cruzeiro pelas ilhas do mar Mediterrâneo. Mais de uma vez, olhei na direção de Fitz, certificando-me de que estava fazendo tudo certo. Seu sorriso me tranquilizou. Ele passou o restante do tempo ocupado, conversando com um homem que estava sentado ao seu lado, bem mais velho, que tinha uma barba grisalha bem aparada. Caddy parecia ter recebido instruções de entretê-lo — ela mantinha seu foco nele, e longe de mim.

Consegui tomar quase toda a sopa, mas depois só belisquei meu jantar, remexendo-o no prato, muito embora tudo parecesse delicioso e, em qualquer outra circunstância, eu teria devorado tudo e ainda repetido. Como não estava comendo, pude dedicar toda minha atenção ao Leon, que, apesar de seu iate, de seu Rolex Oyster e da sua fortuna absurda, era um cara realmente sem graça.

Stella estava sentada do outro lado de Leon, e como suas tentativas de animar a conversa com o homem de cabelo preto ao seu lado não estavam dando certo, ela voltou sua atenção para Leon, deixando-me momentaneamente livre para examinar os outros homens à mesa, para os quais eu dançaria mais tarde.

— Como está o seu jantar? — perguntou-me Fitz.

Senti minha face corando.

— Está delicioso — respondi. — Tomara que sobre um pouco para quando eu acabar de dançar.

Ele sorriu e, sob a mesa, sua mão entrou em contato com a minha coxa.

— A que horas devemos começar? — perguntei

Ele deu de ombros.

— Temos que discutir sobre uns negócios. Quando acabarmos, eu mando alguém avisar.

— Você gostaria de algo em particular? — perguntei em voz baixa.

Ele riu.

— Simplesmente a Viva fantástica de sempre. E depois, veremos se há algo que esses

cavalheiros desejam. Kitten vai fazer umas danças particulares, se eles quiserem.

— Caddy não vai fazer *pole dance*?

Ele deu um sorriso engraçado.

— Não, Viva. É para isso que você está aqui.

Tentei outro caminho.

— Obrigada por me convidar para jantar.

— Você é boa nisso.

— Nisso o quê?

— Saber do que eles gostam. E você cuidou das garotas mais cedo. Aprecio atitudes como essa.

Olhei para a extremidade da mesa, onde as três louras estavam discutindo animadamente suas potenciais carreiras na indústria musical com três rapazes.

As meninas estavam ali para fazer sexo, percebi. Isso me ocorreu naquele instante, muito embora eu provavelmente já soubesse desde sempre. Quando Dylan me disse, na última vez: "Você é a única que vai dançar", pensei que queria dizer que haveria algumas garotas do clube servindo bebidas, talvez fazendo *lap dance*, mas ao não ver mais nenhuma garota, aceitei isso sem preocupação ou comentário. Mas finalmente me dei conta de que todas elas estavam no andar de cima; e na última vez, enquanto eu estava sendo apalpada por Kenny e dançando para os clientes de Fitz reunidos ali, os outros homens estavam provavelmente no andar de cima, sendo entretidos pelas outras meninas.

— Sabe — comentei com Fitz —, você deveria pensar em diversificar um pouco o clube.

Ele deu outro sorriso engraçado.

— Diversificar?

— Podia organizar algumas noites só para mulheres, colocar alguns homens para dançar, assim como faz com as garotas. E talvez uma noite burlesca. Algo de alcance um pouco mais… — procurei a palavra mais adequada — amplo.

— Um alcance mais amplo significa lucros menores.

— Mas você admite que está trabalhando com um grupo bem limitado de clientes no momento. Pense em todas as pessoas que não sonham em pôr os pés no clube do jeito que ele é agora. Casais. Noitadas só de meninas. Despedidas de solteira, se quiser.

Leon Arnold se inclinou na minha direção, seu braço pesado sobre meus ombros. Cheirava a uísque e a loção pós-barba.

— Melhor você tomar cuidado com ela, meu velho — alertou ele. — Ela vai acabar tomando seu império.

Minha réplica foi ligeira.

— Não. Quero continuar fazendo o que eu faço bem: dançar para homens deslumbrantes como você, Leon.

Fitz achou graça, e Caddy olhou zangada para mim, do outro lado da mesa.

Assim que o jantar terminou, pedi licença e fui até a cozinha buscar uma garrafa de água para diluir a metade da taça de champanhe e a metade da taça de vinho tinto que havia bebido. Desci com ela para o banheiro. Dylan estava esperando no balcão, comendo nachos.

— Eles não o alimentam direito? — perguntei atrevidamente.

Ele olhou para mim.

— Pensei que iam levá-la para o andar de cima, com o resto das piranhas — devolveu ele na mesma moeda.

— Melhor eu ir me trocar. Venha comigo para conversar, se estiver a fim.

Dylan balançou a cabeça.

— Fitz não vai gostar disso.

— De quê?

— De nós dois conversando a sós.

Eu me lembrei de que Fitz dissera não apreciar o fato de Dylan gostar de mim. E me lembrei do que dissera sobre alguém ter nos visto, conversando no clube.

— Fitz está ocupado.

Não havia mais ninguém por perto; os funcionários do bufê já tinham recolhido seus equipamentos e ido embora. Ele me seguiu até o banheiro e sentou-se numa cadeira confortável, enquanto eu tirava meu vestido de gala e o substituía por outro, um decotado e cintilante de cor azul elétrico.

— Você sabe o que está havendo com a Caddy? — perguntei. Ela tinha saído da sala de jantar nos braços de Fitz e Arnold, sem me dar a oportunidade de abordá-la.

— O que você quer dizer?

— Ela está me olhando de cara feia. Não sei o que fiz para deixá-la brava.

Ele olhou para mim e um sorriso se desenhou lentamente em seu rosto.

— O que foi? — perguntei. — Porra, o que está acontecendo, Dylan?

— Você está ficando íntima de Fitz — respondeu ele.

— E daí? E, de qualquer maneira, não estou "ficando íntima", estou socializando, e pelo que sei, é para isso que estão me pagando.

— Fique calma — disse ele. — Só estou dizendo que ela não gosta dessa intimidade porque ela sente alguma coisa por ele.

— Caddy e Fitz? Estão juntos?

Ele sorriu de novo.

— Só nos sonhos dela.

Várias coisas começavam a fazer sentido.

— Mas ele não está muito interessado nela?

— Eles já transaram algumas vezes. Ele comia todas as garotas, isto é, aquelas que davam mole para ele. Depois, algumas delas começaram a ficar obcecadas por ele e ele se deu conta de que aquilo não era uma boa ideia. Uma delas até engravidou. O problema é que ele não terminou com a Caddy, pelo menos não oficialmente, então ela pensa que ainda tem alguma chance.

— Por que ele simplesmente não diz a ela que não está interessado?

— Acho que ele não faz a menor ideia de como ela se sente. E se ela se declarasse para Fitz, ele a mandaria embora na hora. Ele não quer mais saber de garotas grudentas.

— Não é à toa que ela está me fuzilando com os olhos — falei, me lembrando do braço de Fitz em torno da minha cintura, seu beijo molhado de uísque no meu rosto.

— O que você achou de Leon Arnold? — perguntou ele.

— Parece ok — respondi. — Por quê?

Dylan coçou o queixo pensativamente.

— Ele é um homem importante, só isso. Na última vez que você esteve aqui, aqueles caras com quem Fitz estava conversando vieram só para organizar este jantar com Arnold.

— É mesmo? — exclamei. — Ainda bem que só soube disso agora. Teria ficado nervosa.

— Nunca o encontrei antes. Mas já ouvi falar, é claro.

— Você acha que o que estão negociando é uma boa ideia?

— Fitz sabe o que está fazendo.

— O que ele quer?

— Com Arnold? O mesmo de sempre: ganhar dinheiro. Como você. — Seu tom sugeria que aquela seria a última resposta para qualquer outra pergunta sobre o Sr. Leon Arnold. — O melhor que pode fazer é dançar bem, mais nada.

Soltei meu coque, deixando o cabelo solto, e calcei as sandálias de salto baixo, que eram úteis para socializar com os homens mais baixos do que eu. Dentro da minha bolsa, eu tinha um par de sapatos elegantes com fitas de veludo que cruzavam nos meus calcanhares e me faziam lembrar das aulas de balé que fazia aos nove anos.

— Fico contente que você esteja aqui — falei.

Ele deu de ombros.

— Nada o atinge, não é, Dylan?

— O que quer dizer com isso?

— Não sei. Você deve se importar com alguma coisa. Deve haver alguém que realmente signifique algo para você. Você é casado?

Ele não respondeu, portanto, concluí que era.

— Poxa — insisti —, pensei que éramos amigos. Acho que você disse que confiava em mim.

— Eu estava com alguém — respondeu ele. — Mas não estou mais.

— Tem filhos?

Houve uma longa pausa. Era difícil arrancar alguma coisa dele.

— Tenho uma filha. Lauren. Ela tem quatorze anos.

— Você a vê com frequência?

— Não muito. Ela mora na Espanha com a mãe.

— Ah! Espanha. Deve ser difícil para você.

— É, mas então, você está pronta?

A conversa estava definitivamente encerrada.

— Você vai ficar assistindo? — perguntei.

— Não tenho muita escolha — respondeu ele.

Fui esperar na cozinha como uma boa menina, enquanto Dylan subia para o outro andar a fim de ver se as garotas não estavam bebendo demais.

* * *

Quando Carling se foi, vesti minha calça jeans e um casaco de moletom e fui até o *Scarisbrick Jean*. Malcolm e Josie estavam acabando de jantar: massa com um molho que cheirava a alho.

— Está com fome? — perguntou Josie, gentilmente.

Ela parecia pálida dentro de seu suéter colorido. Tinha ido ao cabeleireiro, já se preparando para o casamento — era de sua sobrinha? — e, no lugar da cor escura com fios prateados, seu cabelo tinha sido tingido de marrom chocolate. Isso deixou-a anos mais jovem.

— Não, não — menti. — Acabei de comer.

— Bobagem — disse ela. — Sobrou comida.

Ela me serviu uma colherada de tagliatelle com molho e eu me sentei na sala de jantar.

— Seu cabelo está maravilhoso — falei.

Percebi uma troca de olhares afiados entre Malcolm e Josie. O cabelo de Malcolm, eu notei, continuava resolutamente desgrenhado.

— Obrigada — disse ela com firmeza, como se quisesse reforçar o meu comentário. Eu me perguntei se Malcolm não tinha notado a diferença e, em consequência disso, estava passando por um purgatório. Ele não parecia particularmente feliz.

— Como você tem passado? — perguntei a Josie, calmamente.

— Ah, você sabe. Altos e baixos.

Havia lágrimas nos seus olhos, mas ela as afastou ao piscar, respirando fundo. Depois, ela levou o seu prato e o de Malcolm até a pia da cozinha e começou a lavar a louça, batendo com as panelas e as portas dos armários com entusiasmo suficiente para afugentar qualquer tentativa de conversa.

— Minha bateria está carregada — falei para Malcolm, entre uma garfada e outra.

Ele então olhou para mim.

— É, deve estar mesmo.

— E eles não a levaram, sabia?

— Sei.

— O que está havendo? — perguntei, percebendo um distinto desgosto no tom que usava para falar comigo.

— Você — respondeu ele. — Confraternizando com os canas.

— Você está falando do Carling? Ele é legal. Até me ajudou a procurar uma banheira.

Ele ficou me olhando por um tempo como se não soubesse o que pensar de mim, depois começou a rir bem alto, jogando a cabeça para trás.

— Olhe — falei, quando ele acabou de rir da ideia de um policial e eu sairmos para procurar mobília de banheiro —, eu precisava de proteção ontem, entendeu? Ele gostou de ter ficado. E por isso ainda estou viva.

— Isso não tem importância — disse ele, alegre, enxugando uma lágrima no olho.

— Eu preciso tirar o barco daqui, Malcolm. Aquelas pessoas provavelmente vão voltar.

— Amanhã, faremos isso, ok? Está escuro demais para fazer qualquer coisa agora. Você pode dormir aqui esta noite, se não quiser ficar sozinha no *Vingança*.

Olhei o barco de uma extremidade à outra.

— Dormir aqui?

Ele ergueu um dedo esquelético e disse:

— Ah, vai precisar trazer um cobertor ou algo do tipo; não temos lugar aqui para guardar sobressalentes.

— Eu não posso deixar o barco, Malcolm. E se eles aparecerem à noite?

— Você poderia trazer esse tal pacote.

— Não seja bobo. Eu estaria pondo você e Josie em perigo, também. Além disso, está certamente bem escondido no lugar em que está agora.

Ele me encarou por um momento, concentrado, depois disse:

— Tenho uma ideia.

* * *

Voltei ao *Vingança da maré* para buscar um cobertor, um travesseiro e minha escova de dente, além dos dois celulares. Quando voltei para o *Titia Jean*, Malcolm estava no pontão com um rolo de arame e um alicate.

— O que ele está fazendo lá fora? — perguntou Josie, quando eu desci até a cabine, carregando meu cobertor

— Não sei. Consertando alguma coisa, eu acho.

— Vai ser ótimo ter você aqui. Como uma festa do pijama.

Eu não fazia ideia do que ela achava que eu estava fazendo, dormindo no seu barco, quando o meu estava apenas a uns poucos metros dali. Malcolm lhe dissera algo sobre o fogão à lenha estar precisando de um reparo, e aquilo pareceu saciar toda a sua curiosidade.

Quando toda a louça havia sido lavada e guardada, Josie me mostrou onde ficava a única cama de solteiro, escondida na salinha de jantar, que saía da mesa como uma grande gaveta. Evidentemente, com a cama aberta, eles precisariam passar sobre mim para irem da sala de jantar para a cozinha e vice-versa. Mas a probabilidade de isso acontecer no meio da noite era, felizmente, bem ínfima.

Lá fora, Malcolm dava os retoques finais no elaborado conjunto de armadilhas de arame que ele instalara à altura do calcanhar no pontão. Se Nicks ou outro capanga de Fitz resolvesse visitar meu barco novamente naquela noite, eles fariam barulho suficiente para acordar toda a marina.

* * *

Assim que dei início à minha apresentação, as coisas evoluíram exatamente como tinham acontecido durante a minha primeira visita à casa de Fitz.

Durante a primeira dança, todos os homens estavam presentes, exceto Fitz e Arnold. Eu tive a nítida impressão de que estava ali para servir de babá para os outros convidados, enquanto eles discutiam a sós sobre seus negócios, seja lá o que fossem.

Mantendo a sua palavra, Dylan permaneceu no vão da porta, observando, enquanto eu me apresentava, me vigiando ao mesmo tempo que ficava de olho nos convidados, conforme tinha sido instruído. Ele se camuflava perfeitamente com o fundo da sala, imóvel e silencioso.

Assim que acabei de dançar, a porta se abriu e Fitz e Arnold entraram, trazendo Caddy com eles. Ela cambaleava um pouco. Dei um sorriso caloroso para ela, que não o retribuiu.

— Ora, veja, Leon. Acabamos de perder a primeira dança — disse Fitz, servindo dois copos

grandes de uísque em seu armário de bebidas.

Soprei um beijo para Leon.

— Volto já. Não perca a próxima.

Saí rapidamente da sala e Dylan fechou a porta depois que eu passei por ela. Só tive tempo de trocar de roupa bem rápido no banheiro, retocar a maquiagem, ficando novamente apresentável, no geral.

O banheiro não estava vazio; duas das louras do jantar estavam lá, cheirando umas carreiras de cocaína sobre a superfície de mármore polido da penteadeira. Elas se calaram, quando entrei, mas logo recomeçaram a discutir, ao ver que era apenas eu.

— Não fode, estou fora — disse a mais alta. Ela usava um roupão felpudo e salto agulha de acrílico, e muito provavelmente, mais nada.

— Não me enche o saco — veio a réplica em voz aguda, à beira das lágrimas. — Porra, a ideia foi sua. Não vai amarelar agora!

— O que está havendo? — perguntei, casualmente.

As duas me encararam, se unindo de repente na preocupação de que, se eu estava me envolvendo, consequentemente, de algum modo, ia querer dividir com elas as duas últimas carreiras de cocaína que restavam sobre a penteadeira.

— Ela — disse a mais nova, apontando com sua unha pintada e trêmula para a loura de roupão —, ela disse que a gente devia tentar atrair Leon para um *ménage à trois* e depois rachar a gorjeta. Eu concordei, mas agora ela mudou de ideia!

A outra suspirou e apoiou uma das mãos nos quadris, num gesto de desafio.

— Não foi bem assim, Bella, você sabe disso. Eu só estava brincando, porra, fala sério.

— Podem estar deixando escapar uma oportunidade bem lucrativa — comentei, passando um pouco de brilho nos lábios.

— Foi exatamente o que eu disse! — exclamou Bella.

— Mas, sério, só ganhando dinheiro para caralho para transar com ele sozinha… Imagina tendo mais alguém ao meu lado.

— Isso se chama espírito de equipe. Mas acho que você nunca ouviu falar nisso, Diane.

— Estou cansada dessa merda. Não podemos ficar aqui por muito tempo. Vamos cheirar isso logo ou não?

Deixando de lado as diferenças para poder consumir um pouco de droga, as duas garotas se inclinaram alternadamente para cheirar suas carreiras e ficaram quietas por um tempo, mas depois prosseguiram com a discussão.

— Você faria isso? — perguntou-me Diane. Precisei de alguns segundos para perceber que ela estava falando comigo.

— Mas o que vocês duas estão fazendo aqui em baixo, afinal? — respondi. — Vocês não deviam estar lá em cima entretendo os convidados?

— Ah, não começa. Você é pior que o Dylan, porra.

— Ele está sempre implicando com a gente. Descemos aqui para ter um momento de sossego, sabe — disse Bella, olhando para a mancha de resíduo branco, antes de umedecer o dedo e passá-lo nas gengivas.

— Vamos, Bel — disse Diane —, vamos procurar um lugar menos frio. Está muito gelado

aqui dentro.

Elas deixaram o banheiro para mim, e eu dei uma olhada rápida dentro da minha bolsa, para me certificar de que minha carteira e meu celular ainda estavam lá. Eu não confiaria a elas nenhum dos meus pertences e não me surpreendeu ver que a bolsa estava aberta. Deviam ter vasculhado para saber se eu não tinha também um pouco de cocaína.

Quando a porta se abriu novamente, eu estava pronta para mandar as duas à merda, mas dessa vez era Dylan.

— Oi — falei, me virando para o espelho. — Isso mesmo, não se incomode em bater à porta ou com essas outras coisas civilizadas.

— Já vi tudo isso antes — replicou ele, antes de se sentar na cadeira e me observar atentamente.

— O que foi que disse? — indaguei, olhando para seu reflexo no espelho.

— Fitz está puto da vida — respondeu ele.

— Ai, isso não é bom.

— Não está conseguindo fechar o negócio.

— Por que não?

— Um dos comparsas de Arnold andou distribuindo umas amostras entre as garotas lá em cima.

— Isso explica por que duas delas estavam aqui há alguns minutos cheirando pó.

Dylan passou lentamente a mão sobre a testa.

— Porra! Vão me causar problema. — Ele se ergueu e se dirigiu à porta com um suspiro.

— Dylan!

— O quê?

— Há algo que eu possa fazer para ajudar?

Ele riu.

— Para começar, pode tentar alegrar o Fitz. Se alguém pode arrancar um sorriso dele, esse alguém é você.

— E a Caddy?

— Está lá em cima. Irritada.

* * *

Acordei antes de o dia clarear totalmente.

Por um segundo, não sabia onde estava, apenas que aquela não era a minha cama; o barco balançava de um lado para o outro de modo preocupante e, instantes depois, ouvi passos perto da minha cabeça. Eu me sentei, assustada.

— Pode voltar a dormir — ouvi, num sussurro urgente. — Sou eu.

— Malcolm? O que está acontecendo?

— Ouvi um ruído lá fora — disse ele em voz baixa, agachando-se ao lado da cama. — Acho que é só uma raposa, ou coisa parecida, vasculhando as latas de lixo. Não tem ninguém lá fora.

— Ah.

Deitei novamente e me cobri até os ouvidos.

Fazia frio, a luz opaca me permitia ver os contornos da cabine, a forma dos armários da cozinha, o fogão à lenha, apagado e frio. Parecia ser quatro ou cinco horas da manhã, a mesma hora em que eu encontrara o corpo de Caddy dentro d'água.

Sorri, pensando em todas aquelas armadilhas de arames lá fora no pontão, e torci para que me lembrasse delas, quando voltasse para o *Vingança da maré*, senão eu mesma acabaria caindo na lama, de cabeça, com o cobertor e tudo o mais.

Podia ouvir o som dos pássaros e gaivotas e o ronco distante do trânsito na estrada que levava a Londres, e estava quase caindo no sono quando um pensamento repentino me ocorreu. Malcolm tinha aparecido ali totalmente vestido.

Vinte e cinco

QUANDO VOLTEI PARA a sala, percebi que havia algo errado. A porta estava aberta e através dela dava para ver Arnold refestelado no sofá com dois de seus comparsas; não havia sinal de Fitz, Dylan e de nenhuma das garotas.

Vindo de algum lugar no andar superior, pude escutar vozes falando alto e o som de algo pesado caindo.

Abri o meu melhor sorriso de Viva e entrei na sala, fechando a porta discretamente atrás de mim.

— Cavalheiros, posso servir uma bebida para vocês?

Servir os outros não era, estritamente falando, parte das minhas obrigações, mas aquilo não pareceu incomodá-los nem um pouco e, um a um, servi várias doses, a maior parte pura.

Sentei no braço da poltrona em que Arnold estava. Ele pôs a mão nas minhas costas e me deu uns tapinhas carinhosos.

— Enquanto esperamos — falei —, vocês querem me ver dançar, ou preferem que os deixe conversando?

— Uma dança seria ótimo — disse Arnold. — Especialmente porque eu perdi a última. Ouvi coisas excelentes sobre você, Viva.

— Nesse caso — retruquei, procurando minha lista de músicas no laptop —, vou me certificar de que você veja algo realmente especial.

Não sei se estavam esperando que eu dançasse nua ou fosse tirando a roupa aos poucos, mas se ficaram desapontados porque conservei meu vestido preto curto, eles não demonstraram. Especialmente considerando que poderiam ter subido para viver uma experiência bem mais tátil, se estivessem a fim. Em vez disso, ficaram sentados, observando, e tive toda a atenção deles até que, quatro músicas e vinte e dois minutos mais tarde, a porta se abriu e Fitz apareceu.

Ele pareceu surpreso em me ver e, por um instante, ficou parado no vão da porta, as mãos nos bolsos, como se tivesse esquecido a razão de ter ido até lá. Ele parecia perdido, os ombros caídos. Senti pena dele. Parecia tão derrotado. Por mais que não quisesse saber do que se tratava seu negócio, gostaria que desse certo.

Deve haver algo que eu possa fazer para ajudar, pensei. *Alguma coisa que aumente sua confiança...*

Arnold e os outros sequer se mexiam. Eu conseguira a atenção total deles, e como havia mais um membro na plateia, eu ousei um pouco mais, até a música acabar.

Dylan foi até o laptop e o desligou, antes que a próxima música começasse. Eu peguei Fitz pela mão e perguntei:

— Posso falar com você?

Enquanto isso, Dylan se virou para os homens ali reunidos e perguntou se queriam beber alguma coisa.

Conduzi Fitz pela porta até o corredor e, olhando rapidamente ao redor para ter certeza de que estávamos a sós, empurrei-o com força contra a parede e o beijei.

Aquilo, certamente, não era o que estava esperando.

No exato momento em que ele começou a se dar conta do que estava acontecendo e a esboçar uma reação, eu recuei.

Ele estava olhando para mim, a respiração ofegante, o princípio de um sorriso nos lábios.

— Você vai conseguir — sussurrei.

— O quê?

— O que quer que esteja querendo com Arnold. Você vai fechar o negócio. Simplesmente, vá até lá e faça isso.

Ele afagou delicadamente meu rosto.

— Você não faz a menor ideia…?

— Do quê?

Ele apenas balançou a cabeça.

— Fitz — continuei —, vá lá e resolva tudo. Você sabe que é bom nisso. Vá em frente.

Ele voltou para a sala e eu fechei a porta atrás dele. Dylan estava servindo um copo de uísque para Arnold.

Ele me olhou de relance e, por um momento, tive a impressão de distinguir algo naquele olhar, algo vulnerável. Logo em seguida, ele ficou alerta novamente e aquela expressão desapareceu.

* * *

Eles fecharam o negócio. Eu não sabia exatamente o que era, nem queria saber, mas provavelmente se tratava de uma importação, ou de um grande fornecimento. Nada com o que eu quisesse me envolver.

Depois de a conversa chegar ao fim, Arnold e seus comparsas foram embora em vários carros, por volta das quatro e meia. Gray chamou táxis para as meninas — três carros pararam nos fundos da casa, e, às cinco horas, todas já tinham ido embora. Exceto Caddy. Ela estava sentada na cozinha.

— Caddy — chamei, tocando em seu braço.

— O que você quer? — perguntou ela, seu tom de voz revelando que não estava interessada na minha resposta.

— Você sabe que não há nada entre mim e Fitz, não é?

Ela me olhou de maneira adequada pela primeira vez desde que começamos a beber antes do jantar e desde que Fitz me deu um beijo no rosto. Ela me olhou como se não confiasse ou não acreditasse em mim e fosse ficar feliz se eu saísse dali e a deixasse em paz.

— Pessoalmente, não dou a mínima para o que você faz com Fitz — disse ela, enfática.

— Então, por que você está brava comigo?

Ela deu de ombros de modo exagerado, ébrio.

— Pensei que éramos amigas, Caddy.

Dylan estava observando tudo, com uma mera centelha de divertimento atrás de seus

implacáveis olhos azuis.

— Eu sei como ele é — disse ela, com ar triste. — Você não percebe, porque é nova aqui. Eu conheço os sinais.

— Que sinais? Do que você está falando?

— Ele quer você. Desde que você chegou, ele não olhou mais para mim. Sabe como isso dói? Você faz ideia?

— Caddy, isso é ridículo. Eu não tenho a menor intenção de fazer qualquer coisa com ele.

Ela estreitou os olhos e senti o veneno nas suas palavras seguintes.

— Você faria, se ele pagasse o bastante.

Doeu ainda mais porque ela tinha razão. Eu sabia disso, e ela também. E então, naquela casa de milhões de libras de Fitz, na sua cozinha de mármore, eu me senti vulgar e envergonhada de mim mesma pela primeira vez, desde que tinha começado aquela vida. O que estava fazendo? Tratava-se de um barco, apenas um barco. Eu estava com tanta pressa para conseguir o dinheiro porque me tornara ambiciosa, malvada e obstinada. Eu escorregara numa perigosa espiral de consequências, querendo comprar o barco para fugir de tudo aquilo, e me afundando cada vez mais para poder ganhar dinheiro, acima de tudo.

Então, Gray apareceu na cozinha, mexendo em tudo e falando em fazer um café. Dylan foi encontrar Nicks no salão, onde bebiam e discutiam os detalhes do negócio que fecharam.

Voltei para o banheiro a fim de pegar minhas coisas, deixando Caddy na cozinha. Encontrei Fitz no caminho, sentado atrás de uma mesa de vidro, contando dinheiro e o guardando em envelopes. Nós trocamos olhares. Em seguida, ele veio até mim, segurando um dos envelopes. Meu pagamento pela noite. Ele o colocou em cima da minha bolsa. Parecia mais cheio do que da última vez. Aquela visão me deixou enjoada e, ao mesmo tempo, senti uma faísca de excitação no meu ventre. Mal podia esperar para chegar em casa e contar quanto tinha.

— Você foi incrível esta noite — disse ele, fechando a porta e sentando-se na cadeira, me observando enquanto eu enfiava maquiagem, roupas, toalhas e sapatos na bolsa.

— Eu me diverti. Estou feliz que tenha dado tudo certo.

— Você não está preocupada? — perguntou ele.

— Com o quê?

— Com o negócio. Você sabe que isso vai ficar só entre nós, não sabe?

— É claro.

— Confio em você — disse ele, balançando a cabeça.

Eu estava quase pronta, fechando minha bolsa, ansiosa para chegar em casa e dormir o restante do dia.

Ele se interpôs entre mim e a porta. Esperei. Ele parecia inquieto, mal conseguia ficar parado. Eu me perguntei o que teria tomado.

— Eu estava pensando — disse ele, dando um passo na minha direção e passando o dedo em meu braço — sobre a nossa conversa no outro dia.

— Sim?

— Você quer ficar um pouco mais?

— Agora?

— Os rapazes irão embora logo. Você podia ficar. Nós podíamos… nos divertir. O que você acha?

Se não fosse pela Caddy, eu poderia ter dito sim. Apesar do meu cansaço, apesar da exaustão física, se eu tivesse parado um instante para considerar permanecer ali com Fitz — afinal de contas, ele era um homem bonito —, eu teria aceitado e teria me divertido, e talvez tudo o que aconteceu depois ocorreria de modo bem diferente.

Mas minha cabeça estava pesada após a noitada e eu precisava me deitar, sozinha, sem ser incomodada.

— Eu gostaria — respondi —, mas, sinceramente, estou exausta. Preciso ir para casa dormir. Numa outra ocasião, talvez?

— Eu tenho uma mercadoria boa aqui, sabia? Algo capaz de despertar você.

— Não, obrigada. Só quero ir para casa.

Ele olhou para o chão, um músculo se moveu em seu rosto.

— Ok. — Ele deu um passo para trás e abriu a porta para mim. — Nicks vai acompanhá-la até em casa.

Quando finalmente saí da casa de Fitz, o dia já estava claro. Felizmente era domingo e não tinha muito trânsito. Em mais ou menos uma hora, eu estaria em casa.

Vinte e seis

JOSIE E EU estávamos sentadas no nosso velho banco, sob a proteção da casa do leme, escutando os ruídos de Malcolm consertando o motor do barco. Apesar da sua inesperada aparição de manhã bem cedo, a noite transcorrera sem incidentes. A armadilha de arames não havia sido necessária.

— Eu já contei — disse ela — que uma vez ele incendiou o barco?

— Não — respondi, bebendo meu café.

A lembrança lhe fez rir.

— Ele estava soldando um postigo. Acontece que tinha decidido soldá-lo logo após ter terminado de fazer o revestimento interno. Estava usando uma máscara que cobria todo o rosto dele, sabe, e estava ali sentado no pontão bem feliz, sem prestar atenção nas nuvens de fumaça que saíam do barco. Liam teve que ir avisá-lo que o barco estava pegando fogo e lhe disse para ir encher alguma coisa de água para conseguir apagá-lo, mas Malcolm estava tão desconcertado que apareceu com a tampa de um frasco de creme de barbear. Ele se justificou dizendo que não queria usar minhas xícaras de porcelana.

Eu ri.

— Suponho que agora vocês tenham um extintor de incêndio a bordo.

— Com certeza — disse ela —, embora eu não faça a menor ideia de onde ele esteja.

Malcolm desfizera seu complicado sistema de armadilha de arames, antes que Josie acordasse, recolocando tudo no lugar. Ele se ofereceu para fazer isso todas as noites, antes de ir para a cama, mas eu recusei — pela lei de Murphy, alguma pessoa inocente poderia cair na armadilha e reivindicar uma quantia enorme de indenização.

— Ele é um homem potencialmente inflamável — acrescentou ela, embora fosse desnecessário dizer isso.

Um berro saiu do postigo da casa do leme.

— Muito bem, tente ligar o motor!

Eu entrei e espiei Malcolm com sua camiseta imunda, agachado ao lado do motor, e então girei a chave.

O motor roncou, houve um tremor, uma série de soluços congestionados, e todo o barco vibrou, recuperando a vida. Da popa, veio o barulho da água se agitando.

— Ok, está bom, pode desligar!

Girei a chave novamente.

— O que você acha? Está funcionando? — gritei para ele, lá embaixo.

— Está, está — respondeu ele, alegre. — Precisa trocar o óleo, de filtros novos e manutenção básica. Mas não há vazamentos ou coisa parecida. Para falar a verdade, considerando a situação como um todo, o motor está uma beleza.

Eu saí da casa do leme e fui me sentar ao lado de Josie.

— Ele parece feliz — falei.

— É, ele adora tudo isso. A gente só precisa verificar se ele não cometeu algum erro estúpido. Por exemplo, foi pura sorte que ele tenha pedido para você ligar o motor com a maré cheia. Imagina só se a hélice começasse a girar com a maré baixa? Jogaria lama para todos os lados. A situação ia ficar feia.

— Eu não tinha me dado conta de que ele provocava tantos acidentes.

— Não é que ele provoque acidentes, ele simplesmente não pensa. Logo que nos mudamos para o barco, ele deixou suas chaves caírem dentro d'água. Ele contou para você?

— O que ele me disse é que era sempre bom me certificar de que minhas coisas estavam presas a algo que boiasse.

— Há!

— Então, o que aconteceu? Ele conseguiu recuperar as chaves?

— A maré estava enchendo, batia na altura da cintura. Então ele entrou na água, fincou os pés na lama e, é claro, não conseguiu alcançar o fundo, mesmo enfiando o braço até o ombro. Por fim, teve que pegar uma vassoura para poder se apoiar nela e afundar a cabeça dentro d'água até encontrar as chaves.

— Nossa! E ele ficou bem?

— Ele ficou fedendo. E vomitando a noite toda. Não é aconselhável mergulhar neste rio, essa é a verdade.

— Estou escutando tudo — gritou ele de dentro da casa do leme.

Isso nos fez rir. Fazia muito tempo que não me sentia assim tão relaxada.

— Por que você quer que o barco volte a funcionar? — perguntou Josie, dando uma delicada cutucada nas minhas costelas. — Vai se mudar daqui?

Corei.

— Não, nada disso. Quer dizer, ainda não, pelo menos. Simplesmente me pareceu ser o próximo estágio do processo.

— Pensei que o banheiro fosse o próximo estágio do processo.

— É, tem isso também. Ou a estufa. Fico mudando de ideia toda hora.

* * *

Dormi no banco de trás do carro, sendo acordada bruscamente a cada vez que ele fazia uma curva, freava ou acelerava. Não fui capaz de ficar jogando conversa fora, e estava tão cansada que era difícil pensar direito no que tinha acontecido.

O importante é que tudo havia acabado bem. Conseguiram fechar o negócio e, quando Arnold se foi, ele beijou delicadamente meu pulso, sorriu para mim e apertou calorosamente a mão de Fitz. E, é claro, eu fiquei financeiramente um passo mais perto do meu barco. Talvez eu devesse conversar novamente com Caddy, quando ela estivesse sóbria, tentar recolocar nossa amizade nos trilhos.

Eu estava planejando tirar a quinta e a sexta de folga para visitar alguns estaleiros em Kent, à margem do rio Medway. Havia alguns barcos à venda numa marina residencial, e vários outros em um grande estaleiro rio acima. O Medway parecia um lugar tão bom quanto qualquer

outro. Suficientemente próximo de Londres, caso quisesse ir para uma noitada, e ainda assim longe o bastante se quisesse escapar da cidade e de toda a merda que vinha junto com meu emprego. No fundo, eu sabia que se quisesse procurar outro trabalho no final do ano, ter que enfrentar uma pequena viagem de trem de Londres seria uma vantagem. Talvez não precisasse vender o barco, ao fim de um ano. Poderia muito bem continuar morando no barco e voltar a trabalhar na cidade, se o dinheiro acabasse.

Eu tinha o suficiente para comprar um barco, de preferência um que estivesse parcialmente equipado, de modo que pudesse morar nele, enquanto concluía a reforma. Tudo indicava também que eu tinha o capital necessário para pelo menos começar a reformá-lo. Do jeito que as coisas estavam no momento, seria preciso continuar trabalhando, ou então conseguir um emprego de meio expediente, para poder me manter enquanto trabalhava no barco.

Gostaria de apertar um botão e acelerar o tempo, passando rapidamente pelos últimos meses de ganhos, poupanças, danças, lutas pelos bônus no trabalho.

Eu estava pronta para que tudo isso chegasse ao fim.

Abri os olhos e, pela janela, vi uma sequência de lojas familiares. Finalmente, estava perto de casa.

— Valeu pela carona, Nicksy — agradeci, saltando do carro e pegando minha bolsa no porta-malas.

Assim que bati o capô, ele arrancou na direção da avenida principal.

* * *

Uma hora mais tarde, Malcolm declarou que o *Vingança da maré* estava pronto para navegar. Mas é claro, a essa altura, a maré esvaziara e não havia a menor chance de testá-lo naquele dia.

— Amanhã, você também não poderá fazer isso — disse Josie.

— Por que não? — perguntou Malcolm, parecendo decepcionado.

— Porque temos coisas a fazer! — retrucou Josie, dando um tapa em seu ombro. — E depois, por que toda essa pressa, assim de repente?

— Ora, o barco está funcionando — falei. — Eu gostaria de subir um pouco o rio, ver o que tem por lá.

— Então você pode esperar até o fim de semana — insistiu Josie, com firmeza, e estava decidido.

Ela seguiu na direção da lavanderia para esvaziar sua máquina, enquanto Malcolm guardava suas ferramentas dentro de um saco de lona imundo. Quando acabou, ele se sentou no banco ao meu lado. O cheiro que seu corpo exalava me lembrava um pouco o do meu pai — óleo lubrificante, suor, esforço.

— Obrigada — falei.

— Pelo quê?

— Por consertar o barco, é claro. Você foi formidável.

— Ah, isso não foi nada. Seja boazinha e leve o barco para dar uma volta.

Como se o *Vingança da maré* fosse um barquinho de passeio e não uma enorme embarcação fluvial de vinte e três metros com todas as minhas posses terrenas a bordo. Mas,

afinal, era isso que eu precisava fazer. Só preferiria que ele não falasse disso de modo tão casual.

Josie estava voltando, descendo a rampa até o pontão, carregando uma bacia de plástico pesada. Quando já alcançava o *Scarisbrick Jean*, Malcolm se levantou e saiu pela prancha de embarque para ajudá-la. Depois que eles entraram na cabine do barco, eu fui para dentro e comecei a lavar as canecas e os pratos dos sanduíches que tínhamos comido no almoço.

Sobre a mesa, os dois celulares estavam posicionados lado a lado. Não me lembrava de tê-los deixado ali, daquele jeito. Eles estavam na bolsa que eu levara para o *Titia Jean* na noite passada. Será que eu os havia retirado da bolsa? Não conseguia me lembrar.

Olhei os telefones e vi que tinha duas chamadas não atendidas.

Em um deles, uma chamada não atendida de Carling — uma hora atrás.

No outro, uma chamada não atendida de GARLAND. Apertei o botão para discar novamente.

O número desejado encontra-se desligado ou fora da área de cobertura. Por favor, tente mais tarde.

Soltei um berro de frustração e joguei o aparelho no sofá. Mas por que ele não deixava a porra do telefone ligado? Será que um dia eu conseguiria falar com ele outra vez? Pelo menos, aquilo significava que ele ainda estava vivo, em algum lugar. E que não tinha se esquecido completamente de mim.

Vinte e sete

NA NOITE DO sábado seguinte, o Barclay estava agitado, mais movimentado do que eu jamais vira. Norland e Helena estavam lá, mas não havia sinal de Fitz. Caddy também estava lá, já no salão com um de seus clientes, quando fui para o camarim me preparar.

O clube estava lotado: despedidas de solteiro, grupos de homens amontoados no balcão do bar e em volta do palco. Eu tinha danças particulares agendadas na Sala Azul. Até a área VIP estava cheia. Dylan, Nicks e Gray também estavam por lá, mas muito ocupados — havia sempre desordeiros e eles acabavam ajudando os porteiros a botar para fora aqueles que haviam bebido demais.

A atmosfera no clube parecia bem diferente. Talvez eu devesse ter visto aquilo como um aviso; talvez devesse ter pressentido. Eu me lembrei de uma das primeiras vezes que dancei no clube, quando Caddy me afastou de um grupo de homens de terno que já haviam enchido a cara de champanhe e vodca.

— Eles, não, querida. Não vale a pena.

— Por que não?

— Eles estão discutindo negócios.

— Como você sabe?

— A gente acaba percebendo essas coisas. Eles vão nos chamar quando estiverem prontos. E quando chamarem, tome cuidado com eles, ok? Se por acaso eu estiver ocupada no momento.

— Tomar cuidado como?

Caddy respirou fundo e mandou mais um de seus clássicos:

— Este clube está cheio de homens que se acham perigosos. Na realidade, poucos deles o são. Mas ajuda bastante, se conseguir identificá-los.

Eu me afastara imediatamente, deixando o grupo para outras garotas que o observavam à distância, esperando que eles terminassem sua conversa sobre negócios. Além disso, havia muitos outros caras para entreter.

O clube cheirava a perigo naquela noite.

Lá pelas duas e meia, começou a acalmar; os desordeiros tinham sido todos expulsos ou ficado sem dinheiro e ido para casa. Aqueles que sobraram eram uma mistura de clientes habituais e executivos que aparentavam cansaço. Eu executei alguns movimentos mais lentos. Sentia-me cansada naquela noite; mal tivera tempo de beber água no intervalo entre as danças e começava a sentir dor de cabeça.

Durante minha última apresentação, notei que havia dois dos homens que acompanharam Arnold à casa de Fitz, na semana anterior. Eles estavam em uma das cabines. Estabeleci contato visual com um deles e sorri, dando uma piscadela ao girar em torno do mastro.

No fim da apresentação, quando os últimos compassos de “Glory Box”, do Portishead, desapareciam gradualmente, eu vi Leon Arnold. Ele estava conversando com Caddy e Norland

no bar e olhava para mim sobre o ombro de Norland. Eu me perguntei se devia ir até eles, pensei que poderia falar com Caddy a sós e resolver as coisas.

Houve uma salva de palmas do restante da plateia quando deixei o palco para Chanelle, que ia apresentar sua última dança.

O camarim estava quase vazio; muitas das garotas já tinham terminado e ido embora. Comecei a retirar meus sapatos, ansiosa para vestir minha calça jeans e ir para casa, quando abriram a porta.

Era Norland.

— Você tem mais uma dança particular — anunciou ele.

— O quê? Está brincando — resmunguei. — Estou exausta.

— Não estou brincando porra nenhuma. Anda logo.

Eu estava a ponto de ir embora, escapar de mansinho e fingir que Norland não me dissera nada. Mas passei um brilho nos lábios e segui pelo corredor na direção da Sala Azul, pensando no dinheiro, sempre no dinheiro — era a única coisa que fazia aquilo valer a pena.

Eu não sabia quem encontraria por lá — um dos meus clientes, talvez —, mas na sala estavam Leon Arnold e os dois homens que eu vira na cabine VIP mais cedo. Um deles fechou a porta depois que eu entrei.

Eu me senti pouco à vontade por um instante, mas ele abriu um sorriso caloroso e eles não pareciam estar bêbados. Dei uma olhada para o alto, onde estava a câmera do circuito interno, torcendo para que alguém estivesse lá em cima, no escritório, de olho em mim.

— Oi, rapazes — cumprimentei-os, tentando parecer e soar como se tivesse acabado de começar a trabalhar e estivesse pronta para lhes proporcionar o que tinham comprado e talvez um pouco mais —, podem se sentar.

Eu disse isso para o homem que continuava ao lado da porta, mas ele me ignorou.

Estava cansada demais para perder tempo, então me afastei da tela de seleção de músicas e fui até a porta.

— Qual é o seu nome? — perguntei. Ele estava na posição em que Dylan costumava ficar, imóvel e impassível. Como se estivesse ali para me proteger. Mas não me sentia protegida.

— Ele se chama Markus — disse Arnold, se divertindo.

— Sente-se, Markus. Daí você não terá uma boa visão.

Ele olhou para Arnold, que estava sentado no sofá com os pés para cima. Ergui uma sobrancelha curiosa na sua direção, e ele respondeu com um gesto de cabeça — para mim ou para Markus.

Não importava. Markus deixou seu posto ao lado da porta e foi sentar-se do outro lado de Arnold.

Voltei à tela para selecionar uma música, perguntando-me quais eu já havia dançado naquela noite… então, encontrei uma. Madonna — eu certamente não dançava nenhuma música da Madonna há muito tempo.

Iniciei meu número subindo o mais alto possível no mastro, depois girando lentamente até o chão.

Arnold estava prestando atenção, felizmente. Os outros dois conversavam entre si — já tinham visto isso antes. Eu teria que fazer algo realmente espetacular para entretê-los. A questão era: eu teria ainda energia suficiente? E, além disso, será que deveria me dar o trabalho? Não era

neles que eu estava interessada e, certamente, não era o dinheiro deles que estava pagando minha apresentação, então passei a me concentrar em Arnold. Eu me perguntava por que ele queria aqueles caras ali. Teria que pagar por eles também.

Antes de a música acabar, eles devem ter trocado algum sinal que eu desconhecia, ou então eu não percebi, mas Markus e o outro homem se levantaram e saíram da sala.

Fiquei em pé para meu rodopio final e senti um certo pânico. Arnold me queria só para ele.

Estendi minha mão e ele a beijou, mas não me soltou.

— Venha se sentar ao meu lado por um instante — disse ele.

Automaticamente, o volume do som diminuiu, transformando-se naquela música de fundo que deixavam tocando quando ninguém estava dançando. Peguei minhas roupas do chão e as vesti o mais rápido que pude.

— Preciso ir me trocar — falei em um tom que, esperava, não deixasse espaço para argumentações —, mas, obrigada. Foi ótimo vê-lo outra vez.

— Sente-se — repetiu ele.

Sentei na outra extremidade do sofá. Sem dizer nada, ele se aproximou de mim, sua perna roçando na minha. Eu me contorci e tentei levantar, mas, bruscamente, antes que eu pudesse me dar conta do que estava acontecendo, ele estava em cima de mim, sua mão enfiada sob meu vestido, puxando minha calcinha, sua boca na minha.

Eu o empurrei e berrei o mais alto que pude, chutando-o com o salto alto e acertando-o em algum lugar, na canela, eu acho.

— Sai de cima de mim!

— Ai, sua piranha!

Ele estava com uma das mãos no meu ombro e o joelho sobre minha virilha, me prendendo no sofá pelo meu próprio vestido estúpido.

— Não precisa ser tão antipática — disse ele.

— Há uma câmera ali — falei. — E eles vão chegar aqui em um minuto.

— Não vão, não. — Sua voz estava ofegante.

Ele passava a mão por todo o meu corpo e eu não sabia o que fazer. Eu havia sido apalpada antes, alguns homens já berraram sugestões nojentas para mim, enquanto eu estava no palco e tudo o que precisava fazer era dizer algo como "Por favor, não fale assim comigo", ou olhar para um dos seguranças e, num instante, eles eram levados para fora do clube.

Mas naquele momento eu estava sozinha.

Inconscientemente, pensei no fim de semana anterior, tentando lembrar se havia feito ou dito alguma coisa que desse a Leon Arnold a ideia de que eu queria aquilo, que queria ficar a sós com ele. Ou talvez, aquilo fosse uma espécie de cilada. Fitz lhe dissera que eu concordava e se esqueceu de mencionar isso para mim antes…

— Leon — chamei num tom de voz que esperava parecer calmo e firme —, por favor, isso não está certo.

— Cale a boca — disse ele suavemente, tentando me beijar, enquanto eu desviava minha cabeça e cruzava os braços sobre o peito para tentar impedi-lo de chegar tão perto, tão terrivelmente perto.

Olhei outra vez para a câmera do circuito interno, rezando para alguém vir me socorrer. Era minha única esperança. Mesmo que eu berrasse e fizesse um escândalo, ninguém poderia

me escutar. Havia o barulho do salão, o camarim vazio e ninguém estava no escritório lá em cima.

— Por favor — pedi —, pare com isso. Se quiser conversar comigo, não é desse jeito que vai conseguir.

Ele estava me machucando, sua mão crispada sobre o tecido do meu vestido, apertando-o cada vez mais na minha pele. Logo, acabaria rasgando. Onde estavam eles? Certamente, alguém devia estar vigiando os monitores das câmeras. Com certeza, alguém apareceria. Comecei a entrar em pânico, me contorcendo e tentando usar os joelhos para afastá-lo de mim. Ele tapou minha boca com sua mão livre, pressionando-me para baixo, enfiando minha cabeça nas almofadas do sofá, então tentei arranhar alguma parte do corpo dele. O pânico aumentava dentro de mim, me fazendo tremer, enfraquecendo meus esforços para me livrar dele.

Ouvi um ruído abafado, como um baque, e segundos depois voltei a respirar livremente, enquanto Arnold era puxado para trás. Houve uma gritaria, mas eu não consegui distinguir as palavras… Comecei a respirar avidamente, como se estivesse escapando de um afogamento. Meu peito doía.

Consegui me sentar e vi que a sala estava vazia. Eu tremia, minhas mãos formigavam, meus joelhos se entrechocavam. Tentei me levantar, mas minhas pernas pareciam não suportar meu peso.

O sistema de som ainda tocava uma música em volume baixo e, à minha frente havia o mastro fincado no chão laminado, brilhando sob as luzes, cintilante e inocente, alheio a tudo o que acabara de acontecer.

Fiquei soluçando e tremendo no sofá, pensando em como se gabavam da segurança das garotas ali no clube, e como, na verdade, nós não tínhamos segurança alguma.

Então Dylan apareceu, os punhos fechados, ofegante, como se tivesse acabado de correr.

Ele estendeu uma das mãos e me ajudou a levantar, depois me envolveu com seus braços imensos e me segurou. Dentro do círculo de seus braços, eu soluçava e tremia. Ele batia levemente nas minhas costas, tentando me tranquilizar.

— Escute — disse ele —, está tudo bem, agora. Vamos para o camarim.

Não havia ninguém lá dentro, e tampouco alguém no corredor, a caminho do camarim.

— Onde ele está? — perguntei, quando consegui falar.

Dylan estava sentado num banco, ao meu lado, esperando pacientemente que eu parasse de chorar.

— Ele foi embora.

— E os outros?

— Também foram.

— O que aconteceu, Dylan?

Ele encolheu os ombros.

— Ele pensou que poderia se safar, eu acho — respondeu.

— E quanto às câmeras do circuito interno? Alguém não devia estar assistindo o tempo todo?

Ele fez uma careta.

— Devia.

— Porra, isso não é o bastante.

— Não.

A porta se abriu e Norland entrou.

— Porra, não sabe bater? — perguntei, irritada, furiosa, apesar de alguns segundos antes estar me sentindo despedaçada.

— O que houve com você? — perguntou Norland com desdém.

— Ela foi atacada.

— Pelo Arnold? Está de brincadeira.

— Por acaso estou achando graça? Norland, seu babaca, por que ninguém estava de olho no monitor?

Norland não parecia nem um pouco preocupado. Cheguei a pensar que Arnold devia ter lhe dado dinheiro para fazer vista grossa.

— Onde está o Fitz? — perguntei. — Quero falar com Fitz!

— Não fode — exclamou Norland. — Ele não está aqui. E, de qualquer maneira, você acha que ele vai escutar sua choradeira? Quem você pensa que é?

Dylan se levantou e se colocou entre mim e Norland.

— Você não está ajudando — disse ele calmamente para Norland. — Volte para o escritório.

Norland lançou mais um olhar sórdido para mim e saiu, deixando a porta do corredor aberta.

— Vamos — disse Dylan. — Vou colocar você num táxi.

Ele saiu para que eu trocasse de roupa. Vesti minha calça jeans e meu suéter e, quando saí, ele estava lá, sentado em uma das mesas vazias do bar com um copo à sua frente.

— Dylan — chamei.

Ele olhou para mim.

— Obrigada.

— Tudo bem. O táxi vai chegar em um minuto. Quer beber alguma coisa?

— Vodca — respondi.

Ele foi para trás do balcão e me serviu um copo. Em consideração à minha feminilidade, adicionou várias pedras de gelo e uma fatia de limão também.

Bebi dois grandes goles, pretendendo engolir tudo de uma só vez, mas não consegui, pois minha garganta começou a arder.

— Acho que não vou mais conseguir fazer isso — falei.

— É um trabalho difícil, às vezes. Você sabe disso.

— Não se trata de um simples cliente, Dylan. É o Leon Arnold. Porra, o que o Fitz vai dizer?

— Isso não é problema seu. Deixe que eles briguem entre si.

Na rua, lá fora, um táxi preto estacionou ao lado da calçada e eu me levantei.

— Obrigada mais uma vez.

Quando cheguei em casa, estava cansada demais para pensar, mas me sentia imunda, então, enchi a banheira, enquanto, sentada à mesa, bebia um copo d'água. Sentia dores no corpo todo, da cabeça aos pés, como se tivesse sido espancada e não simplesmente imobilizada, e minha cabeça latejava.

Abri a bolsa, procurando analgésicos, e nesse instante senti o telefone vibrar com uma mensagem de texto. Não reconheci o número de quem tinha enviado.

Encontre-me segunda-feira às 18h, praça de alimentação do andar de cima da Victoria Station

Senti um pânico momentâneo. Quem teria me enviado aquela mensagem? Meu primeiro palpite foi de que tinha sido Arnold, de alguma maneira querendo me pegar sozinha… Mas então, por que ele iria querer me encontrar num lugar público?

Respondi à mensagem.

Quem é?

Mas não obtive resposta.

Vinte e oito

DORMI MAL, PREOCUPADA com Arnold e imaginando o que diria ao Fitz na próxima vez que nos víssemos. Eu sonhara com a Victoria Station, com o encontro com a pessoa sem rosto que pretendia me fazer mal. Cheguei ao trabalho ainda mais exausta do que costumava chegar nas manhãs de segunda-feira, sem a menor disposição para enfrentar todo o expediente. Para minha surpresa, Gavin estava no escritório principal, sentado na sua mesa antiga, ao lado de Lucy.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Ele voltou — respondeu Lucy.

— Quem voltou?

A porta do escritório da gerência se abriu e, horrorizada, vi Ian Dunkerley sair de lá. Havia emagrecido, mas sua expressão presunçosa não mudara. Ele me encarou com um olhar desafiador, que pareceu ter lhe exigido um certo esforço.

— Genevieve — chamou ele —, quando você tiver um minuto…?

Olhei na sua direção, boquiaberta, enquanto ele pegava umas folhas na impressora. Ao voltar para o seu escritório, ele deixou a porta entreaberta.

Ah, não. Ele outra vez, não.

— Faça o que for, é melhor não deixá-lo esperando — disse Gavin, prestativo. — O humor dele não está dos melhores.

Eu sequer larguei minha bolsa, ou retirei o casaco. Fui até o escritório de Dunkerley e parei no vão da porta.

Ele estava sentado atrás de sua mesa, digitando algo no teclado, como se nunca tivesse saído dali.

— Feche a porta — disse ele.

— Prefiro deixá-la aberta, se não se importar.

— Você está meia hora atrasada. Por quê?

Não respondi. Senti como se o chão se abrisse sob meus pés.

Ele se levantou, ajeitou a calça, e deu a volta na mesa, vindo na minha direção. Dei um passo para trás, me afastando dele, e ao mesmo tempo, me perguntando por que o temia. Se alguém devia estar com medo era ele.

— Você pensou que eu tivesse ido embora de vez, hein? — continuou ele, falando tão baixo que mal conseguia ouvi-lo.

Estava próximo de mim o suficiente para que eu sentisse o calor do seu corpo, o odor forte de sua loção pós-barba.

— Eu esperava que sim — respondi.

— Pois é, mas ao contrário de você, sou um profissional. Levo minha carreira muito a sério. E acredito que devo mencionar que tenho trabalhado junto à polícia para processar seus *amigos* por terem me agredido. E a polícia também tem se mostrado muito interessada em você.

Mordi o lábio. Ele devia estar mentindo. Dunkerley podia ser qualquer coisa, menos estúpido — não era possível que tivesse denunciado o incidente à polícia, não depois da advertência que sofreu.

— Mas estou preparado para deixar tudo isso no passado. Sugiro que faça o mesmo.

Ele se virou e voltou à sua mesa.

Eu me senti enjoada ao sair da sala, fechando a porta atrás de mim. Gavin e Lucy tinham saído para algum lugar e o escritório principal estava vazio. Sentei na minha mesa e abri meu e-mail, a cabeça apoiada nas mãos enquanto esperava minhas mensagens baixarem. Verifiquei a lista de mensagens recentes: quatro ou cinco de clientes, referindo-se a contratos nos quais eu estava trabalhando. E depois, doze e-mails de Ian Dunkerley, um após o outro, começando às 7h24 da manhã. Os assuntos das mensagens incluíam "Novas práticas comerciais"; três delas simplesmente identificadas como "Reunião"; uma às 9h01, intitulada "Horários do expediente"; e finalmente, havia uma décima terceira, "Código indumentário interno".

Fechei o e-mail, sem ler nenhuma mensagem e abri um novo documento no Word.

Dez minutos mais tarde, Gavin e Lucy retornaram com copos da cafeteria no térreo, rindo de alguma coisa e conversando despreocupadamente.

— Está tudo bem? — Lucy perguntou, ao ver o meu rosto.

— Na verdade, não — respondi, pegando uma folha na impressora.

— O que houve?

Eu sequer consegui responder à sua pergunta. Dobrei a carta, sem me incomodar em colocá-la num envelope e a levei comigo, carregando minha bolsa e meu casaco, até o escritório do diretor executivo, no outro andar. Uma reunião estava em curso.

— Vai demorar? — perguntei.

Linda, a assistente do diretor, olhou para mim inexpressivamente.

— Pode levar horas — respondeu ela. — Posso ajudar em alguma coisa?

— Prefiro esperar, se for possível.

Eu não me sentia capaz de voltar para o meu andar; só em pensar na presença de Dunkerley ou em explicar o que estava acontecendo para Gavin e Lucy era demais para mim.

Observei o relógio avançando lentamente, sobre a cabeça de Linda. Será que eu iria mesmo fazer aquilo? Certamente, não era o que eu fazia — eu nunca desistira de nada em toda a minha vida. Eu deixaria aquele homem horrível me derrotar? Eu devia estar lutando contra isso. Mas mesmo assim, só de pensar em seguir em frente…

Dez minutos.

A porta do elevador se abriu e Lucy apareceu. Pensei comigo mesma: *Você pegou o elevador?* Ela olhou para mim e entregou alguns relatórios a Linda.

Não sei se foi a presença de Lucy que me fez reagir ou se eu simplesmente não era capaz de ficar ali nem mais um minuto sequer. Levantei e fui até a porta da sala de reunião, abrindo-a por completo. Simon Lewis, o diretor executivo, estava sentado à mesa de conferência com três outras pessoas, uma das quais era um cliente com o qual eu trabalhara num projeto importante, um ano antes. A conversa cessou bruscamente e todos se viraram, olhando para mim. Andei até onde estavam e coloquei a carta dobrada na mesa, em frente à Simon.

— Genevieve? O que está acontecendo? — perguntou ele.

Apesar da minha chegada dramática e imprevista, sua voz soou tão gentil que eu quase me arrependi, quase peguei a carta de volta e pedi desculpas pela intromissão.

— Sinto muito — falei. — Tenho que ir.

Fechei a porta ao sair e passei andando por Lucy, que estava em pé ao lado da mesa de Linda, boquiaberta. Desci pela escada — não pelo elevador — e quando cheguei ao térreo, estava praticamente correndo. Saí do prédio pelo hall da recepção e, apesar do meu coração acelerado por conta de tudo aquilo, o alívio de saber que nunca mais voltaria ali foi brusco e imenso.

* * *

O táxi me levou diretamente para casa. Tomei um banho quente e depois fiquei deitada por um tempo, acordada, pensando em tudo o que acontecera naqueles dois últimos dias. Por fim, adormeci. Quando acordei, à tarde, vesti uma saia, sandálias e uma jaqueta jeans e saí de óculos escuros para pegar um ônibus até a Victoria Station.

A estação estava bem movimentada, cheia de passageiros voltando para suas casas. Subi pela escada rolante até o Victoria Place e, em seguida, subi mais um lance até a praça de alimentação.

Olhei ao redor, mas não havia sinal de Arnold, ou de qualquer outra pessoa que eu reconhecesse. Pelo menos não sentado em algum lugar óbvio, de qualquer forma. Comprei um café numa lanchonete e sentei no banco duro de plástico preso à mesa, de onde podia ver a escada rolante e qualquer um que subisse por ali. Eu estava adiantada.

Segundos depois, alguém bateu no meu ombro e eu me virei, assustada.

Para minha surpresa e alívio, era Dylan. Mal o reconheci; ele estava usando calça jeans e botas, a camisa desabotoada com uma camiseta cinza-escura por baixo. Eu nunca o tinha visto vestido de outra maneira, senão de terno.

— Venha comigo — disse ele.

Peguei meu café e minha bolsa e o segui até o outro lado, onde havia mesas e cadeiras escondidas atrás do quiosque de uma cafeteria.

— Essa é uma bela surpresa — falei, sentando numa cadeira à sua frente.

Ele concordou com a cabeça.

— É mesmo. É a primeira vez que vejo você à luz do dia.

— E aí?

— Podia ficar melhor, se pegasse um pouco de sol.

— Obrigada. E você também, se largasse a vodca por um tempo.

Era verdade, ele parecia áspero, a pele enrugada, os olhos vermelhos e cansados. Não fizera a barba e os pelos dela emendavam com sua linha capilar, ou onde estaria o cabelo, se um dia o deixasse crescer.

— O que posso dizer? A noite de ontem acabou tarde.

Eu não conseguia acreditar como ele mudara tanto. Como parecia… normal. Era um cara comum, tomando café na tarde de uma segunda-feira.

— Com está se sentindo? — perguntou ele.

— Já estive melhor — respondi. — Esses últimos dias foram um lixo.

As mãos de Arnold não tinham deixado marcas visíveis, ainda que a região em torno da minha boca parecesse fragilizada. Meus braços também doíam, onde ele me segurara, mas nada que pudesse ser visto.

— Como vai sua procura por um barco? — ele quis saber.

— Fui ver alguns na semana passada. Obrigada por perguntar.

— Então você já tem dinheiro suficiente?

— Não. Só o necessário para comprar o barco, mas é insuficiente para reformá-lo corretamente e poder dedicar meu tempo a ele, e tudo isso funciona junto. Não dá para fazer um sem o outro. Portanto, preciso economizar ainda mais. Vou perguntar a Norland se ele pode estender minhas horas de dança. Ou talvez Fitz me convide para mais uma de suas festas.

Ele olhava fixo para mim, me avaliando.

— O que foi? — perguntei, finalmente, preocupada com a expressão tensa em seu rosto.

— Eu poderia ajudá-la — disse ele em voz baixa.

— Ajudar com o quê?

— Ajudar com o lado financeiro.

Considerei as possibilidades. O que quer que estivéssemos fazendo ali, não se tratava de algo que ele quisesse discutir na frente de Fitz. Isso significava que ele estava correndo um grande risco.

— O que você quer dizer?

— De quanto você precisaria para sair de Londres, digamos, no final do mês?

Faltavam duas semanas. Em outras palavras, de quanto dinheiro precisava naquele momento.

— Pelo menos cinquenta mil — respondi, depois de um instante, sentindo minhas bochechas corarem.

— Posso cuidar disso — disse ele, sem hesitar.

Eu me perguntei no que estava me metendo. Se não fosse por causa do Dunkerley, provavelmente teria recusado sua proposta.

— E então…?

— Preciso que você tome conta de algo para mim.

— De quê?

— Um pacote. Não muito grande. Preciso que alguém o esconda por alguns meses. Talvez menos. Você é a pessoa mais indicada para isso que conheço.

— Só isso?

— Esconda o pacote e não deixe ninguém pegar. Só isso.

— E em troca ganho cinquenta mil? Tudo para mim?

— Tudo para você.

— Mas deve haver um porém.

— O porém é que não se trata de algo com o que você gostaria de ser pega. E, depois que você for embora, não poderá mais voltar. Terá que se afastar do clube para sempre. Está me entendendo?

Fiz uma pausa, bebi o restante do meu café enquanto ponderava sua oferta. Ele me olhava sem piscar. Não estava nem um pouco nervoso, o que me fez indagar sobre quais seriam os

riscos envolvidos.

— Onde você vai atracar seu barco, afinal?

Encolhi os ombros.

— Depende de onde ele estiver, quando o comprar, eu acho. Os barcos que vi na quinta-feira estavam em Kent. Eu gostei de um deles.

Ele assentiu com a cabeça.

— Kent seria ótimo.

— Isso faz alguma diferença?

— Longe o bastante para ficar em segurança, perto o suficiente para que eu possa ir recuperá-lo.

— Quando você vai recuperá-lo?

— Não sei. Vou dar um telefone para você. Quando eu estiver pronto para ir buscá-lo, dou uma ligada e nós marcamos um encontro. Você aceita, então?

Tinha aceitado desde o momento em que ele concordara em pagar cinquenta mil.

— Concordo, sim, Dylan.

Ele abriu o seu mais requintado sorriso de Dylan e me estendeu sua mão enorme e carnuda para um aperto.

— Está fechado.

Tive uma estranha impressão de alívio, como se tivesse me soltado de uma corda a qual estava presa há algum tempo. Podia ir embora, então. Podia comprar um barco e ainda restava dinheiro suficiente para tirar um ano de licença, talvez até mais de um ano.

Vinte e nove

EU ESTAVA DE volta ao planejamento do meu banheiro dos sonhos sobre a mesa da sala de jantar, quando ouvi passos no pontão, seguidos de passos sobre o convés e uma voz feminina.

— Genevieve Shipley? Olá? Você poderia vir até aqui, por favor?

Subi até a casa do leme.

Havia duas pessoas no convés, um homem e uma mulher, ambos de terno. A mulher me mostrou sua identificação.

— Sou a detetive Beverley Davies. Este é meu colega, o detetive Jamie Newman. Você teria alguns minutos para conversarmos?

Ela falava rapidamente, como se estivesse com muita pressa e não tivesse tempo para dissentimentos ou explicações.

Fiquei com medo, como se tivesse sido pega fazendo algo que não devia.

— Sobre o quê?

— Seria bom que você viesse conosco, Genevieve. Precisamos ter uma conversa.

— Como assim? Agora?

— É, agora mesmo.

— Da onde vocês disseram que eram?

— Do Departamento Criminal da Polícia Metropolitana.

— Mas… e o Jim Carling?

— O detetive Carling sabe que estamos aqui. Ele nos disse onde podíamos encontrar você. Segundo ele, você não se incomodaria de nos ajudar, respondendo a algumas perguntas. Genevieve, não vai demorar.

Eu achei que ela tentava ao máximo soar encorajadora, mas eu estava tentando encontrar um jeito de persuadi-la a cair fora e me deixar em paz.

Mas isso não funcionaria. Talvez, se eu a acompanhasse e respondesse às suas perguntas estúpidas, eles sumiriam e não voltariam mais.

— Vou só calçar um sapato — falei.

— Se importa se eu for com você? — perguntou Jamie Newman. — Eu gostaria de ver o seu barco.

— Claro, venha — respondi, descendo os degraus até a cabine e deixando a porta aberta para ele entrar.

Ele ficou parado, me observando enquanto eu calçava minhas botas e as amarrava. Ele não estava nem um pouco interessado no barco, pois dera só uma breve olhada na cabine e não tirara os olhos de mim.

Eles sabiam sobre o pacote, pensei. Ou pelo menos, sabiam que eu tinha alguma coisa a esconder. Carling lhes contara. Newman estava ali para se certificar de que eu não iria jogar fora ou destruir o que quer que fosse.

Dei um sorriso tenso, peguei minhas chaves, os dois celulares na mesa da sala e subi até a casa do leme.

— Dois telefones? — perguntou ele, enquanto eu trancava a porta.

— Um deles pega mal aqui; o outro pega mal em todos os outros lugares — respondi, como se aquilo explicasse tudo.

— Para onde vamos? — perguntei, já sentada no banco de trás do Volvo.

Eu nunca estivera dentro de um carro de polícia, com identificação ou não.

— Para o distrito policial de Medway — disse Newman. — Eles fizeram a gentileza de nos deixar usar uma sala de interrogatório. Assim não precisamos voltar até a cidade com você.

— Sei — falei. — Mas não poderíamos ter conversado lá no meu barco?

Não houve resposta. Eu me perguntei se não teriam pessoas a bordo naquele momento, revistando-o.

Observei as ruas de Rochester passando pela janela, pensando no barco e no pacote, e no que ele poderia conter. Algo com o que eu não gostaria de ser pega, dissera ele. O que significava drogas, vários quilos de drogas, escondidas no meu barco e esperando para serem encontradas.

* * *

O fim de semana seguinte seria o meu último no Barclay.

Não era sequer todo o fim de semana, só a noite de sábado, que mesmo assim acabou sendo dramaticamente mais curta.

Durante toda a semana, eu me preparei para voltar ao clube, dizendo a mim mesma que Arnold não estaria lá, que desde então eu seria mais cautelosa com as danças particulares, verificaria se havia alguém vigiando pelas câmeras quando eu fosse dançar, perguntaria quem havia agendado, essas coisas todas. Na realidade, eu ia pedir demissão. Estava me preparando para isso também.

O clube estava mais calmo, como costumava ficar no meio do mês. Alguns dos meus clientes estavam lá, homens para os quais o dia do pagamento era algo irrelevante, e eu sabia que conseguiria marcar algumas danças particulares mais tarde. Será que conseguiria dançar para eles sem ficar angustiada? Dylan dissera que ficaria de olho em mim, mas eu não o vira ainda. E se ele sequer estivesse lá? Quem me protegeria então?

Quando tive um tempinho livre entre duas danças, fui até o balcão falar com Helena. Havia poucos funcionários e Helena ajudava servindo às mesas, se é que se pode dizer assim, pois aquilo envolvia muita conversa e socialização, ao mesmo tempo.

— O Fitz está aqui, esta noite?

Ela deu de ombros.

— Não o vi. Vá até lá em cima e pergunte ao Nicksy; ele está no escritório, eu acho.

Estava no meio da escada, quando Nicks apareceu no alto. Pelo menos, alguém estava de olho naquelas malditas câmeras, pensei, com ironia, vendo a que filmava a escada.

— O que foi? — perguntou ele, cruzando os braços.

— Eu queria falar com Fitz — respondi.

— Ele não quer ver você.

Sua resposta foi tão imediata que me espantou. Ele não queria me ver? Por que diabo não? Arnold lhe dissera alguma coisa? Alguém me vira encontrando Dylan na Victoria Station?

Meu coração começou a acelerar, assustado.

— Por que ele não quer me ver?

Nicks deu de ombros e não respondeu.

— Você pode perguntar a ele? Só preciso de um minuto.

Aquela parede de músculos não se mexeu. Olhei por trás dele, para o corredor. Todas as portas do escritório estavam fechadas. Se eu tentasse passar por ele, seria detida. Não havia meios de eu conseguir chegar até lá, não por enquanto.

Nicks me olhou como se me desafiasse a tentar. Eu me perguntei se, caso eu tentasse, ele me atiraria escada abaixo.

Eu me virei, mas em vez de seguir para o camarim, fui até o salão, procurando Fitz numa das cabines VIP, para o caso de ele estar por lá. Nenhum vestígio dele. E então, para o meu alívio, Dylan apareceu, vindo do bar no subsolo. Ele mais uma vez estava vestido elegantemente, recém-barbeado, imaculado.

Ele me viu e hesitou, como se duvidasse de que conversar ali fosse uma boa ideia. Dei um sorriso que eu esperava que fosse animador. Ele retribuiu e seus olhos se desviaram para a câmera em cima de nós.

O significado era claro. Estávamos sendo vigiados.

Caminhei até ele e disse gentilmente:

— Eu gostaria de ver o Fitz, mas Nicks não deixa. Você pode falar com ele para mim, quando tiver um tempo?

— Claro — respondeu ele, e depois sumiu no meio daquele monte de ternos, seguindo na direção do bar. Se tivessem assistido àquele breve contato, não teriam visto nada além do habitual. Pelo menos eu esperava que não.

Depois disso, me senti estranha, assustada. Sentei sozinha na extremidade do bar, examinando ostensivamente os clientes, mas ao mesmo tempo, tentando evitá-los. Do outro lado, numa das cabines, pude ver Stephen Penrose. Ele era o diretor de uma empresa, dono de uma rede de administradoras imobiliárias. Eu só sabia disso porque o reconhecera numa entrevista que dera ao *Financial Times*, meses atrás. No clube, eu o conhecia por Steve, e nunca revelara que sabia exatamente quem ele era. Ele me encarava e sorria.

Eu estava na lista para a *pole dance*, mas por algum motivo não me chamaram, ou, se me chamaram, eu não ouvi. Não era só o dinheiro de Dylan, aquela quantia exorbitante e repentina, que tornava tudo ali tão mais difícil. Desde o ataque do Arnold, estar ali não era mais divertido. Os poucos homens presentes que eu reconhecia, mesmo aqueles dos quais gostava, com quem me divertia todas as semanas… todos pareciam diferentes naquela noite, sinistros, fortes, ameaçadores. *Não posso mais fazer isso*, pensei. *Não quero mais continuar aqui.*

Stephen Penrose, um homem incapaz de fazer mal a uma mosca, que me pagava o dobro por uma dança particular na Sala Azul e sempre ficava lá sentado, rígido, as mãos na genitália como um menininho que precisava fazer xixi, estava olhando para mim, seu sorriso de encorajamento embotando a cada vez que eu olhava na sua direção. Em circunstâncias normais,

ele não teria tido que esperar; eu me aproximaria dele assim que o visse. Ele provavelmente pensava que eu estava esperando alguém, esperando um cliente melhor.

Ele era realmente um cara seguro? Por que eu não estava ao seu lado, conversando, liberando-o da sua prisão semanal no emprego, fazendo-o se sentir desejado, feliz e atraente?

Quando ele ficou de pé e veio andando na minha direção, se desviando das pessoas no caminho, levantei do banco e me dirigi à porta, andando com determinação, quase começando a correr. Se ele chamou meu nome, não ouvi. Fui até a escada e, desta vez, Nicks não estava de sentinela lá no alto. Talvez tivesse surpreendido a todos; talvez não tivessem considerado que eu teria a audácia de fazer aquilo. Ou então todos tinham ido para outro lugar, e eu encontraria as portas trancadas.

Eu estava quase esperando que este fosse o caso, então alcancei a porta de Fitz e sequer bati, apenas girei a maçaneta, mas, para minha surpresa, ela abriu facilmente, e eu entrei na sala.

Estavam todos lá. Fitz, Dylan, Nicks, Gray e até o Norland, que parecia magricelo e patético no meio daqueles homens fortes. Levei um segundo para entender o que estava se passando — Norland, Nicks e Gray, sentados no sofá, maços de dinheiro sobre a mesa e uma bolsa aberta no chão. Fitz estava empoleirado no canto da mesa, Dylan em pé, como se estivesse prestes a sair.

Nicks se levantou bruscamente e veio na minha direção.

— Ah — exclamei.

— Viva — disse Fitz, erguendo a mão e interrompendo Nicks no caminho. — Seria gentil de sua parte se pudesse bater na próxima vez.

— Sinto muito — falei, sem olhar para os outros, deliberadamente evitando contato visual com Dylan. — Só preciso falar com você. É importante.

Fitz me observava, imóvel. Eu o encarei, fingindo uma confiança que não tinha. Meu coração estava acelerado pelo pânico e a necessidade de resolver tudo aquilo, para poder cair fora.

— Tudo bem — concordou ele. — Do que se trata?

— É particular.

Ele riu, um breve riso de descrença diante do meu atrevimento, mas mesmo assim olhou para os outros e disse:

— Cavalheiros, poderiam nos dar um minuto?

Todos saíram. Dylan foi o último. Ele hesitou no vão da porta e, por um momento, tive a terrível impressão de que diria alguma coisa, faria alguma coisa. Mas Fitz acenou com a cabeça e ele se foi.

Respirei fundo.

— Você sabia que Leon Arnold esteve aqui no último fim de semana?

Ele deu de ombros.

— Não. E daí?

— Ele me atacou. Ele agendou uma dança particular e fez com que seus dois lacaios, Markus e o outro, esperassem do lado de fora, enquanto me agarrava.

Por fim, Fitz olhou nos meus olhos. E riu.

— Foi mesmo? Aquele velho pilantra.

Então era verdade. De alguma forma, eu o deixara irritado.

Será que aquilo não se devia à minha desavença com Caddy? Eu quebrei a cabeça para tentar descobrir o que podia ter acontecido. Talvez Dylan tivesse sido seguido até a Victoria Station. Não, ele era muito cauteloso.

— Não havia ninguém de olho nas câmeras, Fitz. Ele poderia ter me matado.

— Mas não matou, não é mesmo? Você ainda está aqui, não é? É preciso ser forte, princesa.

Esperei que dissesse mais alguma coisa. Seu olhar era firme e, por um instante, vi somente provocação, frieza, até ele se virar e, numa fração de segundo antes disso, notei algo que não esperava ver, nem em um milhão de anos: sofrimento.

E então eu soube do que se tratava, o que acontecera para virá-lo contra mim.

Eu o tinha rejeitado.

— Fitz…

— É melhor você descer — disse ele. Seus olhos estavam inescrutáveis novamente.

Como alguém tão durão podia ser ao mesmo tempo tão vulnerável?

— Mais uma coisa — falei, tentando minha sorte. — Sinto muito. Estou me demitindo.

Ele sequer me olhou dessa vez.

— Fale com Dave ou com Helena sobre isso.

Não pareceu nem de longe surpreso. Ao sair do escritório fechei delicadamente a porta.

Fui encontrar Helena no balcão. Ela tampouco me pareceu surpresa. Eu estava ali há mais tempo do que muitas garotas — algumas permaneciam apenas poucas semanas, principalmente se não tivessem conseguido formar uma clientela nesse período, mas, mesmo assim, eu era dispensável. Eu ainda não tinha sequer completado a taxa da noite cobrada pela casa, então tive que pegar algum dinheiro na minha bolsa no camarim, antes de ir embora. E, enfim, estaria livre para partir.

Saí andando do Barclay me sentindo inesperadamente aliviada. Eu não me dera conta do medo que sentira, do quanto estava tensa, desde a agressão do Arnold. Pensei que Fitz era alguém que se preocupava com o que acontecia a seus funcionários, talvez até se preocupasse comigo, mas eu estava errada.

Era definitivamente hora de ir. Finalmente tinha uma perspectiva pela frente: Kent, o rio Medway e o *Vingança da maré*.

Trinta

O DISTRITO POLICIAL em Gillingham era novo, um edifício grande e moderno que poderia muito bem ser um prédio comercial, uma escola ou uma faculdade.

Fui levada até uma sala de interrogatório que continha uma mesa, quatro cadeiras acolchoadas, um gravador instalado na parede e uma janela alta demais para se ver algo lá fora. Era bem clara, porém. E bem exígua.

Fiquei sentada sozinha por meia hora, antes de Beverley Davies e Jamie Newman entrarem e se sentarem à minha frente. Todas as salas de interrogatório que eu tinha visto na televisão me pareceram cavernosas em comparação àquela, sombrias, com a luz no alto iluminando o rosto dos interrogados de modo correspondentemente dramático. Aquilo parecia mais uma sala para entrevista de emprego. Endireitei-me na cadeira. *Concentre-se. Pense em tudo com calma.*

— Sinto muito pela demora — disse a detetive Davies. — Quer beber alguma coisa? Um café?

— Não, obrigada. Estou sendo presa por alguma razão?

Jamie Newman respondeu:

— Não, você não está sendo detida. Só precisamos fazer algumas perguntas e fica mais fácil se fizermos isso oficialmente. Só isso.

Beverley Davies continuou:

— Queremos conversar com você sobre Candace Smith, a mulher que foi encontrada morta no rio, ao lado do seu barco.

— Sim.

— Você disse aos meus colegas que não a reconheceu, não foi isso?

— Estava escuro e eu tinha acabado de acordar. Não vi muito mais do que um corpo, um rosto. Só depois achei que se parecia com Caddy.

— Mas você deu essa informação ao detetive Carling ou a qualquer outro policial de Kent?

— Não. Foi só algo que passou pela minha cabeça. Não queria dar informações erradas. Quando o detetive Carling me disse que era Caddy, fiquei chocada ao saber que era alguém conhecido, afinal de contas.

— Pode nos contar como conheceu Candace?

— Nós nos conhecemos no trabalho.

— E que trabalho era esse?

Olhei de um para o outro, e vi que estavam calmos, impassíveis, seus rostos destituídos de expressão voltados para mim. Esperando que eu escorregasse, que lhes dissesse algo que ainda não soubessem. Era extremamente angustiante tentar ser mais esperta do que eles.

— Eu dançava, no meu tempo livre. Ela era uma das outras dançarinas no clube em que eu trabalhava.

— Qual o nome desse clube?

— Barclay.

— Por quanto tempo você trabalhou lá?

— Cerca de sete meses.

Jamie Newman estava escrevendo com o bloco de papel no colo, de modo que eu não pudesse vê-lo. Ele segurava a caneta com as mãos fechadas.

— Você e Caddy eram amigas?

Hesitei por um momento.

— Acho que sim. Mas aquele não é realmente o tipo de lugar para se fazer amigos. As pessoas chegam e vão embora o tempo todo.

— Alguns homens a atacaram no barco — disse Davies, depois de um tempo.

— Atacaram.

Eu me perguntava se Carling tinha contado tudo para eles, se havia transmitido nossas conversas palavra por palavra, se ele havia feito anotações ou gravado o que eu falei. Será que ela sabia que ele passara a noite comigo? Ou ele tinha conseguido manter segredo pelo menos quanto a esta parte?

— O que você acha que eles queriam de você?

— Eu não sei.

— Você deve ter alguma ideia.

— Pensei que talvez eles estivessem procurando alguma coisa. Mas não sei o quê.

— Por que você pensou isso?

Respirei fundo, procurando manter a calma, tentando sentir como se eu ainda estivesse sob controle.

— Porque eles reviraram o barco inteiro, é por isso. Entraram e vasculharam tudo. Portanto, ou estavam procurando alguma coisa e não encontraram ou só queriam bagunçar tudo.

— Por que você não deu queixa? — perguntou Davies.

Eu não tinha resposta. Nesse momento comecei a entender por que a janela ficava tão no alto. Se estivesse mais embaixo, eu poderia ver o lado de fora, as árvores, o ar fresco, as pessoas comuns cuidando de suas vidas; mas tudo o que eu conseguia ver era um pequeno pedaço de céu, escurecendo. Queria estar lá fora. Se a janela estivesse numa altura normal, eu teria pensado na possibilidade de pular por ela. Supus que eu não era a primeira pessoa sentada ali que tinha considerado algo assim.

— Por que você não deu queixa, Genevieve? Pode responder a pergunta?

— Não sei. Não me pareceu fazer sentido. Já tinham ido embora há muito tempo, quem quer que fossem.

— Depois que saiu de Londres, você manteve contato com Candace Smith?

— Falei com ela algumas vezes. Perguntei se queria ir a uma festa que eu estava organizando. Ela disse que pensaria no assunto, mas no fim não apareceu.

— Quando foi essa festa?

— Foi… na noite em que encontrei o cadáver ao lado do barco.

Newman e Davies se entreolharam. Eu me perguntei o que estariam pensando. Meu coração batia acelerado. Esfreguei as palmas das mãos na minha calça jeans e depois juntei-as para ficarem imóveis.

— Certo. Vamos só retomar um pouco. Você convidou Candace para ir ao seu barco?

Quando fez o convite?

— Não sei. Algumas semanas atrás, eu acho.

— E como ela parecia estar, quando conversaram?

— Bem. Normal, na verdade.

— Então ela estava planejando ir à festa?

— Eu lhe disse o dia e o local. Ela me falou que ia pensar. Acho que, no fundo, eu não esperava que ela aparecesse.

— Por que não?

— Como eu falei, não éramos realmente amigas. Ela era simplesmente alguém que eu conhecia do clube.

— Você convidou mais alguém de lá?

— Não.

— Então por que convidou Candace?

— Foi por impulso. Eu estava falando com ela e pensando na festa, então perguntei se ela queria ir.

— Você telefonou para ela, ou ela ligou para você?

— Não me lembro.

Devo ter respondido rápido demais.

— Você disse que não mantinham contato frequente, então falar com ela deve ter sido algo fora do comum, não? Por isso, pense de novo. Você telefonou, ou foi ela?

— Acho que fui eu que liguei.

— E por que você telefonou para ela?

— Só para saber como ela estava.

Houve mais uma pausa. Newman continuava fazendo anotações no seu bloco, à minha direita. Eu podia ouvir sua caneta arranhando a folha de papel. Podia estar apenas rabiscando, até onde eu conseguia ver.

— Você disse que Candace não apareceu.

— Isso mesmo.

— Tem certeza? Quero dizer, você estava ocupada com a festa, conversando com os convidados, bebendo, esse tipo de coisa, talvez ela tenha aparecido e você nem tenha reparado, não?

Pensei naquilo por um instante.

— O barco não é muito grande. Havia bastante gente no convés. Alguém a teria visto, se ela estivesse lá. Alguém teria me avisado.

— Precisamos que você faça uma lista de todos que estiveram na festa, com suas informações para contato.

— Eu já entreguei isso para aquele cara que me interrogou. Não me lembro do nome dele.

— Mesmo assim, gostaríamos que você fizesse outra lista.

Ela destacou uma folha de papel pautado do bloco que estava sobre a mesa atrás dela e colocou junto com uma caneta esferográfica na minha frente. Eu encarei a folha por um momento e depois fiz duas colunas: “Marina” e “Outros”. À medida que escrevia cada nome, imaginei como eles reagiriam ao serem interrogados pela polícia. Lucy, Gavin, Ben. O que pensariam?

Quando terminei, ela sorriu, mostrando-se mais afável pela primeira vez.

— Como era a Candace?

— Ela era legal. Me ajudou um pouco, quando comecei a trabalhar lá.

— Ela cuidava de você?

— É, podemos dizer que sim.

— Ela a acolheu sob suas asas?

— Acho que sim.

— Você a via com frequência fora do trabalho?

— Não muito.

— Você sabe se Candace tinha outros amigos próximos?

— Não sei. Ninguém que eu conhecesse.

— Namorados?

— Não sei.

— Vocês nunca falavam sobre isso? Sobre os homens que as atraíam?

Balancei a cabeça.

— Não.

Eu não tinha mentido para eles, não diretamente. Ainda não.

— E quanto ao Fitz?

— O que tem ele? — Meu coração disparou ao ouvir aquele nome, minhas bochechas ficaram vermelhas.

— Você o conhecia?

— Claro. Ele era o dono do clube.

— Você se dava bem com ele?

— Não o via com muita frequência. Normalmente ele estava nos outros clubes quando eu ia para lá.

— O que Candace achava dele?

— Ela me disse que ele era bacana, desde que não o deixassem irritado.

— O que você acha que ela quis dizer com isso?

— Só que eu não devia irritá-lo. Não sei. Como disse, não o via com frequência.

— Alguma vez ela falou sobre o que acontecia se alguém o "irritasse"?

— Não.

— Alguma vez você viu alguém deixá-lo irritado?

— Não.

— Você tinha medo dele?

— Não. Eu não o conhecia direito. Eu fazia o meu trabalho e ia embora.

— As outras dançarinas tinham medo dele?

— Não que eu saiba. Se tivessem medo, teriam saído de lá, não é mesmo?

— Por que você saiu, Genevieve?

— Eu só trabalhava lá para juntar dinheiro suficiente para comprar um barco. Consegui economizar o bastante, então pedi demissão e fui embora.

— Quando foi isso?

— Em meados de abril.

— E você nunca voltou para uma visita?

— Não. — Eu ainda não estava mentindo. Não diretamente. Tentei manter minha respiração regular, apesar de sentir meu rosto ardendo e minhas mãos geladas, como se eu estivesse com febre.

— Por quanto tempo você trabalhou lá?

— Vocês já me fizeram essa pergunta.

— Gostaria que respondesse mesmo assim.

— Cerca de sete meses.

Houve um silêncio, exceto pelo ruído do Newman fazendo anotações. Davies me encarava com curiosidade, como se eu fosse um animal exótico no zoológico e ela esperasse mais de mim, algo mais interessante, mais divertido.

— Esses homens que a atacaram no seu barco, você os reconheceu?

— Não. — A primeira mentira de fato. Estava me sentindo como se tivesse gritado. Será que respondi rápido demais? Certamente eles iam perceber. Engoli em seco, respirei fundo.

— Você não tem medo que eles voltem?

— Claro que tenho — respondi. — Meu vizinho, Malcolm, tem me ajudado a consertar o motor. Eu estava planejando navegar rio acima com o barco. Para me afastar de tudo um pouco. Ainda não contei isso para ninguém.

— Entendo.

— Eu ia ligar para o detetive Carling e avisá-lo. Na verdade, foi ideia dele.

— Foi ideia dele?

— Ele me perguntou se eu já havia passeado com o barco. Eu disse que não. Mas depois disso fiquei com vontade. Quero dizer, não é como se estivesse morando numa casa, entende? Para que morar num barco e nunca navegar?

Depois disso, eles encerraram o interrogatório e saíram da sala. Não perguntei quanto tempo ainda levaria até que eu pudesse ir embora, mas não estava presa; poderia ter saído andando, se quisesse, mas não fazia sentido. Eu podia continuar ali e responder às perguntas até que eles ficassem tão cansados delas quanto eu.

Mas eles voltaram poucos minutos depois e disseram que eu podia ir. O Departamento Criminal da Polícia Metropolitana havia feito todas as perguntas que precisava, pelo menos por ora.

Fui andando de volta para a marina. Podia ter pego um ônibus, ou chamado um táxi, mas, por enquanto, preferia caminhar. Precisava desesperadamente falar com Dylan, descobrir que diabo estava acontecendo. Naquela confusão toda, havia dois fatos irrefutáveis: Caddy estava morta. E Dylan não atendia o telefone. Dylan era a única pessoa ligada ao clube, além de Caddy, para quem eu dissera onde o barco estava atracado. Será que foi ele quem a matou?

* * *

Eu estava arrumando umas caixas no apartamento que alugava e bebendo uma xícara de café frio quando bateram à porta.

Eu estava esperando Dylan há tantos dias que tinha praticamente desistido. Eu temia que ele tivesse mudado de ideia sobre o pacote, sobre os cinquenta mil. Não sabia o que faria se ele não

trouxesse o dinheiro, mas era impossível voltar atrás; eu saíra do meu emprego, avisara que desocuparia o apartamento, fizera um depósito substancial, além das taxas da marina, para Cameron. Precisava seguir em frente, independente do que acontecesse.

— Posso entrar? — perguntou ele.

Porra, já estava na hora, queria dizer. Queria dar um tapa nele e perguntar por onde havia andado, por que me deixara esperando sem ao menos ligar para mim. Ele estava usando seu disfarce não profissional, calça jeans, uma camisa azul-marinho daquela vez, com um casaco andrajoso por cima. Não estava carregando uma bolsa, o que me deixou decepcionada. Não estava com o dinheiro. Devia ter mudado de ideia.

Ele me seguiu até a cozinha e eu retirei uma caixa de papelão de cima de uma cadeira para que ele pudesse se sentar.

— Já está de mudança, hein? — disse ele.

— Vou deixar a maior parte das coisas num depósito.

— Passei para ver como você está.

— Ah, estou bem, obrigada. Como vai a Caddy?

Ele sorriu para mim.

— Como sempre. Às vezes está feliz, feito uma criança, às vezes está uma velha rabugenta.

Eu me perguntei se devia lhe oferecer uma bebida. Será que ele bebia outra coisa, além de vodca? Eu não fazia ideia de onde a chaleira estava, de qualquer forma.

— Então, você conseguiu encontrar um barco?

Sorri, feliz.

— Consegui. Chama-se *Vingança da maré*.

— Está brincando? Que nome estranho.

— Mas lhe cai bem. Você devia visitá-lo.

— É um daqueles que você tinha visto em Kent?

— É. Em Rochester.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu pensei que Fitz fosse tornar as coisas difíceis para você.

— Não, na verdade acho que eu superestimei minha própria importância. — falei.

— Ele nunca falou que você tinha ido embora. Nunca mencionou seu nome, depois daquela noite em que você invadiu o escritório.

— Acho que ele ficou furioso porque eu contei que Arnold tinha me atacado.

— Sei. É, pode ser isso. E, provavelmente, entrar no escritório sem ser convidada não deve ter ajudado muito.

Houve um silêncio incômodo por um instante. Ele preenchia o espaço com todo o seu tamanho, mesmo estando sentado.

— E então, ainda quer fazer aquilo?

— Quero.

Não havia dúvida do que se tratava o que eu ainda estava a fim de fazer. Mencionar o pacote teria sido um desperdício de tempo.

— Certo — disse ele. — Você tem um carro?

— Não. Mas vou alugar uma van amanhã para levar todas essas coisas para o barco.

— Tudo bem, então. Você conhece Brands Hatch, a pista de corrida? Há um hotel lá perto, o Thistle. Na rodovia A20. Acha que consegue encontrar?

— Claro.

— Então nos encontramos no bar do hotel. Amanhã, às nove horas da noite.

— Tudo bem. E se acontecer alguma coisa? Quero dizer, e se eu me atrasar?

— Eu esperarei por você lá.

Ele se levantou para sair e me deu uma vontade repentina de lhe pedir para ficar mais um pouco. Mas ele não hesitou e nem me deu tempo para falar. Ele nem sequer olhou para trás.

Trinta e um

EU ESTAVA DEZ minutos atrasada para chegar a Brands Hatch, principalmente por ter errado o caminho e tido que pegar um retorno mais adiante.

Tinha sido um dia muito agitado e eu estava cansada por ter levado mais coisas para o depósito, supervisionando o pessoal da mudança que transportou tudo, principalmente móveis, para o barco. Mas naquele momento era só eu e a van, entupida de caixas até o teto.

Dylan estava no bar, estrategicamente posicionado num canto em que podia observar a entrada, sem que parecesse óbvio que estava esperando alguém. Peguei uma garrafa de cerveja e fui me sentar na poltrona, diante de sua cadeira.

Ele abriu um dos seus sorrisos famosos. Ele parecia tão diferente, quase lindo, quando sorria.

— Pensei que não viesse — disse ele.

— Desculpe. Peguei a saída errada na rodovia.

Ele balançou lentamente a cabeça. No sofá ao seu lado, havia um grande saco plástico. Ele colocou a mão sobre ele. Eu me perguntei o que tinha ali. Cocaína? Heroína? Era melhor não pensar demais nisso, então passei a pensar no dinheiro.

— Está tudo aqui — disse ele. — Com o celular.

— Ok.

— O telefone tem um número gravado, com o nome Garland. Quando eu for buscar o pacote, ligarei para este telefone. Só atenda se a chamada for de Garland.

— Por que Garland?

— É só uma palavra.

— É o seu sobrenome?

Ele nunca me contara qual era seu sobrenome. Sempre o conheci por Dylan.

— Não.

— Posso usar o telefone para ligar para você?

— Não.

— E se houver uma emergência?

— Não haverá emergência alguma. Não vai acontecer nada. Você só precisa guardar o pacote num lugar seguro, e manter o telefone carregado, e então, daqui a poucos meses, vou ligar para esse número e combinaremos como irei buscar o pacote. Certo?

— Certo.

Um sentimento estranho se apossou de mim, antes que eu pudesse perceber o que era. Eu nunca mais o veria. Haveria uma ligação, um encontro, a entrega do pacote e estaria tudo acabado. De alguma maneira, eu supunha que sempre seríamos amigos. A ideia de não voltar a vê-lo me fez sentir pouco à vontade. Não, mais do que isso: desolada.

— O que houve? — perguntou ele.

Eu não tinha motivos para não falar a verdade.

— Vou sentir sua falta.

Dylan achou graça e eu fiquei um pouco magoada. Talvez estivesse apenas cansada, talvez fosse só por causa daquelas duas semanas dramáticas, mas as lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos, antes que eu percebesse, e enxuguei-as, irritada, com a manga da camisa.

— Não é engraçado — falei em voz baixa.

— Você não vai sentir minha falta, Genevieve. Terei sorte se você lembrar onde deixou o telefone, depois de algumas horas.

— Isso não é justo. Você está sempre zombando de mim, Dylan.

Ele suspirou como se eu fosse apenas uma mulher problemática com quem tivesse que lidar, depois, pegou o saco plástico e o colocou no chão, ao lado dos pés, liberando o espaço no sofá próximo dele.

— Venha, sente-se aqui — disse ele, sua voz mais suave, quase delicada.

Quando me levantei e afundei nas almofadas perto dele, seu braço envolveu meus ombros, dando uns tapinhas desajeitados. Cheguei mais perto dele, encostando em seu corpo, sentindo seu volume me confortar instantaneamente. Eu me lembrei do momento em que ele me abraçara, depois de me livrar de Leon Arnold. Tudo que pudesse estar errado desapareceu e tudo ficou bem outra vez.

Ficamos daquele jeito por um bom tempo e eu relaxei, aconchegada nele. Sua mão, sua imensa mão que tinha me dado uns tapinhas no ombro, como um pai inexperiente tentando acalentar um bebê, tinha tomado outro ritmo e afagava lentamente a parte superior do meu braço. Depois, fez isso apenas com as pontas dos dedos, deslizando-os do meu ombro até o meu cotovelo e voltando.

— Vamos embora — disse ele, finalmente.

Eu saí do sofá, me afastando dele, e ele pegou o saco plástico e seguiu andando ao meu lado até a entrada principal, na direção da van que estava no estacionamento. Abri a porta para ele colocar o saco lá dentro, no banco do passageiro, mas ele não se mexeu. Então me virei, para encará-lo, a ponto de perguntar *O que está esperando?*, mas as palavras morreram na minha garganta por causa do modo como ele me olhava. Ele pôs o saco plástico no chão, ao lado dos pés e, sem desviar os olhos de mim, fechou a porta da van, não com força, mas com uma determinação gentil. Dando um passo à frente, sem mais nem menos, ele me beijou, uma das mãos nas minhas costas, me pressionando em seu corpo, a outra acariciando meu pescoço, o polegar no meu queixo.

Foi como se eu estivesse esperando por isso, esperando há muito tempo, sem me dar conta, e como estava finalmente acontecendo, minhas pernas tremiam, e ele me empurrou delicadamente na van para que eu pudesse me apoiar.

Quando ele enfim se afastou, eu não conseguia ver seu rosto no escuro, mas ouvi sua voz, carregada de emoção.

— Você quer ficar?

Eu assenti. Não estava bem certa do que aquilo queria dizer no momento, mas eu realmente queria ficar, se a alternativa era voltar para o meu barco sozinha, ou ir para qualquer outro lugar sem ele.

Caminhamos de volta para o hotel e eu esperei ao lado do elevador, enquanto Dylan foi até a recepção ver se havia um quarto para nós dois. Tudo o que conseguia pensar era que precisava tomar uma ducha: eu tinha carregado caixas de papelão e móveis o dia todo e estava me sentindo imunda. Porém, não mais cansada — aquele beijo me dera energia, eu respirava a plenos pulmões, vibrando de desejo.

Subimos e chegamos em um longo corredor que não tinha fim, eu seguindo Dylan, que carregava o estúpido saco que parecia cada vez mais pesado e provavelmente estava cheio de cocaína.

Ele andava rápido e eu me esforcei para acompanhá-lo, até que ele parou bruscamente e eu quase me choquei contra suas costas. Ele abriu a porta de um quarto e nós entramos; largando o saco no chão, ele o empurrou com a ponta da sua bota para dentro de um armário aberto. Com a outra mão, fechou a porta e colocou a trava de segurança.

Eu já estava tirando a roupa, minha blusa enroscou nos meus braços, enquanto tentava chutar as botas sem desamarrá-las, com a calça jeans arriada na altura dos joelhos; se alguém me visse assim diria que eu não tinha a menor ideia de como me despir de maneira erótica e provocante.

— Desculpe, mas preciso tomar uma ducha — falei, com a voz abafada pelo tecido, quando senti sua boca na minha pele, sua língua na minha barriga nua.

— Você acha que eu me importo?

Foi tudo o que ele disse.

Eu o queria tanto que estava sem fôlego. Seu físico era potente, os ternos sob medida que usava escondiam as tatuagens que cobriam seu braço esquerdo e ambos os ombros: um dragão negro que se estendia até a nuca, um desenho tribal, um sol, tudo em tinta preta, emaranhado e maravilhoso na sua pele noturna. E como meus dedos pareciam pálidos na pele parda de seu ombro.

Foi o modo como ele me olhou, tão diferente da maneira como me olhava antes, no Barclay. Era como se tivesse aberto os olhos e me visto pela primeira vez. E eu estivera esperando, esperando inconscientemente que olhasse para mim bem daquele jeito. Por que eu não percebera isso antes? Por que eu não o vira como ele realmente era, aquele homem belo e sereno que cuidava de mim? Seu corpo se acoplou perfeitamente ao meu; tudo o que fez foi no momento certo, no lugar certo, com a pressão certa. Eu adorei o modo como ele se esforçou para que tudo fosse perfeito, lento, sensual e, depois, a maneira como ele perdeu o controle.

E horas e horas mais tarde… nós tínhamos transado, tomado um banho, e uma bebida do minibar, e transado de novo, e eu estava tão cansada que meu corpo parecia não fazer mais parte de mim… O dia começava a clarear, e eu estava deitada junto ao seu corpo, meus dedos entrelaçados nos dele. Ele permaneceu tão quieto e imóvel que pensei que tivesse adormecido.

Eu não conseguia parar de sorrir. Parecia que minha vida tinha dado uma guinada para o caminho certo; como se tudo que havia saído errado se tornasse, magicamente, certo. Eu ia morar no barco e, durante a semana, quando o clube estivesse vazio, Dylan poderia ir me visitar. Poderia me ajudar com a reforma, mas se ele não estivesse a fim, ficaríamos cada vez mais bêbados juntos, sentados no convés do barco, vendo o sol se pôr, e depois desceríamos para a cabine e faríamos amor durante horas sem fim. Talvez, dentro de alguns meses, ele desistisse de trabalhar em Londres e se mudasse para o barco comigo…

— Isso não foi uma boa ideia — disse ele.

O som da sua voz, depois de horas sem falar, quase me assustou.

— Não fala isso — sussurrei.

Ele beijou minha nuca delicadamente e sua mão percorreu minha coxa, meus quadris, minha cintura, minhas costas, meu ombro e meu rosto, até eu me virar, olhar para ele e ser beijada outra vez.

— Você poderia ir me visitar — falei, cheia de esperança, mas mesmo antes que eu terminasse a frase, ele já estava balançando negativamente a cabeça.

— Foi exatamente isso o que eu quis dizer, quando falei que não foi uma boa ideia — disse ele.

— Mas por quê, Dylan? — minha voz soou áspera.

— Por causa do pacote.

— Então encontre outra pessoa para guardá-lo!

Ele se afastou de mim e se sentou na cama.

— Só estou tentando garantir a sua segurança — disse ele.

— De quem? — perguntei.

Ele não respondeu.

— Você está me envolvendo em seu negócio suspeito, seja lá o que for, me pedindo para guardar um pacote para você. Como vai garantir a minha segurança assim?

— Não é o que você está pensando.

— Você está roubando Fitz? É isso o que está fazendo?

Ele se levantou, começou a catar suas roupas espalhadas e eu me arrependi de não ter ficado calada para poder fazer com que ele ficasse mais um pouco. A dor que sentira na noite anterior ao pensar em ficar longe dele tinha voltado, mas ainda pior, muito pior, por causa do que tínhamos feito. Provavelmente, ele estava certo. Foi uma má ideia. Eu podia sentir sua raiva emanando como um odor, sibilando como uma descarga elétrica.

Tentei novamente.

— Ficarei em segurança onde você estiver.

— Não, não ficará.

— Não consigo entender — falei num lamento, me sentando na cama.

Ele já tinha vestido a calça.

— Exatamente — disse ele. — Você não entende. Você não está entendendo nada. Lembra quando deixou aquele cara tocar em você, na casa de Fitz, e eu fiquei furioso depois? Você também não entendeu aquilo, não é?

Ele me olhava com tanto sofrimento nos olhos, como se eu ainda o estivesse magoando, só por estar sentada ali, só por existir.

— Você me fez assistir — prosseguiu ele. — Você falou que faria, com a condição de que eu ficasse ali. Você me fez ficar em pé, assistindo a tudo.

A surpresa me deixou boquiaberta.

— Só fiz isso porque pensei que você era meu amigo — retruquei. — Pensei que você tomaria conta de mim.

— Eu tive que ficar ali, vendo ele enfiar os dedos em você — disse ele.

— Você estava me olhando como se eu fosse parte da mobília.

— Não tinha escolha. Se Fitz desconfiasse de como eu me sentia em relação a você, ele teria me ferrado por isso.

— Ele me falou que você gostava de mim; então, pelo visto, ele já sabia.

— Claro. E agora, olhe para nós. Fitz não confia mais em mim, Genevieve, porque sabe o que eu sinto por você. Na sua maneira de ver as coisas, eu me tornei um problema, especialmente depois que você se foi. Ele vai ficar de olho em mim como uma águia. E eu preciso que ele confie em mim.

— Você nunca me disse como se sentia. Como eu poderia saber?

— Eu preciso dar um jeito de resolver as coisas com Fitz. E você precisa esquecer que isso aconteceu, ok?

— Dylan!

Ele estava amarrando os sapatos, apoiando as botas na beira da cama. Dez minutos antes, nós estávamos nus deitados na cama, agarrados como se nunca fôssemos nos separar. Como conseguimos passar de tal felicidade para aquela desavença em tão pouco tempo?

Quando ele acabou de se vestir, pensei que simplesmente iria embora, sairia sem sequer olhar para mim, mas ele voltou para a cama e me tomou em seus braços, me apertando vigorosamente. Eu começara a chorar. Tentei tocar nele, beijá-lo, mas ele me abraçava com tanta força, que eu não conseguia me mexer.

— Cuide-se — disse ele. — Tome cuidado em quem você confia, ok?

Eu assenti, fungando, meu rosto escondido na sua camisa.

— Pode ser que tudo fique bem. Dentro de alguns meses, se tudo der certo. Se você puder esperar todo esse tempo. Tudo bem?

— Ok, eu posso esperar — respondi.

Ele se afastou e enxugou minhas lágrimas com o polegar.

— Tome cuidado — disse ele. — Esconda o pacote em algum lugar. Seja cuidadosa. Voltarei para encontrar você.

Depois disso, ele se foi. Pegou o casaco e saiu.

Mais tarde, depois de tomar uma ducha e me vestir, olhei dentro do saco e vi o que continha. Um pacote retangular embrulhado num espesso plástico cinza e fechado com fita adesiva preta. Um telefone celular, novo, e um carregador. E dois maços espessos contendo cinquenta mil libras. Eu nunca vira tanto dinheiro na minha vida, mas, mesmo assim, olhei para ele sem a menor emoção.

No intervalo de poucas horas ele deixara de ser um colega, um amigo, alguém para quem eu estava fazendo um favor, e partiu meu coração, me deixando para trás.

Trinta e dois

EU JÁ ESTAVA quase chegando no centro da cidade quando começou a chover forte, gotas enormes e pesadas ameaçando me deixar encharcada. Saí correndo, atravessando a rua na faixa de pedestres, perto do ponto de ônibus, e quase bati em um carro prata que parou bem na minha frente. Quando eu ia contorná-lo, o motorista abaixou o vidro da janela.

— Genevieve!

Era o Jim. Ele aparentava ter tido um dia movimentado: olhos cansados, mangas arregaçadas, gravata frouxa.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Achei que você gostaria de uma carona.

— Não, obrigada.

Fiquei debaixo da chuva, olhando para ele. O motorista de trás buzinou, me dando um susto.

Entrei no carro. Estava quente lá dentro, e assim que entrei o vidro embaçou. Ele ligou o aquecedor do carro. Eu já estava começando a tremer, meu cabelo pingava. Não estava com raiva dele, não de verdade. Ele tinha um trabalho a fazer, como todo mundo. Eu esquecera que policiais nunca estão de folga e, portanto, nada que se contasse a eles e que tivesse alguma relevância seria confidencial.

Estávamos sentados no carro, olhando o engarrafamento, esperando para seguir em frente, os limpadores de para-brisa se movimentavam fazendo um ruído no vidro marcado pelas gotas de chuva. Um edifício-garagem parecia envergar sob o peso da própria feiura. Mordi o lábio, meus ombros estavam tensos e eu olhava determinada a chuva pela janela.

— Está tudo bem?

Não respondi. Que resposta poderia dar?

— Genevieve — prosseguiu ele —, eu tive que contar para eles. Você sabe disso.

— Você contou para eles que nós dormimos juntos? — perguntei, cheia de veneno. — Não, acho que não. Engraçado ter deixado essa parte de fora.

Eu me virei para ele. Suas bochechas estavam vermelhas.

— Tenho bons motivos para não ter contado isso para eles. Razões que não têm nada a ver com você.

— Porra, o que você quer dizer com isso?

Houve um silêncio constrangedor, interrompido somente pelo barulho da chuva no vidro.

— Eles contaram para você o que eu lhes disse? — perguntei, finalmente.

Carling negou com a cabeça.

— A investigação está nas mãos deles, agora. Não tem mais nada a ver comigo.

— Por quê?

— Caddy Smith era de Londres, portanto, a vítima está na jurisdição deles. É complicado. Você é a única ligação dela com Kent, por isso vieram riscar você da lista.

— É mesmo? Sabe, eu pensei que iam me prender.

— Provavelmente teriam feito isso, há alguns dias. Mas eles detiveram duas pessoas para averiguação, que acabaram de ser acusadas, o que muda tudo. Agora é uma questão de reunir provas.

— Eles prenderam alguém? Quem?

Ele encolheu os ombros, como se não soubesse a resposta, mas o que aquilo significava é que não podia me contar. Por um terrível instante, me perguntei se haviam prendido Dylan. Talvez fosse por isso que ele não atendia o telefone. Talvez ele estivesse preso em um distrito policial nojento de Londres, trancado em uma cela.

— Então, o que você contou para eles?

— Eles queriam saber de onde eu a conhecia. Eu disse que tínhamos nos conhecido quando eu morava em Londres. Nos fins de semanas, eu trabalhava em um clube, o Barclay. E Caddy também trabalhava lá. Só isso.

— Eu conheço o Barclay.

— Conhece?

— Você era dançarina?

Olhei rapidamente para ele, mas ele prestava atenção na rua.

— Você já esteve lá? No Barclay, quero dizer.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Alguns colegas meus foram para uma despedida de solteiro lá e eu fiquei sabendo. Na época, eu estava sem grana. Os safados foram sem mim.

Eu hesitei e depois disse:

— É, eu era dançarina. Foi assim que consegui comprar o barco.

— Você tem corpo de dançarina — comentou ele.

— Faz tempo que não danço.

A fila de carros avançava lentamente, metro a metro.

— Olhe, se for mais fácil, posso ir andando. Podemos ficar muito tempo parados aqui.

— O centro da cidade em Chatham é assim mesmo. Provavelmente ficaremos presos aqui por muito tempo. Não é nem mesmo o trânsito que está lento, são os sinais que atrasam tudo. Deve haver uns dez semáforos nesse trecho, todos dessincronizados, deixando todo mundo parado. Sinceramente, que tipo de imbecil acha que é uma boa ideia transformar uma via de mão única em uma de mão dupla?

Por um momento, pensei que ele tivesse acabado de falar e concordei com a cabeça, mas ele só fizera uma pausa para tomar fôlego.

— A gente espera que, quando o governo começa a fazer cortes nos gastos, as pessoas responsáveis por essas decisões estúpidas sejam as primeiras a serem despedidas, mas não, sempre há dinheiro suficiente para manter esse bando de retardados trabalhando, assim podem utilizar aqueles milhares de cones sinalizadores num trecho curto de obras na estrada… E mesmo se terminarem um dia, ainda assim, estamos em Chatham, e nenhum maluco vai querer vir para cá de qualquer maneira, a menos que morem num lugar com uma verdadeira escassez de comércio popular.

— Acabou?

— Desculpe — disse ele. — Eu ia pegar esse caminho, de qualquer maneira, para falar a

verdade, apesar dessas malditas obras. E, além disso, queria ver você de novo.

Respirei fundo.

— Eu gosto de você de verdade, Jim. Mas não faz sentido acharmos que isso pode dar certo.

— Uau — exclamou ele, numa repentina mudança de tom.

— Você não pode se envolver comigo, quando eles ainda não sabem ao certo se sou suspeita ou não.

— Estou ciente disso.

— E, além do mais…

— Além do mais?

— Quando tudo isso acabar, você já pode ter encontrado uma garota legal, ou mudado de ideia em relação a mim, ou… não sei, pode acontecer qualquer coisa.

— Você tem outra pessoa — disse ele, como se não pudesse haver outra explicação possível para eu o rejeitar.

— Não. É que… havia alguém, mas não o vejo há meses, desde que me mudei para cá. Nem sei se ele ainda pensa em mim.

— Como ele se chama?

Fingi não ter escutado a pergunta, olhando pela janela as ruas sujas sob a chuva. Não conseguia acreditar que já estava tão escuro no meio da tarde. As calçadas estavam cheias de gente fazendo compras, naquele sábado, com guarda-chuvas, casacos cinza, as calças ensopadas coladas nas pernas úmidas.

— Como ela era? — perguntou Carling.

— Quem?

— Caddy.

Não respondi imediatamente, me perguntando como poderia fazer justiça para ela com apenas poucas palavras. Lembrei-me de algumas boas noitadas que aproveitamos juntas, dançando e trabalhando, é verdade, mas, ao mesmo tempo, nos divertindo como se estivéssemos numa despedida de solteira. Podia vê-la morrendo de rir porque uma das garotas russas tentava conversar com um cara de Streatham, que pensava que ela era da Escócia; enxugando as lágrimas no canto dos olhos e se abanando para recuperar o fôlego.

— Ela era linda, esperta, engraçada… E gentil comigo. Apesar de tudo. Ela era gentil.

— Apesar de tudo?

— Ela pensava que… — comecei a falar, mas logo fiquei quieta.

— Ela pensava o quê?

Ele estava sentado ali, com um ar casual, dando a impressão de que não se importava muito com o que eu iria dizer, mas eu tinha certeza de que prestava atenção em cada palavra.

— Isso é um interrogatório? — perguntei.

— Não, claro que não. — Sua resposta veio rápida. — Você não precisa responder. Eu só estava interessado nela.

— Caddy pensava que eu estava tentando roubar o namorado dela — revelei, finalmente, de olho na reação de Carling.

Ele se virou para mim com uma expressão difícil de decifrar.

— E você estava?

* * *

Duas semanas depois de me mudar para o *Vingança*, voltei a Londres.

Caddy morava em um apartamento em Walworth, não muito longe do meu antigo endereço em Clapham. Foi bem fácil de encontrar, e fui procurando com calma, sem saber ao certo se aquela era uma boa ideia. Era uma tarde de domingo. Eu não tinha certeza de que ela estaria acordada, mas era um horário civilizado para uma visita, mesmo sendo Caddy uma pessoa notívaga.

Para minha surpresa, ela abriu a porta rapidamente. Estava vestindo uma calça jeans e uma camiseta cinza justa, que valorizava seus seios e sua cintura fina.

— Oi — cumprimentou ela.

Com o cabelo solto e cacheado caindo sobre as costas, e sem maquiagem, ela ficava bem diferente. Parecia mais jovem. Eu me dei conta de que nunca lhe perguntara quantos anos tinha, apenas presumi que tinha a minha idade, mas, vendo-a sob o céu claro de um domingo de abril, ela parecia quase uma adolescente.

Por um momento, pensei que fosse fechar a porta na minha cara, mas a curiosidade foi mais forte e ela se afastou, me deixando entrar.

Seu apartamento era impecavelmente limpo e eu devia ter interrompido a faxina: havia um balde e um esfregão na quitinete e o chão de azulejos estava molhado. A sala principal, ampla e luminosa, exalava um leve odor de água sanitária. Portas de vidro se abriam para uma pequena varanda. Lá de fora vinha o barulho distante do trânsito da avenida periférica.

— Quer beber alguma coisa?

— Seria ótimo, obrigada. Um copo d'água, por favor.

Eu me sentei na extremidade de um sofá branco, olhando para o papel de parede de estampa dramática em preto e branco. Aquilo começou a me deixar tonta.

— Fitz ficou louco com a sua saída — disse ela, me entregando um copo d'água com dois cubos de gelo estalando.

— Ele não pareceu se importar muito, quando eu lhe contei.

Ela se sentou à minha frente, cruzando as pernas, flexionando e girando seus pés morenos descalços.

— Então, o que aconteceu? Por que você caiu fora daquele jeito?

— Eu achei que… já era o bastante. Comprei um barco.

Ela riu.

— Como assim? Um iate?

— Não, uma balsa. Vou morar a bordo.

Ela olhava para mim, perplexa, balançando lentamente a cabeça.

— Você sempre foi cheia de surpresas.

— Você também. Eu só queria vir aqui para dizer que sinto muito se as coisas não deram certo entre nós. Você era a minha melhor amiga. Não queria perder o contato com você.

Pronto, estava dito. Eu me desculpara por qualquer coisa que ela achava que eu tivesse feito.

Ela colocou os pés sobre a cadeira, cruzou as pernas e mordeu o lábio inferior.

— Não sei — disse ela. — Tudo isso é muito estranho.

— Estranho, como?

— Você ir embora. Ficou sabendo da invasão?

— Invasão?

— Sexta-feira passada, o clube foi invadido pela polícia. Porra, foi um pesadelo. Só nos deixaram sair às dez da manhã. Eu estava morta de cansaço.

— Que merda! Eles encontram alguma coisa? O que aconteceu?

— Eu não sei. Ninguém me conta mais porra nenhuma. O clube ficou fechado no sábado à noite. Nós todas tivemos folga e recebemos uma quantia patética do Norland, para compensar. No domingo, os negócios voltaram ao normal.

Eu só conseguia pensar em Dylan. Ele não me telefonara, embora eu tivesse quase certeza de que faria isso. Seu telefone ficara comigo o tempo todo, carregado, e eu esperando que tocasse. Não me surpreendia que não tivesse ligado para mim. Se houve uma invasão policial no clube, isso deve tê-lo deixado preocupado, no mínimo.

— Sabe, Fitz fez uma piada sobre isso: mal você saiu e o clube foi invadido pela polícia. Ele pensou que tinha alguma relação com você.

Ela riu ao dizer isso, mas mesmo assim meu corpo todo gelou.

— Ele está sempre suspeitando de alguma coisa.

— É.

— Você gosta dele — falei, tentando mudar sutilmente de assunto.

— Gosto. E deixo isso transparecer às vezes. É estúpido.

— Ele não sabe o que está perdendo. Você merece coisa melhor.

— Amor não correspondido — retrucou ela. — Um saco.

Bebi o que restava do meu copo d'água e pensei em ir embora. Eu fora até lá para esclarecer as coisas com ela, e me certificar de que estava tudo bem. Eu já conseguira isso. Seria bom manter contato com ela.

— É um pouco o que acontece com o coitado do Dylan — disse ela.

— O quê?

— Quero dizer, eu e Fitz, você e Dylan. Não me diga que não percebeu que ele gosta de você.

Não consegui responder.

— Dylan é bem cauteloso, não revela nada. Mas dava para perceber que ele estava sempre procurando por você. E pelo jeito como a olhava, quando estava distraída.

— É mesmo?

— Com certeza. Ele anda muito infeliz desde que você se foi.

— Pobre Dylan. Ele precisa de alguém que cuide dele.

Nós duas rimos. A ideia de Dylan precisar de alguém para tomar conta dele era ridícula.

Em seguida, ela disse:

— Eu penso em sair, às vezes. Na verdade, pensei nisso quando soube que você tinha ido embora. O problema é que as garotas saem, mas acabam voltando. A gente se acostuma com o dinheiro, sabe?

— Eu economizei.

— Eu sei. Era por isso que estava sempre me pedindo coisas emprestadas, não é?

Eu me levantei, levando o copo até a quitinete.

— Você pode ir me visitar — falei para ela. — Quando terminar de arrumar o barco, você poderia passar um tempo lá comigo.

— Claro. Eu adoraria.

— Vou organizar uma festa de inauguração. Ligo para você.

Ela me acompanhou até a porta do apartamento e me deu um abraço. Sem o salto alto, ela ficava bem baixinha. Por um momento, pensei em perguntar a sua idade, mas me pareceu inconveniente.

— Estou feliz que tenha vindo — disse ela.

— Quero que você se cuide, ok? — Por algum motivo, as lágrimas acompanharam minhas palavras.

— Eu sei cuidar de mim mesma.

— Claro. Mas eles são… você sabe. Fazem todo tipo de coisa clandestinamente. O lugar foi invadido, Caddy. A polícia deve saber o que andam aprontando. É só uma questão de tempo até que Fitz seja flagrado em alguma transação, ou coisa parecida.

— Você acha que não sei disso? Eu faço exatamente como você fazia: não meto meu nariz onde não sou chamada. É o único jeito.

* * *

Assim que chegamos na New Road, o trânsito começou a fluir. Com todos os sinais de trânsito da Corporation Street, atrás da Rochester High Street, a lentidão recomeçou e, finalmente, viramos à esquerda na Esplanade, antes da ponte. Jim ficara bem quieto. Quando enfim chegamos ao estacionamento, ele parou e esperou que eu descesse.

Eu estava olhando para os para-brisas, me perguntando o que podia dizer.

— Obrigada pela carona, foi legal da sua parte.

— De nada.

— Você quer entrar e tomar um café ou alguma outra coisa?

Ele hesitou, claramente pensando no convite e então respondeu:

— Acho que não seria uma boa ideia.

Dei um breve sorriso, mas ele não estava olhando para mim. Saí do carro e bati a porta, correndo até o pontão, pisando nas poças d'água, enquanto esperava ouvir o carro arrancar na direção da estrada, mas isso não aconteceu. Quando cheguei no barco e olhei para trás, ele havia estacionado o carro corretamente e estava vindo atrás de mim, com as mãos nos bolsos da calça e a cabeça baixa.

— Mudei de ideia — disse ele com a voz rouca, quando me alcançou.

Estava muito frio no barco. Fui acender o fogão à lenha enquanto ele ia preparar um café. Eu olhei ao redor da cabine, no momento em que pensei que ele não estivesse me observando. O barco estava como sempre — desarrumado, com algumas teias de aranha, mas não parecia ter sido vasculhado.

O fogo começou a crepitar e fumegar, as chamas iluminando o cômodo. Fechei as portas de vidro e fiquei observando o fogo por um tempo.

— Você devia pensar em instalar um aquecimento central aqui — disse Carling.

— Eu sei. Não me pareceu tão importante no verão. Estupidez minha, o tempo já está mudando. Eu também deveria estar providenciando o banheiro, mas primeiro vou construir a estufa.

— Posso ajudar com o banheiro, se quiser.

Eu sorri.

— Obrigada. É muita gentileza sua.

Ele colocou as duas canecas de café sobre a mesa e se sentou, suspirando.

— Vou me trocar — falei. Minha calça jeans estava encharcada.

Deixei-o sozinho e fui rapidamente até o meu quarto. Esperei um segundo, depois fui até o depósito, só para conferir se a caixa ainda estava no lugar. Eu precisava verificar. Mais tarde, checaria melhor.

O espaço estava cavernoso e escuro. Abri a porta o suficiente e me afastei um pouco para deixar a luz entrar. Eu podia ver o contorno da caixa ao fundo. Será que a mudaram de lugar? Estava mais exposta do que antes? Tinha a impressão de que a deixara cercada por outras caixas, escondida por elas, mas de onde eu estava, mal conseguia distinguir as palavras que foram escritas na lateral da caixa…

— Está tudo bem?

— Está sim — respondi imediatamente, fechando a porta com força. — Eu estava só… hum… procurando uma coisa.

Minhas bochechas coraram. Eu devia estar parecendo a pessoa mais culpada do mundo.

Ele me encarou com firmeza e, em seguida, me olhou rápido mas calculadamente de cima a baixo, observando minhas meias molhadas, minha calça jeans e minha blusa molhadas. Depois, disse:

— O café está esfriando. — E voltou para a sala.

Fui até o meu quarto com o coração acelerado. Eu precisaria ser cautelosa. Eu tinha quase revelado tudo naquele instante, uma estupidez. Ele não era burro, devia saber que havia muitas coisas que eu não lhe contara. E Dylan, também. Eu quase falara sobre Dylan para ele…

Lutei para tirar minha calça jeans ensopada, mas meu pé prendeu na bainha de uma perna da calça e, antes que pudesse fazer alguma coisa, perdi o equilíbrio e caí no chão dando um grito e batendo no gaveteiro.

Jim apareceu no vão da porta menos de um segundo depois; ficou ali parado, olhando para mim com a calça nos joelhos, e começou a rir.

— Não tem graça nenhuma, seu merda!

Ele se agachou para me ajudar.

— É engraçado, sim — disse ele, sem parar de rir.

Não consegui segurar o riso também, muito embora sentisse dor nas costas, por ter batido no gaveteiro. Ele estendeu a mão e me ajudou a ficar em pé.

— Venha. Sente-se que eu a ajudo com isso.

Ele me ajudou a alcançar a cama e, quando me sentei na beira, ele arriou minha calça jeans. Estava tão molhada que o brim pesado colava na minha pele. Ele puxou como pôde e eu me agarrei à beirada da cama, mas não com força suficiente, pois logo em seguida, com um gesto mais forte, ele me arrancou da cama e eu caí, batendo com as costas no chão.

Eu ria e chorava ao mesmo tempo, e ele mal conseguia se mover, os ombros agitados pelo riso.

— Meu Deus! Sinto muito… você está bem?

Eu assenti com a cabeça e, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, ele estava me beijando, intensamente, ofegante, apertando meu corpo contra o seu.

— Você é tão sexy — disse ele, rapidamente —, tão sexy. Você nem imagina o que faz comigo…

* * *

Eu estava deitada de costas, observando a noite escura pela claraboia acima da minha cabeça, sentindo o *Vingança da maré* oscilar suavemente, à medida que a água seguia do mar para o estuário e erguia o barco de seu berço de lama.

Jim me acordou ao sair da cama. Vi quando ele passou pela porta e virou à esquerda, indo na direção do banheiro, e me virei na cama, puxando o cobertor sobre mim. Cochilei um pouco e, quando voltei a abrir os olhos, ele não tinha voltado. Eu me perguntei se ele tinha ido para casa, mas então escutei o som da sua voz. Onde? No convés?

A claraboia estava cinzenta naquele momento. Com o quarto suficientemente iluminado, pude ver a camiseta e o suéter de Jim sobre a cadeira. Mas a calça jeans não estava lá. Sentei na cama e agucei os ouvidos. Silêncio. E então, algumas palavras. Uma risada?

No momento em que pensava em me levantar para ver se conseguia escutar melhor ao lado da porta, ouvi passos na cabine e me deitei novamente, me cobrindo até o pescoço. Podia ouvi-lo tirando a calça, o som da fivela do cinto, quando a dobrou e a colocou sobre a cadeira. Em seguida, o rangido da cama, enquanto ele levantava o cobertor e se deitava novamente ao meu lado. Sua mão fria deslizou sobre a minha barriga.

— Eu sei que você não está dormindo — disse ele, carinhosamente. — Eu sei.

— Como sabe? — murmurei, ainda fingindo um pouco.

— Pela sua respiração. — Ele começou a beijar minha nuca, meu pescoço, meu ombro e me virou de frente para ele.

— Com quem você estava falando? — perguntei, minha voz abafada pela sua pele.

— Trabalho.

— Hum. O que eles querem a essa hora da manhã? Nossa, como suas mãos estão frias.

Ele não respondeu à minha pergunta. Eu montei nele, estendendo as mãos até o revestimento de madeira sobre a minha cabeça, depois apoiei ambas as mãos no teto para manter o equilíbrio. Ele cobriu meus seios com as mãos e ficou me olhando enquanto eu me mexia, produzindo um som que podia considerar uma palavra ou podia ser apenas um gemido.

Trinta e três

OS RAIOS DE sol atravessaram a claraboia e iluminaram meu rosto, me acordando. Ele não estava na cama. Olhei vagamente na direção da cadeira. As roupas de Jim tinham sumido.

Continuei deitada por um tempo, curtindo o calor do sol, me lembrando do que tínhamos feito na noite anterior. Ele era bom nisso. Na verdade, estava ficando cada vez melhor.

Escutei um ruído vindo da cozinha — som de louças sendo lavadas. Depois o rádio foi ligado, o volume bem baixo, mas suficiente para que eu ouvisse a música.

Levantei, me vesti e passei a mão no cabelo para alisar as pontas espetadas.

Quando ele me viu, colocou a chaleira no fogo.

— Bom dia — cumprimentou ele.

— Bom dia para você também.

Eu me inclinei na sua direção e lhe dei um beijo no queixo. Senti um cheiro tépido misturado ao odor da loção pós-barba que ele usara na véspera.

Peguei um pano pendurado sobre a porta do forno e enxuguei as canecas que ele havia lavado, guardando-as dentro do armário. Eu me sentia apaziguada, caseira, o sol entrando pelas claraboias, lançando feixes de luz e calor. Eu amava o meu barco. Até mesmo as tábuas de madeira sob meus pés estavam aquecidas.

Ele me serviu um pouco de café e colocou a caneca sobre a mesa.

— Eu queria tomar uma ducha — disse ele.

— Você pode tomar uma lá perto da sede.

— Perto da sede?

— Tem uns chuveiros lá. É bem agradável, limpinho. Mais limpo que a minha casa, pelo menos.

— Na verdade, eu devia ir para casa. Preciso de roupas limpas e tenho que voltar ao trabalho hoje à tarde.

— Ah. Tudo bem.

Ele estava me encarando, seus olhos pretos insondáveis.

— O que foi? — perguntei, achando que havia dito ou feito algo de errado.

— Eu não quero ir.

Eu sorri e o beijei outra vez. Ele estava sem fazer a barba há dois dias e seu queixo arranhava um pouco.

— Também não quero que você vá.

— Que tal — disse ele com a boca em meu pescoço, as mãos sob minha blusa — se eu tomar uma ducha rápida agora e, mais tarde, passo em casa e troco de roupa a caminho do trabalho?

Fiz um som que poderia ser interpretado como um consentimento; foi o bastante para contentá-lo. Quando ele me soltou, fui buscar uma toalha limpa e um sabonete líquido. Ele pegou

tudo e subiu os degraus até a casa do leme.

— Quer que eu vá com você?

— Só se for tomar banho comigo — respondeu ele.

Deixei-o ir.

Voltei para o quarto e arrumei a cama, sacudindo o cobertor amassado sobre o lençol franzido, e abri a claraboia para arejar um pouco. Instantes depois, eu estava escovando os dentes, quando ouvi um zumbido. Com a escova no canto da boca, fui até a cabine. O som era mais alto ali.

Na cadeira da sala de jantar, um celular vibrava, zumbia e piscava. Peguei-o e minha primeira reação foi atender, mas o telefone não era meu. O celular era do Jim.

Olhei para o telefone na minha mão, vendo o número que estava no visor. Na tela aparecia somente a letra "d". Sobre a mesa, havia um monte de papéis, envelopes e recibos. Peguei uma caneta numa caneca de alça rachada sobre a estante da cozinha e consegui anotar o número no verso da minha conta de cartão de crédito, pouco antes de o telefone parar de vibrar.

Uma chamada não atendida.

Coloquei o telefone de volta no lugar, mordendo a escova de dentes, pensativa. Voltei para meu arremedo de banheiro e enxaguei a boca. No espelho acima da pia, observei meu olhar. Meu coração batia acelerado.

Encontrei no meu quarto a calça jeans que usara na véspera e peguei o telefone de Dylan no bolso de trás. Procurei a agenda de contatos. Olhei o número ao lado da palavra GARLAND. Depois, conferi com o número anotado no verso da conta do meu cartão de crédito.

Subi correndo os degraus até a casa do leme e olhei além dos barcos na direção da sede. Não vi ninguém. A marina estava deserta, os barcos se banhavam na luz do sol. Dava para ver a porta do banheiro, mas não havia nenhum vestígio de Jim.

De volta à cabine, peguei o telefone de Jim e apertei o botão para acender a tela. Não pedia nenhuma senha.

Uma chamada não atendida.

Entrei no menu. Histórico de chamadas? Sim, era isso. E lá estava… chamadas não atendidas. Eu reconheci o último número.

Selecionei o ícone que se parecia com um aparelho de telefone e, logo em seguida, começou a chamar.

E então…

— Alô?

Fiquei paralisada, pressionando o telefone no ouvido. Só dissera uma palavra, como poderia ter certeza?

— Dylan?

— Quem é?

Era ele; todas as minhas dúvidas desapareceram ao ouvir aquelas duas palavras.

— Sou eu.

Houve um silêncio no outro lado da linha. Eu até esperava que ele fosse perguntar *Eu, quem?*, mas não fez isso. Ele conhecia minha voz tão bem quanto eu conhecia a sua.

— Onde está o Jim? — perguntou ele.

— Espere um pouco. Desde quando você conhece o Jim? E por que o seu telefone fica o tempo todo desligado? E, porra, onde você está? E o que eu devo fazer com aquele… aquele pacote que deixou aqui?

Ouvi seu suspiro, acima do ruído do vento que soprava.

— Você deveria confiar em mim — disse ele.

— Como posso confiar, se você nunca atende esse maldito telefone? Alguns homens apareceram no barco. Eles me amarraram.

Houve uma pausa antes que ele respondesse. Provavelmente, já sabia disso. Ele passava muito tempo com o Nicks e os outros; sabia de tudo o que acontecia no mundo de Fitz. Ainda assim, bancou o ingênuo.

— O que você quer dizer com isso? Eles amarraram você? Você está bem?

— Agora estou. Mas estou com medo, Dylan! O que devo fazer? O que você quer que eu faça?

— O Jim está aí? — perguntou ele então.

— Não, não está!

— Fale para ele me ligar, quando voltar.

— Dylan, o que está acontecendo?

Mas ele já tinha desligado.

Percebi alguma coisa, um ruído, um barulho bem baixinho atrás de mim. Jim estava em pé, no final da escada, o cabelo molhado, a toalha numa das mãos e os sapatos na outra. Ele me olhava com uma expressão que parecia ser de censura.

— Porra, o que está acontecendo? — perguntei.

— Esse é o meu telefone?

Ele deu um passo à frente, pegou-o da minha mão e apertou alguns botões. Pensei que fosse dizer alguma coisa, gritar comigo, mas, em vez disso, encostou o telefone no ouvido.

— Oi, sou eu — disse ele, quando atenderam a ligação. — Eu sei. Onde você está?… Sim, você sabe que pode…

Então, ele olhou para mim. Podia escutar o som da voz de Dylan do outro lado da linha, mas não conseguia distinguir as palavras.

— Ela está bem. Não, claro que não. Foi isso que ela disse, é? Quando?… Tudo bem. Vou dar um jeito nisso. Pode deixar, cara. Até mais.

Durante todo esse tempo, ele não desviou os olhos de mim. Toda a minha raiva genuína por ter sido de algum modo enganada, iludida, estava se dissolvendo em sentimentos de culpa injustificada por ter usado seu telefone, para começar. E o que piorava tudo era o fato de ele estar em pé na minha cabine, com a calça desabotoada e o cabelo molhado.

— Genevieve.

— Não! Está tudo errado. Por que…?

Ele balançou a cabeça.

— Você está me usando — concluí.

— Não.

— Você está me usando para pegar o Dylan.

— Como? Não seja ridícula. Para quem ele acabou de ligar, para mim ou para você?

Aquilo doeu mais do que se tivesse me dado um tapa na cara.

— Seu merda. Você é um grande babaca. — Meus olhos ardiam com as lágrimas, meus punhos se fecharam.

— Genevieve, não foi isso que eu quis dizer…

— Por que ninguém fala a verdade sobre o que está acontecendo?

Eu não aguentava mais olhar para ele. Voltei para o meu quarto, batendo a porta ao entrar, mas ele a segurou, pegando meu braço e me virando para ele.

— Não fuja — disse ele.

Seu rosto estava muito próximo ao meu. Podia sentir sua respiração.

Tentei me livrar dele, mas ele me segurou com mais força, machucando meu braço.

— Me solta!

Ele largou o meu braço. E eu fiquei ali como uma idiota, olhando para o seu rosto impassível, lágrimas de ódio e infelicidade escorrendo pela minha face.

— Você não me contou que conhecia o Dylan — falei, o soluço embotando algumas palavras.

— Nem você. — Ele estava tão calmo, tão exasperante, que eu queria bater nele.

— Você sabia sobre mim e Dylan. Durante todo esse tempo, você sabia…

— Eu não sabia o que você sentia por ele.

— Ele falou de mim para você?

Ele assentiu.

— O que ele disse?

— Ele me pediu para tomar conta de você.

— O quê? — exclamei. Eu estava tão furiosa que mal conseguia articular as palavras. — Quando?

— Ele me telefonou quando descobriu que o corpo de Caddy tinha sido encontrado aqui. Ele me pediu para ficar de olho em você, porque sabia, quero dizer, achava que as coisas poderiam se complicar para o seu lado. Depois disso, ele desligou o telefone e ficou fora de contato.

— Por quê?

Ele me encarou por um tempo, como se questionasse a si mesmo o quanto estava disposto a me contar.

— Ele já fez isso antes. Quando a situação se complica, ele desliga o telefone. Esse cara enche o saco, às vezes, você sabe.

— Então você veio até aqui e achou que seria uma boa ideia transar comigo, não é? É isso que você pensa que ele quis dizer, quando pediu para tomar conta de mim? Que você fizesse alguma coisa para eu parar de pensar nele?

— Não foi nada disso.

— Por que você está aqui? O que você quer de mim?

Ele olhou para mim, mas não respondeu de imediato. Depois, passou a mão no cabelo, se virou e deu dois passos, e só então pareceu ter encontrado a resposta apropriada.

— Eu estava procurando o Dylan. Quando ele desligou o telefone, depois de me contar sobre a Caddy, eu pensei que ele ainda mantivesse contato com você.

— Eu não entendo. Ele acabou de ligar para o seu telefone, não foi?

— Ele só me ligou duas vezes desde aquele dia. Ambas as vezes, ele estava em um lugar público, movimentado, impossível de rastreá-lo. O restante do tempo, ele deixou o celular

desligado.

— Bem, acho que isso quer dizer que ele não está a fim de falar com você, não é?

— Ou com você, pelo que parece — disse ele.

Mordi o lábio e o encarei.

— Genevieve… — Ele tocou o meu braço e deslizou seus dedos sob a manga da camiseta até o meu ombro.

— Não toque em mim — falei, me afastando.

— Olhe, ele sempre acha que sabe o que está fazendo, não é? Ele faz as coisas à sua maneira. Por mais que eu tente ajudá-lo, fazer com que siga as regras do jogo, ele sempre age desse jeito. Apesar disso, eu confio nele, e acho que você devia confiar também.

Ele deu mais um passo na minha direção. Eu queria sair dali, mas não podia. Havia algo diferente em seus olhos. Eu queria acreditar em tudo o que dizia, mas era tão difícil.

— Você devia ter me contado isso antes — falei, tentando não soar suplicante. Eu queria parecer fria, irritada, furiosa com ele. Mas, em vez disso, em meio às minhas lágrimas e meus soluços, aquilo soou vacilante.

— Eu não sabia que isso ia acontecer.

— O quê? — perguntei.

— Você sabe do que eu estou falando; não finja que não.

Ergui uma sobrancelha.

— Ainda assim, você devia ter me contado que conhecia o Dylan.

— Eu não tenho que contar nada, muito menos se tiver relação com alguma investigação — retorquiu ele.

— Ah, não fode! Você está investigando o Dylan? E acha que, enquanto isso, é uma boa ideia transar comigo, não é?

— Claro que não é uma boa ideia!

— E então? Você estava só esperando o Dylan aparecer para depois cair fora e me deixar para trás?

— Eu não antecipei tanto os fatos.

Peguei minha calça jeans na cadeira e a vesti de qualquer jeito. Ainda estava úmida, mas não importava.

— Aonde você está indo? — perguntou ele.

— Só… só me deixe em paz.

Ele me alcançou, quando eu estava subindo os degraus até a casa do leme. Com os braços em torno da minha cintura, ele me puxou para baixo e me apertou em seu corpo e, enquanto eu me debatia, ele me apertava ainda mais.

— Genevieve. — Sua voz era apenas um sussurro na minha nuca. — Não faça isso.

Senti que começava a derreter, a amolecer no seu corpo. Ele me segurou, e eu me virei dentro do círculo de seus braços e eu o enlacei com os meus, apoiando o rosto em seu peito, respirando seu cheiro. Ele levantou minha camiseta, que estava enfiada dentro da calça e colocou as mãos nos meus quadris. Sem pensar no que estava fazendo, enfiei minhas mãos sob sua calça jeans, puxando-o para perto de mim. Sua boca estava a alguns centímetros da minha, e eu sentia a calidez de seu hálito. Eu poderia ter dado um passo na sua direção que nossas bocas teriam se tocado. Mas não estava a fim de ceder. Ele se inclinou na minha direção. Recuei,

ligeiramente apenas. Ele hesitou, sua respiração acelerando. Podia senti-lo em meu corpo. Dentro da calça jeans dele, minha mão apertou sua bunda, cravando as unhas na sua pele. Então, ele tirou uma de suas mãos das minhas costas e a colocou em meu pescoço, segurando minha cabeça de modo que eu não conseguisse desviar.

Ele me empurrou para trás, e eu tropecei nos degraus. Minha mão tocou em um deles e eu me segurei, enquanto ele tirava minha calça. Depois tirou a dele. Quando ele me penetrou, eu arfei, com a cabeça apoiada no último degrau. Por um instante, a excitação me manteve firme, mas havia algo errado naquela posição, era frustrante, eu ficava escorregando. Então o empurrei e, como ele não reagiu imediatamente, empurrei-o com mais força, o bastante para conseguir me virar, livrando-me de vez da calça e me ajoelhando no terceiro degrau, ficando de costas para ele na altura exata. Ele não perdeu tempo e me penetrou de novo, mais delicadamente dessa vez, mas só por um segundo. Logo ele começou a se mexer mais rápido, com mais força e vigor, pressionando-me nos degraus com todo o seu corpo. Não demorou muito. Quando alcançou o clímax dentro de mim, soltou um gemido na minha nuca, entre seus dentes cerrados.

Por alguns instantes, nenhum de nós se moveu. Havia apenas o som da sua respiração no meu cabelo, o sangue pulsando nos meus ouvidos.

Ele saiu de dentro de mim. Eu me virei desajeitadamente sobre os degraus, meus joelhos doendo onde tinham sido arranhados pela escada por causa da força de sua penetração. Ele vestiu a calça jeans novamente.

Estendendo a mão na minha direção, disse:

— Venha comigo.

Segurei sua mão e ele me levou de volta para a cama, tirou a roupa de novo e se deitou ao meu lado, puxando-me para perto. Durante um bom tempo, nós nos beijamos e não falamos nada. Por fim, sua mão entre as minhas coxas me fez esquecer de tudo: da raiva, das milhares de perguntas que fervilhavam na minha cabeça, do som da voz de Dylan no telefone de Jim.

Sobre nossas cabeças, a claraboia mostrava o céu de um azul profundo sendo atravessado por algumas nuvens; nuvens brancas, depois cinzentas… escurecendo até ficarem negras, ameaçando chuva.

Jim segurava a minha mão em seu peito. Achei que estivesse dormindo. Pensei em me levantar e me vestir.

— Você ainda está zangada. — disse ele. Seu polegar acariciava o dorso da minha mão. — Posso sentir. Você está tão tensa.

— Sinto como se todo mundo estivesse me usando.

— Prefiro pensar que estamos apenas nos ajudando.

Eu me mexi, me sentei na cama e abracei meus joelhos. Queria conseguir ver o seu rosto.

— Por que Dylan ligou para você, contando sobre a Caddy? Eu não consigo entender. Você já não sabia?

Ele respirou fundo, passando a mão sobre a testa.

— Eu não… Bem, eu não faço parte da equipe de investigação.

— Então, quem é você? Quer dizer que não faz parte da polícia?

— Eu sou policial, sim. Só que trabalho em outro departamento. Sou da Polícia Metropolitana, não de Kent.

Aquilo não fazia sentido.

— Como permitiram que você interferisse numa investigação que você não faz parte? Você não tem que fazer o que mandam?

Ele sorriu.

— Tecnicamente, eu não estou interferindo. E se você vai começar a ficar afetada, saiba que neste momento não estou a serviço.

— Dylan tem alguma coisa a ver com a morte de Caddy? É por isso que ele não atende o telefone?

Ele não me respondeu.

— Ele não faria uma coisa dessas — continuei. — Ele não faria mal a Caddy.

Havia algo em sua expressão, algo que ele tentava esconder.

— Você acha que ele a matou? — perguntei.

— Não acho que ele a matou — respondeu ele. — Mas não sei por que ele está fora de alcance há tanto tempo. Você sabe?

Eu me encolhi um pouco para trás, surpreendida por ele ter direcionado a questão para mim.

— Não tenho a menor ideia.

— Você conhecia o Dylan do Barclay — disse ele. — Você deve saber como ele era.

— Dylan era diferente: não era como os outros. Era gentil. Pelo menos, comigo.

Jim sorriu.

— Nunca vi o descreverem assim.

— Talvez você não o conheça tão bem quanto imagina.

Ele deve ter sentido a rispidez na minha voz, pois logo se sentou. Ele não se cobriu, ficou sentado na minha cama, arrogante em sua nudez, totalmente à vontade com o próprio corpo.

— Não quero mais brigar com você — disse ele.

— Então, não devemos falar sobre isso.

— Só estou tentando manter você em segurança, Genevieve.

— Mentira. Você está tentando encontrar o Dylan. E eu não preciso de ninguém para garantir minha segurança, muito obrigada.

Ele achou graça do que eu disse e aquilo me magoou.

— Outra coisa que está me incomodando — prossegui. — Como você conhece o Dylan? Quero dizer, ele não frequenta exatamente o meio policial, não é mesmo?

Ele saiu da cama, bruscamente, e se vestiu. Eu o observei, me perguntando se havia tocado em um ponto fraco. Ele não respondeu de imediato, o que me fez pensar que tinha mentido para mim e que, na verdade, ele não era amigo do Dylan. E se ele estivesse tentando encontrá-lo para prendê-lo? E se fosse por isso que Dylan se mantinha afastado de mim? Será que Jim estava me usando como uma isca?

— Nós estudamos na mesma escola — disse ele. — Com o passar dos anos, seguimos caminhos diferentes, mas ainda somos amigos.

— Onde? — perguntei, tentando descobrir um furo no que dizia. Não que eu soubesse a resposta. — Onde vocês estudaram juntos?

— Não faça isso, Genevieve. Você vai ter que confiar em mim.

— Por que deveria confiar em você, se você esconde coisas importantes de mim?

Ele olhou bem nos meus olhos.

— Você continua escondendo coisas importantes de mim e eu confio em você.

Encarei-o, furiosa.

— É melhor eu ir embora — disse ele, calçando uma meia.

Eu não disse nada.

— Sabe qual é o seu problema? — perguntou ele, olhando rapidamente para mim sobre seu ombro, e depois se virando para calçar a outra meia.

Ele ia me dizer, de qualquer modo, então não vi necessidade de responder àquela pergunta.

— Você não imagina no que está metida. Está metida nessa… confusão, sem saber como tudo isso é perigoso. Você acha que pode tomar conta de si mesma, mas, na verdade, não faz ideia do que se trata. Porra, não faz a mínima ideia.

Eu o encarei. Ele tinha razão: eu não fazia ideia de porra nenhuma, mas isso era porque ninguém se dava o trabalho de me explicar coisa alguma. Logo em seguida, ele estava calçando os sapatos dentro da cozinha e, depois disso, escutei um baque, quando ele bateu a porta da casa do leme ao sair.

Trinta e quatro

TERIA SIDO MAIS fácil ir para a cama, me esconder sob o cobertor e chorar, se precisasse, durante o restante do dia. Mas em vez disso, tomei um banho, me vesti e tentei acender o fogão à lenha. Precisava me concentrar em alguma coisa. As minhas mãos tremiam, enquanto tentava acender o fogo. Depois me sentei em frente à porta do forno, e fiquei prestando atenção para não deixar as chamas se apagarem e as alimentando até que ficassem fortes o bastante e eu pudesse colocar mais lenha. Em seguida, fechei a porta do forno e fiquei observando o fulgor da madeira em combustão.

Uma hora depois, ainda estava sentada ali, quando ouvi um barulho lá fora e, segundos depois, uma batida à porta da casa do leme.

Era Malcolm, carregando uma velha caixa de ferramentas. Olhei para ela, hesitante.

— Pensei em dar uma olhada no seu gerador — disse ele.

— Mas eu tenho ferramentas — retruquei, um pouco zangada.

— Eu sei. Mas e aí… O que aconteceu com seu novo namorado? Eu o vi mais cedo, e ele não parecia muito feliz.

— Ah, ele está bem. Tinha que ir trabalhar.

Malcolm me olhou com descrença. Ele abriu o postigo na casa do leme que dava acesso ao motor e espiou lá dentro.

— As baterias devem estar carregadas — disse ele. — Assim, depois de conectá-las, você pode fazer a transferência, aqui, desse jeito…

Eu olhei, tentando prestar atenção, enquanto ele me mostrava uma série de botões e interruptores.

— O gerador vai se abastecer a partir do tanque de combustível, de modo que acabará se esvaziando mais rápido do que o normal. Mas não será necessário usá-lo o tempo todo, durante o dia, por exemplo. Você ainda tem botijões de gás para o forno, não é?

Eu assenti.

— E tenho o fogão à lenha.

— Exatamente. A eletricidade é superestimada — retrucou Malcolm com um sorriso.

Ele começou a mexer no gerador, conectando fios, canos e batendo com força. Eu passei por ele e fui para a cabine.

— Vou precisar cortar a eletricidade — berrou Malcolm.

— Tudo bem — respondi.

A cabine estava agradável e aquecida agora, com o fogão à lenha. Sentei na frente dele, abraçando os joelhos, tentando não pensar em Dylan e Jim, mas sem conseguir tirá-los da cabeça. Eu havia pensado em Dylan todos os dias desde a última vez que nos vimos, mas não daquele jeito. Queria que ele voltasse para mim. Queria que ele estivesse ali comigo naquele momento. Queria tanto que chegava a doer, como se houvesse um vácuo dentro de mim.

E Jim? O que eu deveria fazer em relação a ele? Pensar nele me deixava arrepiada. Havia algo de irresistível nele, alguma força que me fazia perder o juízo e desejá-lo, pouco importava o que dissesse ou fizesse. E ele me deixava furiosa, ao mesmo tempo.

Eu ligaria para ele no dia seguinte, assim que tivesse recuperado o sono e clareado os pensamentos.

— Genevieve! — gritou Malcolm do convés.

— O que foi?

— Está tudo conectado. — Ele entrou na cabine.

Eu não me virei. Devo ter parecido um pouco estranha, sentada no chão em frente ao forno.

— Você está bem? — perguntou ele.

Não respondi e ele se sentou no sofá.

— Gen? O que está havendo? — insistiu ele.

— Tive um dia difícil — respondi.

— O que aconteceu? É aquele policial? Ele está importunando você?

— Não. Ele é legal, Malcolm, sério.

— Talvez você devesse ficar na casa dele por um tempo, até as coisas se acalmarem outra vez.

— Não vou sair do meu barco.

— Não apareceu mais ninguém? Como daquela vez?

— Não.

— Eu também não vi ninguém — apressou-se em dizer.

Então, olhei na sua direção, virando lentamente a cabeça. Ele estava sentado na extremidade do sofá, as mãos entre as pernas. Parecia nervoso. O joelho esquerdo se mexia para cima e para baixo.

— Malcolm?

— O quê?

— O que aconteceu?

— Nada não. — Ele pareceu quase assustado, por um instante.

— Ei.

Ele olhou novamente para mim. Havia alguma coisa em sua expressão; eu deveria ter me esforçado para decifrar, mas estava cansada e entorpecida demais para conseguir me concentrar.

— Só queria agradecer por você me ajudar com tudo isso — concluí.

— Tudo bem — respondeu ele.

Ficamos em pé na cabine, pouco à vontade; Malcolm transferindo seu peso de uma perna para a outra.

— Sabe, eu já morei em Londres — disse ele, finalmente.

— Não sabia disso.

— Antes de conhecer Josie. Vivi em muitos lugares, mas por algum tempo morei em Leytonstone. Num prédio abandonado. Eu tinha só um quarto. Mas acho que o local era abandonado, já que ninguém pagava aluguel de qualquer maneira.

— O que você fazia em Londres? — perguntei-lhe, sem saber para onde aquela conversa estava indo.

— Ah, uma coisa e outra, sabe. Trabalhava em canteiro de obras, na colocação de revestimento de gesso, se alguém me contratasse para isso. Ganhava só o suficiente para pagar a cerveja, na verdade. Era ótimo.

Ele me olhou pelo canto do olho.

— O que foi, Malcolm? Onde você está querendo chegar?

— Pois é, eu já ouvi falar desse tal de Fitz. O cara que era o seu chefe naquele clube.

— Você conheceu o Fitz?

— Eu não disse isso. Eu disse que já tinha *ouvido falar* dele. Alguns caras que eu conhecia do pub estavam conversando certa noite sobre onde poderiam conseguir drogas, basicamente, e estavam se queixando sobre a qualidade dos produtos nas ruas naquele momento, e disseram que isso era porque Fitz havia mudado de negócio.

— Mudado de negócio?

— É, parecia não estar mais abastecendo os pontos de venda. Ou então tinha passado a fornecer outro tipo de droga.

— Ah, sei — falei, voltando a me sentar. — Mas isso não significa que era o mesmo Fitz.

— Ele andava com um sujeito chamado Ian Gray. Um cara durão, sabe, como se fosse seu guarda-costas, cheio de músculos.

— Gray?

— Um grandão com tatuagem no pescoço. E não tinha metade do lóbulo da orelha.

Sem a menor dúvida era o Gray. Não me surpreendia mais que Malcolm tivesse ficado tão interessado na vida que eu levava no Barclay.

— Eu deveria ter mencionado isso antes — disse ele.

— Com certeza, deveria.

— Eu estava pensando, sabe, eu poderia ligar para algumas pessoas e tentar descobrir quem está pressionando você. Dizer para eles darem uma aliviada.

— Porra, está brincando, não é? Se você realmente ouviu falar de Fitz, então sabe muito bem que essa gente não vai aliviar só porque um cara bacana telefonou pedindo isso.

— É, tudo bem! — disse ele, ofendido. — Não sou idiota, porra. O que eu quis dizer, sabe, é que poderia tentar descobrir alguma coisa para você.

— Não sei por quê, mas acho que isso não vai funcionar — repliquei. — Mas obrigada, mesmo assim. Quem sabe eles não se cansam e me deixam em paz?

— Ou então, podem aparecer aqui esta noite e acabar com você.

— Se quisessem fazer isso, já o teriam feito a esta altura — respondi.

— É o que você diz, mas eles não conseguiram botar a mão naquele seu pacote, não é mesmo?

— Não.

— É melhor eu ir — disse ele, dirigindo-se para a escada. — Se precisar de alguma coisa é só gritar.

— Nós ainda vamos sair com o barco? — perguntei. — Que tal amanhã?

— Claro — respondeu ele, quando já estava na porta e, em seguida, acenou e se foi.

Olhei para o meu celular e pensei em ligar para o Jim. Fiquei um tempo sentada em frente ao fogão, esperando que seu calor afugentasse o frio dos meus ossos. Eu não conseguia parar de

pensar em Caddy. Ficava remoendo seus últimos momentos, imaginando como deve ter se sentido. Havia sido doloroso? Teria tido tempo de sentir dor, medo? Ela sabia que estava prestes a morrer? E aquele tempo todo, eu estava tão perto, e não fazia a menor ideia de que ela estava ali do lado.

Levantei-me e me espreguicei. Sentia dores no corpo todo, meu pescoço estava tão rígido que mal conseguia virar a cabeça. Apaguei as luzes, tranquei a porta da casa do leme e fui para a cama.

Trinta e cinco

ACORDEI CEDO E fiquei deitada, sob a luz opaca da claraboia, me perguntando o que havia me despertado. E então, ouvi algo se mexendo no convés, acima de mim, e o chilrear de uma gaivota, desaparecendo à medida que alçava voo. Tentei voltar a dormir, mas não consegui. O barco parecia sossegado demais para eu ficar deitada à espera do amanhecer.

Levantei, me vesti e acendi o fogão à lenha, esperando a água ferver na chaleira. Os gravetos no fogo estalavam, me fazendo companhia, enquanto preparava o café. Procurei sem grandes esperanças por algo para comer no café da manhã e acabei torrando o último pão, que estava quase mofando. Eu definitivamente precisava sair para fazer compras mais tarde.

Perguntei-me se havia algo a fazer no barco que não envolvesse o uso de ferramentas elétricas tão cedo pela manhã, e me lembrei do saco plástico preto cheio de tecidos que eu jogara no depósito quando estava arrumando o barco para a festa. Talvez pudesse fazer algumas cortinas para os postigos, algo que cobrisse aqueles círculos escuros que nunca haviam me incomodado antes.

Quando terminei meu café, deixei a caneca na pia e fui buscar o saco de tecidos. Abri a porta, desci os três degraus no escuro, passando cuidadosamente pelas paletas até a proa, e me sentei ao lado da caixa na qual estava escrito ARTIGOS DE COZINHA.

Empurrei a caixa com o dedo. Ela se moveu. Empurrei-a novamente e ela se inclinou.

Não, não! Alguma coisa estava errada.

Sem pensar duas vezes, agarrei a caixa e a virei de cabeça para baixo, o conteúdo se espalhando em meu colo, em cima das paletas, algumas coisas caindo pelos espaços ligeiramente curvos do casco.

O fundo falso da caixa se soltou e, lá dentro, não havia nada.

Tinha desaparecido. O pacote sumira.

Empurrei a caixa vazia para o lado e fiquei ali, na penumbra, tentando pensar. Tudo aquilo estava me deixando de cabeça quente, a exaustão e o medo me faziam ficar irracional. Quem tinha vindo até aqui? Tentei me lembrar de quando eu conferira pela última vez aquela porta, antes de sábado à noite, pois não sabia mais se eu havia encostado na caixa ou simplesmente vira que continuava lá, como da última vez em que Jim estivera no barco e achei que estava tudo certo. Foi na quinta-feira, tinha certeza disso, e já era segunda-feira, portanto, podia ter sido esvaziada há vários dias. Teria sido a polícia? Mas se eles tinham achado o pacote, por que não me prenderam, porra?

Saí rastejando da proa e fechei a porta ao sair. Voltei para a sala, peguei o telefone de Dylan e liguei para ele. Não esperava que fosse tocar, e a mesma voz de sempre me informou que o aparelho estava desligado. Merda!

Fiquei andando de um lado para o outro dentro da cabine, esperando amanhecer, me perguntando o que deveria fazer em seguida. Dylan me dera o pacote para que eu tomasse

conta, mas ele tinha desaparecido. Alguém o levara, alguém entrara no barco, talvez enquanto eu estava no distrito policial, ou então na noite anterior, enquanto estava escondida, e o levado. Eu deixara Dylan na mão. Tudo estava um caos, um enorme caos.

Pensei outra vez em ligar para o Jim, mas de que adiantaria? Eu não poderia lhe contar que o pacote tinha sumido, pois estaria admitindo sua existência e me comprometendo com o que quer que fosse o conteúdo.

Então, senti vontade de sair do barco. Já era dia. Eu precisava de ar fresco, ir lá para fora, para o mundo real, onde não existiam coisas ruins, como pacotes de cocaína desaparecidos. Seria uma boa ideia sair para comprar comida. Não dava para viver à base de pão velho para sempre. E não sobrara nada no barco que precisasse da minha proteção.

Peguei minha jaqueta e meu chapéu e tranquei o barco, ao sair. Quando cheguei ao estacionamento, Cameron saiu do escritório da sede. Eu não queria falar com ele, mas ele acenou para mim e gritou:

— Oi.

— Como vai? — perguntei.

— Nada mal — respondeu ele. — Que história é essa que o Malc me contou de você sair para passear com o barco?

— Pois é, estava pensando em dar uma volta com o barco.

Ele ficou ali parado, uma cabeça mais alto do que eu, chutando um tufo de grama que crescia no asfalto.

— Mas tome cuidado, ok?

— Ah, não se preocupe. Malcolm vai me ajudar. Eu não sairia sozinha.

— Tecnicamente, você não pode sair com o barco sem uma licença. É muito fácil encalhar, especialmente se a maré estiver baixando. E não é fácil manobrar um barco do tamanho do seu. Sei que o Malcolm acha que sabe o que está fazendo, mas seu barco é cinco metros maior do que o dele.

— Malcolm tem a licença, não é? E ele já saiu para navegar com o *Scarisbrick Jean*.

— Já faz tempo.

— Você está escondendo alguma coisa de mim? — perguntei com um sorriso.

— Não, não — respondeu ele, parecendo evasivo. — Eu só acho que… que você precisa tomar cuidado, só isso.

— Com Malcolm?

Cameron ficou vermelho.

— Não, Malc é um cara legal, você sabe disso. Só que, às vezes, ele faz coisas sem pensar nas consequências. Você entende o que estou dizendo?

— Então você me ajudaria a sair com o barco?

— Se você realmente quiser, claro que ajudaria. Mas não entendo por que você quer sair daqui.

— É uma longa história — falei. — Sério, é só porque, sei lá, parece um pouco estúpido ter um barco e nunca navegar no rio. E eu queria dar uma olhada um pouco mais para cima, antes do inverno. É só isso.

— A polícia anda importunando você?

Aquela mudança dramática de assunto me incomodou. Ele estava ali, em pé, de costas para a porta do escritório, os braços cruzados no peito. Eu me perguntei onde pretendia chegar.

— Não. Na verdade, não. Por quê?

— Eu vi que eles vieram falar com você antes de ontem. Aqueles dois de Londres.

— Você os conhece, então?

— Não, eles passaram no escritório. Estavam procurando por você.

Eu olhei para os meus pés.

— Eles foram simpáticos. O corpo que eu encontrei, na verdade, era de uma moça de Londres. Eles estão investigando o caso.

— Sei.

— Olhe — falei —, vou fazer umas compras. Quer alguma coisa?

— Só acho que andam acontecendo muitas coisas estranhas desde então, não é mesmo?

— O que você quer dizer?

— Como o fio que foi cortado, por exemplo.

Encarei-o por um minuto. Não sabia o que dizer, e aquela conversa estava começando a tomar um rumo desagradável.

— Só estou dizendo… — prosseguiu ele. — Não, obrigado. Não estou precisando de nada.

Ele se virou e voltou para o escritório.

Peguei minha bicicleta e saí pedalando com força, saindo pelo portão e subindo a estrada.

* * *

O supermercado estava abrindo e uma pequena multidão de madrugadores se reunia na entrada, esperando as portas se abrirem. Vaguei distraída pelos corredores, comprando somente o necessário em provisões e enfiando as compras na mochila.

Quando voltei, a marina estava deserta. O escritório, fechado; até mesmo a porta da lavanderia, que geralmente ficava entreaberta, estava totalmente fechada.

Subi a bordo do *Titia Jean* para ver se Malcolm e Josie estavam lá, mas encontrei a porta trancada. A maré começava a baixar. A água marrom cheia de lodo acariciava os cascos dos barcos.

Nada a fazer, então; eu estava sozinha. Voltei para o *Vingança da maré* e aticei o fogo que começava a se apagar dentro do fogão à lenha. Enquanto esperava o ambiente se aquecer, procurei o pacote. Comecei pelo depósito na proa, com a lanterna daquela vez, abrindo caixas e as deslocando metodicamente de um lado para outro, retirando as coisas do caminho, fazendo tudo bem devagar para me certificar de que… de quê? De que acidentalmente eu não o tinha colocado em outro lugar, de que não tinha tirado de onde estava sem perceber?

Era inútil. O pacote desaparecera.

Mesmo assim, segui em frente, ao mesmo tempo vasculhando e arrumando tudo, e colocando em algum tipo de ordem, de modo que na próxima vez que fosse até ali conseguisse encontrar o que procurava. O saco de tecido e as latas de tinta, perto da porta, pareciam zombar de mim, então resolvi que o melhor seria continuar fazendo coisas, me mantendo ocupada. Minhas mãos tremiam ligeiramente. Não era um bom momento para costurar; pintar seria uma

opção melhor.

Quando finalmente saí do depósito, o barco estava imobilizado sobre a lama. Fui dar uma olhada no quarto sobressalente. Estava exatamente como o deixara: com duas demãos de tinta. As paredes pareciam pálidas, quase transparentes sob a luz cinzenta do fim de tarde.

Peguei tinta e pincéis no depósito e abri a tampa da lata de tinta com uma chave de fenda grudenta. Não havia sobrado muito. Ainda que as tintas supostamente tivessem a mesma cor, sobre um revestimento de madeira como aquele, a mínima variação de tom ficaria evidente. Eu começaria pelo leito; desse jeito, se a tinta acabasse, poderia dar a última demão nas paredes com uma cor diferente, e não ficaria tão estranho se só uma delas tivesse um tom diferente.

O que restava na lata foi quase suficiente para o leito. Quando terminei, raspei o fundo da lata com o pincel, aproveitando até a última gota.

Eu estava lavando os pincéis na pia da cozinha quando ouvi um barulho do lado de fora. Subi os degraus e abri a porta da casa do leme. Malcolm estava no convés do *Scarisbrick Jean*. Ele me viu e abaixou-se às pressas, saindo do meu campo de visão. Não precisava perguntar por onde ele andara. Ele parecia ter brigado com um cortador de grama. Seu couro cabeludo avermelhado transparecia em meio a alguns cachos grisalhos.

— Malcolm! — gritei. — Gostei do seu cabelo.

Ele reapareceu, com uma expressão tão deprimida que pensei até que fosse chorar.

— Nunca mais — disse ele.

Eu caminhei até a prancha de embarque do *Scarisbrick Jean* para não ter que gritar. Ele ficou onde estava, um pé no degrau que levava à cabine, a mão direita apoiada no teto.

— Foi essa a vingança de Josie por você não ter reparado no cabelo dela no outro dia?

— Sem comentários — disse ele. Ele pressionava o teto da cabine com tanta força que suas articulações pareciam lívidas.

— Como vai a Josie? — perguntei. — Ela está de ressaca?

— Ela está tirando uma soneca.

— Ah — exclamei, e depois, perguntei: — Está tudo bem, Malcolm?

— Está — respondeu ele.

Não acreditei nele.

— Você parece bastante ocupado hoje, então…

— Estou um pouco, sim.

— Talvez possamos sair com o barco amanhã?

— É, talvez.

Tentei disfarçar minha decepção, mas a falta de sono e toda aquela situação caótica estavam tomando conta de mim. Malcolm me olhava atentamente, seu corpo bloqueando a visão da entrada, sua postura esquelética rígida.

— Tudo bem, então. Dá um alô para Josie.

Eu o deixei ali e voltei para a prancha de embarque do *Vingança*. Quando me virei para fechar a porta, ele continuava em pé, exatamente como antes, paralisado e imóvel, olhando diretamente para a frente.

* * *

O barco estava calmo e imóvel.

Resolvi lavar os pincéis e, quando ficaram limpos, coloquei-os em pé dentro de um pote de geleia vazio. Eu devia mesmo voltar para a cama, pensei, tentar dormir um pouco. Estava me sentindo entorpecida e vazia. Sentindo como se estivesse à espera de alguma coisa.

O som de um celular tocando, alto e dissonante, me assustou. O aparelho estava na estante da sala de jantar, debaixo de alguns papéis. Ele tocou duas vezes, antes que eu o encontrasse.

GARLAND.

— Alô?

— Genevieve?

Senti um alívio, ao ouvir sua voz.

— Oi, Dylan?

— Sou eu. Você precisa sair agora. Imediatamente!

— O quê?

— Saia do barco. Leve o telefone. Ligue para o Jim, está entendendo?

— O que está acontecendo?

— Você estava sendo vigiada. Mas eles se foram e não sei por quanto tempo. Fitz está a caminho para se encontrar com eles. Saia do barco. *AGORA!*

Trinta e seis

PEGUEI UM CASACO, as chaves e meus dois celulares. Subi correndo os degraus até a casa do leme e tranquei a porta atrás de mim, como se isso fosse impedir alguém de entrar. Disparei pelo pontão até o depósito da marina e tirei o cadeado da minha bicicleta.

Ao tirá-la do bicicletário, ouvi ruídos lá fora. Parei o que estava fazendo e me escondi atrás da porta do depósito, caso alguém resolvesse entrar. Escutei fragmentos de conversa. Pela fenda da dobradiça, pude ver dois homens em pé ao lado da porta fechada da sede. Um deles tinha um celular na mão.

Não reconheci nenhum dos dois. Ambos estavam de calça jeans, um usava casaco cinza e o outro jaqueta de couro preta. Os dois tinham mais de um metro e oitenta de altura e quase o mesmo de largura. Usavam o cabelo curto padrão dos "capangas". Estavam tendo uma conversa fervorosa, cujas palavras eu não conseguia distinguir. O mais alto, com a jaqueta de couro, parecia estar repreendendo o de casaco cinza. Entre uma e outra agressão verbal, o dedo em riste, ele se mexia sem parar, para poder vigiar a marina, na direção do rio. Na direção do *Vingança*.

Eu não ouvi o telefone tocar, mas naquele exato momento o homem mais alto levou o aparelho ao ouvido, mandando o outro ficar calado, erguendo o dedo.

Prendi a respiração. Ainda não conseguia ouvir o que ele estava dizendo, só o tom da sua voz. Urgente. Colérico.

Ele desligou, balançando a cabeça, frustrado. O de casaco cinza lhe perguntou alguma coisa e, como resposta, o outro balançou a cabeça mais uma vez.

Sem mais discussão, eles se viraram e saíram andando, afastando-se da sede. Eu me encolhi na parede do depósito, nas sombras, esperando que não ouvissem minha respiração, meu coração batendo acelerado.

Quando passaram, ouvi um deles dizer: "Porra, ele precisa tomar uma decisão, só isso. Estou cansado de levar esporro…"

E, cada vez mais baixo, à medida que davam a volta no prédio, o outro dizia: "…já estamos aqui há dias…"

Fiquei ali por um instante. Minhas pernas e minhas mãos tremiam. Olhei ao redor, dentro do depósito, que estava como sempre estivera — caixas que pertenciam a Roger e Sally, um freezer, uma velha barraca fechada dentro de uma bolsa de pano, que estava ali há tanto tempo que ninguém mais sabia de quem era; e, no canto, a antiga motocicleta Triumph de Cameron — ele a deveria estar reformando, mas nenhum de nós jamais o vira chegar perto dela.

A familiaridade de tudo aquilo me devolveu a segurança e minhas pernas começaram a ficar mais firmes. Observei outra vez pela fresta da porta. Ninguém à vista. Não dava para ouvir nada além do trânsito distante. Aproximei-me do vão da porta e saí pelo atalho de terra, que

estava deserto. Não havia ninguém ali. A porta dos fundos estava fechada, o escritório imerso na escuridão. Mais adiante, os barcos estavam sossegados, adormecidos em seus leitos de lama.

Os homens tinham virado à esquerda. Eu os segui, esgueirando-me pela entrada do depósito para ver se ainda estavam por lá. Nada. Fui até a porta. O estacionamento estava vazio.

Eles tinham ido embora.

Voltei para o depósito e peguei minha bicicleta. Por um momento, me ocorreu que eu poderia voltar para o barco, pegar algumas roupas e outras coisas de que poderia precisar. *Saia do barco*, dissera ele, *AGORA*.

Saí pedalando estrada acima, na direção da rodovia, espreitando simultaneamente a presença daqueles homens e dos carros estacionados. Mas até chegar na estrada, não havia nada, ninguém.

Consegui chegar até o castelo, o muro do lado de fora era coberto por trepadeiras selvagens que transbordavam dos parapeitos como lava. Carreguei minha bicicleta pelos degraus e entrei no terreno do castelo, onde encontrei um banco. Peguei os dois telefones no meu bolso. Queria ligar para o Dylan novamente, mas algo me dizia que seu telefone estaria desligado. Em vez disso, com o meu celular, liguei para Jim.

Ele levou um tempo para atender.

— Oi, é Genevieve.

— Oi — ele soava como se ainda estivesse zangado comigo.

— Dylan me ligou.

— O que ele disse?

— Disse para eu sair do barco. Disse que estavam me vigiando, e que eu devia sair do barco e ligar para você. Por isso estou ligando.

— Onde você está?

— No castelo de Rochester. Vim de bicicleta. Podemos… podemos nos encontrar em algum lugar?

Houve uma pausa, um som abafado, como se estivesse segurando o telefone com o ombro.

— Gen, estou trabalhando. Vai ser difícil sair agora. Você está em segurança, por enquanto? Tem certeza de que não foi seguida?

— Eu não vi ninguém. Não tem ninguém por aqui. Ninguém suspeito, pelo menos — falei, observando um casal que caminhava pelo gramado, empurrando um carrinho de bebê. Na rampa até o castelo, um casal idoso estava sentado num banco. A mulher ria, com as mãos no peito. Alguns estudantes com mochilas idênticas estavam deitados na grama. Dava para ouvir ao longe o som de uma música, que vinha de um celular.

— Vou mandar alguém até aí para buscar você, ok?

— Não precisa fazer isso. Estou bem aqui, há bastante gente — falei. — Jim, o que está acontecendo, porra?

— Não sei muito bem. Simplesmente, fique escondida. Vou encontrar com você, assim que for possível. Fique com o telefone na mão. Continue onde você possa ver outras pessoas e, se precisar, ligue para o número de emergência. Entendeu?

— Entendi.

Ele desligou.

Sentei no banco, sentindo uma raiva crescendo dentro de mim. Furiosa por me dizerem o que devia fazer e aonde ir.

Bem, em segurança ou não, eu não ia ficar ali esperando meu herói chegar para me salvar. Subi novamente na bicicleta e saí pedalando ladeira abaixo, na direção da estrada movimentada.

Trinta e sete

A ROCHESTER HIGH STREET estava deserta, flâmulas esvoaçando no espaço estreito entre os prédios históricos, como sempre, anunciando o próximo festival ou lamentando o fim do precedente. Os pneus da minha bicicleta avançavam sobre a calçada de pedras.

Apoiei a bicicleta na parede da entrada do café Dot, pedi um *latte* e um sanduíche de bacon, depois sentei numa das mesas de metal do lado de fora e enfiei a bicicleta atrás da minha cadeira. Ventava levemente e eu era a única pessoa sentada ali, mas aquilo me proporcionou um pouco de ar fresco e tempo para pensar.

Eu não contara a Dylan que o pacote tinha desaparecido. Achei estranho que não tivesse pedido para levá-lo comigo. Talvez ele já soubesse. Eu não conseguia me livrar da impressão de que ele podia ter ido até o barco e buscado o pacote.

A garçonete trouxe meu sanduíche de bacon. Comecei a comer e fiquei com a boca cheia. Eu não havia me dado conta de como estava faminta, até meu estômago começar a roncar e se contorcer ante a perspectiva de algo quente para digerir. Estava delicioso, e como dizia meu pai, mal tapou o buraco do dente. O *latte* ajudou a comida a descer. Continuei olhando para todos os lados da High Street, quase esperando ver os dois caras que estavam antes na marina.

Percebi que meu telefone estava tocando. Peguei-o no bolso e vi que era Jim Carling ligando.

— Alô?

— Gen, sou eu. Onde você está?

— Rochester High Street. Cadê você?

— Ainda estou em Londres. Estou indo para aí agora, mas vou demorar um pouco para chegar. Você está bem?

— Estou ótima.

— Você poderia me esperar no distrito policial?

— Não, obrigada — respondi. Eu podia pensar em lugares melhores para ficar esperando.

Ele suspirou, como se eu estivesse dificultando as coisas.

— Meu barco está correndo perigo?

— Como assim?

— Dylan me disse para sair do barco. Será que vão queimá-lo, ou coisa parecida?

— Não, claro que não — respondeu ele, um pouco rápido demais.

— Você quer dizer que não sabe.

Ele demorou para responder.

— Tenho que ir, agora. Não volte para o barco, ok? Promete?

— Você pode me dizer que merda está acontecendo?

— Eu não sei, ok? Se soubesse, eu diria.

— Certo.

— Vejo você daqui a pouco, está bem? Vou tentar chegar aí o mais rápido possível.

Eu subi a High Street na direção da catedral, empurrando a bicicleta ao meu lado, indagando o que faria nas próximas horas. Já estava no final da High Street. A ponte se estendendo à minha frente, o trânsito fluindo sobre ela, na direção de Strood, um trem passando, indo na direção de Londres. Eu estava tendo dificuldade de pensar de maneira objetiva. Tudo em mim me incitava a voltar para o barco. Já estava com saudades dele, sentia necessidade de voltar para lá, como se estivesse longe há meses, e não há meia hora. Queria voltar para casa. Indo de bicicleta conseguiria chegar à marina em dez minutos, talvez menos.

As portas do pub Crown estavam abertas, convidativas. Pensei em entrar e encher a cara; era mais uma opção. Ou poderia continuar pedalando até mais à frente, até a Esplanade, ir até o parque e os jardins, sentar num banco e ficar apreciando o rio. Não daria para ver a marina de lá, mas pelo menos eu estaria próxima dela.

Subi na minha bicicleta e me preparei para seguir sob a sombra do muro baixo do jardim do castelo, quando o telefone de Dylan tocou dentro do meu bolso. Deixei a bicicleta deslizar até parar ao lado de um banco desocupado, então apoiei-a nele e atendi.

— Alô?

— Que merda você pensa que está fazendo?

Era Dylan.

— Você me disse para sair do barco!

— Eu não disse para você ficar à toa no centro da cidade, onde todo mundo pode ver. Você perdeu o juízo?

Ele estava me observando. Olhei ao meu redor, pensando que ia vê-lo ali por perto. Nenhum sinal dele.

— Onde você está? — perguntei.

— Não importa. Porra, onde está o Jim?

— Ele disse que estava trabalhando. Em Londres. Ele virá me buscar.

Ouvi seu suspiro pesado. Houve uma pausa.

— Dylan! Eu preciso muito falar com você.

— Volte para a rua. Há uma van branca parada, está vendo?

Olhei para a Esplanade. Havia um enorme carvalho entre mim e a rua. Atrás da árvore pude ver a traseira de uma van branca.

— Estou.

— Então acelera, porra! — disse ele, desligando o telefone.

Pulei na minha bicicleta e pedalei de volta para a rua. Quando alcancei a van, a porta se abriu. Dylan estava atrás do volante. Ele não sorriu, sequer olhou para mim. Seus olhos estavam fixos na rua, olhando pelo retrovisor para ver o que acontecia atrás de nós. Pelo vidro entreaberto, ele disse:

— Ponha a bicicleta na parte de trás. Entre, feche a porta e se segure em algum lugar.

Fiz o que ele mandou, levantando desajeitadamente a bicicleta e empurrando-a para dentro daquele espaço escuro. Não havia onde prendê-la, então a deitei e depois bati a porta com força. Antes mesmo que eu pudesse me sentar no assoalho de madeira, a van arrancou.

Eu me sentei rapidamente e segurei a bicicleta pelo selim, quando ela deslizou na direção da porta traseira. Estava escuro lá dentro. Um fiapo de luz entrava pelas dobradiças da porta. A van

fez uma curva fechada para a esquerda e depois para a direita. Eu tentei raciocinar, meu coração disparado. Devia ser aquela rotatória pequena, o que significava que estávamos indo para a marina. Quando o veículo pegou uma reta, me arrastei até a parte de trás da van e achei um corrimão de madeira, no qual me agarrei. Com uma das mãos na bicicleta e a outra no corrimão, me preparei para mais uma curva brusca que se aproximava, o íngreme declive na direção do vilarejo de Borstal. A bicicleta, pesada, parecia ávida por escapar pela porta traseira.

Eu só vira seu rosto de relance. Sua expressão parecia mais ríspida do que de costume, após várias noites de muita vodca e pouco sono. Eu me espantei com a intensidade de minha excitação ao vê-lo novamente.

Escutei sua voz sobrepujar o motor, através da divisória de madeira entre a cabine do motorista e a carroceria.

— Está tudo bem aí atrás?

— Está. Para onde estamos indo?

— Para um lugar não muito longe. Em um minuto chegamos.

No alto da colina, a van parou. Dava para escutar o tique-taque contínuo da seta do carro. Como eu imaginava, a van virou à direita. Ainda na direção da marina, passamos por uma leve descida e outra aclividade. Na escuridão, lembrei da mesma estrada pela qual pedalara pela manhã, passando pela igreja, pela loja. A qualquer instante, ele desaceleraria e viraria à direita.

Mas a van não diminuiu a velocidade. Em vez disso, ela acelerou ligeiramente, a mudança de marcha provocando um ruído. Para onde estávamos indo? Tentei lembrar do que havia após a entrada para a marina, mas eu nunca passara por lá — havia uma estrada que levava até o vilarejo de Wouldham, uma pista sinuosa pelo campo, serpenteando sob a ponte Medway e acompanhando a curva do rio por quilômetros, seguindo na direção de Maidstone.

Então, repentinamente, uma curva à direita.

Aquilo me surpreendeu. Eu havia afrouxado a mão que segurava o corrimão de madeira e então comecei a arquejar, quando a bicicleta girou e as rodas chocaram-se com a lateral da van, meu pé esticado para segurá-la, enquanto eu escorregava pelas tábuas irregulares do assoalho. A van começou a andar mais devagar, balançando por conta dos buracos e, depois, passou por cima de uma saliência tão grande quanto uma montanha e bateu com a traseira em alguma coisa metálica.

O veículo parou. O motor estremeceu e parou de fazer barulho. Ouvi a porta do motorista se abrir e depois ser fechada com violência. Em seguida, a porta lateral da van foi aberta e a claridade brusca ofuscou minha visão. Dylan preencheu o vão da porta, deixando a luminosidade atrás dele. Larguei a bicicleta e me arrastei em direção à porta aberta, com a intenção de envolvê-lo em meus braços, mas, quando me aproximei, ele se virou e se sentou de costas para mim.

Fui me sentar ao seu lado. Minhas pernas balançando para fora do veículo. As dele tocavam o chão rochoso onde tínhamos estacionado.

— Onde estamos?

Ao nosso redor, havia apenas mato e árvores; através de uma brecha entre eles, pude avistar o rio. Podia ouvir o trânsito da autoestrada da mesma forma que o ouvia do convés do *Vingança*, mas só consegui vê-lo quando saí da van e me aproximei do espaço entre os arbustos.

Dava para ver a ponte, gigantesca, à minha direita, um de seus pilares a poucos metros de distância. Os carros passando por cima.

— Não se exponha — disse Dylan.

Desviando o olhar da altura vertiginosa da ponte, percebi onde estávamos — numa curva do rio, depois da marina. Eu conseguia ver a popa do *Vingança da maré* e um dos bordos do *Scarisbrick Jean*. Se avançasse um pouco mais, poderia ver todo o barco e grande parte da marina. Se desse ainda mais alguns passos na margem lamacenta, poderia ver até o estacionamento e a sede. Um pontão estreito, feito de paletas amarradas por cordas, se estendia sobre a lama. Eu me lembrei das pegadas que encontrara na lama, ao lado do postigo. Era naquele ponto que alguém, quem quer que fosse, tinha iniciado sua caminhada até o meu barco. Devia ter sido Dylan, portanto.

Pelo canto do olho pude ver algo se mover por lá. No convés do *Scarisbrick Jean*, a cabeça grisalha recém-cortada de Malcolm apareceu e logo depois sumiu. Eu recuei rapidamente para o abrigo dos arbustos e me virei na direção da van. Dylan tinha dirigido por um atalho e a estacionou entre duas árvores. Por causa do terreno rochoso, a van ficaria invisível; da margem norte do rio, só daria para ver a traseira dela, nada mais.

— É aqui que você tem ficado esse tempo todo?

Ele balançou a cabeça.

— Não sempre. Estou aqui direto há umas duas noites. Mas tive que voltar para Londres, na semana passada. E também fiquei um pouco por ali. — Ele apontou para o outro lado do rio, na direção de Cuxton.

O depósito de lixo comunitário ficava na margem oposta e eu podia imaginar a fila de carros esperando para jogar fora móveis quebrados, aparadores de arbustos e não sei mais o que dentro das caçambas.

Sentei ao seu lado novamente. Seus ombros estavam curvados e, quando olhei para suas mãos, apertando os joelhos, notei que tremiam. Coloquei minha mão sobre a dele e a apertei. Sua pele estava fria, áspera ao toque, as articulações escoriadas e sujas. Olhei para o seu rosto, mas ele estava com o olhar fixo no trecho que podíamos ver do outro lado do rio no espaço entre a mata.

— O que está acontecendo, Dylan? — perguntei calmamente.

Ele soltou um ruído, como um grunhido de total desespero. Um resmungo que queria dizer: *Por onde você quer que eu comece?*

— O que aconteceu com Caddy? — insisti.

— Estava no lugar errado na hora errada.

— O que você quer dizer?

— Fitz achou que havia alguém infiltrado. Pensou que fosse Caddy. E fez com que a seguissem. Ela foi seguida até o seu barco. Pelo que parece, eles a perderam de vista na marina, mas então, de repente, ela surgiu na frente deles. Não me pergunte como nem por quê, eu não sei. Ela começou a gritar. Um dos imbecis lhe deu um soco e ela caiu. Foi isso que contaram ao Fitz, pelo menos, quando voltaram para o clube.

Eu o encarei, aquelas palavras giravam num redemoinho dentro da minha cabeça.

— Você está dizendo que foi um acidente?

— Não, foram eles que agiram como um bando de idiotas. Foi um acidente ter acontecido perto do seu barco. Uma coincidência, eu acho. Exceto pelo fato de você ter convidado Caddy para a sua festa.

Era minha culpa, ele queria dizer. Eu ainda processava a informação quando me dei conta de que ele já estava dizendo outra coisa.

— …o problema é que Fitz não sabia onde você estava. Na verdade, ele quase esqueceu totalmente de você. Mas então, quando os dois imbecis voltaram para o clube e lhe contaram o que havia acontecido, depois de se acalmar, ele começou a se perguntar o que ela estava fazendo numa marina. Foi assim que descobriu onde você estava.

— E daí?

— Daí que agora ele pensa que você e Caddy estavam juntas em algum esquema. Ele não sabe qual. Mas, cedo ou tarde, a paranoia dele o fará inventar alguma coisa. E é por isso que você está numa tremenda enrascada.

— Pensei que era por causa do pacote — falei, vagamente.

Ele deu uma breve risada.

— O pacote? Você está falando daquele que eu entreguei para você? Acho que não. Não, a menos que você o tenha mencionado a alguém.

— Dylan. Alguém o pegou. Não sei quando. Tenho certeza de que estava lá na quinta-feira mas, hoje de manhã, quando fui ver, havia desaparecido.

Ele estava me encarando com uma expressão divertida. Não sei qual era a reação que eu esperava que ele tivesse quando eu lhe contasse que seu precioso pacote havia sumido, mas certamente não era aquela.

— Você nunca olhou o que havia lá dentro?

— Não. Claro que não. Apenas o escondi, como você disse que eu devia fazer.

Ele passou a mão na cabeça e suspirou.

— Vamos colocar da seguinte maneira: seja quem for o idiota que o pegou, ele vai ter uma bela surpresa ao abri-lo.

As nuvens estavam ficando densas sobre a ponte, movendo-se tão rapidamente que a ponte parecia estar oscilando e ameaçando cair a qualquer momento. Era de causar vertigem. O céu começava a escurecer.

— Por que você está aqui, Dylan? Se não veio para pegar o pacote, o que está fazendo aqui?

Ele não respondeu imediatamente, seu olhar atravessava as águas de tonalidade marrom acinzentada do rio e se fixava na margem oposta, nas árvores, na grama, ao longe, onde os carros faziam fila para chegar ao depósito e jogar fora o lixo.

— Estou aqui por causa de você, é claro — disse ele, tão baixinho que não tive certeza de ter escutado.

— De mim?

— Eu estava tomando conta de você.

Minha primeira reação foi reclamar que ele não havia feito um bom trabalho, considerando o número de vezes em que me senti ameaçada e assustada nos últimos dias, mas me calei a tempo.

— Fitz sabe que você está aqui? — perguntei, enfim.

— Claro que não.

— Onde ele pensa que você está, então? — indaguei, me lembrando de que Dylan era como a sombra de Fitz, o único em quem ele parecia ter total confiança, aquele que estava sempre ao seu lado.

Ele encolheu os ombros com um ar triste.

— Eu lhe disse que ia para a Espanha visitar Lauren.

— Você não voltará muito bronzeado.

Ele riu, então, um riso gutural que acabou virando um acesso de tosse.

— Não faço muito o tipo de quem iria querer se bronzear — disse ele.

— Não, imagino que não. Jim me disse que você talvez tivesse fugido.

— É mesmo? Isso é interessante.

— Você não atendia quando ele ligava, e também ignorava as minhas ligações. Por que você fez isso?

— Eu ligava para ele quando era preciso.

— E por que você me ligou uma noite depois de Caddy ter sido encontrada morta? Eu atendi o telefone, mas você ficou quieto.

— Queria saber se você estava bem. Só que o Fitz apareceu, e precisei fingir que estava ouvindo a caixa postal. Não é muito fácil fazer ligações particulares naquele lugar, você sabe disso. Há sempre alguém vigiando. Mas, de qualquer maneira — disse ele, com determinação —, eu não vou voltar.

— O quê?

— É uma longa história. Mas não quero mais fazer aquilo. Para mim já basta, que nem para você.

— O que você vai fazer então?

— Vou para a Espanha — respondeu ele. — Abrir meu próprio clube por lá, um bar, ou coisa parecida.

— Parece um ótimo plano. Dá até vontade de ir com você.

Ele então me olhou de verdade, pela primeira vez. Seus olhos estavam escuros, o brilho por trás deles, que sempre me fez achar que ele era insolente, mas não perigoso, como os outros, não existia mais.

— Essa não seria uma boa ideia — disse ele.

— Por que não?

— Fitz irá me procurar. Ele não costuma ser gentil com as pessoas que o deixam na mão.

— Como Caddy?

— É, como Caddy, por exemplo. Você precisa ficar num lugar seguro.

— Eu não estou exatamente segura aqui, não é? Por que deveria ficar?

Senti que ele ficou tenso, ao meu lado e, por um momento, me perguntei se havia dito algo errado. Eu estava quase esperando que ele perdesse a paciência e gritasse comigo.

Mas quando voltou a falar, sua voz saiu ainda mais branda. Uma resposta calma e ponderada.

— Não vai ser sempre assim.

— O quê?

— Você só está correndo perigo por causa do Fitz. Assim que derem um jeito nele, você ficará bem.

— Derem um jeito? — repeti. — O que você quer dizer com isso? Quem vai dar um jeito nele?

— Porra! — exclamou ele, aumentando o tom de voz pela primeira vez. — Você e suas malditas perguntas! E pensar que a razão de eu gostar tanto de você era porque você sabia ficar calada quando se tratava dessas merdas!

— Estou cansada de ser a única pessoa a não saber o que está acontecendo! Por que você não confia em mim?

— Eu confio em você. Mas há muita coisa que é melhor você não saber.

— O que havia naquele pacote, Dylan?

Quando ele respondeu, suas palavras foram tão inesperadas que pensei que não tinha entendido e foi preciso lhe pedir para repetir.

— O quê?

— Farinha. Apenas um saco de farinha. Com fermento.

Trinta e oito

ESTAVA COMEÇANDO A escurecer, as nuvens cinzentas no céu cada vez mais escuras, até que os postes de iluminação da outra margem se acenderam. Eu estava ao lado dos arbustos, olhando para a marina, entre os imensos pilares de concreto da ponte, e vendo o meu lindo *Vingança da maré*, e a forma menor do *Scarisbrick Jean*, ao seu lado.

— Por que diabo você me deu um saco de farinha para tomar conta? — perguntei e, como ele não respondeu de imediato, me levantei e me afastei dele, tentando descobrir sozinha. Nada fazia sentido. Cinquenta mil libras para cuidar de um pacote cheio de farinha?

— Eu precisava que você saísse de Londres — disse ele.

Olhei novamente para ele, ainda sentado no vão da porta da van.

— Você não teria ido embora — prosseguiu ele. — Eu não podia confiar em Fitz para manter Arnold longe de você. Você tinha se envolvido no negócio de Fitz, pois estava na casa dele naquela noite. E, como se isso não bastasse, a polícia iria inspecionar o clube e eu não queria que pegassem você no meio daquela merda toda. Sem o dinheiro, você não teria ido embora. E também não aceitaria o dinheiro, se eu o tivesse simplesmente oferecido, não é mesmo?

— Espere. Você sabia da inspeção antes de acontecer?

Ele me encarou, sem responder.

Aos poucos as coisas iam ficando mais claras.

— Você está trabalhando para a polícia.

Eu me lembrei do que Jim dissera. Ele contara que conhecia Dylan há anos. Eram amigos. E, à medida que eu começava a raciocinar, algo mais me ocorreu.

— Você é o infiltrado. Você está traindo Fitz.

— Estou.

— Meu Deus. Ele vai matar você.

— É, ele vai. Se me achar.

— Ele ainda não sabe de nada?

Dylan deu de ombros.

— Talvez saiba, talvez não. Para falar a verdade, era mais fácil quando ele desconfiava de Caddy. Sequer pensava em mim. E então, quando aqueles imbecis a mataram, ele começou a achar que era você.

— Se você tivesse ficado em Londres, ele não teria razão alguma para suspeitar de você. Se ele descobrir que, na verdade, você não está na Espanha…

— Pois é, quer dizer, é por isso que tive que dormir na porra dessa van nas últimas noites.

— Jim me contou que vocês são amigos há anos. Ele disse que vocês estudaram na mesma escola.

— É, quer dizer, o que mais ele podia contar para você? Não é o tipo de coisa que a gente solta no meio de uma conversa.

Fiquei de costas para ele e olhei para o solo rochoso, o vasto terreno lamacento, o rio e os barcos. Tudo estava tão sossegado por lá, como se nada fosse capaz de perturbar a paz. Voltei para a van e me sentei ao seu lado, protegida do vento.

— Por que os comparsas de Fitz revistaram o meu barco? E por que eles mataram Oswald?

— Quem é Oswald?

— O gato de Malcolm e Josie. Eles o mataram e o deixaram no pontão ao lado do meu barco.

— Não faço ideia. Talvez um deles fosse alérgico. Quando eles revistaram o seu barco?

— Faz quase uma semana. Eu lhe contei ontem, quando você ligou para o celular de Jim, lembra? Eles me amarraram e me deixaram desacordada. Quando voltei a mim, o barco estava todo revirado.

— Espere um pouco — disse ele. — Eles deixaram você desacordada?

— Foi.

— Mas eles só ficaram lá por alguns minutos. Aquele idiota do lado os afugentou.

— O quê?

— Você está falando de Nicks e Tony? Na noite de quarta-feira? Eles foram lá apenas para perguntar o que você conversara com Caddy e para dar uma simples advertência. Nada mais. Eu os vi entrando no seu barco e, três minutos depois, aquele cara desgrenhado apareceu e eles se foram.

— Eu apaguei completamente. Nick bateu na minha cabeça.

— Puta merda! Não me surpreende que eles acabem sempre matando alguém, é ridículo. Por que não conseguem simplesmente conversar com as pessoas?

Ele ergueu a mão sobre a minha cabeça e afagou meu cabelo. Era a primeira vez que tocava em mim.

Três minutos depois, aquele cara desgrenhado apareceu e eles se foram...

— Preciso voltar para o meu barco.

— O quê? Agora?

— É, agora. E você vem comigo.

— Acho que não.

— Vem, sim. Eu acabei de descobrir quem foi o idiota que pegou o pacote. E se não corrermos, vão matá-lo.

Trinta e nove

ESTÁVAMOS AO LADO da sede, olhando na direção dos barcos. Não havia o menor sinal de vida — ninguém se esgueirando pelas sombras, à espreita; ninguém no escritório, nos chuveiros ou na lavanderia. Ninguém perto dos barcos. Tudo estava calmo e silencioso.

Liguei novamente para Jim e dessa vez o telefone dele estava desligado.

— O que vamos fazer? — perguntei ao Dylan. — Devo deixar um recado?

Ele deu de ombros, toda a sua atenção voltada para os barcos. Depois, deu alguns passos na direção do pontão.

— Jim, sou eu. Só para avisar que estou com Dylan. Estamos voltando para o barco. Encontre com a gente lá, ok?

Havia sangue sobre o convés do *Scarisbrick Jean*. Eu pude notar isso quando Dylan e eu descemos pelo pontão a caminho do *Vingança da maré*.

Era uma mancha, um longo traço marrom avermelhado ao longo do convés de madeira tão bem cuidado de Josie, como se alguma coisa grande ou pesada tivesse sido arrastada sobre ele. A mancha ia até a cabine, cuja porta estava fechada e trancada. E havia uma nódoa, a marca de uma mão talvez, sobre a amurada, como se alguém com as mãos ensanguentadas tivesse se apoiado ali ao sair do barco.

— Ai meu Deus! — exclamei. — Olhe. Tem mais ali…

Havia outra marca parecida na amurada do *Vingança da maré*, uma mancha também. Marcas de sangue no convés.

Dylan entrou primeiro. Ele parecia diferente, tenso, seu corpo sólido dava a impressão de estar ainda maior do que alguns minutos antes. Ele estava se preparando.

A tranca da porta estava quebrada. Segui Dylan pelos degraus até a cabine, e lá estavam eles. A sala estava lotada. Parecia um reencontro sinistro com as pessoas do Barclay. Fitz, bem diferente, usando calça jeans e tênis de marca, e Nicks refestelado no sofá, todos se sentindo em casa. Dentro da cozinha, para meu horror, Leon Arnold estava apoiado no fogão, e o cara que vigiara a porta na noite em que ele me atacara — Markus? — sentado à mesa da sala, balançando as pernas como se estivesse feliz da vida.

Desviei meu olhar deles.

E no chão, com os punhos atados nas costas e imóvel, estava Malcolm. Seu cabelo grisalho e curto manchado de vermelho. Seus olhos estavam fechados.

— O que vocês fizeram? — perguntei ao Nicks, arquejando de raiva. — O que o Malcolm fez a você, seu idiota?

Fitz sorriu para mim.

— Ele pensou que tinha um cérebro. Não é mesmo, seu merda?

Ele se preparou para chutar as costas de Malcolm, que se curvou, afastando-se, gemendo feito um animal.

— Não faça isso! — gritei. Agachada, toquei na sua cabeça, tentado descobrir de onde o sangue estava vindo.

Seus olhos se abriram em pânico. Ele sussurrou:

— Desculpe…

— Está tudo bem — falei, e acrescentei, insensatamente: — Não se preocupe.

— E aí, Dylan? — disse Fitz. — Bom ver você, camarada. A Espanha não lhe agradou muito, não foi?

Dylan não respondeu imediatamente, apenas se manteve imóvel, entre mim e Nicks, de costas para a porta.

— Você não devia estar aqui, Fitz. Não sei onde está a pessoa infiltrada, mas não é aqui.

Fitz começou a rir e Nicks também, os dois rindo juntos como se fossem colegas arruaceiros de escola.

— Eu sei exatamente onde está esse infiltrado, meu velho Dylan. Você acha que estou aqui por causa dela? Você acha que eu sou burro ou coisa parecida. Não acha?

Ele se levantou e caminhou na direção de Dylan, que se manteve firme. Ele certamente não tentaria nada, não é? Dylan tinha pelo menos trinta centímetros a mais do que ele e o dobro da sua força.

— Estou aqui por causa de *você* — disse Fitz. Sua voz era quase gentil, mas ao falar, ele encostou o dedo indicador na costela de Dylan.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou Dylan, sua voz ainda casual, direcionando o olhar para a cozinha.

— Estou cuidando dos meus interesses, camarada — disse Arnold. — Assim como você.

Dylan soltou um grunhido.

— Que interesses?

— Nós tínhamos um acordo — disse Fitz —, antes de você se meter e foder a porra toda para nós.

Onde estaria Josie? Talvez ignorassem sua existência. Talvez estivesse em segurança, fazendo compras em algum lugar. No chão, Malcolm deu outro gemido, um mais longo dessa vez.

— Eu *disse*, cale essa boca, porra! — exclamou Fitz, acertando um chute no ombro de Malcolm.

— O Dylan está aqui só para me ver, não há outra razão.

— Eu sei disso, querida — retrucou Fitz, olhando para mim de verdade pela primeira vez. — Ele tem andado meio distraído, ultimamente, não é mesmo, camarada? Não consegue mais se concentrar no trabalho? Engraçado isso. E você veio parar neste fim de mundo, não é? Onde estamos? Kent? E que surpresa, aí está o Dylan, pronto para tomar conta de você. Comovente, eu diria.

— Deve ser o amor — disse Nicks, e eles começaram a rir.

— Olhe — falei, minha paciência se esgotando —, estou ficando cansada disso tudo. Pegue o que você quiser aqui e saia do meu barco. Deixe-nos em paz. Deixe todos nós em paz.

— Temos algo a resolver antes, não é mesmo, Dylan?

Dylan se virou, olhando para mim e então, por um segundo, eu vi o antigo Dylan, o cara

que costumava me observar dançando com o rosto impassível, não revelando nada com sua expressão, mas, de algum modo, dizendo muito mais com os olhos.

— Você precisa ir embora — disse ele para mim, com tranquilidade. — Pegue o Malcolm e vá embora.

— Acho que não, minha querida — interrompeu Fitz.

— Deixe-a ir — disse Dylan. — Você não precisa dela aqui. Já conseguiu o que queria.

— Ainda não.

Como uma criança petulante exigindo atenção, Malcolm gemeu outra vez e soluçou, mexendo as pernas.

Eu não sabia ao certo o que estava esperando. Estava atenta, ciente de que aquele confronto não seria fácil ou simples, mas não esperava de jeito algum o que veio em seguida.

— Porra, cale essa boca, seu merda.

Fitz sacou um revólver da cintura da sua calça jeans e mirou em Malcolm. Eu vi a arma um segundo antes de ele disparar. O som do disparo foi ensurdecedor, dentro do exíguo espaço da cabine, e eu dei um pulo para trás, sem perceber o momento em que o corpo de Malcolm se contorceu no chão. O sangue começou a escorrer de um ferimento no seu ombro. Ele gritou mais uma vez e depois ficou em silêncio e imóvel.

Tapei minha boca com as mãos, chocada. Lutando para respirar. E então tudo ficou muito, muito pior. Fitz estava apontando o revólver diretamente para a cabeça de Dylan. Eu dei um berro e comecei a gritar "Não, não, não!" e Markus me segurou pelo braço, me levando para o quarto.

Dylan deu um passo na minha direção e, pela primeira vez, eu vi o medo em seus olhos.

— Não! — exclamou ele.

E então, Leon Arnold apareceu e tapou meu campo de visão, enquanto ambos me levavam para o quarto e fechavam a porta. Markus acendeu a luz e eu me soltei, correndo para a porta.

— Não, não — disse Arnold, entrando na minha frente. — Você não quer ver o que ele vai fazer, não é mesmo, Viva?

Tentei passar por ele para alcançar a porta, mas ele me deu um tapa no rosto. Não parecia ter colocado muita força no braço, mas ainda assim eu saí do chão e caí na cama. Minha cabeça girava, quando me sentei. Ouvi um grito vindo da sala. A voz era de Dylan ou de Malcolm? Um gemido de dor intensa, acompanhado por um baque, como se algo pesado tivesse caído no chão.

— Dylan! — gritei o mais alto possível, soluçando no final do seu nome, quando Markus se aproximou de mim e me colocou de pé, antes de acertar um soco na minha cabeça.

Antes de desabar no chão, pude ouvir Leon Arnold rindo. Depois, meus ouvidos começaram a zumbir, senti sangue na boca e durante algum tempo fiquei desacordada.

* * *

Estavam me levantando do chão. Solucei e tossi, puxando com os dedos enfraquecidos as mãos que agarravam meus braços. Em seguida, me jogaram sobre alguma coisa macia — minha cama? Abri os olhos. Tudo girava de forma confusa à minha frente, e as emoções por trás disso eram incongruentes — e então, com o coração esmurrando meu peito, me dei conta de que

estava em meu quarto com aqueles dois homens e a porta fechada. E lá fora, na sala, ruídos e gritos…

— Dylan! — berrei.

— Esqueça. É um homem morto — disse Markus.

Acho que era a primeira vez que eu o ouvia dizer alguma coisa. Tinha um sotaque de algum lugar da Europa Oriental. As palavras e o jeito como as pronunciou gelaram meus ossos.

— Deixem-me ir embora — implorei. — Por favor, deixem-me ir embora. — Minha própria voz parecia esquisita, fraca em meio ao zumbido que arrebentava meus ouvidos. Toquei meu queixo com a mão, um lado do meu rosto estava latejando.

Leon Arnold vasculhava minhas roupas. Tinha aberto as gavetas e estava retirando várias peças íntimas. Tentei me levantar da cama, mas Markus me empurrou com uma só mão.

— O que você está fazendo? — perguntei, minha voz soou aguda e amedrontada. — Largue isso, essas coisas são minhas.

Na parte de trás do gaveteiro, ele encontrou algo que lhe interessou.

— O que você acha disso, Markus? Que tal?

Com a ponta de seus dedos ele balançava uma calcinha de lantejoulas. Eu havia esquecido completamente que a deixara ali — a última das lingeries sensuais de meus dias de dançarina.

Senti-me enjoada ao ver aquilo.

— Ponha isso no lugar — ordenei, tentando injetar força na minha voz, ter mais controle sobre ela.

Então, ele pareceu perceber minha presença e se aproximou da cama.

— Você vai querer tornar as coisas mais difíceis, Viva?

— Cai fora do meu barco, seu homenzinho nojento.

Ele achou graça.

— Isso é um sim, então.

Ele me empurrou para trás e, antes que eu pudesse me mexer ou me debater, seu antebraço veio parar sobre o meu pescoço, seu rosto tão perto do meu que pude sentir seu hálito. Finquei os dedos em seu braço, esperneando e arranhando-o com minhas unhas pateticamente curtas. Então, alguém segurou minhas pernas. Enquanto eu me debatia, tentando resistir, senti alguém — devia ser Markus, embora só conseguisse ver Arnold na minha frente — abrindo minha calça jeans.

Pensei em Jim. Queria tanto que ele aparecesse para nos salvar. Queria que estivesse ali e levasse aqueles homens horríveis embora. Pensei nele até começar a ouvir sirenes, muito distantes, se afastando, se aproximando e voltando a se distanciar.

Tentei falar, tentei dizer não. Mas não conseguia respirar, muito menos falar. Quando ele aliviou a pressão sobre a minha garganta, respirei fundo e comecei a tossir, ofegante.

Arnold sentou-se amistosamente ao meu lado sobre a cama, enquanto Markus arrancava minha calça. Tentei chutá-lo com toda a minha força, procurando atingir sua cabeça.

Foi um erro. Arnold me empurrou novamente, dessa vez agarrou meu pescoço com a mão e apertou-o com os dedos.

— Viva — disse ele —, se continuar reagindo, vai se machucar. Está entendendo?

O pânico crescia dentro de mim. Eu assenti, com os olhos arregalados. Ele soltou meu pescoço e, enquanto eu arfava e recuperava o fôlego, ouvi o ruído inequívoco do motor sendo

ligado. Bruscamente, Arnold se levantou da cama e saiu do quarto.

Aquilo me deu um susto tão grande que ergui um pouco o corpo. O barco todo rangia e balançava. Podia escutar a água batendo na popa, e o som do rio tocando o casco. As chaves ainda estavam no bolso da minha calça. Deviam ter feito uma ligação direta. O que pretendiam fazer?

Markus estava sentado na beira da cama, olhando na direção da porta.

Naquele momento, eu poderia ter tentado reagir — estrangulá-lo, talvez, agredi-lo com alguma coisa —, mas não havia nada ao meu alcance. Minhas mãos tremiam e o espírito de luta havia evaporado. Restara apenas o medo.

Afastei-me dele, me encolhendo no canto da cama, abraçada aos meus joelhos. Tentando desaparecer.

Escutamos um grito vindo da sala, algo que não consegui entender. Markus foi até a porta e olhou para o lado de fora, na direção do corredor — ele estava falando com alguém? Depois, bateu a porta e apoiou as costas nela, ficando de frente para mim. Protegendo a entrada.

Eu avancei lentamente até a beirada da cama. Minha calça jeans estava no chão. Estendi o braço para pegá-la, esperando que ele me impedisse a qualquer momento, gritasse comigo ou até me batesse. Consegui puxá-la para perto, bem devagar, como se ele só fosse capaz de detectar movimentos rápidos, como se fosse alguma espécie de animal selvagem que eu tentava não perturbar.

Ele continuava sem olhar para mim. Parecia que eu não existia para ele, como se estivesse ali para tomar conta do quarto e de tudo que houvesse lá dentro.

Os soluços voltaram, quando acabei de me vestir. Eu me encolhi em posição fetal no canto da cama, de costas para a porta, o corpo tremendo.

Ainda estava enroscada desse jeito quando Arnold voltou.

— Levante-se — ordenou ele.

Não me mexi e ele agarrou o meu braço, fincando os dedos e me arrastando da cama. Soltei um grito de dor e medo, segurando minha calça pela cintura, aterrorizada ante a possibilidade de tirarem minha roupa outra vez. Mas ele precisava de mim para outra coisa.

— Suba até o convés. Fitz quer que você conduza o barco.

Conduzir o barco?

Entrei na sala, cambaleando. O barco se movia e balançava como nunca fizera antes. A maré estava subindo, mas não rápido o suficiente — a cada instante, eu sentia um tranco e algo raspando no casco quando o barco tocava o leito do rio.

Havia dois corpos no chão: Malcolm e Dylan. Em pé, ao lado deles, Fitz com o revólver na mão, apontando para a cabeça de Dylan.

Horrorizada, levei a mão à boca, contendo um grito. Não conseguia dizer nada.

Toda aquela cena me pareceu absurda. Meu barco, meu lindo barco, se transformara num lugar estranho com aquelas pessoas a bordo, com tudo aquilo acontecendo lá dentro.

Então percebi uma coisa. Se Fitz estava apontando a arma para Dylan, era porque ele estava vivo. E, naquele instante, ouvi-o fazer um barulho. Sua cabeça estava coberta de sangue, como se tivessem batido nele repetidas vezes. Ele estava deitado numa posição desconfortável, meio de costas, com as pernas abertas. Seu pé se mexeu. Ótimo. Estava vivo. E então, eu vi a mão de Malcolm se erguer e se mover num gesto vago e gracioso, antes de cair sobre seu peito.

— Vá até lá em cima — disse Fitz, virando a cabeça na direção da casa do leme. — Suba logo e eu não acabo de uma vez com esse babaca do seu namorado, pelo menos por enquanto.

Ao me arrastar pelos degraus, pude ouvir o som de sirenes. Nicks me esperava no alto da escada. Suas mãos estavam sobre o timão, mas ele não conseguia controlá-lo, primeiro por conta da força da maré e depois por causa do lodo, o leme arrastando no fundo. O motor rugia e vibrava, eu sequer conseguia ouvir meu próprio pensamento.

— Você — berrou ele —, segure o timão. Vamos sair do raso. Entendeu?

— Precisamos do Malcolm — respondi. — Nunca fiz isso antes.

— Quem?

— Malcolm, o cara que levou um tiro lá embaixo. Ele conhece o rio.

O *Vingança* estava à deriva, a cerca de quinze metros do pontão. Pude ver algumas luzes azuis piscando, vindo na nossa direção. A marina estava imersa na escuridão.

O barco deu outro tranco, mais forte dessa vez, o suficiente para fazer Nicks perder o equilíbrio.

— Estou dizendo, precisamos do Malcolm! — gritei mais uma vez para ele.

Ele enfiou a cabeça pela porta da cabine e falou alguma coisa com Fitz. E então, pouco tempo depois, Malcolm foi arrastado para cima. Consciente, sangrando, mas ainda era o Malcolm. Ele olhou para mim, apertando os olhos e franzindo as sobrancelhas, como se não fizesse a menor ideia do que estava acontecendo.

— Você está bem? — perguntei, tentando fazer com que se concentrasse em mim.

— Estou, estou… — respondeu ele.

— Você precisa assumir o barco — falei, colocando sua mão no timão.

Ele parecia perdido. Nicks estava no vão da porta da cabine, conversando com Fitz. Eu me aproximei de Malcolm, o suficiente para sentir o cheiro de suor, sangue e medo.

— Você precisa assumir o comando, ok?

Finalmente, ele entendeu. Agarrando o timão, ele o girou devagar, fazendo o *Vingança* se afastar do pontão. As luzes azuis começaram a piscar no portão de entrada da marina. Um veículo entrou no estacionamento e, logo depois, outro.

O *Vingança da maré* se soltou da lama e oscilou ao entrar no fluxo do rio. Malcolm fez o barco descrever um círculo, na direção da margem da cidade de Strood. Nicks deu um passo para trás, dando passagem para Fitz, que subiu a escada até a casa do leme. Eu saí do caminho. Ele tinha sangue nas mãos, sangue na sua calça jeans. Ainda segurava o revólver. O barco roncava, navegando pelo meio do rio, distanciando-se da margem e dos policiais que se agrupavam no pontão, as lanternas na nossa direção, iluminando a casa do leme.

— Para onde vocês querem ir? — perguntou Malcolm.

Fitz estava dando um tapinha no ombro de Nicks, como se tivessem feito algo esperto, enganando os canas, fugindo debaixo de seus narizes.

— Sei lá, camarada. Só continue navegando por enquanto, ok?

Malcolm girava o timão devagar, e cada vez que fazia isso colocava as mãos na posição de ponteiros marcando duas horas. Fitz e Nicks foram até a popa, vigiar o pontão. Eu me perguntei o que Malcolm estava tramando. O *Vingança* seguia bem na direção da outra margem.

Fitz estava rindo e colocava as mãos em concha sobre as orelhas, enquanto os policiais no

pontão gritavam sem que conseguíssemos ouvir. Nicks estava ao seu lado, quase debruçado sobre a amurada.

— O que foi que você fez, Malcolm? — perguntei, tentando fazer com que olhasse para mim.

Ele balançou a cabeça.

— Malc! Você telefonou para ele? — insisti.

— Eu estava tentando ajudar, ok? Tentando me livrar do pacote para você.

— Mas *vendendo-o para Fitz?*

— Eu sei, eu sei. Não foi muito inteligente da minha parte.

Olhei por cima de seu ombro para Fitz, que parecia ter desistido de zombar dos policiais. Ele exibia um ar contente, como se tivesse acabado de realizar o melhor negócio da sua vida.

— O que vocês dois estão cochichando? — berrou ele. — Vamos em frente, seu otário!

Voltei a olhar para Malcolm e sua expressão parecia determinada, concentrada, havia um brilho nos seus olhos que eu nunca vira antes.

— Prepare-se — disse ele, e eu só entendi o que ele quis dizer quando houve um forte estrondo, como uma explosão.

O barco parou bruscamente e eu fui catapultada para o lado, caindo pela escada e batendo com as costas no chão da cabine. Deslizei para trás sobre as tábuas de madeira e minha cabeça bateu em algum lugar, provavelmente em um dos armários da cozinha.

Meus ouvidos estavam zunindo com o ruído do motor, mais alto do que antes, a vibração aumentando e fazendo xícaras e pratos estremecerem. Um livro, alguns papéis e uma tigela caíram da mesa da cozinha sobre a minha cabeça. E, além disso, gritos, berros e barulhos vinham do convés.

Eu me esforcei para levantar e consegui ficar em pé. O barco inclinou para o bombordo e a sala ficou num ângulo estranho. Dylan tinha rolado e estava deitado em meio a pedaços de móveis quebrados, almofadas da sala, encostado na parte de trás do sofá. Eu me arrastei até ele.

— Dylan! Está me ouvindo?

Seu rosto, seu pobre rosto. Mesmo no escuro, podia ver que estava todo ensanguentado. Chorando, toquei em seu rosto.

— Sinto muito — solucei. — Eu devia ter escutado você, eu devia ter escutado você.

Ele então emitiu um som, quase um grunhido. Sua tosse sobrepujando o barulho do motor. E ele disse alguma coisa, mas não consegui entender.

— O quê? — aproximei meu ouvido da sua boca. — O que você disse? Fale de novo.

— Eu disse tudo bem.

Beijei seu rosto e senti o gosto de sangue. Ele tossiu outra vez, ergueu um braço e me empurrou para longe. Eu teria que deixá-lo ali.

Uma arma, eu precisava de uma arma. Voltei me arrastando até a cozinha. Todas as facas haviam caído do suporte, exceto uma: a faquinha de cortar legumes. Não adiantaria muito contra o revólver de Fitz, mas era o melhor que havia à mão.

Subi os degraus outra vez. Malcolm estava ali, apoiado na parede de madeira da casa do leme, segurando a própria cabeça. O sangue escorria de um corte no supercílio. Fitz estava caído no chão, imóvel.

— O que aconteceu? — berrei. — Onde está o Nicks?

Ele apontou para o convés e eu fui lá verificar.

Nicks caíra do convés e estava dentro d'água. Mas nós tínhamos encalhado. Na penumbra, eu podia vê-lo, nadando e andando com dificuldade na direção do barco. A maré subia visivelmente e a correnteza puxava suas pernas para trás. Quanto mais ele se debatia na lama, mas ela o engolia. Então ele se inclinou para a frente. Começou a tentar se levantar apoiando as mãos na lama, as pernas presas até os joelhos. Ele nunca conseguiria.

Enfiei a faca no bolso e fui até o armário do convés. Encontrei os coletes salva-vidas e peguei um lá de dentro. Eles tinham vindo junto com o barco. Eu não fazia a menor ideia se já haviam sido usados ou se estavam em bom estado.

— Ei! — gritei.

Nicks se debatia dentro d'água, lutando para se manter à superfície. Ele tentou se virar, mas ao fazer isso, se desequilibrou e caiu novamente.

Joguei o colete salva-vidas para ele, que voou e caiu a poucos metros dele, mas poderia muito bem ter sido a um quilômetro. Ele se esticou e tentou alcançá-lo. Por um milagre, conseguiu soltar uma das pernas da lama, mas então caiu, para trás, outra vez. Naquele momento, a popa do barco começou a se movimentar por causa da maré e, sem ninguém no timão para guiá-lo, ele se virou lenta e graciosamente, descrevendo um arco. O motor o impulsionou com força e rapidez e, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, vi o rosto de Nicks iluminado pelas lanternas no pontão e vi o medo em seus olhos à medida que o casco do barco avançava na sua direção.

Houve um baque, um estrondo, e o barco passou por cima dele. Corri até o bombordo, esperando vê-lo surgindo do outro lado, mas não vi nada. Nada.

Em seguida, ouvi outro barulho, um grito e uma colisão. Fitz estava lutando com Malcolm no convés, os dois rolando de um lado para o outro até acabarem embolados na amurada do bombordo. Fitz socava o rosto de Malcolm, sem parar, seu punho ensanguentado, o sangue espirrando para os lados.

— Pare! Pare! — gritei, minha voz sumindo com o rugido do motor e sendo levada pelo vento.

Tentei puxar Fitz pelas costas, mas ele estava cheio de lama e escorregadio. Toquei a faca. Ela era pequena, uma mera faca de cozinha, mas antes que pudesse pensar duas vezes, enfiei-a na parte de cima de seu ombro. Sem muita força e sem afundá-la demais, apenas o suficiente para fazê-lo parar.

O sangue começou a escorrer do ferimento para o tecido, se espalhando como uma flor vermelha. Ele se virou, tentando se erguer. Malcolm ficou caído, seu rosto virado para o armário do convés.

— Para que você fez isso? — berrou Fitz para mim, tocando no ombro para sentir o ferimento. — Você enlouqueceu, porra?

A faca ainda estava na minha mão e ele tentou pegá-la. Eu a segurei firme e, quando Fitz se virou para mim, houve um barulho, um tiro, abafando o som do motor, ecoando no ar. Eu não senti dor alguma. Olhei assustada para o meu corpo, esperando ver sangue, esperando ver um ferimento em algum lugar. Então Fitz deu um grito e caiu no chão.

Malcolm estava imóvel. Fitz estava deitado em posição fetal, gemendo de dor.

Mais alto que aquele barulho e acima do doloroso rangido do motor, pude ouvir mais sirenes. Pareciam soar mais forte, fazendo meus pés e meu peito vibrarem num ritmo dissonante. E outro ruído, remoto, um helicóptero… não muito longe dali.

Dylan. Onde estava Dylan?

Desci correndo os degraus. Estava tudo escuro, a cabine estava uma bagunça e o chão, molhado, escorregadio por causa do sangue. Olhei na direção do sofá. Ele não estava lá.

O motor, por fim, estalou e morreu. Só então pude ouvir com nitidez o barulho do helicóptero e, pela porta da casa do leme, vi o holofote iluminando o convés do barco. Havia sangue nas paredes e no chão. A marca de uma mão ensanguentada sobre o revestimento da parede, perto da porta do meu quarto. Pude ouvir um ruído, algo se movimentando. E, de repente, um estrondo, o som de madeira rachando e se partindo.

A porta estava aberta. O quarto estava uma tremenda desordem, uma grande bagunça com roupa de cama e manchas de sangue nas paredes. No chão, ao lado da cama, Leon Arnold estava caído e imóvel, as pernas dobradas sob seu corpo.

Outra vez, ouvi o mesmo barulho. Olhei para a esquerda, para a porta aberta do outro quarto. Dois vultos lutavam lá dentro, agarrados e se esmurrando. Levei um tempo para perceber que deviam ser Dylan e Markus, mas quem era quem? E o que eu podia fazer?

No canto do quarto, caída de lado, estava minha caixa de ferramentas. Peguei o instrumento mais próximo, uma plaina, pesada e sólida. Naquele instante a luz entrou pelo postigo, e eu vi Dylan deitado no chão e Markus ajoelhado sobre o peito dele, com um pedaço de madeira que tinha arrancado da extremidade do leito, uma estaca de meio metro erguida à altura de seu ombro, pronta para perfurar o crânio de Dylan.

Devo tê-lo atingido com a plaina. Eu ainda a segurava e ele estava caído no chão, quase sem se mexer e se inclinando no que restava do leito.

Larguei a plaina. Eu estava ajoelhada ao lado de Dylan, sem saber onde podia tocá-lo, sem saber como ajudá-lo.

Houve um alvoroço na cabine, gritos e passos, luzes iluminando o corredor. Pensei que era Fitz. Cobri Dylan com meu corpo, segurando-o e o protegendo.

Quarenta

O HOSPITAL NO meio da noite: um lugar capaz de destruir sua alma.

Nas duas últimas horas, Josie e eu tínhamos ficado sentadas nas mesmas cadeiras duras de plástico aparafusadas ao chão. Antes disso, fomos autorizadas a ver Malcolm, ou pelo menos, Josie foi. Eu observara pelo vão da porta, já que um policial ficou ao meu lado, no caso de eu fazer alguma coisa, ou dizer algo, ou tentar fugir — eu sequer sabia o motivo. Mas a polícia estava ali de qualquer jeito. Depois de um tempo, parei de prestar atenção e, quando olhei ao redor, o policial tinha sumido e uma policial tinha tomado o seu lugar. Ela falou comigo, coisas aleatórias que na hora fizeram sentido, e eu assenti com a cabeça e disse:

— Ok. Está bem.

Isso pareceu contentá-la, pois em seguida se calou.

A policial havia trazido para mim um copo com um líquido marrom que podia ser café. Queimei a garganta, mas quase não senti. Minha mente tentava elucidar o que acontecera, porém, nada fazia sentido. Aquilo tudo borbulhava dentro do meu cérebro e cada nova versão parecia de algum modo equivocada, defeituosa ou deficiente.

Josie desistira de me fazer perguntas. Toda vez que ela mencionava o nome de Malcolm, eu começava a chorar. Ela me contou que tinha ido até o *Scarisbrick Jean* e encontrado farinha, vários sacos e uma boa quantidade jogados no chão. Havia farinha por todos os lados. Ela não fazia a menor ideia do que se tratava.

Essa era a única parte que fazia sentido para mim. Malcolm pegara o pacote no depósito, achando que continha droga. Depois, telefonou para eles, fez contato com Fitz, acreditando que o pacote fizesse parte de um carregamento de droga que pertencia à gangue de criminosos. E Fitz viera pessoalmente resolver aquela confusão, achando que talvez alguém o estivesse enganando, subtraindo a droga que ele importava, e que o material estava no barco de Malcolm e Josie. E é claro, quando abriram o pacote na frente de Malcolm, pobre Malcolm, que era um péssimo criminoso, assim como era péssimo em tudo, e que não pensara em olhar o conteúdo do pacote antes, os quilos de cocaína que esperavam encontrar não passavam de um punhado de farinha fermentada.

— É aquele cara que estava lá antes — disse Josie.

Eu ergui o olhar. Jim Carling vinha andando pelo corredor, em nossa direção.

Estava vestindo calça jeans e jaqueta marrom, franzindo o cenho e olhando para os lados, como se estivesse perdido e furioso consigo mesmo por não saber o que estava acontecendo.

Fiquei em pé, querendo gritar seu nome ou acenar em sua direção, mas incerta sobre o que ele diria, como reagiria. Mas, quando me viu, ele sorriu. Tocou delicadamente meu braço, como se quisesse me abraçar, mas eu me esquivei. Ficamos constrangidos, a alguns passos de distância. Aquele, afinal de contas, era um encontro profissional e não social.

— Onde você estava? — Foi a primeira coisa que eu disse.

— Tentei chegar lá. Assim que falei com você, acionei duas viaturas para irem à marina…

— Eles quase o mataram, Jim. Quase mataram Dylan. E Fitz atirou em Malcolm. Foi horrível, foi… — comecei a chorar novamente, as lágrimas pareciam se esgotar só por alguns minutos.

Ele me tomou nos seus braços e, dessa vez, não o impedi. Meus soluços aumentaram, saindo do meu controle e ele me abraçou mais forte, afagando meu cabelo, sussurrando palavras tranquilizadoras que, de alguma forma, em vez de melhorar, pioravam tudo.

Finalmente, ele disse:

— Vamos dar uma volta.

Os soluços haviam amainado, transformando-se em espasmos, mas minhas mãos ainda tremiam. Ele pôs o braço sobre meus ombros e me conduziu pelo corredor, passando pela recepção, indo até a porta de entrada.

Lá fora estava frio, e o ar, fresco. Respirei fundo. Nunca mais deixaria de dar a devida importância a respirar ar puro. Avistamos um banco de madeira e ficamos sentados ali por algum tempo, no escuro. Eu me perguntei se ele viera para me contar que Dylan estava morto. Tinham-no levado na ambulância. Sempre que eu perguntava, ninguém parecia fazer a menor ideia do que acontecera com ele.

— Você está sabendo que vai ser presa? — perguntou ele.

— Acho que eu o atingi com uma plaina.

— Sei, mas não me diga nada. Eu não quero saber disso. Estou apenas avisando.

— Como está o Dylan? — perguntei. — Você soube de alguma coisa? Não querem me contar nada.

A expressão de Jim era séria.

— Ele vai ficar bem — disse ele.

— Você o viu? Ele está bem mesmo? Pensei que o tivessem matado. Achei que Fitz o tivesse matado.

— Não, ele está bem. Fitz está em algum quarto no andar de cima. Você sabe que ele atirou nos próprios testículos?

— O quê?

— Acidentalmente, é claro. Risco ocupacional, guardar a arma enfiada na cintura. Ele foi detido. Está sob vigia.

— E os outros?

— Leon Arnold teve apenas uma concussão, acredita? O outro está lá em cima com ferimentos na cabeça. Nada muito grave.

Esperei que dissesse alguma coisa sobre Nicks, mas isso foi tudo o que falou.

— E o meu barco? — perguntei.

— O pessoal da marinha está trazendo um rebocador e eles vão levá-lo de volta ao seu lugar, com a maré cheia. Acho que ele está bem.

— Você sabia que eles estavam atrás de Dylan?

— Sabia.

— Você precisa mantê-los longe dele, Jim.

— É, é esse tipo de coisa que eu passei toda a minha vida profissional fazendo, mantendo Dylan longe dos problemas.

— Você me contou que tinha frequentado a mesma escola que ele. Eu sabia que estava mentindo, só não sabia por quê.

Ele me olhou com firmeza, as bochechas coradas.

— Não teria mentido para você, se não tivesse um bom motivo.

O céu começava a ficar cinzento no horizonte, as formas das árvores se projetando nas nuvens e no céu. Eu me sentia cansada, entorpecida e com frio. Queria ir para casa e dormir para sempre.

— O que vai acontecer agora? — perguntei.

— Fitz vai ser acusado criminalmente. Você será interrogada e, com um pouco de sorte, solta mediante fiança. E depois, você e Dylan poderão fazer o que bem entenderem, e eu desaparecerei em silêncio, pensando no que poderia ter acontecido.

Fiquei vermelha. Eu tinha me comportado muito mal com os dois.

— Sinto muito — falei.

Ele ficou calado por um momento, depois começou a rir.

— Sei. Eu devia ter sabido que nunca poderia ter tanta sorte. Além disso, você é uma das mulheres mais irritantes que já conheci.

Olhei para ele e vi que estava magoado, apesar de ter rido.

— Eu? Irritante? Caramba! Foi você que não estava por perto quando eu realmente precisei.

Era a coisa errada a dizer. Ele se retraiu.

— Olhe — continuei —, não foi isso que eu quis dizer. Você fez o melhor que pôde, não foi? Não foi culpa sua se eu resolvi voltar para o barco, quando você tinha falado para eu não fazer isso. Agi como uma idiota.

— Não, você está certa. Eu a deixei na mão. Vocês dois.

Uma ambulância estacionou diante da entrada, a sirene tocando e, depois, silenciando bruscamente. Levantamos do banco e caminhamos de volta à porta do hospital.

— Posso ver o Dylan? — perguntei.

Aquele olhar novamente. A mágoa por trás de seus olhos.

— Vou ver o que posso fazer — respondeu ele.

Quarenta e um

NA MANHÃ DO enterro de Caddy, o céu estava bem azul sobre toda a cidade de Londres. Peguei o trem de Maidstone East e no momento estava esperando do lado de fora da estação de Bromley, me perguntando se devia ter vindo com sapatos de saltos mais baixos e descendo um pouco a saia. As meias-calças opacas deixavam o traje mais sóbrio.

A BMW preta estacionou perto de mim sem fazer barulho algum, e Dylan saiu do carro e deu a volta para abrir a porta de trás para mim. Abri a porta ao lado do motorista e entrei. Apesar das circunstâncias, sorri sozinha, enquanto o observava pelo espelho retrovisor. Ele parou, olhou para o alto, balançou a cabeça ligeiramente e foi se sentar atrás do volante, batendo a porta.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Está.

Isso foi tudo. O carro arrancou e seguimos pela rua.

De início, eu lançava olhares furtivos para ele, de soslaio, depois, desisti e me virei para poder olhá-lo diretamente. Sua atenção continuava fixa no trânsito e, embora ele parecesse bem relaxado e calmo, suas mãos agarravam com firmeza o volante. Os óculos escuros escondiam parcialmente o estrago que fizeram em seu rosto. Ele vestia um terno, como de costume, muito embora não estivesse indo ao enterro. Ele se oferecera para me levar até lá e esperar por mim. Como foi a única vez que ele concordou em me ver, desde a noite em que quase acabara sendo morto depois que eu o levei de volta até o *Vingança*, aceitei na hora.

— Você deveria vir comigo — sugeri. — Provavelmente, eles nem vão notar.

— Eles vão notar. Não sou do tipo que passa despercebido.

Eu sequer sabia por que a família de Caddy havia me convidado, já que eu era a única pessoa que possivelmente poderia tê-la salvo, tê-la encontrado a tempo. Mas ao que parece, Caddy tinha falado de mim e, como eu não era mais uma dançarina, acabei recebendo o convite.

— Você, por outro lado — disse ele, apontando para a minha saia —, está convenientemente apresentável. Está parecendo uma advogada.

— Estou?

— Talvez uma advogada que pratica *pole dance* no seu tempo livre.

— Por que você não queria me ver? — perguntei, sem mais nem menos, já que ele parecia estar relaxando finalmente. — Por que você está tão afastado de mim?

— Estou aqui agora, não é? — respondeu ele, suspirando, como se eu fosse uma criança impertinente perguntando a mesma coisa pela centésima vez. O carro estava parado no sinal. O som do semáforo emitia seus estalidos hipnóticos e tranquilizantes.

— Você tem notícias do Jim? — perguntou ele.

— Não desde que o vi no hospital. Você soube que ele recebeu uma suspensão?

— É, ouvi falar. Ele me disse que prenderam você.

— É. Isso não vai ajudar muito, quando eu for procurar outro emprego, não é mesmo?

— Você foi acusada de alguma coisa?

— Fui acusada de agressão e em seguida me deram uma advertência judicial. Poderia ter sido bem pior, eu imagino, mas ainda assim estou fichada na polícia.

— Você devia falar com Jim, seu namorado. Pode ser que ele consiga apagar o registro, se pedir gentilmente.

— Ele não é meu namorado. E, de qualquer maneira, ele não está autorizado a falar comigo.

— Bem, pelo menos os ouvidos dele poderão descansar um pouco.

— Por que você me ofereceu uma carona, Dylan, se é para ser grosseiro e rabugento?

Ele riu então, e eu pensei que estava relaxando outra vez.

— Por que você acha? Queria ver você usando saia. Faz muito tempo que não vejo você de saia.

— Você é muito engraçado.

— Sou, e você adora isso. De qualquer maneira, chegamos.

O carro seguiu devagar por um atalho sinuoso entre gramados bem cuidados, árvores, bancos de madeira e canteiros de flores, passando por quebra-molas. Havia um estacionamento localizado discretamente atrás de uma grande cerca de madeira e, quando entramos, outras pessoas abriam as portas dos carros para saltarem. Todos olhavam ao redor, como eu, se perguntando se deveriam demonstrar que reconheciam uns aos outros e davam sorrisos hesitantes.

— Espero por você aqui — disse ele.

— Por favor, venha comigo — pedi. Por alguma razão maluca, eu queria uma desculpa para segurar sua mão.

— Eu espero aqui — repetiu ele.

Porra, o homem era mesmo teimoso. Bati a porta o mais forte possível, mas ainda assim, só fez um estalo reconfortante.

O funeral foi bem rápido. Enquanto esperava ao lado da capela do crematório com as demais pessoas que eu não conhecia, os convidados do enterro anterior saíam por outra porta, na lateral do prédio. Havia cerca de quarenta pessoas, talvez um pouco mais. Vi uma mulher na casa dos cinquenta anos, que só podia ser a mãe de Caddy, de tão parecida com ela: pequenina, curvilínea e bela, com o cabelo preso no alto da cabeça. Ela chorava muito, em silêncio, enxugando as lágrimas, enquanto uma moça que podia ser a irmã caçula de Caddy estava ao seu lado, com o rosto pálido e impassível, que não revelava nada. Enquanto eu tentava entender as relações de parentesco, o tempo passou rápido.

Fiquei pouco à vontade, sozinha, desejando ter vindo com sapatos sem saltos, e não ter me vestido com cores tão escuras.

O carro chegou com o caixão e, quando os organizadores do funeral o colocaram sobre os ombros, eu reconheci Beverley Davies, a policial que havia me interrogado, um pouco afastada de todos. Ela parecia diferente, elegantemente vestida com um conjunto de calça e blusa cinza e um sorriso austero.

A cerimônia acabou em meia hora. Fiquei sentada no fundo, ouvindo as pessoas falarem de Caddy e, por alguns instantes, me perguntei se não estaria na capela errada, no fim das contas,

porque tudo o que diziam parecia se referir a uma pessoa diferente, uma mulher que eu nunca conhecera; ela havia sido uma irmã amorosa, cantora e pianista talentosa, era formada em Inglês e tinha feito pós-graduação. Ela tinha dado aulas durante um ano e adorado, depois passara um tempo trabalhando em Londres. Não disseram que também tinha sido uma dançarina bem-sucedida. Não mencionaram o Barclay.

Parei de ouvir o que diziam. As cortinas começaram a se fechar em torno do caixão e eu fechei os olhos.

Saímos todos pela porta dos fundos da capela, enquanto tocavam uma música da Adele, o que me deu vontade de chorar. Em seguida, fui forçada a segurar um riso histérico, ao pensar que na verdade deviam ter tocado "Buttons" das Pussycat Dolls, a música preferida de Caddy para dançar.

Entrei na fila das pessoas que aguardavam para falar com a mãe e a irmã de Caddy. Tentei pensar no que iria dizer. O que seria possível falar em tais circunstâncias? *Sinto muito por não tê-la salvado? Sinto muito por tê-la convidado para aquela festa? Gostaria que as coisas tivessem sido diferentes?*

— Eu sinto muito — foi o que eu disse, por fim. — Sua filha era uma pessoa maravilhosa.

— Obrigada por ter vindo — respondeu a mãe de Caddy, já olhando para a pessoa que estava atrás de mim na fila.

A irmã de Caddy estava chorando. Seu namorado, de brinco e com uma barba desgrenhada, oferecia o ombro como consolo.

As pessoas começaram a voltar para os carros e eu as segui.

— Genevieve?

Era Beverly Davies. Ela tentou sorrir, mas depois desistiu e passou a caminhar ao meu lado.

— Como vai você?

— Vou bem, obrigada. Você sabe como está o Jim?

— Não posso falar sobre isso, me desculpe.

— Ele não fez nada de errado — falei.

— Vão levar o seu depoimento em consideração. Eu só quero agradecê-la por ter vindo. Eu conheço a família. Foi muito difícil para eles.

— Sei.

— Você vai para o pub?

— Não sei… Acho que não…

— Ok, se não nos virmos… Cuide-se.

Ela seguiu na direção de um veículo cinza-escuro que estava estacionado num canto, uma parte encostando na grama, e sentou-se atrás do volante. Eu a observei sair com o carro.

As janelas da BMW estavam abertas e pude ver Dylan me observando pela fresta, enquanto caminhava de volta na sua direção.

— Eles vão beber num pub — informei-lhe pela janela entreaberta. — Você quer ir?

— Não.

— Como preferir — falei, sentando no banco ao seu lado. — Neste caso, você pode me levar até lá e esperar por umas três horas, enquanto tomo um belo porre.

* * *

O pub Bull's Head, na Chislehurst High Street, estava lotado e, embora a maior parte das pessoas vestidas de preto estivesse no jardim dos fundos, eu finalmente conseguira convencer Dylan a me acompanhar. Eu já havia passado vinte minutos sozinha, como uma alma perdida, entornando doses de vodca. Estava precisando de companhia.

— Você não precisa conversar com ninguém — falei, tentando arrastá-lo comigo.

— Isso mesmo, não vou falar com ninguém.

Ele estava esperando no bar para pegar outra bebida para mim quando eu avistei Beverley Davis novamente. Virei-me para o outro lado. Dylan havia conversado com Jim, eu tinha certeza disso. Jim trabalhara com Dylan por vários anos, mas a relação deles eles era mais sólida do que isso. Eu achava que talvez pudesse ter havido algum tipo de desavença entre eles, uma disputa por mim; mas pelo visto, eu havia superestimado minha própria importância quanto a isso. Dylan parecia estar totalmente convencido de que eu estava com Jim. Apesar de ter se arriscado para me manter em segurança, desde que o tinham deixado sair do hospital ele me evitara, ignorara minhas ligações, se recusara a falar comigo e, sobretudo, não me dera nenhuma pista sobre como se sentia, se ainda gostava de mim, ou até mesmo se havia gostado um dia. E quanto mais ele se mostrava frio, quanto mais me dispensava, mais eu o queria. Era uma confusão, tão grande e horrível, que parecia não ter solução.

Estávamos em pé, pouco à vontade, no jardim do pub, meus saltos enfiados na grama, me obrigando a me equilibrar nas pontas dos dedos.

— Então, quando você vai para a Espanha?

— Em breve.

— E se eu precisar entrar em contato com você?

— Não vai precisar.

— Mas e se alguma coisa acontecer? E se eu precisar falar com você?

Ele soltou o ar com força pela boca.

— Pelo amor de Deus, mulher. Jim sabe para onde eu vou. É o único que sabe. Então, se houver alguma emergência, não que eu ache que vá haver, mas se *houver*, Jim sabe onde eu estou. Entendeu?

— Podemos nos ver de novo, antes de você ir?

— Você nunca desiste, não é?

— Não — respondi. — Ao contrário de você.

Ele sorveu lentamente três grandes goles de sua cerveja.

— O que quer dizer com isso?

— Você desistiu de mim.

— Para começar, você nunca foi minha.

— Eu não vou ficar aqui sem você, Dylan.

Ele demorou alguns segundos para responder, examinando os rostos no jardim, como se esperasse ver alguém que conhecesse.

— Você tem o Jim — disse ele.

— Jim está sendo investigado por algum tipo de conduta indevida por minha causa.

— Isso vai acabar logo.

— De qualquer maneira, ele não está mais a fim de mim, Dylan.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— É isso que ele quer que você pense. O pobre coitado está apaixonado por você, e para piorar, se sente culpado pelo que aconteceu.

— Bem, não foi culpa dele. Foi minha. Tudo o que aconteceu.

— Provavelmente teria sido bem menos dramático se você não tivesse dormido com ele.

Aquilo doeu. Fiquei vermelha e comecei a ranger os dentes para me impedir de responder imediatamente. Absorvi o choque e senti as lágrimas enchendo meus olhos. Desviei meu olhar dele, virando na direção do jardim e vendo as pessoas com os rostos embaçados.

— Mas, na verdade — respondi finalmente —, se você não se importa comigo, isso não faz diferença.

— Quem disse que não me importo?

— Por que você é tão complicado? O que há de errado com você? — perguntei, colocando meu rosto num ângulo que entrasse em seu campo de visão. — Dylan?

Ele terminou sua cerveja, colocou a caneca sobre uma lata de lixo de plástico e saiu em direção ao portão que dava para o estacionamento. Corri atrás dele, tentando alcançá-lo, mas ele já estava no carro, com o motor ligado, e os pneus jogaram uma poeira de cascalho no ar, quando ele acelerou na minha direção.

Fiquei parada no meio do estacionamento, enquanto o carro vinha bem na minha direção numa velocidade assustadora. Depois, os freios foram acionados e ele parou, o para-choque a meio metro de meus joelhos.

Entrei no banco do passageiro e fechei a porta com força.

Nenhum de nós falou.

Ele estava indo para Bromley, voltando para a estação. Tinha a impressão de que meu tempo estava se esgotando.

— Escute — falei, por fim —, você pode me dar uma carona até a marina? Eu não queria ter que pegar o trem.

— O transporte público está abaixo do seu nível, agora?

— Não. Eu bebi demais. Não quero andar de trem bêbada assim.

Ele deu uma breve risada.

— Você quer que eu leve você até Kent?

— Não é tão longe assim. Por favor.

Ele suspirou, como se eu tivesse acabado de estragar o seu dia, mas no cruzamento seguinte, ele entrou na rodovia A2. O fato de ter concordado em me levar até a marina me deu uma fração de esperança, apesar da sua hostilidade. Encostei minha cabeça no apoio do banco e fechei os olhos, tentando raciocinar. O álcool deixara meu cérebro nublado. Tudo o que eu pensava em dizer soava estúpido, desesperado ou egoísta. Como começar a lidar com uma pessoa tão teimosa? O que eu poderia dizer para que ele mudasse de ideia?

Precisei conter a vontade de esticar o braço e tocar o seu joelho. Eu queria tanto tocar nele, achando que, se as palavras não estavam funcionando, então talvez o contato físico pudesse resolver. Mas ele teria simplesmente tirado a minha mão e a colocado com firmeza de volta no outro lado do freio de mão.

Abri os olhos e me virei para ele.

Estávamos em uma pista dupla e passamos rapidamente por Black Prince. Mais uns quarenta minutos até chegarmos e minhas chances estariam esgotadas. Eu nunca o veria outra vez depois disso.

— Eu estava preocupada com você — murmurei.

Pensei que ele não estivesse ouvindo, pois não reagiu, continuou olhando fixamente para a estrada à sua frente, como se estivesse sozinho dentro do carro.

— Pensei que você tivesse morrido. Pensei que Fitz tivesse matado você.

Ele respirou fundo pelo nariz. Se tudo aquilo era um sacrifício tão grande para ele, por que concordara em me dar uma carona?

— Pois é, mas ele não me matou. Ainda estou aqui.

— Você sente falta do clube? — Nossa, quantas perguntas estúpidas, eu não estava conseguindo pensar em nada melhor.

— Não.

— O que você está fazendo?

— Como assim?

— Quero dizer, você está trabalhando?

— Não.

Ficamos em silêncio mais uma vez. Fechei os olhos, quase me arrependendo de ter pedido a carona. Se ele tivesse me deixado na estação, a essa hora a tortura já teria acabado.

Eu devo ter cochilado, pois o estalido da seta do carro me acordou. Endireitei-me no banco e olhei pela janela.

— Ah, não entre aqui.

— Por quê?

— O barco mudou de lugar.

A BMW desviou da saída da rodovia para Rochester e Strood e voltou para a pista principal. Um carro buzinou atrás de nós. Dylan olhou para o motorista através do espelho retrovisor.

— Certo — disse ele. — Onde está a porra do barco?

— Em Allington. Perto de Maidstone. Fica na próxima saída. Desculpe, devia ter dito antes.

Passamos sobre a ponte Medway. Lá embaixo estava a marina onde eu vivera por seis meses, onde fizera alguns amigos e onde tudo desmoronou. Não dava para ver do alto. Só conseguia enxergar as linhas retas da autoestrada e, ao longe, à esquerda, o castelo de Rochester e uma bandeira tremulando sobre a muralha.

— Quando você mudou o barco de lugar?

— Algumas semanas atrás. Foi uma tremenda provação, pode ter certeza. Foi preciso passar por um dique. Tive que pagar Cameron para me ajudar.

Ele não disse nada. Na saída seguinte, virou na direção de Maidstone, descendo uma longa e íngreme colina com vista para o vale do Medway.

— Foi bem difícil — prossegui, mesmo que ele não tivesse me perguntado. — Você sabe, com o pessoal da marina. Eles são adoráveis, todos eles, mas escolheram essa vida sossegada, entende? Ou, pelo menos, era o que esperavam conseguir, até eu chegar e arruinar tudo. E Malcolm e Josie… nós tentamos. Andamos conversando sobre o que aconteceu. Mas Josie, ela me culpa por tudo. E eu culpo a mim mesma.

— Não foi culpa sua — disse ele finalmente. — Ele foi o babaca que trouxe Fitz até sua porta.

— Não — contestei. — Fui eu. Malcolm apenas fez com que ele chegasse mais rápido.

Ele ficou quieto outra vez, concentrado no curto trecho da rodovia M20, que nos levaria de volta a Maidstone. O silêncio era insuportável. Os minutos passavam voando, o tempo precioso que eu tinha com ele estava escapando, como areia escorrendo entre os dedos.

— Mas é um belo lugar, de qualquer maneira — continuei. — Não é bem uma marina. Somente alguns ancoradouros, e tem um pub simpático também, com restaurante. E além disso há um vestiário com chuveiros, supostamente para os praticantes de caiaque, eu acho, mas eu o usei assim mesmo, até finalizar meu banheiro, na semana passada. E o rio, aqui, não tem maré, pois está acima do dique. Agora, tenho patos e cisnes, em vez das malditas gaivotas. É um lugar legal. Você vai gostar.

— Eu vou gostar?

Sorri para ele, cheia de esperança.

— Acho que vai.

— Gostei da parte do pub.

— É preciso atravessar o dique para chegar lá. Fica na margem oposta.

— E é um lugar seguro?

— É. Eu me sinto segura.

— Ótimo.

Talvez fosse porque estávamos bem longe de Londres, mas eu senti que ele começava a ficar um pouco mais descontraído. Seus ombros não pareciam tão rígidos, e ele segurava o volante de modo mais relaxado.

— Ficou tudo bem com o seu barco?

— Acho que sim. Ainda estou consertando algumas coisas. Mas agora estou apenas colocando tudo em ordem para poder vendê-lo.

— Por quê?

Pela primeira vez, ele olhou diretamente para mim, desde que tínhamos saído de Chislehurst.

— Não posso mais morar lá. Eu mudei o barco de lugar porque pensei que isso ajudaria. Mas não ajudou. Aconteceu tanta coisa naquele barco, Dylan. Para onde olho, a lembrança daquela noite volta. Malcolm levando um tiro, o que Arnold estava prestes a fazer. Eles espancando você quase até a morte.

— Você não pode simplesmente desistir do seu sonho. É preciso esperar o tempo passar.

Balancei a cabeça.

— Isso não mudará o que eu sinto. Não posso ficar lá. Você precisa virar na próxima à esquerda. Ali, olha.

O carro entrou na Castle Road e desacelerou, quando a rua ficou mais estreita, já no final. Minutos, era tudo o que me restava. Apenas alguns minutos com ele.

— O que você vai fazer? — perguntou ele.

Eu não podia chorar, não naquele momento. Contive as lágrimas.

— Não sei o que eu vou fazer.

Eu queria tão desesperadamente ouvi-lo dizer as palavras *Venha para a Espanha. Venha*

comigo. Mas ele não disse.

No final da rua, havia um espaço onde dava para manobrar, perto da entrada da casinha do responsável pela comporta e, mais adiante, havia o estacionamento, que servia de rampa de acesso dos barcos para o rio. E lá estávamos nós. Os pneus do carro esmagaram os cascalhos e nós paramos. O *Vingança da maré* estava atracado em um muro de concreto, a alguns metros de onde havíamos estacionado. Ele estava entre dois barcos fluviais e parecia imenso, deslocado, como um adulto agachado entre duas crianças. Uma presença imponente na margem do rio.

Respirei fundo.

— Quer subir a bordo?

Ele balançou a cabeça.

— Não posso — respondeu. Notei que estava rangendo os dentes.

— Não pode o quê?

Ele fez uma pausa e passou a mão na testa.

— Não posso… mais fazer isso. Por que você não me deixa em paz?

E ele finalmente se virou para mim, como se fosse a primeira vez que me visse.

Eu estendi a mão na direção dele e afaguei o seu rosto.

— Porque eu amo você — respondi. — E você me ama, apesar de não falar. Eu sei que me ama.

Ele me encarou por um bom tempo e eu mantive o olhar fixo nele, desafiando-o a me rejeitar, a fazer uma piada sobre aquilo ou a começar a rir. Como ele não fez nada disso, deslizei a mão pelo rosto dele, acariciando-o delicadamente, depois passei sobre o console da BMW e o beijei, ignorando seu sobressalto quando meu peso pressionou seu peito ferido, empurrando-o na porta de modo que eu pudesse montar tranquilamente no seu colo, colocar meus braços em volta do seu pescoço, de maneira que ele não conseguisse fugir, não pudesse se mexer até que eu tivesse terminado, até que o tivesse feito mudar de ideia.

Nota da autora

OS LEITORES QUE estão familiarizados com o rio Medway poderão facilmente reconhecer alguns dos locais mencionados neste livro. Porém, a marina onde o *Vingança da maré* está atracado é uma mistura imaginária de várias marinas ao longo do rio e, portanto, não existe tal como é descrita na história. O clube Barclay também é ficcional.

Agradecimentos

A PRIMEIRA VERSÃO de *Vingança da maré* foi escrita em novembro de 2010 para o NaNoWriMo (National Novel Writing Month) e foi apresentada à minha editora, Vicky Blunden, em uma versão com noventa mil palavras. A transformação desse confuso emaranhado de ideias, personagens e histórias no livro definitivo se deve a ela, e à brilhante equipe da editora Myriad, incluindo Candida Lacey, Corinne Pearlman, Linda McQueen, Anthony Grech-Cumbo, Adrian Weston, Dawn Sackett e Emma Dowson. Agradeço a todos.

Sou igualmente grata a Vanessa Very e Linda Weeks pela leitura dos primeiros rascunhos e por suas valiosas sugestões, que mudaram o curso da história completamente. Vanessa, que parece ter transformado em hábito ressuscitar personagens que eu tento eliminar, salvou Dylan desta sina.

Enquanto eu realizava pesquisas para o livro, Jill Zago muito gentilmente me deixou passar algum tempo no seu barco, o *Tobias*, e me ajudou com todas as questões envolvendo a vida a bordo. Muitíssimo obrigada, Jill!

Dois livros de referência, particularmente, foram muito úteis e eu os recomendo com fervor a todos os leitores: *A Home Afloat*, de Paul Cookson, com belas fotografias de barcos que serviram de inspiração para o *Vingança da maré*, e *Living Aboard*, de Nick Corble e Allan Ford, que me ajudou com os aspectos práticos da conversão de uma balsa num espaço habitável.

Gostaria também de agradecer a Jane Salida, Louise Payne e Keli Stephenson, do fabuloso Pole Saints, que me mostraram os exercícios de *pole dance*, assim como às outras alunas, que me permitiram esboçar meus primeiros rabiscos, enquanto elas faziam o trabalho pesado. Agradeço a você também, Nikki W, que carinhosamente respondeu às minhas perguntas sobre as boates londrinas. Sobre o relato detalhado da vida de uma dançarina, posso recomendar com entusiasmo o excelente livro de Ellouise Moore, *Girl in High Heels*.

Tantas pessoas me deram apoio e coragem enquanto eu escrevia este livro que seriam necessárias várias páginas para citar todas. Agradeço, então, a meus fantásticos amigos e colegas da polícia de Kent, especialmente Lisa James e Mitch Humphrys, que gentilmente verificaram meu manuscrito quanto à sua exatidão processual. E obrigada às talentosas escritoras do Medway Mermaids e ao inspirador clube de leitura de Rochester e Chatham — obrigada a todos. Quero agradecer também aos meus amigos on-line, especialmente aos participantes do NaNoWriMo, que enfrentaram toda essa loucura de novembro comigo — obrigada.

Meus maiores agradecimentos aos meus garotos, David e Alex, eu amo vocês.

Sobre a autora

© Ryan & Jo Photography



ELIZABETH HAYNES foi criada em Sussex, na Inglaterra. Trabalha como consultora para o serviço de informações confidenciais da polícia e vive em Kent com o marido e o filho. *Vingança da maré* é seu segundo livro. *No escuro*, seu primeiro romance, também foi publicado pela Intrínseca.

Conheça o outro
livro da autora



No escuro